



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Deni Yuzo Kasama

Etnofaulismos e os dicionários monolíngues brasileiros

São José do Rio Preto
2015

Deni Yuzo Kasama

Etnofaulismos e os dicionários monolíngues brasileiros

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Profa. Dra. Claudia Zavaglia

São José do Rio Preto
2015

Kasama, Deni Yuzo.

Etnofaulismos e os dicionários monolíngues brasileiros / Deni Yuzo Kasama. --
São José do Rio Preto, 2015
207 f. : il., tabs.

Orientadora: Cláudia Zavaglia

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Língua portuguesa - Lexicografia. 2. Língua portuguesa – Lexicologia. 3.
Língua portuguesa – Vocabulário – Dicionários. 4. Estereótipo (Psicologia). I.
Zavaglia, Cláudia. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'374

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Deni Yuzo Kasama

Etnofaulismos e os dicionários monolíngues brasileiros

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão examinadora

Profa. Dra. Claudia Zavaglia
UNESP (câmpus de São José do Rio Preto)
Orientadora

Profa. Dra. Ieda Maria Alves
USP – Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Oto Araújo Vale
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva
UNESP (câmpus de Araraquara)

Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva
UNESP (câmpus de São José do Rio Preto)

São José do Rio Preto
12 de junho de 2015

A minha avó Antônia (*in memoriam*) que, mesmo sem saber ler, nunca mediu esforços para que, por meio dos livros, eu chegasse até aqui.

Agradecimentos

Na tentativa de não cometer alguma injustiça, não usarei nomes aqui. Assim como não há dúvidas de quem são minha orientadora, meus pais e meu irmão, meus amigos, alunos, professores e apoiadores sabem quem eles são e eu sei muito bem quem são eles.

Meu muito obrigado,

a minha orientadora que, mais uma vez, apostou na minha capacidade ao aceitar orientar este trabalho;

aos meus pais e irmão por proverem todos os suportes possíveis, nos momentos mais necessários;

aos meus amigos, de perto e de longe, por serem tão eu mesmo e, ao mesmo tempo, tudo aquilo que eu não consigo ser. E durante esses últimos quatro anos não consegui ser várias coisas;

aos meus alunos, por me provarem diariamente que o aprendizado transforma e vale a pena;

aos professores que contribuíram, direta e indiretamente, para a realização deste trabalho, seja em discussões formais ou informais, seja no IBILCE, na FCL, na FFLCH. É na gentileza e na sapiência de cada um deles que busco moldar o professor e pesquisador que quero ser;

aos funcionários do IBILCE, peças fundamentais que permitiram que eu chegasse até aqui. Alguns deles têm desempenhado esse papel há mais de uma década, com extrema competência e zelo;

ao CNPq, pela bolsa concedida.

“As palavras são boas. As palavras são más. As palavras ofendem. As palavras pedem desculpa. As palavras queimam. As palavras acariciam. As palavras são dadas, trocadas, oferecidas, vendidas e inventadas. As palavras estão ausentes. Algumas palavras sugam-nos, não nos largam: são como carraças: vêm nos livros, nos jornais, nos slogans publicitários, nas legendas dos filmes, nas cartas e nos cartazes. As palavras aconselham, sugerem, insinuam, ordenam, impõem, segregam, eliminam. São melíferas ou azedas. O mundo gira sobre palavras lubrificadas com óleo de paciência. Os cérebros estão cheios de palavras que vivem em boa paz com as suas contrárias e inimigas. Por isso as pessoas fazem o contrário do que pensam, julgando pensar o que fazem.”

(José Saramago, *As palavras* In: Poesia. Teatro. Crónicas, 1991)

Resumo

Os movimentos migratórios ocorridos no passado motivaram o surgimento de designações injuriosas de um grupo étnico em relação a outro. Ao entrar em contato conflituoso com o “outro”, tais designações, sustentadas por visões estereotipadas e preconceituosas, passaram a verificar-se no léxico dessas línguas e, conseqüentemente, a figurarem nos seus dicionários. Tais sentidos depreciativos, por uma prática lexicográfica já consolidada, deveriam apresentar uma marca de uso avaliativa que indicasse ao consulente se tratar de um uso controverso. Entretanto, essa prática nem sempre é sistemática, e alguns desses sentidos recebem outras marcas, como aquelas de transição semântica que não indicam, claramente, tratar-se de um uso pejorativo. Assim, faz-se necessário observar essas marcas de usos, bem como investigar outras questões pertinentes à confecção de um dicionário, como a presença de uma ideologia dominante nesse tipo de obra, o papel descritivo em oposição ao prescritivo e a composição do *corpus* que serve de base para a elaboração do produto lexicográfico. Nesta pesquisa, foram analisados 87 alusões depreciativas a estrangeiros, denominadas “etnofaulismos” (ROBACK, 1944), observados em quatro dicionários monolíngues brasileiros (Aulete Digital, Aurélio, Houaiss e Michaelis), bem como 19 etiquetas diferentes, categorizadas em sete macrocategorias (de transição semântica, diatópicas, diafásicas, diastráticas, diacrônicas, diafrequentadas e dia-avaliativas). A partir da apresentação de elementos da microestrutura que colaboram para que o consulente entenda estar diante de um item lexical que pode gerar polêmicas, pretende-se demonstrar que o dicionário tem se servido de meios que garantam o seu papel de descritor, não obstante haja ainda pouca sistematicidade na utilização de tais recursos. A problemática se estende para o estranhamento que causa a presença e ausência de determinados sentidos que podem ser verificados a partir de diferentes *corpora*, e, dessa forma, advoga-se a utilização de repertórios linguísticos como as redes sociais (neste trabalho, representadas pelo serviço de *microblogging* Twitter) e outros recursos *on-line*, os quais podem colaborar para a atestação de tais usos. Como parte integrante das línguas e seus repertórios culturais, unidades lexicais tabuizadas, incluídos os etnofaulismos, deveriam ser descritas nos dicionários de forma clara e apropriada.

Palavras-chave: Etnofaulismos. Dicionários monolíngues brasileiros. Marcas de uso. Estereótipos. Metalexigrafia.

Abstract

Throughout history, migratory movements have led to the emergence of derogatory meanings and terms used by one group to label another. Such phrases, built on stereotypical and prejudiced views, first occurred in the lexicon of the languages and later began appearing in dictionaries. A common lexicographical practice called “labeling” states that these derogatory meanings should present diaevaluative information (i.e. a usage feature relating to a particular attitude or evaluation), warning the dictionary user about their controversial nature. Nevertheless, this practice is not always methodical, and contemptuous meanings often receive other usage labels such as semantic transition that do not clearly indicate their offensive impact. Thus, we sought to investigate the usage labels in Brazilian monolingual dictionaries as well as other issues relevant to dictionary making, such as the presence of a dominant ideology, the descriptive versus prescriptive role of the dictionary, and the corpus composition that forms the base of the lexicographical product. In this study, we investigated four unabridged Brazilian monolingual dictionaries (Aulete Digital, Aurélio, Houaiss and Michaelis) and analyzed eighty-seven foreign disparaging allusions, herein called “ethnophaulisms” (ROBACK, 1944), featuring 19 different usage labels and divided in seven macro-categories (semantic transition, diatopic, diaphasic, diastratic, diachronic, diafrequent and diaevaluative). We analyzed microstructural elements, such as usage labels, that help dictionary users identify which lexical items generate controversy. Although these elements were included, the practice was not systemic or homogenous, invalidating the descriptive role of the dictionary. This lack of consistency is also reflected in the haphazard inclusion or exclusion of contemptuous meanings frequently present in unconventional corpora such as social networks (in this research the microblogging service Twitter) and commonplace online resources that attest to these usages. Furthermore, as an integral part of languages and their cultural repertoires, tabooed lexical items, including ethnophaulisms, should also be properly described in dictionaries.

Key-words: *Ethnophaulisms. Brazilian monolingual dictionaries. Usage labels. Stereotypes. Metalexigraphy.*

Lista de figuras, gráficos e quadros

Figura 1: Ausência da entrada “cigano” na edição <i>on-line</i> do dicionário Houaiss, em 1º de março de 2012	14
Figura 2: “Político” sendo usado injuriosamente	40
Figura 3: Cena do seriado <i>South Park</i> que apresenta os personagens próximo ao que acreditavam ser um boneco de cera	53
Figura 4: Interface do Aulete Digital	74
Figura 5: Interface do Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa (beta)	76
Figura 6: Interface do Michaelis <i>on-line</i>	76
Figura 7: Interface do Tweetbot e busca por “cigano”, excluindo-se tuítes com “casamento”	80
Gráfico 1. Ocorrências totais de marcas de uso e número de ocorrências dessas sem a coocorrência com a etiqueta “pejorativo”	124
Gráfico 2. Ocorrências totais de marcas de uso por dicionário	125
Gráfico 3. Coocorrência da etiqueta “pejorativo” com outras etiquetas	126
Gráfico 4. Número de acepções injuriosas sem marcas de uso, por dicionário	127
Gráfico 5. Número de acepções injuriosas não presentes no dicionário	127
Quadro 1: O uso de itens lexicais politicamente corretos, no <i>Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo</i>	50
Quadro 2: Traços pejorativos atribuídos à unidade lexical “ <i>zingaro</i> ” em dicionários italianos e as etiquetas utilizadas.....	98
Quadro 3: Entradas com notas de uso na edição 2001 do dicionário Houaiss.....	121
Quadro 4: Entradas que não possuíam notas de uso na edição 2001 do dicionário Houaiss e receberam uma na edição de 2009.....	122
Quadro 5: Entradas que não possuem notas de uso na edição 2001 e 2009 do dicionário Houaiss mas receberam uma na versão <i>on-line</i> do dicionário	122
Quadro 6: Entradas que não possuem notas de uso na edição 2001 e 2009 do dicionário Houaiss mas receberam uma na versão <i>on-line</i> do dicionário	123
Quadro 7: Sentidos pejorativos que não se encontram nos dicionários.....	128
Quadro 8: Sentidos marcados com etiquetas dia-avaliativas	129
Quadro 9: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas de transição ou extensão semântica	131
Quadro 10: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas diatópicas.....	132
Quadro 11: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas diafásicas	133
Quadro 12: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas diastráticas.....	133
Quadro 13: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas diacrônicas	134
Quadro 14: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas diafrequentés	135

Lista de abreviaturas

ALT – Alentejo
Ant – Antigo
Antq – Antiquado
B, Bras. – Brasileirismo
B S – Sul do Brasil
Bras. – Brasileirismo
CO – Centro Oeste
Coloq – Coloquial
DHPB – Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI, XVII e XVIII)
Deprec. – Depreciativo
Desus. – Desusado
DUP – Dicionário de Usos do Português do Brasil
Est. – Estensione
Fam – Familiar
Fig. – Figurado / Figurato
Gír, Gír. – Gíria
Infrm – Informal
Irôn. – Irônico
Joc. – Jocosos
L – Lusitanismo
MA – Maranhão
MG – Minas Gerais
NE – Nordeste
Obsl. – Obsoleto
P – Portugal
PE – Pernambuco
Pej. – Pejorativo
Pleb. – Plebeísmo
PI – Piauí
Pop, Pop. – Popular
P. ex. – Por extensão
P. us. – Pouco usado
RJ – Rio de Janeiro
SC – Santa Catarina
SP – São Paulo
Spreg. – spregiativo

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1 — O dicionário monolíngue.....	19
1.1 Prescrição x descrição.....	21
1.2 Dicionários comerciais e dicionários acadêmicos.....	23
1.3 Dicionários impressos e dicionários eletrônicos.....	25
1.4 As informações da microestrutura.....	29
1.4.1 Os exemplos ou abonações.....	30
1.4.2 Pré e pós-comentários semânticos	30
1.5 Ideologia no dicionário monolíngue.....	31
1.6 O <i>corpus</i> lexicográfico	35
Capítulo 2 — Os etnofaulismos nos dicionários e na fala.....	39
2.1 Categorias de etnofaulismos	42
2.2 Estereótipos e preconceitos.....	45
2.3 Estereótipos e o politicamente correto.....	49
2.3 Os etnofaulismos, a cultura popular e a tradução.....	52
2.4 Twitter, os etnofaulismos e a língua falada.....	54
Capítulo 3 — Palavras tabuizadas nos dicionários e as marcas de uso.....	57
3.1 Questões controversas envolvendo grupos étnicos e lexicógrafos/editors	58
3.2 Presenças suspeitas e ausências sentidas	63
3.3 As marcas de uso	66
3.4 Sistematização e categorias de marcas de uso.....	67
Capítulo 4 — Metodologia e análise.....	73
4.1 Dicionários brasileiros utilizados neste trabalho.....	73
4.2 Levantamento prévio de etnofaulismos	77
4.3 Elementos analisados no verbete	77
4.4 A rede social Twitter.....	78
4.5 Análise dos etnofaulismos	80
4.5.1 O baiano e seus muitos estereótipos	80
4.5.2 O “brasileiro” nos dicionários brasileiros	84
4.5.3 A descontinuidade da marcação pejorativa de “bugre”.....	86
4.5.4 “Cabeça-chata”, jocoso ou pejorativo?.....	87
4.5.5 O “caipira” e o “ <i>hick</i> ”	89
4.5.6 Candango, habitante de Brasília	92
4.5.7 O “cigano”, um caso emblemático.....	95

4.5.8 O “papista” e os dicionários da língua inglesa	103
4.5.9 “Paraíba”, uso pejorativo motivado por canção?	105
4.5.10 “Português” nos dicionários brasileiros	107
4.5.11 O “riponga” e a questão do alvo da injúria.....	110
4.5.12 O “saloió” e a ausência de marcas diatópicas	112
4.5.13 O “vigário” e a presença de marcas diatópicas	114
4.6 O pejorativo na morfologia e em elementos da microestrutura.....	115
4.6.1 Os sufixos <i>-ado</i> e <i>-ada</i>	115
4.6.2 A indicação de pejoratividade na definição ou em pós-comentário.....	117
4.6.3 Notas de uso no dicionário Houaiss	121
4.6.4 Notas enciclopédicas no dicionário Houaiss.....	122
4.7 As marcas de uso em números.....	123
4.8 Categorias das marcas de uso e acepções	128
4.8.1 Etiquetas dia-avaliativas	128
4.8.2 Etiquetas de transição ou extensão semântica	131
4.8.3 Etiquetas diatópicas	132
4.8.4 Etiquetas diafásicas	133
4.8.5 Etiquetas diastráticas	133
4.8.6 Etiquetas diacrônicas	134
4.8.7 Etiquetas diafrequentés.....	135
Considerações finais.....	136
Referências bibliográficas	141
Apêndice — Elenco dos etnofaulismos e as acepções que expressam nos dicionários analisados.....	149
Anexo — Verbetes utilizados nesta pesquisa.....	154

Introdução

No livro *A Marca Humana* (2002), Philip Roth, um dos maiores nomes da literatura estadunidense contemporânea, narra como Coleman Silk, um professor de Letras Clássicas na Faculdade Athena, viu-se envolvido numa polêmica racial ao questionar a ausência de dois alunos que nunca compareceram às suas aulas referindo-se a eles com a palavra “*spook*”. Acusado de racismo, Coleman vê-se coagido a pedir demissão de seu cargo na instituição, o que marca o início dos dramas vividos por ele na obra.

Esse acontecimento foi inspirado por um fato real acontecido com um amigo de Roth, chamado Melvim Tumin, falecido professor da Universidade de Princeton, que, em 1985, ao dar-se conta, no meio do semestre, que dois alunos nunca haviam comparecido a sequer uma aula do seu curso de sociologia, fez a mesma pergunta que o protagonista de *A Marca Humana*: “Alguém conhece essas pessoas? Elas existem ou são *spooks*?”. De volta à ficção, o que se descortina durante a leitura do livro é que o próprio Coleman Silk tem uma origem étnica negra, a qual tenta manter oculta do conhecimento público, inclusive de sua mulher e filhos, uma vez que ele não apresenta quaisquer traços físicos que delatem suas origens.

O cerne da obra, segundo Roth, é justamente quando Coleman faz o fatídico uso da palavra “*spook*” ao se referir aos alunos que nunca vira. Dos fatos que decorreram desse evento residem “sua raiva, sua angústia e sua queda. A perseguição hedionda e desnecessária contra ele decorre apenas disso, assim como suas tentativas vãs de recomeço e regeneração”^{1,2} (ROTH, 2012).

Em determinado momento da obra, numa das defesas de Silk perante o conselho que se constituíra na Faculdade Athena para apurar os detalhes da acusação de racismo, lê-se:

Pela milésima vez: eu disse ‘spooks’ querendo dizer ‘fantasmas’. Meu pai era dono de botequim, porém insistia que era preciso escolher as palavras com precisão, e nisso sou como ele. As palavras têm significados – meu pai só estudou até a sétima série, mas até ele sabia disso. Atrás do balcão ele

¹ “[...] his anger, his anguish, and his downfall. His heinous, needless persecution stems from that alone, as do his futile attempts at renewal and regeneration.”. Tradução nossa, assim como as demais que se seguem.

² Ainda sobre as traduções, informamos que, no corpo do texto, encontram-se as traduções dos textos teóricos que constam como nos textos de partida conforme se podem confrontar na nota de rodapé correspondente. Tais traduções são de nossa autoria, salvo quando indicado. Os verbetes de dicionários que não estão em língua portuguesa não foram traduzidos, com exceção de partes consideradas fundamentais. Ainda para esses verbetes, ao transcrevê-los, mantivemos, no corpo do texto, a língua em que originalmente foram escritos, com a correspondente tradução em nota de rodapé.

guardava duas coisas pra resolver discussões entre seus clientes: um porrete e um dicionário. Meu melhor amigo, ele me dizia, é o dicionário – e é verdade, pra mim também, hoje. Porque, se a gente procura no dicionário, qual é a primeira definição de ‘spook’? A acepção básica. ‘1. Aparição; espectro.’ (ROTH, 2002, p. 113)

Nessa argumentação da personagem, a importância atribuída ao dicionário não é casual. Da mesma forma, um pilar importante deste trabalho é, justamente, refletir a respeito da visão que o dicionário adquire na sociedade, conforme a citação acima, de instrumento de solução de conflitos. O próprio dicionário ainda é usado na obra, mas como objeção ao argumento do protagonista: “Mas, senhor Silk, não foi assim que ela foi entendida. Vou ler a segunda definição do dicionário. ‘2. Pejorativo. Um negro.’” (ROTH, 2002, p. 113).

O uso cotidiano das palavras no âmbito coletivo — em oposição ao uso idiossincrático —, no entanto, serve de apoio para que o correto sentido seja captado, visto que o dicionário, comumente visto como um solucionador de conflitos, pode acabar por gerar outros por conter diversas acepções e categorias gramaticais sob uma mesma entrada:

Mas como eu poderia saber que eles eram negros se nunca os tinha visto e se, fora os nomes deles no diário de classe, eu nem sabia da existência dos dois? O que eu sabia, sem sombra de dúvida, era que se tratava de alunos invisíveis – e a palavra que significa invisível, fantasma, espectro, é a palavra que eu usei em sua acepção básica. Veja o adjetivo ‘spooky’ que vem imediatamente depois de ‘spook’. Spooky. Uma palavra que todos nós usávamos muito na infância – o que é que ela quer dizer? O dicionário traz o seguinte: ‘Informal. 1. Que lembra ou diz respeito a fantasmas. 2. Sinistro; assustador. 3. (Esp. com referência a cavalos) nervoso; arisco.’ Com referência a cavalos. Ora, será que alguém imagina que eu estava caracterizando meus dois alunos como cavalos? Não? Mas por que não? Já que é assim, por que não? (ROTH, 2002, p. 113–114)

O entendimento do dicionário como autoridade é perceptível não apenas na ficção, mas já na alcunha que o dicionário recebe no Brasil, ou seja, a de “pai-dos-burros”. O dicionário não é usado apenas para solucionar questões mais domésticas ou da vida cotidiana, mas também é citado em processos judiciais, em laudos periciais e investigativos, como no caso da investigadora da Agência Federal de Investigação americana (em inglês, *Federal Bureau Investigation*, ou FBI) que alega ter usado o *Urban Dictionary*³ para compreender uma palavra⁴

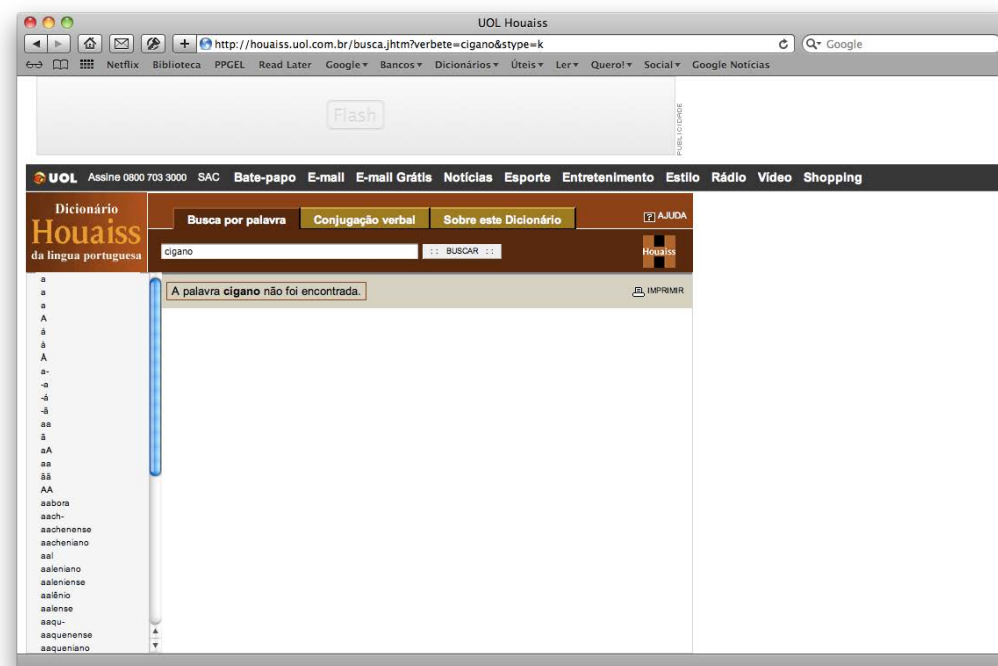
³ Trataremos desse dicionário na seção 1.3.

⁴ A palavra utilizada foi “*murk*”, gíria que significa “agredir alguém fisicamente de modo a causar morte”, conforme se lê no site *Urban Dictionary*. Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=murk>>. Acesso em: 17 jun. 2014. Sobre o caso relatado, confira-se o site <<http://www.thesmokinggun.com/documents/feds-consult-urban-dictionary-876543>>. Acesso em 17 jun. 2014.

que um indivíduo sob investigação teria usado e que levaria à conclusão de que ele estaria ameaçando agredir alguém fisicamente.

Se de um lado, testemunhamos hoje uma crescente onda do politicamente correto, de outro, a sociedade, motivada talvez por um senso de autoridade do dicionário, parece ter saído, em sua maioria, em defesa das descrições que ali constam. Trazemos para esse cenário a recente controvérsia ocorrida no Brasil, no início de 2012, grande motivadora desta pesquisa, envolvendo o dicionário Houaiss (PORTELA, 2012) e que, num dado momento, chegou a causar a remoção do verbete “cigano” do dicionário Houaiss *on-line* (conforme se pode observar na Figura 1), o qual retornou, posteriormente, com indicações mais reforçadas de uso.

Figura 1: Ausência da entrada “cigano” na edição *on-line* do dicionário Houaiss, em 1º de março de 2012



No entender de um procurador federal do estado de Minas Gerais, Cléber Eustáquio Neves, o dicionário Houaiss ofenderia uma etnia, a dos ciganos, devido a um uso ali descrito, nas seguintes acepções: “5 (1899) *pej.* que ou aquele que trapaceia; velhaco, burlador 6 *pej.* que ou aquele que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota, sovina” (HOUAISS, 2001,

s.v.⁵ cigano). Uma ação na Justiça foi impetrada pelo procurador, em 22 de fevereiro de 2012,⁶ o que gerou imediata reação por parte da editora Objetiva e do Instituto Antônio Houaiss.

A editora Melhoramentos (responsável pela edição e distribuição do dicionário Michaelis), diante da polêmica envolvendo o dicionário Houaiss, afirmou que iria excluir de uma futura edição do dicionário Michaelis as acepções pejorativas, como se relata em reportagem, visto que “eram antigas e já não correspondiam à realidade” (GOULART, 2012).

Existem diversos outros textos ainda que argumentaram a favor do dicionário nesse embate. Entre esses que partiram em defesa do dicionário (sobretudo do dicionário Houaiss, principal alvo da ação) estão desde jornalistas, tradutores, conservadores até acadêmicos linguistas (cf. BRUM, 2012; MELO, 2012; NOGUEIRA, 2012; POSSENTI, 2012).

Outra polêmica recente digna de menção é aquela envolvendo a união e o reconhecimento civil de casais formados por pessoas do mesmo sexo, na França. Os editores do dicionário Larousse sentiram a necessidade de atualizar o verbete “*mariage*” na obra para que pudesse refletir a realidade social dos tempos atuais. Assim, onde se lia, anteriormente a abril de 2013, “Acte solennel par lequel un homme et une femme établissent entre eux une union dont les conditions, les effets et la dissolution sont régis par les dispositions juridiques en vigueur dans leur pays.”⁷ passou-se a ler “Acte solennel par lequel deux personnes de sexe différent, ou de même sexe, établissent entre elles une union [...]”⁸.

A França vivia, naquele momento, o processo de aprovação de uma lei que garantiria aos casais homossexuais os mesmos direitos que já são garantidos por lei aos casais heterossexuais. A alteração, que deveria passar a constar não apenas na edição *on-line*, mas também na obra impressa, não foi bem recebida por parlamentares que alegaram que o dicionário estaria intervindo numa questão que ainda não havia sido definida pelos legisladores (DI GRANDE, 2013). Os responsáveis pelo dicionário alteraram, então, mais uma vez, a definição, que passou a ser:

⁵ Utilizamos a expressão latina *sub voce* (abreviada s.v.) para citar verbetes. Devido à extensão de alguns verbetes, reproduzimo-nos, em alguns casos, parcialmente. Nas situações em que julgamos pertinente reproduzi-los por inteiro, damos destaque com cor laranja à parte que interessa para fins de análise.

⁶ Em 22 de janeiro de 2013, o juiz Osmar Vaz de Mello da Fonseca Júnior, da 3ª Vara Federal, remeteu os autos à Seção Judiciária Federal de Minas Gerais, por considerar “incompetência absoluta deste Juízo para processar e julgar o presente feito”. O texto dessa decisão encontra-se disponível em <<http://portal.trf1.jus.br/sjmg/>>. Acesso em 8 jul. 2014 (número do processo: 1657-29.2012.4.01.3803).

⁷ “Ato solene pelo qual um homem e uma mulher estabelecem entre eles uma união cujas condições, os efeitos e a dissolução são regidas pelas disposições jurídicas em vigor em seus países.”

⁸ “Ato solene pelo qual duas pessoas de sexo diferente, ou de mesmo sexo, estabelecem entre eles uma união [...]”

Acte solennel par lequel un homme et une femme (ou, dans certains pays, deux personnes de même sexe) établissent entre eux une union dont les conditions, les effets et la dissolution sont régis par le Code civil (mariage civil) ou par les lois religieuses (mariage religieux) ; union ainsi établie.⁹

Um comunicado foi incluído ainda na página inicial da edição *on-line* do dicionário Larousse:¹⁰

As edições Larousse entendem ser necessário deixar claro que a atualização da definição de “mariage” da futura edição do Petit Larousse 2014 não está, de forma alguma, relacionada a um posicionamento quanto ao debate atualmente em curso na França. Ela corresponde, unicamente, ao registro factual do registro jurídico da ampliação jurídica do casamento em certos países (dos quais 6 fazem parte da União Europeia) que reconheceram o casamento entre indivíduos do mesmo sexo. Ao fazê-lo, longe de interferir no debate parlamentar na França e de prejudicar seu resultado, as edições Larousse inscrevem-se na sua estrita missão enciclopédica.¹¹

Nessa mesma esteira, a 13^a edição do dicionário Chambers, da língua inglesa, afirma ser o primeiro a trazer uma definição neutra, quanto ao gênero, para “*marriage*” (SHERWIN, 2014): “the ceremony, act or contract by which two people become married to each other”.¹²

No Brasil, questão semelhante se deu quando um cidadão iniciou um abaixo-assinado *on-line*¹³ para que a definição de “casamento”, no dicionário Michaelis, fosse alterada de “união civil entre homem e mulher” para algo mais neutro e que também refletisse a união civil de casais formados por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT). O serviço no qual a petição foi feita recebeu 3.244 assinaturas, mas antes mesmo de sua finalização, a editora Melhoramentos se pronunciou¹⁴ afirmando que já solicitara uma revisão do verbete

⁹ “Ato solene pelo qual um homem e uma mulher (ou, em certos países, duas pessoas do mesmo sexo) estabelecem entre eles uma união cujas condições, os efeitos e a dissolução são regidas pelo Código Civil (casamento civil) ou pelas leis religiosas (casamento religioso); união assim estabelecida.”

¹⁰ Comunicado que figurava na página inicial do dicionário Larousse *on-line*. Disponível em <<http://www.larousse.fr>>. Acesso em 15 abr. 2013.

¹¹ “Les éditions Larousse tiennent à préciser que la mise à jour de la définition du ‘mariage’ dans le Petit Larousse 2014 à paraître n’est aucunement liée à une prise de position dans le débat aujourd’hui en cours en France. Elle correspond uniquement à l’enregistrement factuel de l’élargissement juridique du mariage dans un certain nombre de pays (dont 6 de l’Union européenne) qui ont reconnu le mariage entre individus de même sexe. Ce faisant, loin de s’immiscer dans le débat parlementaire en France et d’en préjuger l’issue, les éditions Larousse s’inscrivent dans leur stricte mission encyclopédique.”

¹² “a cerimônia, ato ou contrato pelo qual duas pessoas se tornam casadas”

¹³ Disponível em: <<https://www.change.org/p/assine-agora-para-mudar-a-definicao-de-casamento-no-michaelis-em-respeito-aos-casais-gays>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.change.org/p/assine-agora-para-mudar-a-definicao-de-casamento-no-michaelis-em-respeito-aos-casais-gays/responses/28915>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

pelos dicionaristas. Com efeito, na edição *on-line* da obra, a definição já foi encontra alterada para “Ato solene de união entre duas pessoas; casório, matrimônio.”¹⁵

Nesse sentido, é válido refletir sobre o papel do dicionário enquanto descritor e prescritor de usos. Para tanto, faz-se necessário investigar questões relacionadas ao seu fazer, quanto à neutralidade ideológica ou parcialidade da sua produção, visto que o dicionário, como qualquer obra, insere-se num contexto sociocultural e mercadológico (no caso dos dicionários comerciais) e não é produto puramente de mecanismos informatizados, mas é feito por indivíduos que, assim como a obra que criam, estão inseridos numa sociedade e dela partilham ideias, pensamentos e atitudes. Dessa forma, não poderíamos prescindir do estudo de questões que são inerentes ao fazer lexicográfico como, por exemplo, a apropriação que novos dicionários fazem de definições e outros elementos lexicográficos de dicionários pré-existentes.

Os objetivos gerais deste trabalho são, pois, tratar a pertinência do registro de unidades léxicas que envolvem a ofensa a grupos étnicos nos dicionários monolíngues brasileiros, analisando de que forma se dá a descrição, nessas obras, de itens lexicais que têm relação com tais grupos e são usados injuriosamente. De maneira mais específica, os objetivos incluem avaliar como o dicionário indica tais usos (se com marcas de uso ou com outros tipos de indicações), bem como presenças passíveis de questionamento e ausências igualmente questionáveis, nessas obras. Tais objetivos justificam-se na medida em que os usos injuriosos de natureza étnica carregam consigo valorações estereotipadas e preconceituosas, mas que ainda assim encontram-se ali descritos. Questionamo-nos se o dicionário, de fato, faz essa descrição, de que forma e se a sua pouca sistematicidade pode reforçar e contribuir para a manutenção desses estereótipos e preconceitos.

Portanto, a hipótese que aqui levantamos é a de que determinadas descrições encontradas no dicionários, relacionadas a designações étnicas injuriosas, podem não ser pertinentes, segundo a língua atualmente em uso. Propomos, assim, segundo os objetivos estabelecidos, apontar meios de se atestar tais usos, verificando sua pertinência e se os mecanismos de descrição (como aposição de etiquetas ou outras indicações de uso) são verificados de forma consistente ao longo das obras observadas.

Este trabalho encontra-se dividido em um primeiro capítulo, em que traçamos um panorama sobre o dicionário monolíngue e observamos como se dão questões pertinentes ao

¹⁵ Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=casamento>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

fazer lexicográfico e às injúrias que se relacionam a grupos étnicos (que denominamos “etnofaulismos”); no segundo capítulo, tratamos dos etnofaulismos, unidades lexicais marcadas por estereótipos e preconceitos, buscando defini-los e demonstrar como esses insultos abundam na língua falada e, ainda, como seus usos podem ser observados em *corpora*. No terceiro capítulo, apresentamos um panorama histórico e teórico sobre as palavras tabuizadas nos dicionários, com foco especial nos etnofaulismos, bem como ocupamo-nos da ausência de certas acepções injuriosas de alto uso, que podem causar estranhamentos, e da presença de outras que parecem não ser utilizadas. Ainda neste capítulo, tratamos das marcas de uso, importante recurso lexicográfico que se espera estar presente junto aos etnofaulismos, uma vez que indicam ao consulente que se trata de itens lexicais cujo uso deve ser feito com diligência. No quarto capítulo, apresentamos a análise dos dados levantados nos dicionários monolíngues brasileiros e, por fim, trazemos as considerações finais, bem como as referências bibliográficas e o apêndice e anexo.

Capítulo 1

O dicionário monolíngue

Este trabalho insere-se no contexto das pesquisas lexicográficas, mais precisamente no âmbito da Metalexigrafia que tem por objeto de observação o produto dicionário já finalizado. De maneira mais específica, investigamos, a partir de um fenômeno lexical, a saber, as injúrias que se expressam por meio de um nome de um dado grupo étnico ou contra um grupo étnico em particular, como tais usos são descritos em obras lexicográficas monolíngues brasileiras. Para tanto, é importante considerar que o dicionário não é um livro como outros. Sua versão impressa, na maioria dos casos, embora tenha o formato de um livro convencional, é bem mais robusta que um livro comum. Se tratamos de sua contraparte eletrônica, o dicionário eletrônico não é (ou não deveria ser) uma espécie de *e-book* extenso e consultável de maneira análoga àquela que se procede com a obra em papel.

Ao descrever um sistema linguístico, o dicionário monolíngue corresponde à maior autoridade no que diz respeito a esse sistema e à cultura que o abriga. Essa descrição, por vezes, não é a mais acurada ou a mais atual. Não raro, deparamo-nos com descrições pouco precisas, que não esclarecem a dúvida que nos levou até o dicionário, ou ainda, definições que não correspondem mais aos usos correntes. Dada a sua extensão, um dicionário acaba sendo uma obra, geralmente, feita por uma equipe, cujo número de pessoas que a compõe pode variar e, por essa razão, a obra pode apresentar desencontros em termos de definição e diferenças na sistematização dos verbetes. E ainda com uma equipe tão extensa trabalhando para a sua realização, o dicionário pode já sair do prelo com defasagens. A velocidade de preparação de um dicionário parece ser inversa à velocidade de evolução da língua.

Cabe precisar, aqui, de que tipo de dicionário monolíngue estamos tratando, já que existe uma gama diversificada de tipos de dicionários e, por essa razão, julgamos necessário tratar, em linhas gerais, de algumas variáveis que permitem classificar uma obra lexicográfica.

A primeira grande distinção que se pode fazer é quanto ao número de línguas que trata o dicionário. Nesta pesquisa, como já temos marcado, investigamos o dicionário monolíngue, ou seja, aquele que descreve apenas um sistema linguístico. Do ponto de vista da macroestrutura, uma outra distinção a ser levada em consideração é se se trata de um

dicionário semasiológico ou onomasiológico. Esse é um critério de organização da macroestrutura que diz respeito à estruturação das informações semânticas. Assim, um dicionário semasiológico as apresenta partindo do significante para se chegar ao significado e o onomasiológico, por sua vez, no caminho inverso: do significado para o significante (como os dicionários analógicos ou ideológicos). Neste trabalho, analisamos apenas dicionários semasiológicos, isto é, aqueles em que o consulente parte do item lexical para chegar à sua definição.

Os dicionários podem ainda ser de língua geral, especializados ou especiais. Os primeiros tratam do léxico da língua comum, aquele usado nas práticas cotidianas, além de palavras gramaticais, fraseologias e suas respectivas informações formais, semânticas e pragmáticas. Os dicionários especializados são, por outro lado, aqueles que descrevem o léxico de uma área técnico-científica específica do saber. Os especiais, por sua vez, propõem-se a tratar de uma dada questão linguística, como a regência, a pronúncia; ou de uma porção específica do léxico geral de uma língua, como as gírias ou os regionalismos. Ressaltamos que um dicionário de língua geral pode também abarcar essas questões, mas geralmente um dicionário especial o faz de maneira mais aprofundada, visto que, por se focar num fenômeno lexical específico, o assunto de que trata é investigado mais minuciosamente. Nossa análise recai sobre os dicionários de língua geral.

Outra distinção que caberia mencionar, tendo em vista os encaminhamentos desta pesquisa, é aquela entre dicionários impressos e dicionários eletrônicos. Com enfoque especificamente nesses últimos e, como explicitaremos mais adiante, o dicionário em suporte eletrônico poderia apresentar um número mais extenso de informações, diferentemente do dicionário de papel que encontra limitações de custos de impressão e de portabilidade. Ainda, na literatura observada, não encontramos qualquer menção ao surgimento recente de dicionários que são criados e alimentados por usuários da rede Internet. Esse é um fator importante, uma vez que muitas injúrias que envolvem grupos étnicos não figuram em dicionários convencionais de papel, e nem mesmo nos eletrônicos (em *CD-ROM* ou *on-line*), mas em páginas na Internet que se intitulam como dicionários e que são mantidas e alimentadas por seus próprios usuários. Assim, consideramos que tal tema mereça uma atenção maior, o que ocorre na seção 1.3 desta tese.

Outras tantas variáveis ainda poderiam ser elencadas, tais como se o dicionário é sincrônico ou diacrônico, filológico ou linguístico, dentre outras.¹⁶ Entretanto, um par

¹⁶ Para uma revisão aprofundada quanto aos tipos de dicionários, remetemos a Welker (2004, p. 35–54).

distintivo importante para este trabalho é o da função prescritora ou descritora dos dicionários, além das características entre os dicionários comerciais e acadêmicos, como veremos a seguir.

1.1 Prescrição x descrição

Os sujeitos ao enunciarem um discurso, embora responsáveis por tal ato, acabam por contribuir para um processo em que se caracterizam não mais por perpetradores, mas, a longo prazo, por meros coparticipantes na formação de um conjunto de usos sociais que, inevitavelmente, acabam por ter como ponto linguístico final, o dicionário. Amparamo-nos em Biderman (2003), que se apoia em Lara (1992), quando diz:

O dicionário é também e sobretudo um produto lingüístico; constitui “o resultado de uma infinidade de atos verbais que, na experiência social, desligaram-se de seus atores” (LARA, 1992, p. 20) para passar a fazer parte do patrimônio cultural coletivo, especialmente o que foi dito inteligentemente no seio dessa sociedade. O conjunto dos usos sociais da língua estão refletidos no dicionário. (2003, p. 54)

Dessa forma, entendemos que o papel do dicionário, enquanto descritor de um sistema linguístico deve sobrepor-se àquele de prescritor das normas e usos que, em última instância, podem passar a ser definidos como norma. O dicionário pode, assim, descrever tanto a fala cotidiana quanto aquela que se configura como a norma culta, deixando claro para o consulente quando é o caso de cada uma.

Todavia, a predominância da função normativa deve-se a diferentes razões. A primeira tem a ver com a visão do dicionário enquanto obra de referência daquilo que “alguém deve fazer, mas, especialmente, do que alguém não deve fazer”¹⁷ (MCDONALD, 1980, p. 299) discurso esse que remete, mais uma vez, a questões de prescritividade, que pressupõe o dicionário como um balizador daquilo que é apropriado ou não para se enunciar.

Há uma intrínseca relação entre um dicionário baseado em uso e a descrição/prescrição. Essa relação, como aponta Landau, diz respeito ao fato que se apresenta diante do editor (o uso) e aquilo que ele considera como fundamental a se publicar na obra, segundo a sua formação educacional, assim, todo

[...] dicionário baseado em uso — e todo dicionário feito com competência deve ser baseado no uso — é descritivo. É impossível distinguir prescrição de

¹⁷ “[... a guide to what] one should do and especially to what one should not do.”

enviesamento. Qualquer uso preterido ou condenação de um uso existente, necessariamente, reflete os antecedentes educacionais ou culturais do editor que faz tal julgamento. Esses são, obviamente, bem-vindos se o usuário, conscientemente, admira a classe educacional ou antecedente cultural do editor; ele pode até mesmo comprar o livro justamente para ter esse conselho, como é o caso de muitos guias de uso. Mas eles não têm o direito de distorcer definições num dicionário geral, assim como opiniões editoriais não devem fazer parte de notícias puramente factuais no jornal que lemos pela manhã. Notas de uso, claramente marcadas como tal, podem ajudar os usuários que querem evitar constrangimentos por parecem incultos ou ignorantes, embora o lexicógrafo devesse, tanto quanto possível, abster-se de expressar sua própria opinião sobre qualquer uso, mas reportar, até onde ele sabe, quais são as atitudes da maioria das pessoas (e, em especial, pessoas instruídas) em relação a usos questionáveis ou ofensivos.¹⁸ (LANDAU, 1984, p. 32)

Benson (2001) aponta que a visão do dicionário como um trabalho descritivista é tratada em muitos manuais de Lexicografia, como o de Zgusta e Landau, o que define a Lexicografia moderna como uma profissão e não uma arte. Esse mesmo autor afirma que as raízes do princípio que define o dicionário como uma obra descritiva está no discurso do arcebispo Trench (1857) na *Philological Society*, em que o clérigo propõe que o dicionário deveria ser “um inventário da língua” e o lexicógrafo, “um historiador... não um crítico” (op. cit., p. 9).

Esse mesmo autor (op. cit., p. 10) ainda afirma que lexicógrafos, descritivistas ou prescritivistas, professam dizer a verdade sobre o significado das palavras, entretanto, a diferença residiria na forma como tal verdade é conceitualizada: como fato ou norma, respectivamente.

Para Zgusta (1989, p. 76 apud BENSON, 2001, p. 9), a utilização de notas de uso como “frequentemente rejeitado, sobretudo por professores de inglês”, em muitos dicionários modernos, demonstra uma atitude prescritivista.

Dessa forma, faz-se imperativo pensar, a partir da dicotomia que se estabelece entre prescrição e descrição, como uma obra de referência consagrada como o dicionário pode

¹⁸ “All dictionaries based on usage — and all competently done dictionaries must be based on usage — are descriptive. Prescription is impossible to distinguish from bias. Any preferred usage or condemnation of existing usage necessarily reflects the educational or cultural background of the editor making such a judgment. Such judgments are obviously welcome if the user consciously or unconsciously admires the educational class or cultural background of the editor; he may even buy the book specifically to get this advice, as is the case with many guides to usage. But they have no place in coloring definitions in a general dictionary any more than editorial opinions belong in straight news articles in the morning newspaper. Usage notes, clearly labeled as such, may provide help to users who want to avoid embarrassment by appearing uneducated or ignorant, but the lexicographer should, so far as possible, abstain from expressing his own opinion about any usage, though reporting to the best of his knowledge what the attitudes of most people (and in particular educated people) are to usages regarded as questionable or obnoxious.”

legitimar ou não sentidos existentes no meio social. Isso se dá, por um lado, devido ao papel documental que esse tipo de dicionário exerce na sociedade e, por outro, pela visão que se tem de sua função reguladora que conduz ao pensamento de que “se está no dicionário é porque se pode usar”. Certamente, em algum momento, a opinião do lexicógrafo, seus próprios gostos, seu apreço por determinados usos ou sua forma de ver o mundo podem se manifestar na definição, mas tais expressões da visão do lexicógrafo não deveriam predominar na sua obra. O dicionário teria de ser, antes de mais nada, um representante da língua, de acordo com a maneira como ela é usada, e isso inclui descrever usos tabuizados e que, por vezes, correspondem a estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade, ainda que esses possam, a partir de suas inclusões no dicionários, ser acreditados como aceitáveis, por alguns.

Conforme aponta Lara (1996), a Lexicografia segue um princípio de acumulação vocabular que objetiva a totalidade e, dessa forma, o que importa é que tais vocábulos perdurem num momento histórico da língua (ainda que tenham caído em desuso). Esse valor atribuído, pela Lexicografia, a um uso constante das palavras não está em consonância com o que postula a Linguística positivista, quanto ao fato de que tudo seria passível de descrição e previsão. Assim, a função descritiva dos dicionários é válida mediante um uso real das palavras em seus contextos, o que garante o valor social dos dicionários, enquanto formadores “da memória coletiva do léxico e [fundamentadores] da inteligibilidade social”¹⁹ (LARA, 1996, p. 228).

Tratamos na seção que se segue de dicionários acadêmicos e comerciais, os quais, assim como a questão prescrição/descrição dos dicionários merece especial atenção no que tangem os objetivos investigados nesta pesquisa, conforme dissemos anteriormente.

1.2 Dicionários comerciais e dicionários acadêmicos

Os dicionários ainda podem ser diferenciados entre comerciais e acadêmicos e são, essencialmente, caracterizados a partir do contexto em que são produzidos, a forma como são financiados e o que se espera deles em termos de lucros.

Os dicionários comerciais buscam atender às necessidades do mercado, o que os tornam produtos que são regidos pela lógica de mercado e não necessariamente a critérios linguísticos precisos. Esses dicionários são elaborados com o objetivo principal de gerar lucro a partir do produto e, para tanto, são pensados para um público muito maior do que os dicionários acadêmicos.

¹⁹ “[... la formación] de la memoria colectiva del léxico y a los fundamentos de la inteligibilidad social.”

O dicionário Aurélio, por muito tempo, foi, praticamente, o único representante dessa categoria, no Brasil. Foram determinantes para o seu sucesso a sua maneabilidade e a boa representatividade da língua quanto à quantidade de verbetes que constavam na obra. Entretanto, há certas lacunas na obra que demonstram que não foram adotados critérios científicos na sua confecção. Como aponta Biderman (2000, p. 28), não há a datação de quando a palavra ocorre pela primeira vez e muitas palavras que constavam como entrada, na edição que a pesquisadora observou, não ocorrem em alguns *corpora* usados pela autora para atestar a existência de tais palavras (op. cit., p. 36), o que demonstra que a nomenclatura da obra parece ter sido constituída segundo critérios arbitrários. Entretanto, a mesma autora aponta (op. cit., p. 45 e 52) para o fato de que o dicionário Aurélio, a despeito das críticas que se podem fazer a ele, não por acaso alcançou o sucesso e prestígio que sempre teve no Brasil, seja pela já mencionada completude da obra, como também por um trabalho incansável de seu mentor que descreveu o léxico numa época em que os recursos informáticos eram escassos e limitados e as teorias lexicais ainda eram embrionárias.

Ainda sobre os dicionários comerciam pesa a imposição de fatores mercadológicos sobre o produto final e esses podem condicionar a presença ou ausência de certas entradas ou definições, de acordo com os interesses do editor. Não bastaria que um determinado sentido de um item lexical constasse no *corpus* lexicográfico, respeitando critérios metodológicos pré-definidos, mas certas censuras poderiam ocorrer quando há conflito de interesse, sobretudo numa obra de referência como o dicionário.

Os dicionários acadêmicos, por outro lado, são produzidos em contextos universitários, frutos de pesquisa, muitas vezes, financiadas por dinheiro público. Isso significa ainda que o rigor científico desse tipo de obra é uma de suas linhas norteadoras. Geralmente, apresentam ainda mais informações linguísticas do que o usuário regular necessita.

Landau (1984, p. 10 e 11) menciona, como exemplos de dicionários acadêmicos, o *Middle English Dictionary* e o *American Regional English*, preparados pelas Universidade de Michigan e do Wisconsin, respectivamente. No Brasil, podemos citar o *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (doravante DUP), de Francisco da Silva Borba (2002), como exemplo de dicionário acadêmico. Outro exemplo é o *Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI, XVII e XVIII)*²⁰, doravante DHPB, idealizado e estruturado por Maria Tereza Camargo Biderman, concluído sob a coordenação de Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, e

²⁰ Uma descrição dos princípios norteadores para a confecção desse dicionário, bem como dos métodos utilizados para tanto, podem ser encontrados em Murakawa (2010).

financiado pelo CNPq, no contexto do Projeto Institutos do Milênio. Ambos foram feitos na Universidade Estadual Paulista (UNESP, câmpus de Araraquara).

Tanto dicionários que nasceram com objetivos comerciais, quanto aqueles que foram pensados para tratar de um ou mais fenômenos linguísticos no contexto acadêmico podem estar sujeitos a algum tipo de censura. Entretanto, os dicionários comerciais, eventualmente, podem praticar tal cerceamento a certos itens lexicais, visto que seus critérios metodológicos não são tão explícitos (quando são) quanto os dicionários acadêmicos. Por sua vez, um dicionário como o DUP precisa apresentar o sentido pejorativo associado ao etnônimo “português”, visto que seu *corpus* apresentou tal uso. Por outro lado, dicionários comerciais do português brasileiro (como Aurélio e Houaiss) não apresentam esse mesmo uso por pretenderem minimizar polêmicas num mercado em que atuam, a saber, Portugal.

Na mesma esteira dos apontamentos feitos até aqui, julgamos importante ressaltar que o tipo de suporte em que o dicionário se apresenta pode ter relação com a atualidade e completude do conteúdo que é apresentado. Propomo-nos, dessa forma, a abordar a questão do dicionário de papel e o dicionário digital, na seção que se segue.

1.3 Dicionários impressos e dicionários eletrônicos

A capacidade de processamento informático alcançada, nos dias de hoje, redefiniu a maneira como as práticas sociais se dão. Se antes era preciso entregar uma declaração de imposto de renda pessoalmente, em papel, hoje é possível fazê-lo diretamente da própria residência do declarante, sem a necessidade de qualquer locomoção. Entre uma realidade e outra, existiu também aquela em que o declarante teria que comparecer a um posto da Receita Federal, portando o disquete que continha sua declaração.

Analogamente, podemos dizer que tais mudanças afetam também a forma como as pessoas se relacionam com o dicionário. Se antes as pessoas podiam ter, em suas casas, volumosas obras de referência, que muitas vezes figuravam num lugar de destaque, sob um suporte que permitia uma consulta prática para um livro de tantas páginas, atualmente, esse cenário deu lugar à praticidade de uma consulta mais ágil e que dispensa percorrer as listas alfabéticas por meio do dicionário eletrônico.

Indubitavelmente, em termos de agilidade de consulta, o dicionário eletrônico é mais vantajoso que o de papel, sobretudo, em tempos em que dispositivos eletrônicos são cada vez mais portáteis e ganham sempre mais espaço na vida cotidiana da população. Contudo, pode-se ainda argumentar que o usuário, ao utilizar um dicionário eletrônico e procurar

diretamente a palavra que está buscando, não descobriria, palavras próximas àquela que está consultando, impedindo assim a descoberta incidental, no caso de dicionários eletrônicos que não apresentam a nomenclatura na interface, ao apresentar o resultado da busca.

Ademais, aqueles que conduzem pesquisas a partir de dicionários esbarrariam num problema ao considerar-se que um dicionário eletrônico pode receber atualizações sem necessariamente lançar um novo produto físico (como um *CD-ROM*, no qual, assim como na obra em papel, o conteúdo é estático), impedindo-os, assim, de observarem a evolução semântica ou ortográfica das palavras, por exemplo, a partir da comparação de diversas edições de uma mesma obra, lançadas ao longo dos anos. É o caso dos dicionários eletrônicos *on-line*, que podem alterar informações na obra sem que essas modificações sejam registradas. Por outro lado, esse fator representa uma vantagem para o usuário ordinário que pode ter acesso sempre a uma definição atualizada e que corresponda à realidade linguística do item lexical do qual está procurando obter alguma informação.

Assim, enquanto muitos dicionários eletrônicos em *CD-ROM* são meras transposições da versão impressa para o meio digital, o dicionário *on-line* é um repertório linguístico que é passível de atualizações que correspondem, numa perspectiva espaço-temporal, a uma realidade sociocultural mais apropriada. Um dicionário *on-line* acessado de um dispositivo dotado de GPS²¹ poderia, por exemplo, prover não só a definição de um dado item lexical, mas informar o consulente que, naquele local, um sinônimo regional é preterido. Ou ainda, com base na localização da consulta prover um sinônimo mais familiar ao consulente, segundo a sua origem, previamente informada ao aplicativo.

O dicionário eletrônico não está sujeito a limitações de espaço. Assim, remissões que exigem do consulente maior esforço para chegar ao conteúdo desejado são desnecessárias. Elementos que tendem a se repetir ao longo da obra e que, por essa razão, são geralmente abreviados, poderiam passar, então, a ser escritos por extenso.

Embora o dicionário *on-line* apresente pontos favoráveis interessantes, alguns aspectos se colocam como entraves para uma larga adoção desse modelo de publicação. Uma delas diz respeito aos lucros que se obtém com o dicionário impresso. Como diz Lara, no “Prólogo” de seu *Teoría del diccionario monolingüe*, as editoras “que conhecem bem seu negócio, sabem que um dicionário lhes assegura boas vendas e quase durante todo o ano”²² (LARA, 1996, p. 15). A menos que se adote um modelo de assinatura mensal ou anual, o dicionário *on-line*,

²¹ Sigla para “*global positioning system*” ou “sistema de posicionamento global”.

²² “[...] que bien conocen su negocio, saben que un diccionario les asegura buenas ventas y casi durante todo el año.”

aparentemente, não tem como se manter. Esses modelos de assinatura podem não ser o ideal, visto que os usuários podem encontrar na Internet outros materiais, mesmo que de baixa qualidade, mas que o usuário comum acredita estar atendendo suas necessidades.

Rundell (2013) relata que os dicionários Macmillan — os primeiros a decretarem o fim da produção do dicionário em papel em prol da versão *on-line* (RUNDELL, 2012) — têm conseguido receitas significativas com propagandas no *site*. Para o editor-chefe dos dicionários, a revolução promovida pelas pesquisas com *corpora* têm causado um impacto na maneira como os dicionários são feitos, mas esses avanços não poderão refletir no produto final, se este não se tornar digital.

Neste espaço, aproveitamos para tratar de dicionários que são alimentados por seus usuários e não necessariamente por lexicógrafos. O *Wiktionary*,²³ um dicionário que funciona de maneira semelhante à *Wikipedia* (e que é mantido pela mesma fundação), é um exemplo disso. Embora as definições ali encontradas sejam feitas por pessoas que não dominam as técnicas lexicográficas, um guia de estilo delimita como as definições devem ser incluídas e, quando necessário, como devem ser feitas indicações quanto ao uso, etimologia e relações semânticas como a sinonímia.²⁴ Outro dicionário que também é construído por seus usuários, bastante conhecido e já mencionado anteriormente neste trabalho, é o *Urban Dictionary*, o qual, diferentemente do *Wiktionary*, não possui regras tão explícitas quanto a inclusão de novos verbetes e se destina, mormente, a itens lexicais próprios de registros de língua falada, como as gírias, os turpilóquios²⁵ e as injúrias relacionadas a grupos étnicos. A definição apresentada não segue padrões definitórios clássicos e, muitas vezes, valem-se de expressões vulgares ou jocosas para tal, como se observa no exemplo abaixo que faz uso de “idiota” (no inglês, “*asshole*”) na definição:

1. Lexifascist. Derived from "Lexiphanicism," which means: "The use of pretentious words, language, or style." A lexifascist, then, is an asshole who corrects others' language. Rather than let slip a mispronounced or misused word, the lexifascist pounces with a correction. Usually this is done with an uppity attitude.²⁶

²³ Disponível em: <<https://www.wiktionary.org>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

²⁴ Há instruções sobre como começar um novo verbete em algumas línguas, mas o português não está entre elas. Disponível em: <http://en.wiktionary.org/wiki/Wiktionary:Entry_layout_explained>. Acesso em: 17 jul. 2014.

²⁵ Turpilóquios são as palavras popularmente conhecidas como “palavrões”.

²⁶ “1. Lexifascista. Derivado de ‘Lexiphanicism,’ que significa: “O uso de palavras, linguagem ou estilo arrogantes.” Um lexifascista é, assim, um idiota que corrige a linguagem dos outros. Em vez de deixar passar uma palavra pronunciada ou usada incorretamente, o lexifascista ataca prontamente com uma correção. Geralmente isso é feito com uma atitude arrogante.”. Disponível em <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=Lexifascist>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

No *Urban Dictionary*, múltiplos sentidos para uma mesma entrada são elencados um abaixo do outro. Entretanto, um olhar mais próximo, levar-nos-á a observar que não se trata de sentidos diferentes, mas, em muitos casos, do mesmo sentido, adicionados por diferentes usuários que, possivelmente, julgaram que a definição já existente não era acurada o bastante ou, simplesmente, por não terem pré-consultado a sua existência. Ainda, diferentemente do que preconiza a prática lexicográfica usual, que dispõe os sentidos segundo um critério pré-estabelecido (como a frequência daqueles sentidos no *corpus* de referência ou a ordem cronológica em que os sentidos apareceram na língua), a ordem desses “sentidos” é determinada por um mecanismo de *thumbs-up/thumbs-down*, isto é, os usuários podem manifestar se gostaram ou não daquela definição, clicando num polegar que aponta para cima ou para baixo (ZHANG et al., 2011). Na prática lexicográfica, entretanto, essa ordem é determinada, como já afirmado, por outros critérios. Nos exemplos abaixo, o número 25 que acompanha a entrada “*urban dictionary*” diz respeito ao número do sentido. Isso significa que há ainda outros 24 sentidos anteriores a esse para uma entrada que corresponde ao nome do *site*, o que mostra que muitos deles não devem ser levados em consideração.

25. urban dictionary. A potentially useful website for defining words Webster denies the existence of...²⁷

É inegável a popularidade desse *site* que, segundo seu criador, recebeu mais de 5,5 milhões de definições, advindas de 2,5 milhões de colaboradores desde sua concepção em dezembro de 1999 (PECKHAM, 2005, p. vii). Há uma versão impressa do *Urban Dictionary* (ibid.) que, obviamente, não corresponde a todo o conteúdo do *site*, mas uma seleção feita por seu idealizador.

No Brasil, o *Dicionário inFormal*²⁸ é um *site* análogo ao *Urban Dictionary*, que oferece aos falantes e aprendizes de língua portuguesa um repertório linguístico compilado por seus próprios usuários.

Um modelo híbrido de dicionário colaborativo e dicionário com um processo editorial clássico subjacente é o *Open Dictionary*, do dicionário Macmillan, em que os usuários colaboram com sugestões de palavras e definições e essas se tornam, então, candidatas a fazerem parte do dicionário Macmillan, após passar por um processo de revisão e checagem

²⁷ “25. urban dictionary. Um *site* potencialmente útil para definir palavras, as quais o Webster nega a existência...”. Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=urban+dictionary>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

²⁸ Disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

de frequência. No Brasil, o dicionário Aulete propõe algo semelhante com o *Nosso Caldas Aulete*,²⁹ em que é possível criar novos verbetes ou alterar definições que serão submetidas à equipe editorial do dicionário.³⁰

1.4 As informações da microestrutura

A microestrutura é a parte do dicionário que o consulente acessa, após ter percorrido a macroestrutura, de modo a obter informações de ordem formal como a classe gramatical ou a pronúncia; ou ainda, de ordem semântica como a definição do item lexical, um sinônimo ou antônimo. A definição é o elemento central, num dicionário de língua, e como suporte a ela, o usuário do dicionário pode ainda se deparar com informações acerca do uso referente ao item lexical em questão.

De acordo com Wiegand (1988 apud FUENTES MORÁN, 1997, p. 47), a microestrutura de alguns dicionários pressupõe uma homogeneidade, segundo a qual haveria uma aplicação sistemática de um conjunto de elementos pensados num projeto que precederia sua elaboração. Por exemplo, estariam incluídos, neste projeto, o emprego das mesmas abreviaturas que diriam respeito a uma mesma informação, a tipografia utilizada para indicar essas informações, entre outras questões que garantiriam a correta interpretação das informações apresentadas na obra.

A microestrutura pode ser composta por diferentes elementos, de acordo com o projeto do dicionário. A título de exemplo, tomemos informações como a pronúncia ou dados etimológicos, as quais não são apresentadas por todos os dicionários. Ao conjunto de elementos que, virtualmente, pode compor a microestrutura, Wiegand (1989 apud FARIAS, 2011) chamou de “microestrutura abstrata”, que estaria condicionada não apenas ao projeto lexicográfico mas às propriedades que caberiam ou não a cada signo-lema. Assim, a indicação de uma irregularidade não caberia, por exemplo, a um substantivo cujo plural, ou aumentativo ou diminutivo são regulares.

Por outro lado, a “microestrutura concreta” diria respeito à efetiva realização da microestrutura. Um elemento que seria virtualmente possível na microestrutura abstrata (e que pode ter se verificado para outros signo-lemas na mesma obra) ao corresponder a um “grau zero de informação” (ibid.) configura-se como a microestrutura concreta.

²⁹ Disponível em: <http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_coletivo>. Acesso em: 22 jul. 2014.

³⁰ Em inglês, usa-se o termo “*crowdsourcing*” para designar a obtenção de informações e ideias advindas de um terceiro, isto é, não aqueles que conceberam o produto, mas indivíduos que, eventualmente, colaboram com ele, enquanto manifestação intelectual ou artística.

Farias (2011) defende que ao seguir, rigorosamente, um padrão quanto ao conjunto de informações apresentadas, o dicionário torna o grau zero de informação um dado significativo, visto que — seguindo o exemplo apresentado — se não há indicação de plural irregular, o consulente assumirá um plural regular para o item lexical que está consultando.

Tratamos aqui de alguns desses elementos, sobretudo, aqueles que são importantes para os escopos desta pesquisa, a saber, os exemplos ou abonações e os pré e pós-comentários semânticos.

1.4.1 Os exemplos ou abonações

O lexicógrafo pode apresentar, logo após as definições, usos que ilustrem como os itens lexicais que estão sendo definidos ocorrem na língua. Essas ilustrações podem ser exemplos forjados, adaptados ou abonados, isto é retirados de alguma obra literária. Nesse último caso, confere-se ao uso um maior prestígio, visto que se está reportando um uso que ganha maior relevo por ter sido utilizado por um autor, na maioria das vezes, pertencente ao cânone literário nacional.

O que observamos, nesta investigação, é que ao se tratar de usos ofensivos em relação a um grupo étnico, o uso ilustrado por um autor consagrado aponta exatamente para o fato de que tal uso faz parte do partilhamento linguístico-cultural de um povo e é reconhecido na ficção, assim como na realidade cotidiana. Conforme aponta Lara (1992 apud GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 120), por muito tempo, a linguagem literária serviu como padrão da sociedade e o uso comum perdeu legitimação.

Os exemplos servem, assim, para evidenciar ao consulente como o uso que ilustram é aplicado num contexto e justificam a presença das definições que figuram na obra. Para os casos descritos, nesta pesquisa, os exemplos (abonados, em sua maioria) apontam para um uso literário das ofensas relacionadas a grupos étnicos. Ao verificarmos que alguns dos exemplos apoiam-se em escritos literários, podemos verificar que o lexicógrafo busca mostrar para o seu leitor que tal uso, ainda que ofensivo, não é a sua opinião, mas é um emprego efetivo que se encontra documentado na literatura. Os exemplos abonados, assim, têm relação direta com a face descritiva do dicionário.

1.4.2 Pré e pós-comentários semânticos

Segundo Farias (2011), o modelo de Wiegand (1989 apud FARIAS, 2011) prevê a existência de comentários marginais, que estão fora da definição propriamente dita, mas que dizem respeito também ao significado ou a uma informação de ordem pragmática e que lança

luz sobre as origens da acepção que acompanha o comentário. No dicionário Houaiss, por exemplo, conforme aponta Farias (2011, p. 118), há uma presença constante da informação “uso”, em forma de pré ou pós-comentário, em que se apresentam informações diversas relativas a especificidades de uso do item lexical. Esse tipo de dado, geralmente, vem ainda separado graficamente do restante da definição, seja por um separador como o símbolo “◎” no caso da informação de uso no Houaiss, ou a utilização de parênteses ou colchetes.

Nos casos observados, nesta pesquisa, há uma presença de pós-comentários semânticos associados a injúrias que dizem respeito a um determinado grupo étnico, que têm como fim explicitar as origens de tal uso ofensivo.

1.5 Ideologia no dicionário monolíngue

Conforme abordamos acima, na seção 1.1, a visão de mundo e os valores do lexicógrafo podem, em alguns casos, se tornar aparentes na sua obra. A ideologia predominante na sociedade em que esse profissional está inserido poderia, assim, manifestar-se de maneira a enviesar muitas das definições do dicionário, o qual passaria a refletir a opinião de um determinado grupo ou classe social.

A estreita relação entre ideologia e poder faz com que este último manifeste-se nas políticas linguísticas adotadas por uma nação, de modo que tais políticas, ao refletirem um prestígio das variantes utilizadas por uma determinada classe dominante, colaborem, justamente, para a manutenção dessa dominância a partir de instrumentos linguísticos. Nesse sentido, as gramáticas e os dicionários exercem um papel fundamental, sendo os dicionários, a partir de sua função legitimadora, protagonistas nesse cenário.

Para Gnerre (2005), a função legitimadora da obra lexicográfica abarcaria o processo de standardização, o qual, por sua vez, estaria diretamente relacionado à produção literária, que serve de base para o *corpus* escrito que dá base ao dicionário de uma língua. Essa standardização dicotomiza a língua em dois pólos: as palavras que se fazem presentes no dicionário e as que dele foram excluídas. Por conseguinte, no âmbito social, diferenciam-se aqueles que fazem uso de palavras dicionarizadas e os que fazem uso de palavras excluídas (esses, em geral, assim como as palavras que utilizam, acabam padecendo da exclusão social).

Em sua função pedagógica, o dicionário remete a um discurso sociocultural que reflete a mentalidade das classes dominantes, a qual impõe uma ideologia. Como aponta Borba (2003), no que diz respeito à ideologia, não existe produção textual que seja neutra. Assim, aquele que

[...] fala ou escreve pretende sempre colocar [sugerir, propor, impor, inculcar], mesmo que implicitamente seu modo de ver e sentir o universo, seus pontos de vista e suas convicções, seu sistema de crenças etc. [...] E é pelo léxico que se pode avaliar a ideologia vigente num determinado grupo social em determinada época. (BORBA, 2003, p. 307)

O mesmo autor aponta ainda para o fato de que a ideologia controla todos os setores da vida social (op. cit., p. 307) e que “um dicionário de língua, como produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico num determinado momento da vida de uma comunidade. Por isso, é organizado a partir de uma ideologia” (p. 308–309). Alie-se a esse fator a visão reinante de que o dicionário é prescritor de usos normativos (em oposição a descritor), como já afirmado. As definições que ali se encontram são tomadas como verdade essencial, embora Béjoint aponte que está havendo uma mudança nessa atitude por parte dos consulentes que “estão provavelmente menos ingênuos, mais realistas, no que diz respeito ao papel dos dicionários”³¹ (BÉJOINT, 2000, p. 139).

Mackintosh (2006, p. 60) reitera o fato de que dicionários são produtos ideológicos que não apenas refletem valores sociais como também os propagam e os preservam. Nesse contexto, Yaguello (1979) traça uma relação entre a ideologia dominante na sociedade e aquilo que os dicionários descrevem:

O dicionário é uma criação ideológica. Ele reflete a sociedade e a ideologia dominante. Seja como autoridade incontestável, seja como instrumento cultural, o dicionário desempenha um papel de fixação e de conservação, não apenas da língua mas também das atitudes e da ideologia. Toda revolução deveria ser acompanhada de uma reforma do dicionário, como afirmava Hugo.³² (YAGUELLO, 1979, p. 165)

Mackintosh ainda afirma que o lexicógrafo geralmente não é um “[...] racista diabólico ou sexista que deliberadamente escreve definições preconceituosas. Muitas vezes, eles provavelmente não estão nem mesmo cientes dos valores sociais [em que estão inseridos] que influenciam suas redações.”³³ (MACKINTOSH, 2006, p. 57)

³¹ “[Modern societies, on the whole,] are probably less naïve, more realistic, about the role of dictionaries.”

³² “Le dictionnaire est une création idéologique. Il reflète la société et l'idéologie dominante. En tant qu'autorité indiscutable, en tant qu'outil culturel, le dictionnaire joue un rôle de fixation et de conservation, non seulement de la langue mais aussi des mentalités et de l'idéologie. Toute révolution devrait s'accompagner d'une réforme du dictionnaire, comme le disait Hugo.”

³³ “[...] evil racists or sexists who deliberately write prejudiced definitions. Much of time, lexicographers are probably not even conscious of the social values that influence their writing.”

O lexicógrafo é, assim, não apenas um sujeito de enunciação, visto estar ele mesmo imerso nessa realidade sociocultural, mas também “um mediador desse sujeito de enunciação coletiva que é a própria sociedade”³⁴ (DUBOIS e DUBOIS, 1971, p. 49). Ao assumir esse papel, o lexicógrafo vê-se diante de inúmeras decisões a serem tomadas: quais itens lexicais comporão a macroestrutura? Quais elementos e sentidos comporão a microestrutura? Os turpilóquios figurarão na obra? Algumas dessas questões são mercadológicas, como por exemplo, prescindir-se da informação sobre a etimologia, para se reduzir o número de páginas da obra, barateando os custos de produção. Outras são definidas de acordo com as próprias crenças do autor e a demanda social. De fato,

[...] a pressão social manifesta-se nos dicionários cuja função é essencialmente pedagógica. Essa pressão é dupla. No domínio conceitual, ela tabuíza certas palavras perigosas (sexualidade, política, religião...). No domínio da linguagem, ela estigmatiza as palavras e os empregos desviantes, muitas vezes com relação ao sistema atual, outras vezes referente a um uso anterior (compostos mal-formados, empréstimos, novos sentidos...).³⁵ (REY-DÉBOVE, 1970, p. 32)

Dentre os usos que se faz do dicionário, apontados por Hartmann (1985), é possível verificar a presença de uma função ideologizante. Para o autor, o dicionário serviria

(a) [...] como uma autoridade de uso; (b) o dicionário como um depósito de vocábulos (difíceis); (c) [...] como ferramenta para melhorar a comunicação; (d) [...] como um meio de fortalecer a língua; (e) [...] como um estímulo para refletir sobre a língua; (f) [...] como um auxiliador para o aprendizado de uma língua estrangeira; (g) [...] como uma arma ideológica.³⁶ (HARTMANN, 1985, p. 5 apud BÉJOINT, 2000, p. 108–109, grifo nosso)

Contrariamente, a essa visão de que o dicionário deve ser o mais neutro possível quanto à ideologia (e, portanto, mais objetivo), encontramos em Seco (2003, p. 196) relato de que no dicionário de Covarrubias³⁷ a presença do autor, na obra, “não é inevitável, mas

³⁴ “[...] un médiateur de ce sujet d’énonciation collectif qui est la société elle-même.”

³⁵ “[...] la pression sociale se manifeste dans les dictionnaires dont la fonction est essentiellement pédagogique. Cette pression est double. Dans le domaine conceptuel, elle tabouise certains mots dangereux (sexualité, politique, religion...). Dans le domaine langagier, elle stigmatise les mots et les emplois déviants, tantôt par rapport au système actuel, tantôt par rapport à l’usage antérieur (composés mal formés, emprunts, sens nouveaux...)”

³⁶ “(a) the dictionary as an authority on usage; (b) the dictionary as a store of (difficult) vocabulary; (c) the dictionary as a tool for improving communication; (d) the dictionary as an means of strengthening the language; (e) the dictionary as a stimulus to reflection on language; (f) the dictionary as an aid to foreign-language learning; (g) the dictionary as an ideological weapon.”

³⁷ COVARRUBIAS, Sebastián de. *Tesoro de la lengua castellana o española*, Ediciones Turner, Madrid, 1979 [1611].

querida”³⁸ (grifo do autor). Nesse caso, opõe-se, assim, a objetividade dos propósitos lexicográficos à personalidade de seu autor que, não raro, transparece no interior dos verbetes.

Conforme aponta Buzon, o

grande dicionário de língua e cultura [...] se situa imediatamente sob a ideologia dominante, amparado nesse sentido pelo álbi saussuriano, o signo definido de modo que a sua função ideológica é cuidadosamente apagada, removida pelo que pode ser chamado de objetivismo abstrato [...]. Os tratamentos propostos supõem uma unicidade da palavra, isto é a unicidade do discurso, portanto, em última análise, a unicidade ideológica, e é por meio disso que o dicionário impõe a ideologia dominante ao leitor.³⁹ (BUZON, 1979, p. 44)

Camacho Barreiro (2008), no âmbito da Lexicografia cubana, demonstra que, nesta cultura, desde a primeira edição do dicionário de Esteban Pichardo (*Diccionario provincial casi-razonado de voces cubanas*, 1862) até a publicação das duas edições do *El habla popular cubana de hoy*, de Argelino Santisesteban (1982 e 1985), há uma ideologia que permeia seja o que a autora chama de “marcas sociolinguísticas”, sejam os próprios enunciados que fizeram as vezes dessas marcas. Para ela, “desentranhar [a ideologia subjacente a esses elementos ...] representa outro modo de aproximar-se do dicionário como modalidade discursiva”⁴⁰ (p. 45).

Ainda no âmbito da Lexicografia hispanófono, Medina Guerra (2003) trata da questão da ideologia e da desejada neutralidade do dicionário como algo infactível:

Contrários à relação entre a metalinguagem da definição e a ideologia de seu redator, manifestaram-se lexicógrafos do porte de Julio Casares (1992, p. 144) ou Manuel Seco (1987). Segundo esses autores, o dicionário tem de ser fruto da imparcialidade e neutralidade e, para tanto, o lexicógrafo tem que evitar, a todo custo, refletir em sua obra simpatias ou antipatias, tendências políticas, crenças filosóficas ou religiosas etc. Não obstante, estudos posteriores, como os oferecidos por José Manuel Blecua (1990), Esther Forgas (1996) ou José Antonio Pascual e Maria del Carmen Olaguíbel (1992) revelaram que tal pretensão revela-se impossível, pois todo dicionário contém uma ideologia. A concepção de um dicionário é determinada por critérios editoriais, pelas pessoas que o redigem e pelo público a que é dirigido. Essa

³⁸ “[Si en todo diccionario, por más que su ideal sea la objetividad, es inevitable una huella de la personalidad de su compilador, en el diccionario de Covarrubias esa presencia] no es inevitable, sino *querida*.”

³⁹ “[C’est que] le grand dictionnaire de langue et de culture [...] se situe d'emblée dans le cadre de l'idéologie dominante, aidé en cela par l'alibi saussurien, le signe défini de façon telle que sa fonction idéologique se trouve soigneusement gommée, évacuée par ce qu'il faut bien appeler un objectivisme abstrait [...] les traitements proposés supposent l'unicité du mot, c'est-à-dire là même que le dictionnaire impose l'idéologie dominante au lecteur.”

⁴⁰ “Desentrañar [...] constituye otro modo de acercarse del diccionario como modalidad discursiva.”

transmissão ideológica poderá ser consciente ou inconsciente, mas nunca neutra.⁴¹ (MEDINA GUERRA, 2003, p. 134)

Outra questão fundamental que se apresenta no que tange a propagação de ideologias no produto lexicográfico é o que Frawley denomina “intertextualidade no espaço discursivo denominado ‘Lexicografia’”. Afirma o autor que “não há dicionário autônomo. Uma vez que a Lexicografia é uma prática discursiva, todo dicionário possui uma relação com todos os outros dicionários”⁴² (FRAWLEY, 1985, p. 14). Sobre isso, Mackintosh comenta que certos valores sociais acabam por ser propagados devido a essas relações intertextuais entre dicionários, especificamente, quando consideramos que há uma prática, não oficial, de se emprestar exemplos e partes de definições de outros dicionários (MACKINTOSH, 2006, p. 53).

A difusão de uma determinada ideologia, como apontado, pode advir de variadas razões. Há de se ter em conta que o léxicografo, por ser um indivíduo social, pode não se dar conta de que está repetindo determinados discursos. Leve-se ainda em consideração que, a neutralidade de uma obra como o dicionário, é desejada, mas impossível, dada a própria natureza da obra. Entretanto, essa ideologia que se faz sentir no dicionário pode provir também já do recorte que se faz quanto aos textos que compõem o *corpus* lexicográfico, questão tratada na próxima seção.

1.6 O *corpus* lexicográfico

A utilização de *corpora* para a confecção de dicionários tem sido enormemente facilitada pelo avanço dos recursos informáticos, mas essa não é uma prática exclusiva de nossos dias. Biderman (2003, p. 56) nos relata que já o primeiro grande dicionário da língua portuguesa, do Padre Rafael Bluteau, de 1712, fazia uso de um *corpus* de 406 obras, ainda que esse tipo de *corpus* difira, decisivamente, dos *corpora* utilizados, atualmente.

⁴¹ “En contra de la relación entre el metalenguaje de la definición y la ideología de su redactor, se han manifestado lexicógrafos de la talla de Julio Casares (1992: 144) o Manuel Seco (1987). Según estos autores, el diccionario ha de ser fruto de la imparcialidad y la neutralidad por lo que el lexicógrafo tiene que evitar a toda costa reflejar en su obra simpatías o antipatías, tendencias políticas, credos filosóficos o religiosos, etc. No obstante, estudios posteriores, como los ofrecidos por José Manuel Blecua (1990), Esther Forgas (1996) o José Antonio Pascual y M^a del Carmen Olaguibel (1992), han puesto de manifiesto que tal pretensión resulta imposible, pues todo diccionario encierra una ideología. La concepción de un diccionario viene determinada por los criterios editoriales, por las personas que lo redactan y por el público al que va dirigido. Esta transmisión ideológica podrá ser consciente o inconsciente, pero nunca neutra.”

⁴² “There is no such thing as an autonomous dictionary. Because lexicography is a discursive practice, every dictionary calls up its relation to every other dictionary.”

Béjoint (2000, p. 97) afirma que a compilação de um dicionário passou, com o avanço da Linguística como ciência, de métodos intuitivos para indutivos, utilizando-se dados baseados em evidências para compor a macroestrutura, bem como a microestrutura. Com efeito, Landau afirma que

[...] nenhum grande novo dicionário, seja um dicionário voltado para falantes nativos seja um dicionário para aprendizes, pode esperar ser levado a sério se não for baseado em pesquisa com *corpus*, e não tenho dúvidas que, muito em breve, todo novo dicionário alegará, verdadeiramente ou não, ser baseado num extenso *corpus* [...].⁴³ (LANDAU, 2001, p. 287 apud BÉJOINT, 2010, p. 369)

A representatividade do *corpus* que alimenta uma obra lexicográfica é fundamental. Há um problema em se considerar apenas o *corpus* para a redação da obra lexicográfica, conforme apontam Rey e Delesalle (1979), no caso da utilização do *corpus* para a constituição do *Trésor de la Langue Française* (doravante TLF):

Além disso, ao mobilizar um material externo no dicionário, pode-se comprometer a neutralidade da descrição. Em primeiro lugar, ao se tomar decisões do tipo: considerar apenas o *corpus*, enquanto o *corpus* é parcial por natureza; ou ainda, considerar os textos de dicionários como elementos do *corpus*, bem como textos espontâneos. Esses princípios podem ser julgados como necessários, mas eles mostram que a descrição que tende à homogeneidade, é feita de heterogeneidades superadas.⁴⁴ (REY e DELESALLE, 1979, p. 17)

Assim, os mesmos autores, ao tratarem de um “uso contemporâneo” e exemplos desses usos fornecidos por dicionários apresentam dois modelos de adoção de *corpus* no fazer lexicográfico: aquele sem um *corpus* limitativo (utilizados em dicionários da língua francesa, como o *Littré*, *Robert* e o *Larousse*) e outro que corresponde à utilização de um *corpus* fechado (caso do TLF). Os primeiros correspondem a um modelo que se baseia na utilização do *corpus* para a escolha dos exemplos, mas que também comportam exemplos forjados. Os segundos

⁴³ “no new major dictionary, whether for native speakers or foreign learners, can hope to be taken seriously if it is not based on corpus research, and I have no doubt that soon enough every new dictionary will claim, whether truly or not, that it is based on a huge corpus of texts [...]”

⁴⁴ “Par ailleurs, la mise en œuvre du matériel par le dictionnaire peut compromettre la neutralité de la description. Tout d'abord, par des décisions du type : ne tenir compte que du corpus, alors que ce corpus est par nature partiel ; ou encore : considérer les textes de dictionnaires comme éléments du corpus, au même titre que les textes spontanés. Ces principes peuvent être sentis comme nécessaires; mais ils montrent que la description, qui tend à l'homogénéité, est faite d'hétérogénéités surmontées.”

dizem respeito a um modelo que toma exclusivamente por base o *corpus* para a elaboração do dicionário.

Para esses mesmos autores, há ainda outra problemática envolvida na utilização de *corpora* escritos, sobretudo os ditos “literários”, como adotado pelo TLF. Os autores questionam em que medida esses textos representam, de fato, a “competência ideológica’, do período em questão?” (ibid.), e trazem à discussão, o problema de se ter em consideração a língua falada:

A esmagadora presença dos discursos “literários” — sem que ninguém se mostre capaz de definir esse adjetivo —, o monopólio absoluto dos discursos escritos/impressos, valorizados socialmente e considerados como duráveis (livros, mais que revistas, revistas mais que jornais, excluindo-se os panfletos, cartazes, prospectos, etc.) são suficientes para caracterizar um modelo bem específico, com relação ao modelo hipotético, mas forçosamente mais geral, da língua. Os acréscimos de textos impressos menos valorizados, reservados aos neologismos [...] e mesmo aos acréscimos muito raros de discursos falados, emprestados das mídias, não são suficientes para mudar o quadro.⁴⁵ (REY; DELESALLE, 1979, p. 16)

Lara (1995, p. 50), quanto a questão da atestação do uso em dicionários que refletem uma cultura, aponta, como já mencionamos anteriormente, que o dicionário, em dado momento, deixa de refletir uma cultura, se tornando parte dela e, portanto, a descrição que aquele faz desta precisa ser feita de maneira crítica. Assim, o extensivo uso de um *corpus* literário que serve de base para uma obra como o TLF demanda do lexicógrafo uma análise semântica que explore os contextos de uso de um item lexical, num primeiro momento, sem considerar tais contextos em que o item lexical é mencionado e, num segundo momento, levá-los em consideração para verificar a validade da primeira análise (em que os contextos foram desconsiderados). Logo, os contextos serviriam como testemunhas desses usos, mas não seriam exclusivamente determinantes para as definições constantes num verbete. É preciso garantir, sobretudo num dicionário que reflita fatos culturais de uma comunidade linguística que os textos que compõem um *corpus* provenham de diversas fontes e não apenas de textos literários (LARA, 1995, p. 49).

⁴⁵ “L’écrasante présence des discours « littéraires » — sans que personne ne soit en mesure de définir cet adjectif —, le monopole absolu des discours écrits-imprimés valorisés socialement et considérés comme durables (livres, plutôt que revues, revues plus que quotidiens, à l’exclusion des tracts, affiches, prospectus, etc.) suffit à caractériser un modèle très spécifique par rapport au modèle hypothétique, mais forcément plus général, de la langue. Les ajouts de textes imprimés moins valorisés, réservés aux néologismes [...] et même les ajouts très rares de discours parlés, empruntés aux médias, ne suffisent pas à modifier la situation.”

O que também se defende, na pesquisa que aqui se desenvolve, é uma ampliação do *corpus* lexicográfico para além dos textos jornalísticos e literários, como argumentaremos mais adiante. A hipótese é a de que, ao excluir textos que correspondam à fala, por exemplo, deixa-se de contemplar, a contento, unidades lexicais que são mais frequentes nessa modalidade de língua como os chulismos e outros tipos de unidades lexicais tabuizadas e, conseqüentemente, gera-se um prejuízo na descrição desse tipo de unidade lexical, já tão controversa.

Ainda há de se ressaltar que questões ideológicas podem também ser verificadas a partir do momento que se escolhem determinados textos para compôr o *corpus* lexicográfico e outros são deixados de fora. Ademais, mesmo os textos que entram na composição do *corpus* podem apresentar traços ideológicos que se refletem no texto lexicográfico.

Capítulo 2

Os etnofaulismos nos dicionários e na fala

As injúrias não se configuram em si como unidades léxico-semânticas autônomas, mas são emprestadas de signos já existentes na língua, sofrendo, por vezes, mutação semântica, como no caso da unidade lexical “idiota”, que em sua origem seria a pessoa da plebe, o cidadão comum (HOUAISS, 2009, s.v. idiota), e o “vilão”, que era o “homem da vila”, e passou a ter uma conotação negativa.

Designar alguém valendo-se de uma expressão metafórica é prática comum. Tomam-se, assim, por exemplo, nomes de animais como “jaburu”, “macaco”, “víbora”, “chupim”, “veado”, para designar uma mulher feia, um negro, uma pessoa ardilosa, uma pessoa aproveitadora ou um homossexual, respectivamente. Podem-se utilizar referências ao diabólico, como “maldito” e “capeta” e referir-se a alguém que comete ato contrário à vontade daquele que insulta. Esses insultos podem surgir ainda por antonomásia como parece ser o caso de “pancrácio”, personagem da obra de Molière que se dizia sábio sem o ser, passando a designar, assim, o indivíduo sem inteligência ou inculto (HOUAISS, 2009, s.v. pancrácio). Outros ainda surgem tomando-se nomes de grupos sociais aos quais foram atribuídas certas características negativas. Muitos não chegam a fazer parte do dicionário, porque foram usadas de maneira idiossincrática, como parece ser o caso retratado pela charge reproduzida na Figura 2, uma charge de Ivan Cabral, em que “político” é usado como injúria, provavelmente com o significado de “pessoa trapaceira, vil, que busca apenas o benefício próprio, ainda que para isso tenha que roubar”.

As injúrias relacionadas a nomes de grupos são chamadas de ETNOFAULISMOS (do grego, *ethno-*, “seres de origem ou condição comum”, *phaulism*, “insultar”), termo cunhado por Roback e por ele definido como “alusões depreciativas a estrangeiros” (1944, p. 13). Esse conceito é importante já que, segundo Palmore, parece “ser universal que grupos raciais e étnicos cunhem palavras e ditos ofensivos para se referir a outros grupos”⁴⁶ (1962, p. 442).

⁴⁶ “It seems to be universal for racial and ethnic groups to coin derogatory terms and sayings to refer to other groups.”

Figura 2: “Político” sendo usado injuriosamente



2007 © Ivan Cabral – Direito de uso da charge cedido pelo autor.

Visto que os conceitos de “raça” e “etnia” podem não ser consensuais, buscamos aqui definir como os entendemos, no contexto desta pesquisa, mais especificamente no que tange à diferença de “etnia” e “raça”, bem como a sua expansão para uma instância que seriam os “grupos étnicos”. Recorremos, assim, ao trabalho de Poutignant e Streiff-Fenart (1998) que, no contexto da história imigratória estadunidense, procuram definir esse último com base numa dimensão subjetiva, contrapondo ainda o que se entende por “categoria étnica”, ou seja “um simples agregado de indivíduos colocados em condições comuns ou percebido como similares pelos outsiders” (POUTIGANT; STREIFF-FENART, 1998, p. 83). “Grupo étnico”, assim, seria definido por “indivíduos [que] compartilham um sentimento de pertença comum, uma crença, uma mesma origem e dispõem de organizações unificadoras” (ibid.).

Esses mesmos autores apontam que A. D. Smith

retoma o termo francês *‘ethnia’* para designar ‘grupo social cujos membros compartilham um sentimento de origem comum, reivindicam uma história e um destino comuns e distintivos, possuem uma ou várias características distintivas e sentem um senso de originalidade e de solidariedade coletivas. (SMITH, 1992 apud POUTIGANT; STREIFF-FENART, 1998, p. 83)

Os mesmos autores ainda discutem a distinção entre “raça” e “etnia”. O primeiro seria mais pertinente quando relacionado a diferenças físicas. Assim, “grupos raciais diferem dos grupos étnicos pelo fato de serem definidos não em termos de diferenças socioculturais, mas a partir de diferenças percebidas no fenótipo”.

Dessa forma, esta pesquisa considera, essencialmente, grupos que se diferenciam em termos socioculturais, unidos por um “sentimento de pertença comum” e organizações que os colocam sob os mesmos objetivos.

Essa delimitação, entretanto, embora pareça otimista e pacífica, não exclui a existência de conflitos, seja dentro de um grupo étnico, seja entre diferentes grupos. É nesse contexto que tratamos e adotamos o conceito de “etnofaulismo”.

Os constantes movimentos migratórios observados na História da humanidade parecem ser grandes motivadores para o surgimento de tais alusões. Expansões colonialistas, diásporas, guerras, cataclismos, crises econômicas e a globalização estão entre os principais fatores que fomentam tais movimentos. Não por acaso, os judeus parecem ter associações depreciativas associadas a eles, bem como os ciganos, seja por condições adversas quanto ao Holocausto, promovido na Segunda Guerra Mundial, no caso do primeiro, seja por um caráter nômade, típico do povo, que se aplica ao segundo. No Brasil, os movimentos migratórios ocorridos por conta da construção de Brasília, ou pelas duras condições climáticas do Nordeste, ou ainda, a vinda de italianos para o Brasil no período pós-escravidão foram fatos que adubaram o terreno para o florescimento de designações étnicas injuriosas, como “candango”, “retirante” e “carcamano”, respectivamente.

Designações como “bárbaro” e “selvagem” estão intimamente associadas ao discurso colonial, conforme aponta Hughes (2010, p. 127). No contexto brasileiro, podemos mencionar designações depreciativas para os índios colonizados, chamados de “bugre”. Ao colonizador português caberia a alcunha de “candango”, cunhada pelo negro africano escravizado pelo europeu.

Os muitos conflitos envolvendo finlandeses e russos deram origem ao etnofaulismo “*ryssä*”, na língua finlandesa. Antes da guerra que levou à independência da Finlândia (anteriormente área autônoma da Rússia), a palavra era neutra e teria suas raízes etimológicas baseadas na designação que os suecos davam aos próprios vikings. Dessa palavra derivariam outras, como “*ryssäviha*” que, em finlandês, corresponderia ao conceito de “ódio aos russos”.⁴⁷

A recolha de tais alusões não parece ser algo a que se tem dado muita importância, haja vista a escassez de trabalhos que tratam desse tema, como se pode observar ao longo deste trabalho.

Nesse sentido, a obra de Roback, *Dictionary of International Slurs* (1944), é um marco importante no que tange à compilação de injúrias relacionadas a grupos étnicos, fazendo-o

⁴⁷ Agradecemos a doutoranda Katariina Harjunpaa, da Universidade de Helsínki, por essas informações.

não apenas para uma língua mas se propondo a ser um “dicionário de injúrias internacionais”, conforme se depreende do próprio título da obra. No entanto, o autor reconhece que seu trabalho não tem fins primariamente lexicográficos. De fato, não existe uma distinção entre itens lexicais de uso corrente e as gírias ou jargões. O autor também não se vale, em seu dicionário, de marcas de uso, conforme ele mesmo aponta (ROBACK, 1944, p. 13–14).

2.1 Categorias de etnofaulismos

Os etnofaulismos, conforme exemplificamos ao longo desta seção, podem ser divididos em dois grandes grupos, segundo distinções que dizem respeito a quem a injúria se refere. Ao longo da pesquisa, foi possível observar que, uma vez envolvidos grupos étnicos ou sociais, esses figuravam em dois cenários, a saber:

- (i) o grupo é alvo de uma injúria, a qual é feita por meio de um item lexical cunhado, especificamente, para servir como ofensa (no português, é o caso de “gambé” para referir-se a um policial ou “gringo” para designar um estrangeiro);
- (ii) o grupo étnico ou social em questão não é o alvo da injúria, mas o nome que os designa é utilizado para se referir a qualquer indivíduo (parte desse grupo ou não) de maneira pejorativa (caso de “português”, usado para referir-se a alguém de pouca presteza de raciocínio ou ignorante, ou “xiita”, para designar um indivíduo muito radical nas ideias ou crenças — não necessariamente religiosas ou políticas).

Para (i), o que se verifica, na obra lexicográfica, é a primeira acepção reportada (em muitos casos, a única) já como pejorativa, geralmente, acompanhada de uma marca de uso que indique tal valor. Neste trabalho, denominamos esse tipo de injúria como INJÚRIA ÉTNICA; em (ii), a primeira acepção será o sentido denotativo, ou seja, aquele que se refere à designação do grupo. O sentido conotativo é apresentado em outra acepção que não é a primeira — e que pode ser acompanhada de uma marca de uso — e os chamamos de ETNÔNIMOS INJURIOSOS.

As referências pejorativas “*youpin*” e “*kike*” são usadas para se referir a judeus e compõem um exemplo de injúria étnica, em francês e inglês, respectivamente. Por outro lado, referir-se a um indivíduo, que não é da religião judaica, como “*juif*” ou “*jew*” — ainda nessas mesmas línguas — é tomar um estereótipo tido como próprio dos judeus (a avareza) para dizer que aquele indivíduo compartilha desse mesmo traço de caráter. Certamente, é a

palavra que, denotativamente, nomeia um povo e que se tornou, conotativamente, uma injúria. “*Youpin*” e “*kike*” são injúrias étnicas, portanto, e “*juif*” e “*jew*”, etnônimos injuriosos.

No português brasileiro, a fim de ilustrar essa diferença, poderíamos citar “cabeça-chata” como uma injúria étnica motivada por um aspecto físico e que se refere aos nortistas; os etnônimos “baiano” e “paraíba”, por sua vez, correspondem a ofensas que podem ser usadas para designar um indivíduo “simples de modos rústicos que ger. mora na roça” (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. baiano) ou uma “mulher de aspecto e comportamento masculinos” (HOUAISS, 2009, s.v. paraíba), respectivamente.

Tanto as injúrias étnicas, como os etnônimos injuriosos pautam-se por estereótipos e pré-concepções. O caso de “baiano” parece ter o sentido pejorativo motivado pelos hábitos e à simplicidade de modos desse povo, algo que se associa ao “caipira”. Com efeito, muitos dicionários fazem remissão à entrada “caipira” ao reportar tal acepção. “Paraíba”, por outro lado, parece ter o sentido supracitado associado a uma canção, conforme nos relata a nota etimológica do dicionário Houaiss:

[...] p.metf. valorativa, é atribuído à mulher forte e lutadora da região; no sentido de 'mulher macho', ocorre no baião Paraíba (Luís Gonzaga e Humberto Teixeira, 1950), cuja letra, referindo-se ao Estado da Paraíba, diz Paraíba masculina, mulher-macho, sim senhor; a partir desses signif. fig. desenvolveram-se novas acp., esp. as pej. (HOUAISS, 2001, s.v. paraíba).

A fim de apresentar outros exemplos de tais conceitos, tomemos, primeiramente, o verbete de “gascão”, do dicionário Aurélio. O sentido primeiro é aquele do indivíduo originário de uma região da França, a Gasconha. Entretanto, como marca o dicionário com a etiqueta “figurado” há um sentido conotativo para esse mesmo item lexical. Uma pessoa que se refere a outra como “gascão” pode estar se referindo ao fato de esta última alardear bravatas que, em realidade, não as realizou. Não parece ser esse um elogio ou mesmo uma simples observação de um indivíduo sobre o outro, sem um valor de julgamento.

gascão [Do fr. *gascon.*] *Adj.* 1. De, ou pertencente ou relativo à Gasconha (França). S. m. 2. O natural ou habitante da Gasconha. 3. *Gloss.* Língua românica (também classificada como dialeto) dessa região; occitânico. 4. *Fig.* Fanfarrão, parlapatão. (FERREIRA, 2010, s.v. gascão)

Para exemplificar um caso de injúria étnica a partir de seu verbete, no dicionário, veja-se como o dicionário Houaiss define “cabeça-chata”:

cabeça-chata s.2g (s.XX) B 1 pej. indivíduo que nasceu no Nordeste do Brasil, esp. no Estado do Ceará 2 HERP m.q. BOIPEVA (*Waglerophis merremi*) 3 ICT tubarão costeiro, da fam. dos carcarrinídeos (*Carcharhinus leucas*), de ampla distribuição nas águas quentes do mundo, atingindo baías e estuários, com cerca de 3,5 m de comprimento, de cor cinza a marrom, olhos pequenos e circulares, fendas branquiais moderadamente longas; são vivíparos e possuem saco placentário; baiacu, cação-baía, cação-do-raso, tubarão-de-água-doce [Sua carne é consumida fresca ou defumada, sua pele us. como couro, suas nadadeiras em sopas e do fígado se extrai óleo; de hábitos costeiros, é um dos mais perigosos tubarões, e responsável por vários ataques.] © GRAM pl.: *cabeças-chatas* (HOUAISS, 2009, s.v. cabeça-chata)

Observa-se que a primeira acepção já é aquela pejorativa, devidamente marcada como tal. O dicionário não oferece outras informações, como etiquetas diatópicas ou notas de uso/enciclopédicas que explicariam as origens preconceituosas de tal alcunha.

Entretanto, essa análise pode não ser tão simples como a exemplificada a partir de “gascão”, exigindo informações outras além da ordem das acepções e/ou presença ou ausência de marca de uso; ou ainda, a ausência de todo um sentido no dicionário — como é o caso de “português”, mencionado na seção 1.2.

Tomamos, portanto, o termo cunhado por Roback (1944) como um hiperônimo das categorias que aqui identificamos, já que “etnofaulismo” pode ser utilizado para ambos os casos, uma vez que Roback os elenca, sem fazer distinção, em seu dicionário. Assim, propomos uma subcategorização dos etnofaulismos, ao entender “alusões depreciativas a estrangeiros” como sendo aquelas que também emprestam a palavra que nomeia um grupo estrangeiro — no sentido latino *extraneus* — e a imagem estereotipada a ele associada como forma de insulto a outros.

Casos como o de “boêmio” e “filisteu”, povos que não recebem mais essa denominação, mostram que a ofensa pode não ser ressentida por aqueles que um dia foram conhecidos por essa denominação. Outro caso semelhante é o de “liliputiano”. Por se tratar de um povo fictício da obra *As Viagens de Gulliver*, não há como se pensar que um liliputiano possa se ofender por ter a designação que nomeia seu povo utilizada como injúria para designar alguém mesquinho ou medíocre.

Entretanto, ainda que esses povos não existam (mais) e não se ressentam quanto ao fato de que o nome que os designa estar em uso para atribuir-se a alguém uma característica que lhes foi, em algum momento, e por algum motivo, atribuída, cabe aqui reflexão sobre o processo que leva à formação desse tipo de injúria, isto é as motivações de ordem estereotípica e preconceituosa.

2.2 Estereótipos e preconceitos

Como já mencionado, os etnofaulismos são um tipo de injúria que se sustentam por um processo metafórico que se constrói a partir de estereótipos e ideias preconceituosas quanto aos povos envolvidos. A relação entre estereótipos e preconceito é forte. Em consonância, Hughes afirma que estereótipos

[...] são geralmente baseados em preconceitos. Normalmente, a nacionalidade “lar” vê a si mesma em termos positivos, estereotipando os de fora e estrangeiros com caracterizações negativas como a indolência, o desasseio, a ineficiência, a ignorância, a avareza, a covardia, a agressividade, a beberria, a promiscuidade sexual e a perversão. Tais qualidades são atribuídas a grupos e, por extensão, a indivíduos, o que é manifestamente absurdo e ofensivo.⁴⁸ (HUGHES, 2010, p. 41)

Como se pode verificar em outro trecho, para o autor, a relação “estereótipo” e “preconceito” parece ser circular; alternadamente, um é consequência do outro: “O preconceito deriva, como o nome sugere, do ‘juízo antecipado’ de fatos ou do que se sabe de um indivíduo ou de situação real. É a consequência natural do pensamento estereotípico.”⁴⁹ (HUGHES, 2010, p. 40)

No que diz respeito ao léxico de uma língua, os dicionários, ao descrevê-lo, acabam por reproduzir não só aqueles usos socialmente aceitáveis, mas também aqueles correntes, os “estereótipos próprios de cada sociedade, entre os quais podemos destacar aqueles que se prendem com a denominação das diferentes raças, etnia, em suma dos grupos humanos agrupados em torno de características físicas, culturais, religiosas, linguísticas, etc.” (CORREIA, 2006)

Fusco (2012), ao observar as representações estereotípicas em torno da unidade lexical “*donna*” (“mulher”, em português) e outras, do mesmo campo semântico-lexical, num dicionário da língua italiana, buscou definir o que seriam os estereótipos. Reproduzimos abaixo o que a autora propõe a seus leitores:

Mas o que é um estereótipo? Na literatura de referência, esse é definido como um conjunto rígido e simplificado de crenças que um certo grupo

⁴⁸ “Stereotypes are generally based on prejudice. Usually the ‘home’ nationality sees itself in positive terms, stereotyping outsiders and foreigners by negative characterizations such as idleness, dirtiness, inefficiency, stupidity, meanness, cowardice, aggressiveness, drunkenness, sexual promiscuity, and perversion. These qualities are attributed to groups and by extension to individuals, which is manifestly absurd and offensive.”

⁴⁹ “Prejudice derives, as the term suggests, from ‘judging in advance’ of facts or knowledge of an individual or the true situation. It is the natural consequence of stereotypical thinking.”

social compartilha e reproduz, de forma acrítica, sobre um objeto, sobre um estado de coisas, sobre um evento ou um comportamento, sobre um outro grupo social, algumas vezes fazendo desse um pressuposto para formular preconceitos, isto é juízos apriorísticos, não baseados em dados empíricos suficientes, que, às vezes, são neutros, mas com mais frequência, negativos. Poder-se-ia dizer que o estereótipo serve para categorizar, simplificando e generalizando; mas dois traços o tornam extremamente furtivo: o emprego, geralmente, inconsciente e o seu reforço determinado pelo uso.⁵⁰ (FUSCO, 2012, p. 8–9, grifos nossos)

Em um trabalho em torno do mesmo objeto, Wanwelkenhuyzen, observando contextos exemplificatórios de entradas como “*donna*” e “*uomo*” (“homem”, em português), conclui que ali estão presentes um “certo conservadorismo ideológico que se alimenta no uso e no imaginário comum, assim como nuances depreciativas quanto ofensivos estereótipos.”⁵¹ (2007 apud FUSCO, 2012, p. 37)

Os estereótipos estariam presentes no dicionário não apenas como um fenômeno que envolve a maneira como alguns usos são registrados, mas também como um modelo universal de definição. Lara (1996, p. 189) aponta que há dois conceitos importantes para entender o significado e sua apresentação em trabalhos lexicográficos. Um deles é o PROTÓTIPO, a partir do qual, segundo um modelamento mental, os indivíduos socioinseridos atribuiriam propriedades aos objetos, tornando-os instâncias de categorias maiores e de reconhecimento mais próximo de sua realidade. É por meio do protótipo que definições como “que tem a cor do sangue” para a entrada “vermelho” (HOUAISS, 2001, s.v. ¹vermelho) e “a cor da relva” para “verde” (op. cit., s.v. verde) chegam ao dicionário.⁵²

O ESTEREÓTIPO seria bastante similar, mas comporta uma dimensão social, com desdobramentos pragmáticos muito maiores que o protótipo. Para exemplificar tal fato, o autor recorre ao exemplo de “*perro*”, que era definido pelo dicionário da *Real Academia Española*, como um “mamífero doméstico de la familia de los cánidos, de tamaño, forma y pelaje muy diversos, según las razas, pero siempre con la cola de menor longitud que las patas

⁵⁰ “Ma che cos’è uno stereotipo? Nella letteratura di riferimento, esso è definito come un insieme rigido e semplificato di credenze che un certo gruppo sociale condivide e replica in modo acrítico su un oggetto, su no stato di cose, su un evento o un comportamento, su un altro gruppo sociale, talora facendo del medesimo un presupposto per formulare pregiudizi, cioè giudizi aprioristici non basati su dati empirici sufficienti che a volte sono neutri ma più spesso negativi. Si potrebbe dire che lo stereotipo serve per categorizzare, semplificando e generalizzando; ma due tratti lo rendono estremamente subdolo: l’impiego per lo più inconsapevole e il rafforzamento determinato dall’uso.”

⁵¹ “[...] un certo conservadorismo ideologico che alimenta nell’uso e nell’immaginario comune tanto delle sfumature spregiative quanto degli offensivi stereotipi.”

⁵² Observe-se que “azul”, no mesmo dicionário, apresenta uma definição mais técnica: “cor que, no espectro solar, ocupa a área entre o verde e o violeta” (op. cit., s.v. azul). Para mais informações sobre as cores no dicionário, veja-se Zavaglia (2006)

posteriores...”.⁵³ Essa definição, como classicamente tem sido a prática, parte de características mais gerais até chegar às diferenças específicas (*differentia specifica*). O problema se apresenta quando se tomam cães como o bulldog ou o boxer, cuja cauda não apresentam longitude menor que as patas posteriores. Assim, “podem-se encontrar em todas as línguas estereótipos que são contraditórios às características reais — isto é, definidas pelo conhecimento científico — dos objetos.”⁵⁴ (LARA, 1996, p. 186)

Dessa forma, o autor (op. cit., 187–188) aponta que os estereótipos nos dicionários se fazem presentes até mesmo na definição de uma entrada como “gato”,⁵⁵ ao defini-lo a partir de suas características que não são aquelas biológicas ou anatômicas, mas àquelas socialmente fabricadas e difundidas (que caça ratos, com olhos brilhantes), segundo a imagem que circula, numa dada comunidade linguística, sobre esse animal. Além do trabalho de Fusco, mencionamos ainda a dissertação de Ball (1998) que investigou a ideologia no tratamento dispensado por nove dicionários do inglês e do francês (monolíngues e bilíngues) a 67 entradas que dizem respeito aos gays, lésbicas e bissexuais. O autor aponta que sua análise ainda deixa questões não respondidas sobre o enviesamento cultural nos dicionários. Entretanto, ao observar unidades particularmente sensíveis no que diz respeito a um dado grupo minoritário, nos dicionários, o autor conclui que esse tipo de obra deve descrever tanto conotações positivas, quanto negativas das palavras, sejam elas controversas ou não, a fim de neutralizar atitudes culturais como o sexismo, o racismo e a homofobia nos produtos lexicográficos. Para apoiar sua argumentação, o autor cita o exemplo de uma discussão levantada por Walter Duncan, ao analisar as palavras “white” e “black” no *Random House Dictionary*. Duncan questiona por que esse dicionário não inclui sentidos negativos de “white” (em expressões como “white night” e “white as ghost”⁵⁶), mas apresenta tantos outros para “black”. Da mesma

⁵³ Gabriel García Marquez, num artigo intitulado “La vaina de los diccionarios”, alude a esse mesmo exemplo, conforme se lê: “A veces, los diccionarios se dan cuenta de que han hecho el ridículo, y lo corrigen en una edición posterior. Eso le ocurrió al de la Real Academia con la famosa e inefable definición de perro: “Mamífero doméstico de la familia de los cánidos, de tamaño, forma y pelaje muy diversos, según las razas, pero siempre con la cola de menor longitud que las patas posteriores, una de las cuales levanta el macho para orinar”. Se prestó a tantas burlas esta precisión excesiva -y entre ellas una muy feroz e inteligente de Guillermo Cabrera Infante en su novela *Tres tristes tigres*-, que en las ediciones más recientes del diccionario de la Real Academia ya los perros no levantan la pata posterior para orinar, aunque sigan haciéndolo en la vida real.” (GARCÍA MARQUEZ, 1982)

⁵⁴ “[Tan es así] que se pueden encontrar en todas las lenguas estereotipos que son contradictorios con las características ‘reales’ —es decir, definidas por el conocimiento científico— de los objetos.”

⁵⁵ Os dicionários usados por Lara para a ilustração foram o *Dictionnaire françois*, de Richelet (1680), o *Dictionnaire Universel*, de Furetière (1690), o *Diccionario de autoridades*, da Real Academia Española (1739), e o *Tesoro de la lengua castellana o española*, de Cobarruvias (1979).

⁵⁶ “White night” e “white as ghost” são fraseologias que corresponderiam, respectivamente, em português, a “(passar) noite em branco” e “branco como um fantasma”.

forma, o dicionário não faz menção a conotações positivas para “black” (como “black tie” ou “operating in the black”⁵⁷) (BALL, 1998, p. 135).

Esses apontamentos demonstram que a inclusão de determinados sentidos expõe o problema quando não se incluem outros. Considerando que se espera do dicionário de língua uma descrição “a mais completa possível”, incluir e excluir determinados significados pode, com efeito, apontar para indícios de subjetividade e arbitrariedade na compilação da obra, fato que procuramos demonstrar, neste trabalho, a partir dos etnofaulismos.

Em trabalho que trata exatamente sobre os estereótipos que circularam em dicionários do francês⁵⁸, Giaufret-Colombani (1997) vale-se do termo “etnótipos” (em francês, “*ethnotypes*”), emprestado de Brès (1993 apud GIAUFRET-COLOMBANI, 1997, p. 291), para referir-se a estereótipos que se relacionam especificamente a nomes de povos. O foco de sua análise está nos exemplos fornecidos por esses dicionários. A autora aponta que nos dicionários observados existe

[...] em primeiro lugar [...] a vantagem de prover uma imagem, a mais completa possível, dentro dos limites da época, dos usos linguísticos, e sabemos que “os grupos estão vinculados com as palavras que os designam” (Bourdieu, p. 560), por conseguinte, de veicular, transversalmente e de maneira fragmentada, e mais ainda de maneira reveladora, conteúdos ideológicos difundidos no grupo que os produz, grupo restrito de uma elite aculturada do século XVII, que vai, entretanto, marcar fortemente o futuro.⁵⁹ (GIAUFRET-COLOMBANI, 1997, p. 292)

A autora vale-se ainda da definição de “estereótipo” de Preiswerk e Perrot (1975), segundo a qual um estereótipo é

um conjunto de traços destinados a caracterizar ou tipificar um grupo, em seu aspecto físico ou mental e em seu comportamento. Aquele que utiliza o estereótipo pensa, frequentemente, estar realizando uma simples descrição. No entanto, ele chapa um molde sobre uma

⁵⁷ “Black tie” corresponde a vestir-se, para eventos noturnos, de maneira não tão formal, como trajes de gala, mas, ao mesmo tempo, de maneira não tão casual, como para um evento vespertino. Seria uma roupa semiformal; usa-se “operating in the black” para referir-se a uma empresa ou negócio que está gerando lucro.

⁵⁸ Mais especificamente, as obras analisadas foram: o *Thresor*, de Jean Nicot (1606), o *Dictionnaire françois contenant les mots et les choses*, de Pierre Richelet (1680), o *Dictionnaire Universel*, de Antoine Furetière (1690) e a primeira edição do dicionário da Academia (1694).

⁵⁹ “Ces dictionnaires ont tout d'abord l'avantage de donner une image, le plus complète possible, dans les limites de l'époque, des usages linguistiques et l'on sait que “les groupes ont partie liée avec les mots qui les désignent” (Bourdieu, : 560), par conséquent de véhiculer transversalement et de façon fragmentaire, d'autant plus révélatrice, des contenus idéologiques diffus dans le groupe qui les produit, groupe restreint d'une élite aculturée au XVII^e siècle, qui va cependant marquer fortement l'avenir.”

realidade que este não pode conter”⁶⁰ (PRESKWERK; PERROT, 1975 apud GIAUFRET-COLOMBANI, 1997, p. 292)

Assim, a partir da combinação dessas duas ideias, Giaufret-Colombani apresenta uma análise que recai sobre exemplos que figuram em verbetes e que fazem referência estereotípica a um povo, como é o caso encontrado no dicionário de Richelet, na entrada “*gesticulateur*” da obra, em que se lê: “*Les Italiens sont de grans gesticulateurs*”⁶¹ ou o exemplo “*Les peuples sauvages sont cruels*”,⁶² s.v. “*cruel*” (GIAUFRET-COLOMBANI, 1997, p. 292).

A autora conclui que os dicionários observados refletem um pensamento nacionalista fortemente construído em depreciar o outro e valorizar a própria identidade, haja vista os poucos etnótipos que se referem aos próprios franceses, encontrados no levantamento.

2.3 Estereótipos e o politicamente correto

Uma vez que os estereótipos, carregados de uma carga preconceituosa como vimos demonstrando, são considerados reprováveis, sobretudo no que tange grupos étnicos, há uma tentativa de excluir tais usos, sobretudo em documentos que circulam oficialmente (seja em ambiente público ou privado) e na mídia. Trata-se da questão denominada do que é ser “politicamente correto” e que busca evitar que unidades lexicais sensíveis, como os etnofaulismos e outras injúrias, ou qualquer referência que denote discriminação, gerem problemas para aqueles que as utilizaram (seja o próprio autor, seja o veículo que inclui a unidade lexical em sua publicação).

Observe-se, por exemplo, no *Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (apud DIAS, 1996), o quadro intitulado “As palavras certas — O que a Folha considera ‘politicamente correto’” (reproduzido no Quadro 1), no qual instruções explícitas quanto ao que se deve usar ou não. Guias de redação e estilo dessa natureza são adotados pelo próprio jornal, mas também por outros tipos de profissionais da linguagem, entendendo-se que tais materiais configuram-se como norteadores da boa redação.⁶³

⁶⁰ “un ensemble de traits censés caractériser ou typifier un groupe, dans son aspect physique et mental et dans son comportement. L'utilisateur du stéréotype pense souvent procéder à une simple description, en fait il plaque un moule sur une réalité que celui-ci ne peut contenir”

⁶¹ “Os italianos são grandes gesticuladores”

⁶² “Os povos selvagens são cruéis”

⁶³ Chamamos a atenção para a inclusão de “alemão” entre o conjunto “preto”, “crioulo”, “escurinho”, “moreno”, “de cor” a ser evitado. A menos que o autor do manual estivesse se referindo a uma forma irônica de se referir a um negro, ou mesmo a algum lapso de sua parte, fica evidente que, em momento algum, se menciona que “alemão” deve ser evitado para se referir a uma pessoa cuja pele é de cor branca. Veja-se ainda que os ocidentais figuram no quadro (“amarelo”, “japa”, “china”, “polaco”), mas referências pejorativas a pessoas brancas não se fazem presentes na listagem, o que, segundo nosso entender, revela preconceito da parte do autor.

Quadro 1: O uso de itens lexicais politicamente corretos, no *Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo*.

ANTES DE ESCREVER...	... VEJA SE VOCÊ NÃO QUER SIMPLEMENTE DIZER...	...MAS TAMBÉM NÃO EXAGERE, ESCREVENDO...
bicha, veado, fresco, boneca, travesco, sapatão, ela calça 42	homossexual, travesti, lésbica	gay (significa feliz), alterado, safista
preto, crioulo, escurinho, alemão, moreno, de cor	negro	afro-brasileiro, cidadão do tipo negróide
aleijado, aleijão, defeituoso, deformado, retardado, mongolóide, débil mental	deficiente físico ou mental (e procure informar com precisão o tipo de deficiência)	portador de deficiência física ou mental, indivíduo diferentemente qualificado, irregular na conformação
amarelo, japa, china, polaco	coreano, japonês, chinês, polonês	cidadão da República Popular da China
pé-rapado, pobretão, salário-mínimo, roto	pobre, pessoa com baixa renda (mas o melhor é informar com precisão a renda)	desapercebido, desvalido, miserável, paupérrimo, oprimido pelas necessidades, descamisado
milionário, miliardário, magnata, bacana, tubarão, ricaço	rico, empresário, pessoa de alta renda (mas o melhor é informar com precisão a renda)	bem-assistido, ter meios para viver folgadoamente, nababo, plutocrata, abastardo, de posses, argenteiro
comuna, vermelho, subversivo	comunista, socialista, social-democrata, de esquerda (conforme o caso)	pessoa que está com as forças progressistas
reaça, reacionário, retrógrado	tradicionalista, conservador, liberal (conforme o caso)	defensor intransigente da economia de mercado, amigo da paz e da ordem
(de) menor, pirralho, moleque, fedelho, baixinho, diabrete	criança, adolescente	criancinha, fofurinhas, anjinho, gracinha, criaturinha, pequerrucho, efebo
velho, decrepito, senil, gagá, velhote, mais pra lá do que pra cá, esclerosado, Matusalém	idoso (mas o melhor é informar a idade exata da pessoa)	ancião, terceira idade, idade de ouro, idade da razão, homem de dias
papa-hóstia, carola, beato, igrejeiro	padre, religioso	crente, adstrito a profunda espiritualidade, dado às coisas da igreja
gata, gatinha, boneca, tesão, broto, biju, tentação	mulher bonita, atraente	deusa, uma Helena, princesa
nortista, paraíba, piauiense, retirante, cabeça-chata, pau-de-arara	nordestino, paraibano, piauiense	oriundo da região Nordeste da nação
caipira, capiau, mocorongo, provinciano, jeca, matuto	interiorano, morador do interior	proveniente da região do interior do Estado
judiar, denegrir	maltratar, desacreditar	escarnecer, macular
chato, pentelho, carrapato, grude, mala	aborrecido, desagradável, inconveniente, intrometido	fastidioso, impertinente, indivíduo sobremaneira irritante, pessoa desprovida de senso de conveniência

ANTES DE ESCREVER...	... VEJA SE VOCÊ NÃO QUER SIMPLEMENTE DIZER...	...MAS TAMBÉM NÃO EXAGERE, ESCRREVENDO...
nanico, pigmeu, pintor de rodapé, gabiru, anão de jardim, salva-vidas de aquário	baixo (mas o melhor é informar a estatura exata)	indivíduo de estatura inframediana, pessoa prejudicada verticalmente
balofo, baleia, gordão, bolão, armário, elefante	gordo (mas o melhor é informar o peso exato)	pessoa avantajada, indivíduo de vastas reservas energéticas
selvagem, pele-vermelha, bruto	indio	povos da floresta, silvícola, aborigene
fujão, maricas, amarelão, poltrão, mundão, cagarolas	medroso, covarde	tímorato, ignavo, pusilânime, indivíduo extremamente acautelado
pivete, trombadinha	criança ou adolescente infrator	jovens amigos do alheio

A diferença de uma obra como o dicionário e um jornal ou um documento oficial é óbvia, mas é importante salientar que a exclusão de tais termos no primeiro não é uma possibilidade dado o próprio caráter da obra lexicográfica que é o de descrever o léxico de uma língua. Por outro lado, jornais e documentos oficiais podem prescindir de tais termos já que seu discurso tem outros fins.

Hughes afirma que muito “do politicamente correto está relacionado com mudança de atitudes enraizadas e linguagem baseada em estereótipos ofensivos que derivam de preconceitos coletivos, folclore e ignorância.”⁶⁴ (HUGHES, 2010, p. 40).

O mesmo autor ainda aponta que é

[...] irreal esperar que a linguagem politicamente correta substitua as ásperas palavras estabelecidas da língua natural e a fala cotidiana. [...] Mas o seu uso público é tabu, o que é certamente um avanço. O politicamente correto age, assim, como um censor, lembrando as pessoas das sensibilidades humanas e coletivas, que deveriam ser respeitadas. “Respeito” é de longe a palavra-chave. Mas uma das ironias da história é que o politicamente correto tenha emergido em um tempo em que respeito é percebido, de forma contundente, como algo em declínio.⁶⁵ (HUGHES, 2010, p. 293)

Dessa forma, é igualmente ilusório pensar que os dicionários podem deixar de descrever os etnofaulismos. Isso se dá, não por uma ausência de respeito para com a sociedade

⁶⁴ “A great deal of political correctness is concerned with changing ingrained attitudes and language based on offensive stereotypes deriving from collective prejudices, folklore, and ignorance.”

⁶⁵ “It is unrealistic to expect politically correct language to replace entirely the coarser established words of natural language and everyday speech. [...] But their public use is taboo, which is certainly an improvement. Political correctness thus acts as a censor, reminding people of human and communal sensitivities which should be respected. “Respect” is very much the key term. But it is one of the ironies of history that political correctness should have emerged at a time when respect is very much perceived as being on the decline.”

ou os grupos étnicos envolvidos, mas por respeitar a língua e suas múltiplas faces, as quais nem sempre são as mais agradáveis.

2.3 Os etnofaulismos, a cultura popular e a tradução

Os etnofaulismos são frequentes na cultura popular — assim como são comuns nas práticas sociais cotidianas — o que evidencia uma banalização desse fenômeno, ao mesmo tempo em que reitera a necessidade de converter conflitos de ordem étnica em manifestação cultural, de modo que os membros da comunidade que recebem tal produção artística se reconheçam ou reconheçam atitudes de outros membros de sua comunidade sócio-cultural-linguística. Um exemplo disso são as muitas piadas de português que se contam, no Brasil, ou aquelas que se iniciam com algo como: “estavam num avião, um judeu, um libanês e um turco”. Pode-se ainda mencionar, a já referida canção de Luis Gonzaga, *Paraíba*.

Encontramos, assim, esses retratos conflituosos, nos adágios, na música, nas pinturas, na televisão e no cinema. Na língua inglesa, é possível encontrar repertórios inteiros de injúrias étnicas, como a *List of ethnic slurs*,⁶⁶ da Wikipedia, e um *site* dedicado exclusivamente a esses itens lexicais, o *Racial Slurs Database*,⁶⁷ em cuja descrição informa tratar-se de um *site* criado para ser “engraçado e/ou informativo”.⁶⁸

Ademais, julgamos importante aludir ainda a um fato específico que ilustra bem essa questão: no 14º episódio da 6ª temporada da série norte-americana *South Park*,⁶⁹ “The Death Camp of Tolerance”, os personagens são levados ao chamado “Museu da Intolerância”, em que os visitantes veem atrações que tratam de injúrias étnicas. Uma dessas atrações compreende bonecos de cera que representam estereótipos ligados a determinados grupos étnicos. Um dos personagens se aproxima do que parece ser um boneco de cera, devidamente colocado sob um holofote de luz, que aparenta estar adormentado (Figura 3) e deduz que se trata do estereótipo do “mexicano sonolento” (“*sleepy mexican*”). Em seguida, revela-se se tratar, na verdade, não de um boneco de cera, mas de um funcionário do museu (supostamente, um mexicano) que havia se adormentado em serviço. O canal VH1, no Brasil, trocou “mexicano”

⁶⁶ Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_ethnic_slurs>. Acesso em 30 mar. 2015.

⁶⁷ Disponível em: <<http://www.rsdb.org>>. Acesso em 30 mar. 2015.

⁶⁸ “It's supposed to be funny and/or informational.”

⁶⁹ A série é mundialmente conhecida por retratar situações e pessoas de maneira preconceituosa e pela linguagem chula utilizada. Os alvos dos estereótipos são, em geral, judeus, canadenses e gays, mas também são retratados deficientes físicos e mentais de maneira pejorativa. No Brasil, é transmitida pelo canal VH1.

para “baiano”, na dublagem feita para a transmissão do episódio. Essa domesticação⁷⁰ revela que a identificação de um estereótipo atribuído a um grupo pode não corresponder quando esse mesmo estereótipo atribuído a esse mesmo grupo é inserido em outra cultura. Para um telespectador norte-americano, é fácil identificar tal relação, visto que a migração mexicana no país é intensa. No entanto, essa alusão poderia causar estranhamento num brasileiro, ao passo que a adaptação para “baiano” poderia proporcionar-lhe, de maneira mais efetiva, a ideia de um indivíduo preguiçoso.

Figura 3: Cena do seriado *South Park* que apresenta os personagens próximo ao que acreditavam ser um boneco de cera



Para além dessas considerações, poderíamos ainda tratar da questão da tradução dos etnofaulismos, pois, como se pode depreender do exemplo acima, são questões que se revelam interessantes, na medida em que apontam, diretamente, para diferenças culturais que refletem em escolhas lexicais.

Filmer (2011) trata dessa questão a partir da observação do filme *Gran Torino* (2008) e das legendas e dublagens que foram utilizadas na Itália. O filme retrata uma comunidade coreana que vive nos Estados Unidos da América, num bairro degradado, com alta incidência de criminalidade. Dentre outras conclusões, a autora observou uma predileção na dublagem italiana por alusões relacionadas à homossexualidade, as quais, originalmente, não existiam, como se pode observar quando uma personagem se refere a outra como “ *fucking rice niggers* ”. “*Rice niggers*”, segundo o *Urban Dictionary*,⁷¹ é uma expressão pejorativa que diz respeito aos

⁷⁰ No âmbito dos Estudos da Tradução, a domesticação diz respeito a um processo segundo o qual o texto traduzido distancia-se de tal forma da língua de partida que acaba ganhando valores que são próprios da cultura para a qual se está traduzindo. No caso em questão, não traduziu-se “*mexican*” por “mexicano”, mas procurou-se um elemento próprio da cultura brasileira que corresponda ao estereótipo que se está evidenciando na cultura de partida.

⁷¹ Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=rice%20nigger>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

chineses ou outros povos asiáticos. A tradução apresentada para o público italiano é “*froci mangiariso del cazzo*” (ou “veados comedores de arroz do caralho”). Considerando que “*nigger*” é uma injúria étnica que se relaciona aos negros, a tradução mostra uma alternância de campo semântico que se dá, provavelmente, por razões da intensidade que ambas as injúrias comportam entre as culturas que as cunham, causando maior identificação do espectador quando se domestica a expressão. Parte-se assim de um item lexical que corresponde a um etnofaulismo numa língua para outro item lexical, também etnofaulismo, na outra, prescindindo-se de seu equivalente mais óbvio, em favor de uma maior identificação cultural na língua de chegada, por meio de um etnofaulismo que lhe seja mais característico.

2.4 Twitter, os etnofaulismos e a língua falada

Quanto ao lugar onde podemos encontrar com mais frequência os etnofaulismos, Roback, já em 1944, aponta que “muitas dessas injúrias são frequentes não no inglês padrão, mas na fala coloquial e gírias”⁷² (1944, p. 247). Assim, atestar uma categoria lexical que se faz muito mais frequente na língua falada exige uma reflexão para além dos gêneros textuais que geralmente compreendem a composição de um *corpus*, o qual pode ter sua composição variada e não equilibrada quando se trata de língua escrita e língua falada.

Refletir sobre língua falada e língua escrita implica em reconhecer a existência de características específicas a cada uma delas. Os dicionários, classicamente, como observamos no capítulo 1, tendem a descrever o padrão da língua e, ainda que se trate de um dicionário que se pautem pelos usos (um dicionário descritivo), urge-se questionar de onde tais usos estão sendo recuperados.

Portanto, se a composição do *corpus* a partir do qual se compila um dicionário é feita, essencialmente, por textos escritos, faz-se necessário refletir se os etnofaulismos não poderiam estar sendo desconsiderados, não de forma intencional, mas porque o *corpus* não os contemplou a contento.

Devido justamente à escassez de grandes *corpora* que descrevam a língua falada no português do Brasil,⁷³ tentamos demonstrar que uma rede social pode suprir essa carência, justamente porque seus usuários valem-se de um grau de oralidade numa manifestação que se dá por meio da escrita. Dessa forma, se entendemos que a fala coloquial se faz mais presente na modalidade falada da língua, pressupõe-se que ao se apropriar do suporte eletrônico para

⁷² “[...] most of these slurs occur not in standard English, but in colloquial parlance and slang.”

⁷³ No caso do português brasileiro, a modalidade falada da língua está contemplada apenas por alguns poucos *corpora* como o do projeto NURC (CASTILHO, 1990), que não se encontra acessível *on-line*.

se comunicar e falar de fatos cotidianos, o usuário de uma rede social, como o Twitter,⁷⁴ também utilize tais sentidos depreciativos relacionados a nomes de povos.

Faz-se necessário, assim, investigar as relações que se estabelecem no eixo fala–escrita, de modo a verificar o hibridismo que pretendemos evidenciar. Sendo o Twitter uma ferramenta que permite a manifestação de um tipo de prática social no contexto daquelas que se estabelecem na Internet, cabe também procurar caracterizar tal gênero como um meio que objetiva algum tipo de interação. Isso porque, ao interagir, supõe-se que os atuantes nesse processo busquem reconhecer, um no outro, o assunto de que tratam, e partilham, por conseguinte, de um mesmo conhecimento que depende de informações sócio-históricas e culturais. No caso dos etnofaulismos, deve haver um conhecimento compartilhado entre aquele que escreve e aquele que lê, isto é, ambos devem saber que “português”, quando usado de maneira pejorativa, refere-se, na verdade, a uma pessoa que é “ignorante” ou “tola”. Logo, é importante pensar que tais participantes estejam inseridos numa mesma comunidade que compartilha não só a prática social de se usar uma rede social, mas também compartilha um conhecimento específico: o do sentido depreciativo relacionado a um determinado grupo étnico.

Para Marcuschi (2005), as modalidades oral e escrita não estão atreladas aos gêneros, e não são homogêneas ou dicotômicas, mas híbridas em alguns deles. Quando escreveu esse texto, há quase 10 anos, o autor tratou dos gêneros emergentes, que surgiram a partir dos diferentes recursos que a Internet dispunha à época. O autor buscou comparar os gêneros emergentes e aqueles já existentes como o e-mail e a carta, as salas de *chat* e as conversações (abertas ou fechadas), o blog e os diários pessoais. Contudo, quase dez anos se passaram e, desde então, outros gêneros surgiram, como o próprio Twitter e o Facebook, o que nos impele a questionar quanto a gêneros pré-existentes que poderíamos relacioná-los. Ambas as redes sociais mencionadas podem ser utilizadas para se estabelecer diálogos, mas muitas das postagens,⁷⁵ que ali se fazem, parecem ser enunciados que se assemelham a frases escritas em muros e ali deixadas para os passantes.⁷⁶

⁷⁴ A rede social de *micro-blogging* Twitter permite que seus usuários criem uma “linha do tempo”, na qual são feitas postagens curtas (até 140 caracteres) que são visíveis para outros usuários em perfis públicos ou privados. Disponível em <<http://www.twitter.com>>. Acesso em 19 jun. 2013.

⁷⁵ Por “postagem”, entende-se um tipo de publicação que é feita nas redes sociais com intuítos diversos. Desde comunicar um fato, uma notícia, uma história até um vídeo ou foto. A disponibilidade desse material fica a critério de quem faz a postagem. Pode-se, dessa forma, compartilhar de maneira pública ou privada (restrita apenas a pessoas previamente aprovadas).

⁷⁶ De fato, o Facebook chamava o local onde essas “frases” eram inseridas de “*wall*” (em português, “mural”) antes de alterar o nome para “*timeline*” (em português, “linha do tempo”).

Como observaram Demétrio e Costa (2013), a maneira como as pessoas se comunicam no Twitter pressupõe um modo de se referenciar a determinados objetos que correspondem a situações do contexto imediato de produção e assim “em muitos enunciados, nenhuma expressão referencial é empregada para remeter diretamente ao referente” (DEMÉTRIO; COSTA, 2013, p. 105), uma característica que é, de fato, peculiar da fala, uma vez que os enunciadores supõem que aqueles referentes sejam acessíveis a seus interlocutores.

Há uma marcada presença da oralidade na escrita, no plano fonético/fonológico e no plano morfológico/sintático, como apresentam Fusca e Luiz Sobrinho (2010). O que acreditamos é que essa presença também se verifica no plano semântico, dado que sentidos pejorativos de uma unidade lexical comum, como um etnofaulismo, tendem a ocorrer mais em textos com maior predominância de traços da oralidade do que em textos tidos como mais homogêneos.

Não é o objetivo desta pesquisa tratar à exaustão sobre a presença de traços, classicamente atribuídos à fala, num meio escrito. Essa questão constitui-se apenas como um aparato para que possamos confirmar ou não usos injuriosos relacionados a designações étnicas. Entretanto, tal investigação parece ser mais uma das que se abrem a partir deste trabalho.

Capítulo 3

Palavras tabuizadas nos dicionários e as marcas de uso

Há uma série de itens lexicais que, devido ao tipo e situação de uso em que são enunciados, são considerados palavras tabuizadas. Entre elas, podemos citar os turpilóquios, que englobam as palavras erótico-obscuras e os palavrões, e as unidades lexicais injuriosas que se relacionam a grupos étnicos ou sociais. As gírias, conforme aponta Landau (1984, p. 25), podem ter um caráter facecioso, mas não devem ser confundidas com palavras tabus.

Por se tratar de sentidos que remetem a questões raciais preconceituosas e estereotipificadas, os etnofaulismos são passíveis de polêmicas como aquelas relatadas à introdução desta tese ou outras que se reportam no capítulo 5. Nesse sentido, cumpre observar o que teóricos têm relatado sobre essa questão nos dicionários.

Dubois e Dubois (1971) observaram que há uma tendência à exclusão de palavras que pressupõem uma atitude racista nos dicionários. O lexicógrafo suprimiria, assim, itens lexicais injuriosos quando em referência a um grupo social, religioso ou político. Os autores afirmam que aqueles itens que implicam uma ideologia “infame”, como, por exemplo, o já mencionado “*youpin*”, e “*bicot*”⁷⁷ são rejeitados no dicionário dado que “a presença [dessas unidades lexicais nos dicionários] implica um comportamento racista com o qual os locutores querem negar a realidade.”⁷⁸ (DUBOIS e DUBOIS, 1971, p. 103)

Aparentemente, conforme já apontava Wachal (2002), mesmo com a inclusão de marcas de uso, e ao contrário do que acontece com os turpilóquios, “expressões étnicas injuriosas têm se tornado mais tabuizadas em dicionários, assim como em nossa cultura”⁷⁹ (WACHAL, 2002, p. 201)

Sobre o dicionário ainda pesa o fato de que se espera dele uma descrição fiel de uma realidade extralinguística e, assim, as chances de essa descrição se dar de maneira enviesada,

⁷⁷ “*Bicot*”, em francês, é referência ofensiva aos norte-africanos.

⁷⁸ “[la] présence [de ‘youpin’ et ‘bicot’ dans les dictionnaires] implique un comportement raciste dont les locuteurs veulent nier la réalité.”

⁷⁹ “[...] ethnic slur terms have been getting more tabooed in dictionaries, as in our culture.”

segundo a visão que o lexicógrafo tem dessa realidade, são ainda maiores, conforme aponta Béjoint (2000):

Em dicionários de uso geral, muitas definições refletem as atitudes gerais em todos os tipos de questões ideológicas, políticas ou morais. Isso não só é verdade para palavras tabus e para etnônimos, como também para palavras usadas na descrição de sistemas políticos, e para muitas outras que são difíceis de classificar.⁸⁰ (BÉJOINT, 2000, p. 131)

Trata-se, evidentemente, de uma questão que remete à norma cultural e ao uso de certas unidades lexicais que estão fortemente relacionadas à cultura em que foram concebidas. No caso das unidades lexicais que se referem a um grupo étnico ou social e são usadas injuriosamente, a concepção da unidade lexical retrata um contato conflituoso entre povos. Esse enfrentamento reflete-se no dicionário em forma de descrições, em alguns casos enviesadas, em outros com neutralidade, mas que demonstram, de alguma forma, a essência de uma relação que se dá do interior de uma etnia para outra.

Um exemplo reportado por Béjoint é o dos adjetivos “*french*” e “*irish*”, assim definidos no *Collins Dictionary of the English Language* (1979; 1986): “*relating to, denoting, or characteristic of France, the French, or their language*”⁸¹ e “*ludicrous or illogical*”,⁸² respectivamente (BÉJOINT, 2000, p. 131). O autor ainda questiona o leitor se a diferença corresponde ao uso ou é a opinião do lexicógrafo que emergiu no momento de definir.

Algumas vezes, esses conflitos excedem as páginas do dicionário e acabam chegando a autos processuais, petições e manchetes como se vê adiante.

3.1 Questões controversas envolvendo grupos étnicos e lexicógrafos/editores

Robert Burchfield, editor-chefe dos dicionários Oxford entre os anos de 1971 a 1984, relata que, na década de 20, no Reino Unido, o periódico *Jewish Chronicle* serviu de praça para protestos que diziam respeito à acepção “usurário inescrupuloso e regateador” associada ao verbete “judeu” no *Pocket Oxford Dictionary*. Os editores passaram, então, a indicar, no verbete do dicionário, por meio de uma rubrica, que se tratava de um uso depreciativo e o *Jewish*

⁸⁰ “In general-purpose dictionaries, many definitions reflect the society’s general attitudes on all sorts of ideological, political, or moral issues. This is true not only for taboo words and of ethnonyms, but also of the words used in the description of political systems, and of many other that are difficult to classify.”

⁸¹ “relacionado a, que denota, ou característico da França, o francês, ou a língua”.

⁸² “ridículo ou ilógico”.

Chronicle publicou, em 24 de outubro de 1924, um artigo no qual expressava gratidão pelo acolhimento da solicitação, expresso em forma de indicação de uso, por meio de uma marca de uso. Segundo o autor, H. W. Fowler, o editor do dicionário escreveu para R. W. Chapman, editor-chefe na Oxford University Press, dizendo:

Aquele que faz dicionários deve registrar o que as pessoas dizem, não o que ele acredita ser aquilo que elas devem educadamente dizer: como você desenharia a linha entre esse insulto a uma nação e outros como ‘Dutch courage’, ‘French leave’, ‘Punic faith’, ‘the Huns’, ‘a nation of shopkeepers’,⁸³ e centenas de outros? A verdadeira pergunta não é se uma expressão é grosseira, mas se ela é atual.⁸⁴ (BURCHFIELD, 1980, p. 16)

Paralelamente, ainda segundo Burchfield (op. cit.), houve, à época, no contexto da Lexicografia americana, um movimento que exigia o uso de inicial maiúscula para a unidade lexical “*Negro*” e o conseqüente abandono de “*nigger*”, a primeira de conotação menos ofensiva que a segunda, em inglês. Pressionados para que registrassem tal mudança em seus dicionários, os lexicógrafos, nos Estados Unidos, argumentaram que ficariam felizes em registrá-la dessa forma se os escritores passassem a usá-la desse modo em seus textos.

Uma contenda envolvendo o *Concise Oxford Dictionary* teve implicações mais severas, no que Burchfield (op. cit., p. 18) define como “um erro de julgamento do lexicógrafo” ao definir “*Pakistan*”, na edição de 1951, como “a separate Moslem State in India, Moslem autonomy; (from 1947) the independent Moslem Dominion in India”.⁸⁵ Embora a Oxford University Press tenha reconhecido que a definição era “inepta” e “localmente irritante”, afirmou não haver motivação política para a definição, apenas geográfica/didática, uma vez que aquele território encontrava-se no que sempre se conheceu como Índia nos livros de geografia e nos mapas. Tal explicação não foi suficiente para conter a fúria que se propagara entre os paquistaneses. A polícia de Carachi confiscou das prateleiras 215 cópias do *Concise Oxford*

⁸³ Por “*dutch courage*”, entende-se um tipo de coragem ou valentia atribuída à ingestão de bebida alcoólica. A origem da expressão teria a ver com a valentia que o soldados ingleses observavam em soldados holandeses (*dutch*, em inglês) quando esses ingeriam gim; “*french leave*” equivale a “sair à francesa”, em português, e refere-se a partir silenciosamente de um lugar, sem anunciar aos demais; “*punic faith*” pode ser traduzida como “fé púnica” e diz respeito à forma como os romanos se referiam aos cartaginenses e a repetida atitude desses em não cumprir tratados que haviam assinado; “*the Huns*” refere-se aos hunos, povo nômade asiático que invadiu a Europa, nos primeiros séculos da EC. Em sentido pejorativo, refere-se aos alemães; “*a nation of shopkeepers*” é uma expressão que foi primeiramente usada por Adam Smith, na obra *A Riqueza das Nações* (1776) e, posteriormente, tornada famosa por Napoleão ao referir-se aos ingleses como “uma nação de comerciantes”, entendida como pejorativa.

⁸⁴ “The dictionary-maker has to record what people say, not what he thinks they can politely say: how will you draw the line between this insult to a nation and such others as ‘Dutch courage’, ‘French leave’, ‘Punic faith’, ‘the Huns’, ‘a nation of shopkeepers’, and hundreds more? The real question is not whether a phrase is rude, but whether it is current.”

⁸⁵ “um Estado Muçulmano separado na Índia, autonomia muçulmana; (desde 1947) o Domínio Muçulmano independente na Índia”

Dictionary e apreendeu a única cópia do datilógrafo no escritório da Oxford University Press na mesma cidade. As cópias de escolas, órgãos públicos e universidades também teriam sido retiradas.

Enquanto editor-chefe do *Oxford English Dictionary*, Burchfield, em certa ocasião, recebeu em seu escritório o representante da American Conference of Businessmen que afirmou que “Homens de boa-vontade deveriam se unir afim de fazer todo o possível para não dar qualquer sinal de aceitação em relação a usos desfavoráveis da palavra ‘judeu’, se é que tais usos existem”⁸⁶ (op. cit. p. 18–19). A indignação é rebatida pelo editor-chefe dos dicionários Oxford, da maneira como ele nos relata:

“Se eles existem? Mas nós sabíamos, do nosso arquivo de citações, que aplicações desfavoráveis da palavra ‘judeu’ existiam e existem, tanto na fala quanto na escrita, embora sejam deploráveis. Tudo o que eu pude fazer foi repetir os familiares argumentos lexicográficos: é tarefa do lexicógrafo registrar o uso corrente, conforme mostrado por exemplos coletados, não expressar aprovação ou desaprovação moral de uso; dicionários não podem ser reguladores no que diz respeito a atitudes sociais, políticas ou religiosas; não há qualquer problema de ódio da parte do lexicógrafo contra judeus, árabes ou qualquer outro povo.”⁸⁷ (BURCHFIELD, 1980, p. 19)

O autor ainda afirma que “o problema com a palavra ‘judeu’ continuou se manifestando de maneira cada vez mais dramática”. (op. cit., p. 18). Com efeito, há 10 anos, a Lexicografia brasileira registrava, em seus anais, episódio semelhante envolvendo, dessa vez, a comunidade judaica e uma descrição infamadora. À época, um grupo de cidadãos em Campinas encaminhou, por meio de sua advogada, representação ao Ministério Público Federal pedindo que fosse apurado “crime de lesa-humanidade” por parte dos dicionários Aurélio e Houaiss e a obra Enciclopédia Prática Jackson,⁸⁸ devido à acepção pejorativa atribuída à unidade lexical “judeu” que, segundo a representação, atribuía aos judeus os traços de pessoa usurária, avarenta e de má-índole (este último adjetivo encontrado apenas na enciclopédia Jackson). Lê-se ainda, na petição, que pode ser encontrada *on-line*:

⁸⁶ “Men of good will [...] should not unite to do everything possible not to give any appearance of acceptance to unfavorable applications of the word *Jew* if they exist”.

⁸⁷ “If they exist? But we knew from our quotation files that unfavorable applications of the word *Jew* did and do exist, both in speech and in print, deplorable though they are. All I could do was to repeat the familiar lexicographical arguments. It is the duty of lexicographers to record actual usage, as shown by collected examples, not to express moral approval or disapproval of usage; dictionaries cannot be regulative in matters of social, political, and religious attitudes; there is no question of any animus on the part of the lexicographers against the Jews, or the Arabs, or anyone else.”

⁸⁸ Editada na década de 50 pela W. M. Jackson Inc, a obra continha 12 volumes, conforme consta na representação.

As referidas obras são então responsáveis por difundir e exercer influência no sentido de induzir os leitores a considerar todos os membros da comunidade judaica, de forma generalizada, como maus, usurários e avarentos. A qualificação em questão, que constitui uma ofensa direta, configura, sem dúvida alguma, um crime de discriminação por parte de seus autores, uma vez que tende a perpetuar um círculo vicioso que, durante séculos, tem se repetido e só atraído conflitos. Tal círculo vicioso vinha se estabelecendo na medida em que aquela adjetivação pejorativa, de tanto ser repetida e divulgada, acabava causando uma influência tanto em quem a emitia como nas pessoas que eram alvo da mesma, ou seja, nos judeus, os quais, pela força, poder e energia da palavra, acabavam se conformando com a ofensa e, ainda, assimilando o atributo.⁸⁹

A problematização judicial da questão parece não ter ido longe nesse caso, assim como em outras ocorrências semelhantes relatadas por Burchfield (1980), envolvendo o mesmo grupo étnico e outros, com respeito aos dicionários editados pela Oxford. A história, contudo, parece comprovar que não se trata da questão de *se* existirá outro caso envolvendo judeus e dicionários, mas *quando* ele acontecerá.

O que se nota, entretanto, é que grupos étnicos podem estar, ora num lado da querela, ora do outro. Foi o que aconteceu, no final da década de 70, momento em que palestinos deram-se conta da definição que se seguia à entrada “*palestinian*” no *Concise Oxford Dictionary*, publicado em julho de 1976: “(native or inhabitant) of Palestine; (person) seeking to displace Israelis from Palestine”.⁹⁰ A definição gerou grande revolta nos países de língua árabe manifestada em acalorados editoriais em jornais do Oriente Médio, e uma ameaça de que o fato seria levado ao conhecimento da Liga Árabe com pedido de inserção da Oxford University Press na lista árabe de boicotes. Burchfield (op. cit., p. 20) reconhece que a definição era inadequada, mas alega que o espaço disponível para a definição era de duas linhas, não sendo possível dar maiores explicações ou fugir de uma definição formulaica, o que os levou a: “n. Native or inhabitant of Palestine. adj. Of, pertaining to, or connected to Palestine”.⁹¹ A modificação satisfaz a comunidade árabe mas desagradou os judeus. Cartas chegavam à Oxford University Press alegando, por exemplo, que lexicógrafos teriam “se desviado de seus usuais padrões de objetividade acadêmica ao ceder a pressões de grupos pró-árabes”. Burchfield suspeita que ao menos uma organização encarregou-se de alistar pessoas para que escrevessem cartas para a Oxford University Press que, em muitas delas, traziam a

⁸⁹ Texto disponível em: <<http://www2.uol.com.br/jornaldecampos/479/editora.htm>> e <http://www.samamultimedia.com.br/port/noticias/judeu_p.html>. Acesso em: 30 mar. 2015.

⁹⁰ “(nativo ou habitante) da Palestina; (pessoa) que procura deslocar israelenses da Palestina”

⁹¹ “subst. Nativo ou habitante da Palestina. adj. De, pertencente a, ou relacionado à Palestina.”

mesma sentença *ipsis litteris*: “Ao descrever um palestino como um nativo ou habitante da Palestina, vocês, implicitamente, negam a existência do Estado de Israel”⁹² (op. cit., p. 21).

Seco (2003) ressalta o problema de se registrar tais usos, mas aponta que a presença deles nos dicionários justifica-se pelo papel que o lexicógrafo assume, enquanto aquele que registra tais usos.

Figuram também entre os leitores de dicionários determinados coletivos, ou melhor, pessoas que se apresentam como seus representantes, que protestam pelo acolhimento no dicionário de entradas ou de sentidos que consideram ofensivos para eles. O problema dessas honradas pessoas consiste em ignorar que o autor do dicionário não inventa esses usos, já que pertencem à língua real, e que seu dever profissional é registrá-los [...].⁹³ (SECO, 2003, p. 102)

McCluskey (1989, p. 111), ao comentar o caso de “nigger”, relatado por Burchfield, afirma que, para o editor-chefe dos dicionários Oxford, os “editores de obras lexicográficas não deveriam tentar apaziguar grupos ofendidos concordando em omitir palavras ofensivas inteiramente, mas eles têm a tarefa de informar os leitores que certos termos são provocadores”.

Landau (1984, p. 295), numa seção de sua obra chamada “Cartas ao editor”, relata que editores recebem, com frequência, mensagens de indignação relacionadas à inclusão ou à exclusão de palavras tabuizadas e expressões insultuosas nos dicionários. Os argumentos das acusações, em geral, concentram-se no suposto enviesamento, racial ou religioso, por parte do lexicógrafo. Para o autor, cabe aos editores apenas defender-se sob a égide da descrição de usos que já circulam socialmente.

A tentativa de se minimizar a repercussão negativa gerada por esse tipo de descrição de uso, segundo Béjoint (2000), foi, justamente, a inclusão de marcas que indicam ao consulente do dicionário tratar-se de usos com conotação social infamadora, como, por exemplo, a inclusão da letra “R”, com o significado de “uso racial ofensivo” para cerca de 25 palavras, na sétima edição do *The Concise Oxford Dictionary of Current English* (BÉJOINT, 2000, p. 130–131).

⁹² “In describing a Palestinian as native or inhabitant of Palestine, you impliedly deny the existence of the State of Israel.”

⁹³ “También figuran entre los lectores del diccionario determinados colectivos, o más bien personas que se erigen en representantes suyos, que protestan por la acogida en el diccionario de voces o de sentidos que consideran ofensivos para ellos. El problema de estas honradas personas consiste en ignorar que el autor del diccionario no inventa esos usos, ya que pertenecen a la lengua real, y que su deber profesional es registrarlos [...].”

No entanto, Mackintosh (2006, p. 55), sobre essa questão, explica o temor que alguns editores possuem ao incluir palavras tabuizadas nos dicionários, ainda que as marcas de uso estejam sendo cada vez mais usadas, de maneira socialmente consciente.

Essas marcas são, de fato, um elemento-chave, nesta pesquisa, visto que qualquer dicionário moderno faz uso delas, sobretudo no que tange sentidos difamatórios. Importantes e significativas são também as ausências e as presenças de acepções injuriosas nos dicionários, como veremos na próxima seção.

3.2 Presenças suspeitas e ausências sentidas

Num dicionário, contemplar certos usos e não incluir outros que se enquadram num mesmo fenômeno linguístico pode levantar questionamentos. Tavares (2014) aponta que é “[...] um território perigoso o que o lexicógrafo começa a pisar, porque ou coloca todo mundo ou faz a sua amostragem de maneira a não desconfortar os excluídos.”. Soma-se a isso o incômodo que também pode ser sentido pelos que foram incluídos, ao darem-se conta que outros foram excluídos. Além disso, Landau (1985, p. 269) afirma que, “ao reconhecer um conjunto particular de valores e não outros, os dicionários dão a esses valores estabilidade e autoridade”⁹⁴ (1985, p. 269).

Bagno (2006) observou que há uma lacuna nos dicionários brasileiros (especificamente, Aurélio e Houaiss), um espaço que mascara ou omite fatos históricos, por ausências e presenças de acepções e até mesmo de entradas inteiras que compõem importante parte do patrimônio cultural brasileiro e lusitano e que ganharam particular significação, ao tornarem-se, por processos como a antonomásia e a metáforização, parte da língua geral. Essa mesma autora faz ainda uma comparação com dicionários monolíngues e bilíngues de outras línguas como o inglês, francês, espanhol e italiano. Há assim uma correspondência metodológica com nosso trabalho, na medida em que verificamos os usos dos etnofaulismos em *corpora* e comparamos suas definições, em dicionários brasileiros, com aquelas de dicionários de outras culturas.

Quanto às ausências e presenças de sentidos ou mesmo do próprio item lexical que se refere a um fato histórico-cultural marcante da nação, a autora aponta que o dicionário monolíngue desempenha um importante papel didático, “graças [...] a [sua] autoridade cultural e científica naturalmente reconhecida”, sendo assim, “a presença constitui um

⁹⁴ “[...] in choosing to recognize one set of values over other possible sets of values, give the values they select stability and authority [...]”

importante testemunho para fins de perpetuação, na memória social” da própria civilização, de determinadas entradas e acepções figuradas, especialmente se atestadas também nos registros linguísticos cultos”. Por outro lado, “a ausência dos dicionários de algumas entradas ou acepções poderia implicar em outras ausências”. O leitor, ao se ver sem o amparo de uma elucidação quanto a um determinado significado metafórico “é, portanto, induzido a considerar outros dicionários monolíngues, seja do português, seja de outras línguas ocidentais”⁹⁵ (BAGNO, 2006, p. 52)

A ausência de um sentido pejorativo associado ao item lexical “português” nos mais importantes dicionários de língua portuguesa no Brasil causa estranhamento ao leitor/consulente, visto que as “piadas de português” são parte essencial dos ditos espirituosos do vernáculo brasileiro. Como aponta Rowland, essas piadas corroboram para a composição do “[...] estereótipo depreciativo e folclorizado do português ignorante e burro, mas armado em esperto, que ainda hoje, quase meio século após o fim da imigração portuguesa em massa, circula no Brasil.” (ROWLAND, 2001, p. 157–158). Uma questão de natureza econômica que permeia esse tipo de obra de referência justificaria a ausência de um sentido frequente, em dicionários de língua; a presença de tal acepção, em contrapartida, poderia causar conflitos entre a editora do dicionário e o público português, visado também como público-alvo de tais obras. Evidentemente, o sentido depreciativo de “português” não passaria despercebido aos responsáveis pelas obras lexicográficas e a não inclusão pode ser, assim, uma opção consciente que exime editora e lexicógrafo de atritos com um público em potencial — que, como temos visto neste trabalho, conflitos e polêmicas são passíveis de acontecer — uma vez que um dicionário do português pode ser comercializado tanto no Brasil, quanto em Portugal. Prova disso é a grande quantidade de lusitanismos presentes na edição 2001 do dicionário Houaiss. Esse sentido depreciativo de “português” pode ser encontrado, como já mencionado, no DUP, na acepção de número 17, com os devidos exemplos retirados do *corpus*, conforme segue:

português (*Deprec*) no Brasil, pessoa tida como simplória ou pouco inteligente:
— *Parabéns a você.../ — Não é aniversário não, ó português; é aposentadoria (CHU); em compensação conheço a última do português (MPF)*” (BORBA, 2002, s.v. português).

⁹⁵ “[...] grazie anche all’autorevolezza culturale e scientifica naturalmente riconosciuta [a un dizionario monolingue...] la presenza costituisce un’importante testimonianza ai fini della perpetuazione, nella “memoria social” della propria civiltà, di specifiche ‘voci’ e accezioni figurate, specie se attestate pure nei registri linguistici colti. [Ora,] l’assenza dai lemmari di alcune ‘voci’ o accezioni di ‘voci’ potrebbe implicare altre assenze ancora. [... Il lettore] è pertanto indotto a prendere in considerazione anche altri dizionari monolingui, sia di lingua portoghese sia di altre lingue occidentali”

Por outro lado, a presença dos sentidos pejorativos atribuídos à entrada “cigano” e “baiano” leva-nos a questionar a origem de tais acepções. É possível encontrar na literatura referências semelhantes àsquelas usadas para a acepção pejorativa de “cigano”, como lemos na obra *Memórias de um sargento de milícias*:

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócio, porque tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria, e se não, o nosso Leonardo pode dizer alguma coisa a respeito. Viviam em quase completa ociosidade; não tinham noite sem festa. Moravam ordinariamente um pouco arredados das ruas populares, e viviam em plena liberdade. As mulheres trajavam com certo luxo relativo aos seus haveres: usavam muito de rendas e fitas; davam preferência a tudo quanto era encarnado, e nenhuma delas dispensava pelo menos um cordão de ouro ao pescoço; os homens não tinham outra distinção mais do que alguns traços fisionômicos particulares que os faziam conhecidos. (ALMEIDA, [s.d.], p. 35)

Conforme nos aponta Fraser (1995 apud FAZITO, 2006), a associação de imagens negativas aos ciganos dá-se por meio de grandes nomes da literatura:

[...] de acordo com outros [escritores], convenções mais depreciativas se espalharam no século XIX, apresentando os ciganos como selvagens e marginais que se entregavam ao sobrenatural, ao misterioso e ao crime: eles podiam ser usados em livros para crianças ou adultos, como uma estratégia de construção do roteiro, explicando roubos, estranhos acontecimentos ou eventos ocultos ou (seguindo uma história precedente de Cervantes em *La Gitanilla* e depois *Moll Flanders* de Defoe) o relato do desaparecimento de crianças roubadas de seus pais. (FRASER, 1995 apud FAZITO, 2006)

Afirmção que é sustentada por Geipel:

Na Espanha e em Portugal, como em todos os países onde eles se estabeleceram, os ciganos sempre foram considerados com uma mistura de temor respeitoso, desconfiança, hostilidade e fascinação. Miguel de Cervantes, em sua novela *La gitanilla* (1613), de forma alguma foi o primeiro em uma extensa linha de escritores que vilificaram e romantizaram o cigano, enquanto *Discurso de la expulsión de los gitanos* (1618), de Sancho de Moncada, foi apenas uma das muitas diatribes contra eles. (GEIPEL, 1997, p. 139)

Enquanto Bagno (2006), questionou a ausência de “Waterloo”, no sentido de “derrota”, “fracasso” nos principais dicionários brasileiros, questionamo-nos também qual

seria a motivação para a unidade lexical “cigano”, em dicionários brasileiros, ser definida segundo uma visão que retrata esse povo como “velhaco”, “burlador” e “apegado ao dinheiro”, em seu sentido pejorativo, e em dicionários italianos, por sua vez, com a mesma conotação, como “alguém de aspecto desleixado”.

Apresentadas as bases teóricas quanto à problemática das ausências e presenças nos dicionários, encaminhamo-nos para uma reflexão sobre as marcas de uso e sua importância para a descrição dos etnofaulismos presentes nos dicionários monolíngues brasileiros.

3.3 As marcas de uso

As marcas de uso são a face pragmática do dicionário. É a partir delas que o dicionário informa ao consulente sobre questões que não dizem respeito à gramática, nem à fonética ou à etimologia, mas ao uso. Das marcas de uso, esperam-se informações que digam respeito ao registro em que dada palavra ou sentido é utilizado (formal, informal, coloquial, literário ou gíria); da sua atualidade (por exemplo, arcaico ou em desuso); da circunscrição geográfica onde a palavra ou sentido encontra-se em uso; ou ainda — e mais especificamente afim a esta pesquisa — sobre o efeito de sentido que tal uso causa (como humor, jocosidade, eufemismo ou pejoratividade). Esse tipo de informação pode ainda ser apresentada na própria definição e não se configura como uma marca de uso, como podemos observar na entrada “boche”, que segue:

boche 3 adj. e s. m. || nome pejorativo aplicado ao alemão durante a Primeira Grande Guerra. F. fr. Boche. (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. boche)

Entretanto, o exemplo acima não ilustra uma prática comum. Isso porque as marcas de uso, geralmente, são apresentadas com algum destaque tipográfico e, dada a sua recorrência, são abreviadas, o que faz delas um tipo de etiqueta⁹⁶ que se põe a acepções que devem receber alguma forma de indicação de uso àquele que consulta o dicionário, seja para produção ou decodificação de um enunciado. Normalmente, os dicionários apresentam, no início ou ao final da obra, uma lista de abreviaturas, na qual constam (ou deveriam constar) as marcas de uso utilizadas na obra. É importante observar, contudo, como aponta Garriga Escribano (2003, p. 115–116) que as abreviaturas não correspondem, necessariamente, às marcas de uso, já que outros elementos (como a classe gramatical, gênero e número) podem se

⁹⁶ “Marcas de uso”, “etiqueta”, “rubrica” são alguns nomes que esse elemento lexicográfico recebe na literatura.

encontrar abreviados também. Outro dado importante apontado pelo autor é que as marcas de uso podem combinar o uso de recursos tipográficos. Assim, uma marca de uso, geralmente é indicada com algum destaque (como o itálico) e abreviadas (op. cit., p. 106).

Lara (1996, p. 247–248) aponta para o fato de que as marcas de uso são, historicamente, normativas (sobretudo aquelas que indicam um uso social restringido ou mal visto, de construção tida como anormal, ou de procedência estrangeira), uma vez que adverte o usuário do dicionário quanto ao uso. Entretanto, o autor afirma que, modernamente, as marcas que indicam tais casos tornaram-se mais descritivas que normativas, e visam apenas localizar social, morfológica ou genealógicamente as palavras e os usos registrados.

Faz-se necessário assim, para além de uma questão tipográfica ou de nomenclatura, que as marcas de uso sejam também inseridas de maneira coerente ao longo da obra. Corbeil (1998, p. 35), em um trabalho sobre as marcas de uso como meio de descrição dos aspectos conotativos do léxico, ressalta que o lexicógrafo “deve se ater a um método de trabalho o mais rigoroso e mais objetivo possível, a fim de atenuar a parte arbitrária”,⁹⁷ ou seja, aquela parte que está sujeita a um menor rigor metodológico, à própria opinião do lexicógrafo ou à predominância da ideologia dominante. Para tanto, é preciso que haja uma sistematização teórica das marcas de uso, de modo a pautar o trabalho em torno deste elemento lexicográfico, ainda que, como apresentado adiante, não haja uma sistematização dessas marcas nos dicionários.

3.4 Sistematização e categorias de marcas de uso

Hausmann (1977) apresenta uma lista em que categoriza os tipos de marcas de uso com as quais podemos nos deparar num dicionário:

diacrônicas (por exemplo, *antiquado, envelhecido, neologismo*); diatópicas (aplicadas a aceções restritas a certas regiões ou países); diaintegrativas (usadas para assinalar estrangeirismos); diamediais (diferenciam entre as linguagens oral e escrita); diastráticas (por exemplo, *chulo, familiar, coloquial, elevado*); diafásicas (diferenciam entre as linguagens formal e informal); diatextuais (assinalam que o lexema — ou aceção — é restrito a determinado gênero textual; por exemplo, *poético, literário, jornalístico*); diatécnicas (informam que a aceção pertence a uma linguagem técnica, a um tecnoleto); diafreqüentes (em geral: *raro, muito raro*); diaevaluativas (mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude; por exemplo, *pejorativo, eufemismo*); dianormativas (indicam que o uso de certa aceção — ou

⁹⁷ “[...] doit se donner une méthode de travail la plus rigoureuse et la plus objective possible, pour atténuer la part d’arbitraire”.

lexema — é errado pelas normas da língua padrão) (HAUSMANN, 1977 apud WELKER, 2004, p. 131)

O que se espera, no caso dos etnofaulismos, é que eles estejam etiquetados por uma marca/rubrica como “depreciativo” ou “pejorativo”, indicando que tais sentidos injuriosos depreciam aquele a quem se designa como tal. Assim, segundo a classificação de Hausmann, tais etiquetas classificar-se-iam como dia-avaliativas.⁹⁸ Quanto a esse termo, lê-se no *Dictionary of Lexicography*:

Uma característica do uso que se associa uma palavra ou expressão a uma atitude ou avaliação em particular. Tal informação pode ser marcada em dicionários por MARCAS DE USO numa escala de emotividade que vai do “apreciativo”, passando pelo neutro (zona não marcada), até o “pejorativo” e “ofensivo”⁹⁹ (HARTMANN; JAMES, 2002, s.v. diaevalutive information)

Jackson (2002, p. 113), no entanto, classifica tais etiquetas como “de efeito”, pois, de fato, aquele que a utiliza pretende causar um determinado efeito no seu interlocutor. Mais especificamente, trata-se de um efeito que se relaciona à atitude do enunciador. Estão nesse grupo, as etiquetas “depreciativo”, “pejorativo”, “ofensivo”, “apreciativo”, “humorístico”, “jocoso”. Outros tipos de etiquetas de efeito correspondem a “eufemístico”, “literário” e “poético”.

Para Seco (2003, p. 26), as marcas de uso fazem parte da normalização do que ele denomina como “primeiro enunciado”. Ao tratá-las, o autor aponta que o dicionário da Real Academia Española faz diferenciação entre etiquetas como “antigo” e “desuso”, em que as primeiras serviriam para indicar a entrada ou a acepção que pertencem a um vocabulário da Idade Média, e as segundas para entradas ou acepções que se usaram na Idade Moderna, mas que hoje não se empregam (ibid.). Outra afirmação importante feita por ele é quanto a marcas do tipo “figurado”, “por extensão” e “irônico”; essas seriam empregadas apenas em acepções secundárias (ibid.), visto que as primárias seriam aquelas de sentido denotativo.

⁹⁸ A tradução proposta por Welker (2004) para “*diaevalutive*” foi “diaevaluativo”. Entendemos, no entanto, que “*evaluative*”, no inglês, ou mesmo “*evaluación*”, no espanhol, corresponderiam a “avaliação” no português. Propomos, portanto, o termo “*dia-avaliativo*” para referirmo-nos às marcas de uso que dizem respeito a uma atitude em que o falante demonstra uma atitude ou avaliação ao usar uma dada unidade lexical.

⁹⁹ “A usage feature which associates a word or phrase with a particular attitude or evaluation. Such information can be marked in dictionaries by USAGE LABELS on a scale of emotiveness from “appreciative” through neutral (unmarked zone) to ‘derogatory’ and ‘offensive’.”

Sistematizar esse elemento da microestrutura, de forma teórica, faz-se necessário, tão logo conclui-se que as marcas de uso, na prática, não são consistentes, seja ao longo de uma mesma obra, seja quando comparamos diferentes dicionários.

Borba (2003) menciona a importância e pouca homogeneidade desse tipo de informação que compõe a microestrutura de um verbete:

Num dicionário de usos uma informação importante relaciona-se com a variação tanto espacial, [...] como social, no mesmo espaço mas considerada quanto aos diferentes registros utilizados pelas pessoas nas diferentes situações da vida social. Os dicionários costumam dar este tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários (BORBA, 2003, p. 315)

A problemática do ponto de vista do consulente da obra, quando se trata de unidades lexicais tabuizadas, como os chulismos, é tratada por Zavaglia (2012):

De fato, até que ponto o lexicógrafo pode decidir rotular com uma marca ou outra certa unidade lexical, a partir do momento que ela pode migrar de um campo para o outro de uma hora para outra? É desejável que os dicionários monolíngues de língua geral tragam essas marcas de uso, mas é necessário também que o consulente tenha em mente a dificuldade enfrentada pelo lexicógrafo ao registrá-las em seus verbetes. [...] Para estrangeiros que estejam aprendendo o português, a meu ver, é essencial informá-los que ao empregar a unidade lexical caralho, mesmo em intensificadores do tipo pra caralho, em diálogos informais, eles estarão empregando uma unidade lexical considerada chula e um tabuísmo em nossa língua. (ZAVAGLIA, 2012, p. 258)

Dado o caráter controverso dos etnofaulismos, o exame de suas marcas de uso mostra-se bastante relevante como elemento de auxílio à análise que fazemos, uma vez que são as marcas de uso que indicam como o lexicógrafo avalia tal acepção. Essa avaliação aliada à atestação dos usos e a coocorrência de duas ou mais marcas é que nos permitem investigar a problemática que tais etiquetas representam para a Lexicografia — nesse caso, a brasileira.

Com respeito às marcas de uso para os sentidos pejorativos, o que se espera é encontrar, portanto, uma etiqueta dia-avaliativa, como “pejorativo” (utilizada pelo dicionário Houaiss), ou “depreciativo” (no caso do dicionário Aurélio). Com efeito, “pejorativo” é a etiqueta encontrada, no dicionário Houaiss para o sentido “pessoa usurária, avarenta” s.v. “judeu”. Em acepções com essas marcas, é importante que se observe também se há elementos na própria definição (e não apenas a marca de uso, em geral, abreviada) que façam menção à carga ultrajante do sentido. Assim, a análise pode ser favorecida também por uma

nota de uso ou um fato etimológico, que podem contribuir para o entendimento do sentido que aqui nos interessa: o depreciativo.

No contexto da Lexicografia espanhola, Fajardo (1996–1997) aponta os muitos problemas que envolvem o uso das marcas de uso nos dicionários. Desde a ausência de uma definição clara dos valores atribuídos a cada uma das etiquetas usadas nos dicionários (em alguns casos, utiliza-se uma abreviatura que, muitas vezes, não se encontra presente na lista de abreviaturas) até a sobreposição de dois ou mais valores, numa mesma obra, sem que haja uma explicitação da diferença entre eles, como é o caso de “coloquial” e “popular” ou “desuso”, “obsoleto”, “arcaico” e “antiquado”. O autor ainda trata (p. 35–36) da importância da sistematização das marcas de uso de maneira a não criar ambiguidades ou repetições desnecessárias. Assim, no Houaiss (2009), ao etiquetar “bugre” como “brasilianismo” antes de todas as acepções, leva-se o usuário a entender que todas as acepções que se seguem correspondem a essa circunscrição regional:

bugre *s.2g* (1877) *B* 1 ETNOL indígena pertencente ao grupo dos bugres 2 *p.ext.* qualquer índio, esp. o violento 3 *fig. pej.* indivíduo rude, primário, incivilizado 4 *fig.* indivíduo desconfiado, arredio [...]

Todavia, “paraíba”, no mesmo dicionário, tem cada acepção marcada como sendo um uso típico da variante lusófona brasileira:

²paraíba *s.f.* (1922 cf. cf3) 1 *B* *S.* trecho de rio impróprio para a navegação 2 (1950) *B infm. pej.* mulher de aspecto e comportamento masculinos 2.1 *B infm. pej.* m.q. *LÉSBICA* 3 *p.ext. B infm.* mulher forte, lutadora [...]

Ademais, observe-se que a etiqueta “informal” também se repete nas três últimas acepções reproduzidas.

Garriga (1994–1995), ao observar as marcas “*despectivo*” e “*peyorativo*” nos dicionários da Real Academia Española, apontou que, assim como se verifica com as marcas de uso em geral, as que acompanham um sentido pejorativo também não são utilizadas de maneira consistente. Em muitos casos, não são nem mesmo marcas de uso, mas uma informação que indica a pejoratividade no interior da própria definição, ou ainda no espaço destinado à explicação etimológica.

Norri (2000) vê-se diante de problema semelhante com respeito a alguns dicionários de língua inglesa que utilizam rótulos como “*derogatory*”, “*offensive*” e “*disparaging*”, sem que haja

uma clara distinção entre eles, como feito pelo *Random House Dictionary* (1987), que explicita em seu *front-matter*: “‘Depreciativo’ para palavras que são usadas para menosprezar alguém; e ‘Ofensivo’ para palavras que podem ser ressentidas pelo receptor, mesmo quando elas não são usadas deliberadamente para menosprezá-los.”¹⁰⁰ (BÉJOINT, 2000, p. 131).

Delbridge (1987 apud BENSON, 2001, p. 47), de fato, corrobora esse cenário de pouca sistematização ao afirmar que os consulentes de dicionários depararam-se com dois problemas: a falta de qualquer certeza sobre os critérios que levaram a aposição de certas marcas, num dado dicionário; e a ausência de um consenso terminológico, entre diferentes dicionários.

No caso da etiqueta “figurado”, Garriga Escribano (2003, p. 119) a classifica como uma marca de transição semântica e expõe que esse tipo de etiqueta representa, como poder-se-á verificar na análise que fizemos neste trabalho, um problema no que se refere ao tipo de informação que abrange. Um sentido figurado justifica-se, diacronicamente, quando a partir de um sentido original (denotativo) surgem outros, por um processo metafórico. Esse mesmo autor aponta que, nos dicionários da língua espanhola, a etiqueta “figurado” tem tido um alto uso, mas ressalta que, dado o seu caráter etimológico e diante da ausência de um dicionário histórico do espanhol, é difícil precisar quando uma acepção tem origem a partir de outra, se se desconhece qual das duas surgiu primeiro. Dessa forma, o autor ainda argumenta que, num dicionário de usos, essa etiqueta não se justifica, já que ele parte do critério de frequência para ordenar as acepções dentro de um verbete.

Da mesma opinião é Porto Dapena que afirma que esse tipo de informação “não se justifica num dicionário de uso, já que sua utilização implicaria numa visão evolutiva”¹⁰¹ da unidade lexical em questão (PORTO DAPENA, 2002, p. 255). Acrescenta ainda Garriga Escribano (ibid.) que muitos dicionários modernos do espanhol têm prescindido dessa marca. Com efeito, para os escopos de nossa pesquisa, a etiqueta “figurado” pouco elucida quanto ao fato de se tratar de sentidos injuriosos, mas revela apenas tratar-se de um sentido que deriva do primeiro apresentado no verbete. A dificuldade de se precisar o critério utilizado nos dicionários ao se aplicar a etiqueta “figurado” fica evidenciada por Casares quando ele afirma “que [a abreviatura *fig.*] tanto se esbanja nos dicionários de maneira pouco cuidadosa.”¹⁰² (1992 apud GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 119)

¹⁰⁰ “*Disparaging* for the words that are used in order to belittle someone, and *Offensive* for the words that can be resented by the receiver, even if they are not used deliberately to belittle them.”

¹⁰¹ “[...] no se justifica en un diccionario de uso, ya que su utilización implicaría una visión evolutiva [...]”

¹⁰² “[la abreviatura *fig.*] que se prodiga nos diccionarios un poco a la buena de Dios.”

Embora as marcas de uso estejam se tornando um elemento cada vez mais importante, como afirma Béjoint, sobretudo pelo fato de, em dicionários eletrônicos, poderem ser usadas como chaves de busca, segundo esse autor, as marcas acabam passando despercebidas e que não é fácil reduzir a algumas etiquetas, “as variações infinitesimais nas intenções de um emissor e os efeitos no receptor”¹⁰³ (BÉJOINT, 2010, p. 208). Para os propósitos deste trabalho, essa constatação é particularmente interessante, haja vista que as marcas de uso dia-avaliativas etiquetam usos que são carregados de intencionalidade (a saber, a de ofender), mas essa ainda é a melhor opção para a descrição dos etnofaulismos, sobretudo quando aliada a outros elementos da microestrutura como os exemplos, os comentários semânticos e as notas de uso.

As unidades lexicais ofensivas que dizem respeito a nomes de povos e grupos sociais, marcadas ou não, são detalhadas no próximo capítulo.

¹⁰³ “[...] the infinitesimal variations in the intention of the sender and the effect on the receiver are not easily reducible to a few labels.”

Capítulo 4

Metodologia e análise

Os dicionários analisados, neste trabalho, compreendem o *Caldas Aulete*, em sua versão *on-line* (doravante Aulete Digital), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, edições de 2001 e 2009 (doravante Houaiss), *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (doravante Aurélio), em sua 5ª edição, de 2010, e o *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (doravante Michaelis), de 1998. A partir de um levantamento prévio de etnônimos com algum sentido pejorativo, observamos as marcas de uso utilizadas para essas acepções, e ainda, conforme procedeu Bagno (2006), verificamos como dicionários de outras línguas descrevem os etnônimos injuriosos, quando essa possibilidade se verifica.

4.1 Dicionários brasileiros utilizados neste trabalho

O dicionário Caldas Aulete é uma obra tradicional na língua portuguesa de Portugal. Sua primeira edição remonta ao ano de 1881 e, mais recentemente, tem passado por um processo de revisão desde que a Lexikon Editora Digital comprou os direitos da obra e colocou seu conteúdo *on-line* (Figura 4), em 2006, adaptando-a ao mercado brasileiro. Desde então, a editora tem afirmado que a obra tem passado por alterações realizadas por colaboradores diretos e indiretos, que correspondem a usuários do dicionário que sugerem novas entradas e definições a partir da página *Nosso Aulete*. No *site* da obra é possível visualizar os verbetes atualizados e os verbetes do dicionário Caldas Aulete original, os quais são apresentados, por padrão, quando não há um verbete atualizado disponível para a entrada procurada. Segundo é informado no próprio *site*, o dicionário conta com “818 mil verbetes, definições e locuções em permanente atualização”.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Conforme divulgado em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 20 set. 2014.

Figura 4: Interface do Aulete Digital



O Aurélio, obra que carrega o nome de seu criador Aurélio Buarque de Holanda, é o dicionário mais conhecido e, provavelmente, ainda o mais difundido no Brasil. Ele representa o primeiro grande dicionário, organizado por brasileiros e pensado para eles. O dicionário Aulete, por exemplo, foi adaptado do português europeu para o brasileiro, em 1958 (NUNES, 2008). A primeira edição do Aurélio foi publicada em 1975 e, atualmente, encontra-se na sua 5ª edição (de 2010, a qual utilizamos neste trabalho), cujos direitos pertencem à editora Positivo. Por muito tempo, o Aurélio representou, no Brasil, um sinônimo de “dicionário”, servindo como “norma linguística e lexicológica” (BIDERMAN, 1984, p. 30), nesse país. Antes do seu lançamento, o número de verbetes que se divulgava para a 5ª edição era de 137.838.¹⁰⁵ Não há uma edição *on-line* disponível desta obra.

O dicionário Houaiss, por sua extensão e projeto lexicográfico, é uma obra robusta que contava com cerca de 228 mil entradas, na primeira edição (2001). Como vimos afirmando o dicionário — e não apenas o monolíngue — está sujeito às condições de mercado como qualquer outra obra, de modo que sua confecção também é pautada por critérios que o tornem mais barato, acessível e sempre à frente da concorrência. Assim, em 2009, a Editora Objetiva lançou a segunda edição da obra, com grande destaque para a revisão ortográfica, cujas tratativas tiveram início em 1990 e das quais participou o próprio Antônio Houaiss. Entretanto, a obra foi disponibilizada ao público com outras alterações, como a ausência de muitas acepções que se referiam, na primeira edição, aos lusitanismos,

¹⁰⁵ Conforme se encontra em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2010/05/familia-lembra-aurelio-buarque-de-holanda-homem-que-virou-dicionario-em-seu-centenario.html>>. Acesso em: 20 set. 2014.

informações etimológicas, conforme se observa mais adiante, na análise dos dados desta pesquisa.

A primeira edição do dicionário Houaiss foi, na verdade atualizada, passando a se chamar *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Entretanto, o adjetivo “grande” não figura “na capa, na ficha catalográfica nem em parte alguma [da primeira edição não atualizada] do referido dicionário”, como bem observa Braga.¹⁰⁶ A segunda edição, portanto, trata-se de uma versão concisa da primeira, obviamente com atualizações, seja no que diz respeito ao último acordo ortográfico, seja no que diz respeito à atualidade do léxico e das definições que lhes cabem no uso sincrônico da língua.

A aparente confusão causada por uma estratégia de marketing, qual seja, anunciar se tratar de uma nova edição de uma obra completa para, posteriormente, anunciar que a segunda edição do dicionário “grande” ainda estaria por ser lançada, certamente, é algo que depõe contra a obra, pela confusão gerada, e demonstra que os interesses comerciais vêm antes, também para esse tipo de obra. Essa diferença entre as versões ecoa, também nesta pesquisa, visto que há uma redução significativa das notas enciclopédicas, na edição de 2009, bem como de sentidos que, na edição de 2001, eram marcados como lusitanismos.

O Houaiss pode ser encontrado *on-line*,¹⁰⁷ apenas disponível para assinantes do provedor de conteúdo e de Internet, Universo Online (UOL), sob o nome de *Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (beta) (Figura 5).

¹⁰⁶O tradutor, intrigado pela óbvia diferença de tamanho da segunda edição do Houaiss em relação à primeira, fez um levantamento a respeito do número de entradas na segunda edição do Dicionário Houaiss. O seu método e os resultados estão descritos na página <<http://tradutor-profissional.blogspot.com.br/2009/10/o-novo-houaiss-08.html>> (Acesso em: 21 fev. 2013). Na mesma página, é possível ainda ver reproduzidos e-mails trocados entre o autor do texto e Mauro de Salles Villar, lexicógrafo encarregado do Dicionário Houaiss, no Instituto Antônio Houaiss.

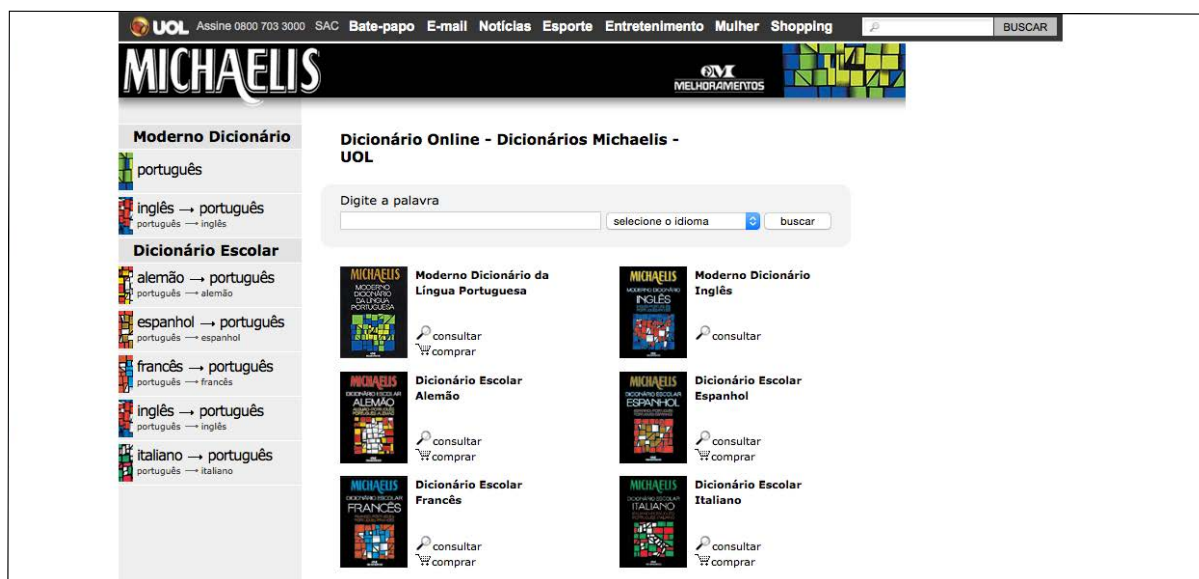
¹⁰⁷ Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

Figura 5: Interface do Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa (beta)



Em 1998, a editora Melhoramentos lançava, no Brasil, o *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Segundo a própria editora, o dicionário chegava ao mercado com 201.174 verbetes, “cerca de 76.000 a mais que o velho Aurélio, cuja última atualização [ocorrera] em 1986” (GRAIEB, 1998) e que, a época, propunha-se como um concorrente direto à hegemonia do dicionário Aurélio. Esse dicionário, a exemplo do Aulete, encontra-se disponibilizado *on-line*¹⁰⁸ (Figura 6).

Figura 6: Interface do Michaelis *on-line*



¹⁰⁸ Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

4.2 Levantamento prévio de etnofaulismos

É importante ressaltar que o fato dos dicionários Aulete Digital e Michaelis encontrarem-se à disposição de qualquer usuário da Internet, sem necessidade de qualquer tipo de cadastro para consulta, é determinante para que esse tipo de obra de referência alcance o grande público. Entendemos que um dicionário monolíngue presta-se não apenas a solucionar dúvidas (de sentido, de ortografia, de regência, para citar algumas) dos falantes da comunidade linguística na qual foi concebido, mas também de consulentes cuja língua materna não é o português, como por exemplo, um tradutor estrangeiro que traduz do/para o português ou um estudante de português como língua estrangeira.

Essa facilidade de acesso e a prescindibilidade de cadastro para acessar os dicionários Aulete Digital e Michaelis permitem que ele seja indexado pela ferramenta Google, o que possibilitou que usássemos este motor de busca para o levantamento de etnofaulismos, buscando pela etiqueta “pej” (de “pejorativo”) nos sites que hospedam esses dicionários;¹⁰⁹ dos resultados obtidos, separamos aqueles que estão relacionados a um grupo étnico. Realizamos, todavia, também uma busca manual nos dicionários Houaiss e Aurélio, visto que suas versões digitais (em *CD-ROM*) não permitem buscas por etiquetas (como “pejorativo”, “depreciativo”, “informal” e outras). Ademais, interessam-nos ainda os etnofaulismos que contenham alguma acepção pejorativa, mas que estejam marcados com outras etiquetas (conforme explicitamos mais adiante) ou nenhuma.

Valemo-nos também do *Dicionário Brasileiro de Insultos*, de Aranha (2002), a fim de elencar unidades lexicais com sentidos pejorativos. O levantamento a partir dessa obra foi feito observando-se as entradas que se referem de alguma forma a um grupo étnico.

4.3 Elementos analisados no verbete

Com respeito às marcas de uso no Aulete Digital, Aurélio, Houaiss e o Michaelis observou-se, como já afirmado anteriormente, que tais dicionários marcam os etnofaulismos de maneira heterogênea, insuficiente e ambígua, conforme apresentamos nas próximas seções.

A análise que aqui propomos recai sobre a microestrutura de unidades lexicais que correspondem a um etnofaulismo e que, dentre os sentidos que o compõem, haja um que seja injurioso. Dentre os elementos da microestrutura que são passíveis de investigação, neste trabalho, estão: as marcas de uso, as notas de uso, as notas etimológicas ou enciclopédicas e os

¹⁰⁹ A expressão de busca, no Google, para encontrar acepções marcadas como pejorativas no Aulete: “pej site:<http://aulete.com.br>” (sem as aspas)

exemplos (ou abonações, em alguns casos); por vezes, a própria definição pode ser válida para a análise. Como apontado, anteriormente, a ausência de informações (grau zero de informação) pode ser significativa, uma vez que a microestrutura abstrata prevê a possibilidade, quando aplicável, de tais informações.

A análise dos dados obtidos leva, portanto, em conta: (i) a presença (ou ausência) de uma ou mais marcas de uso apostas às acepções injuriosas dos etnofaulismos individualizados; (ii) uma observação de possíveis informações em forma de pré ou pós-comentário semântico, dos exemplos de uso fornecidos pelo dicionário; (iii) uma confrontação feita com dicionários de outras línguas românicas e do inglês, quando possível; (iv) a pertinência dos sentidos e das marcas de uso a eles atribuídos a partir do exame da presença dos etnofaulismos em obras literárias, num dicionário de usos como o DUP, ou ainda em buscas na rede social Twitter ou em alguns *corpora on-line*.

Vale ressaltar que nem todos os etnofaulismos podem ter seus usos atestados por meio do Twitter. Conforme poder-se-á observar mais adiante, “papista” e “saloio” são unidades lexicais frequentes na rede social Twitter, contudo a primeira, além de ocorrer no português do Brasil, ocorre também no português europeu e na língua espanhola e a segunda é muito mais frequente em português europeu. Tais resultados não são levados em consideração, visto que os dicionários observados, nesta pesquisa, são, essencialmente, do português brasileiro e queremos, justamente, demonstrar como tais conotações relacionadas a essas unidades lexicais encontram-se em uso, embora não definidas nos dicionários.

Ademais, para o caso de “saloio”, como poder-se-á constatar na seção 4.5.12, como não se trata de um item lexical em uso no Brasil, optamos por atestar seu uso, valendo-nos de um *corpus* tradicional e não o Twitter, como observar-se-á mais adiante.

4.4 A rede social Twitter

O Twitter¹¹⁰ é uma rede social de *microblogging* em que seus usuários escrevem textos curtos, de até 140 caracteres (imagens, vídeos e *hyperlinks* também podem acompanhar cada postagem). No Brasil, o Twitter contava, em 21 de março de 2014, com 214 milhões de usuários ativos (SOUZA, 2014) e sua popularização pode ser confirmada pela inclusão do verbo “tuitar” na 5ª edição do dicionário Aurélio, a mesma utilizada neste trabalho.

O acesso à rede — que está totalmente traduzida para o português do Brasil — é gratuito e feito por meio de um cadastro. Ao se cadastrar, o usuário deve escolher um nome de

¹¹⁰ Disponível em <<http://www.twitter.com>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

usuário (ao qual se apõe o caractere arroba [@]), que passará a funcionar como identificador desse usuário.

As mensagens postadas na rede por um dado usuário são acompanhadas por outros (os chamados “seguidores”). A essas mensagens dá-se o nome de “tuíte”. Essas mensagens podem ainda ser compartilhadas (procedimento conhecido como “retuíte”) o que permite um tipo de interação entre os usuários, que também podem se comunicar entre si, pública ou privadamente. Como mencionado acima, cada usuário na rede possui um nome específico. Para que um usuário escreva para outro, publicamente, é preciso que a mensagem comece com o nome de usuário e, em seguida, a mensagem que se deseja enviar.

Os tuítes podem ser públicos ou privados, isto é, se o usuário definiu seu perfil como público, suas mensagens estarão acessíveis para qualquer pessoa na Internet. Por outro lado, se o perfil estiver definido como privado, somente usuários autorizados podem ter acesso às mensagens postadas. Essa é uma informação importante, na medida em que apenas mensagens postadas publicamente são buscáveis. Ainda sobre o sistema de pesquisa, o Twitter apresenta também um sistema de busca bastante rudimentar. Não é possível, por exemplo, definir que a busca seja feita apenas entre usuários brasileiros (ou que tenham se declarado como residentes ou naturais de um determinado país). Certamente, como tratado adiante, essa é uma limitação que torna mais laborioso o trabalho de busca por determinados usos lexicais no caso de itens que são homógrafos em línguas diferentes (como é o caso de “papista”).

Quanto à busca realizada no Twitter, essa foi feita utilizando-se o aplicativo Tweetbot,¹¹¹ mas poderia ser feita pela própria página do Twitter. Ao inserir a expressão de busca, a ferramenta mostra em uma lista os tuítes que correspondem àquela pesquisa. Entretanto, uma busca por “cigano”, por exemplo, traz resultados de usuários que estão comentando o programa “Meu grande casamento cigano”.¹¹² Para excluir esses resultados — visto não corresponderem a etnofaulismos — basta inserir “-casamento” na busca, conforme ilustrado na Figura 7.

¹¹¹ Disponível em: <<https://itunes.apple.com/br/app/tweetbot-for-twitter/id557168941?mt=12>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

¹¹² Produção estadunidense, transmitida no Brasil pelo canal pago TLC, em que são retratadas pompas de um casamento cigano, conforme relatado em <<http://www.tlctv.com.br/na-tv/meu-grande-casamento-cigano/>>. Acesso em 31 mar. 2015.

Figura 7: Interface do Tweetbot e busca por “cigano”, excluindo-se tuítes com “casamento”



4.5 Análise dos etnofaulismos

Como já mencionado, a análise que se faz neste trabalho corresponde a uma observação dos etnofaulismos e dos elementos microestruturais que os acompanham. Em alguns casos a análise é reforçada por uma comparação com dicionários de outras línguas, por uma atestação utilizando o Twitter ou textos literários ou por outros dicionários da língua portuguesa.

Nos 87 etnofaulismos, 130 apresentam acepções depreciativas, que se encontram elencados no Apêndice deste juntamente com seus significados: 67 correspondem a etnônimos injuriosos e 20 a injúrias étnicas. O maior número de sentidos deve-se ao fato de que alguns etnofaulismos comportam mais de uma acepção pejorativa, como é o caso de “curumba” que pode tanto significar um “andarilho”, como o “trabalhador de engenhos”, ou ainda, o “caipira”.

Os 13 etnofaulismos analisados (11 etnônimos injuriosos e duas injúrias étnicas) foram escolhidos por terem sido considerados mais representativos para ilustrar a metodologia descrita nesta pesquisa.

4.5.1 O baiano e seus muitos estereótipos

O caso do item lexical “baiano”, já mencionado neste trabalho, assim como “paraíba” e “cabeça-chata”, diz respeito a um etnofaulismo associado a um região geográfica do Brasil,

o Nordeste. Aos habitantes dessa parte do país, associam-se imagens que, não raro, os depreciam. Ao baiano, segundo os dicionários, cabem quatro acepções pejorativas, a saber: (i) o indivíduo de modos simples, um caipira; (ii) aquele que não monta bem a cavalo; (iii) o que se dá a contar vantagens; e (iv) indivíduo tolo, negro, ignorante.

Os sentidos de número (i) e (ii) encontram-se presentes nos dicionário Aulete, Aurélio, Houaiss e Michaelis; o de número (iii), apenas no Aurélio; e, o de número (iv), apenas no Houaiss.

Sobre esse último, o dicionário assim o define:

¹baiano *adj.s.m.* (1534) 1 relativo à Bahia, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante [...] 6 *B.S.* indivíduo originário ou habitante de qualquer dos estados brasileiros, excetuando-se a região Sul; nortista 6.1 *infrm. pej. us. tb.* como palavra-ônibus disfêmica e preconceituosa, fora do Estado da Bahia, com significados como 'tolo', 'negro', 'mulato', 'ignorante', 'fanfarrão' etc. (HOUAISS, 2001, s.v. ¹baiano)

Perceba-se que 6.1 é uma subacepção da acepção 6 (esta não marcada como pejorativa). O dicionário Houaiss diz tratar-se de uma palavra que comporta muitos sentidos, e, portanto, não se pode delimitá-la, semanticamente (“palavra-ônibus”).

À mesma época da polêmica em torno dos sentidos pejorativos de “cigano”, no dicionário Houaiss, esse sentido de “baiano”, também no Houaiss, gerou certa insurgência que parece não ter chegado aos tribunais.

O jornal *A Região*, de Itabuna, na Bahia, no dia 27 de abril de 2012, publicou matéria, afirmando que: “Dezenas de leitores enviaram emails protestando contra um dos significados que o dicionário Antonio Houaiss atribuiu à palavra ‘baiano’. Ele lista como sinônimo [sic] ‘tolo, negro, mulato, ignorante’” (A REGIÃO, 2012). Segundo a publicação, os leitores ainda “acham que o dicionário Houaiss deveria ser banido das escolas baianas.” (ibid.)

Como já apontamos anteriormente, ao “baiano” está associado um estereótipo de “preguiçoso”, que também pode ser observado a partir de alguns tuítes, recuperados a partir da busca por “baiano preguiça”, em 23 de abril de 2013:

1. “Hj uma cliente de SP falou mal dos cariocas. Dizendo que carioca é baiano que ia descer pra SP, ficou com preguiça e parou no Rio. MORRI! KK” (https://twitter.com/vini_eg/status/326479088577556480)
2. “Dia bom para ler, descansar e pensar na vida. Estilo baiano de ser. O preguica.” (<https://twitter.com/kadugamboia/status/325975421617336320>)
3. “to com mais preguiça do que baiano em dia de frio” (<https://twitter.com/Vitindigdin/status/325374750727733248>)

A mesma chave de busca, em 15 de julho de 2014, retornou outros resultados, dentre eles a conversa abaixo:

4. “chegou minha toca da OBEY” (<https://twitter.com/caaraleo/status/488770480661594112>)
“@caaraleo aquela lá ainda? manolo q demora” (<https://twitter.com/trutamires/status/488770974289252353>)
“@trutamires kkkkkk sim, ficou 1 mês e meio na alfândega em Curitiba” (<https://twitter.com/caaraleo/status/488771221237297152>)
“@caaraleo nada passa lá os cara acha q os bagulho é contrabando” (<https://twitter.com/trutamires/status/488771688184946688>)
“@trutamires na verdade é que só trabalha baiano dai os cara fica com preguiça de checar os produtos” (<https://twitter.com/caaraleo/status/488771806086823936>)
“@caaraleo cê é loko baiano é só naqueles esquema “mas q preguiça boa me deixa aqui atoa”” (<https://twitter.com/trutamires/status/488772800552128514>)

Entretanto, uma busca apenas por “baiano”, na rede social, revelou outro sentido pejorativo associado ao item lexical que, a exemplo do sentido acima, não se encontra descrito no dicionário, conforme se evidencia na conversa abaixo, recuperada também do Twitter, no dia 15 de julho de 2014, e que parece envolver um baiano:

5. “Não existe nada mais emergente e baiano do que ficar postando foto do print da conversa no whatsapp” (https://twitter.com/_Joaohonorio/status/488909566789566465)
“@_Joaohonorio '-' pq baiano? 😞😞😞😞😞😞” (<https://twitter.com/VViniciusbraz1/status/488916774029918208>)
“@VViniciusbraz1 desculpa baiano 😞😞😞😞😞 sugestão para o que usar ao invés de “baiano”?” (https://twitter.com/_Joaohonorio/status/488917017404403713)
“@_Joaohonorio Se for no sentido de escroto usa escroto ou ridículo...Agr se for baiano tipo eu usa lindo,negro maravilhoso, essas coisas 😞😞” (<https://twitter.com/VViniciusbraz1/status/488917366471143424>)

Tal ocorrência se confirma a partir de resultados recuperados no dia 1º de julho de 2012:

6. “Harry e essas blusas de baiano dele, sou apaixonada desculpa” (<https://twitter.com/Lebelastyles/status/488876794624610304>)
7. “Ta 10 graus a criatura ta de luva touca e japona = é baiano” (https://twitter.com/Reh_PreTaa/status/488833951545712640)
8. “Esse meu vizinho só Esculta música de baiano. 😞” (<https://twitter.com/tedoumamordia/status/488831848743972864>)
9. “Vou sair de vestido e touca <3 kdoaiseqki” (<https://twitter.com/rayanekarime/status/488731332919689216>)
“Tudo baiano” (<https://twitter.com/rayanekarime/status/488734414982365185>)
10. “O jeans da shakira no fantástico tava bem baiano” (<https://twitter.com/ziamlacrado/status/488727080751087616>)

Os atributos de “preguiçoso” e “brega” compõem assim estereótipos que acabam por criar sentidos que depreciam o povo baiano, mas, contrariamente ao que ali se encontra, esses não estão definidos pelo dicionário. Estariam tais usos recobertos no dicionário pela acepção que diz se tratar essa de uma “palavra-ônibus disfêmica”, no dicionário Houaiss, ou do sentido que remete ao “caipira”?

Mais uma vez, recorreremos aqui a um trabalho que analisa uma obra literária que retrata o período colonial brasileiro, mais precisamente, o texto de Capistrano de Abreu, que elucidada a preguiça atribuída ao baiano.

À postura indolente, ao comportamento de fuga e revolta do negro escravizado diante dos trabalhos forçados, será construído talvez um simulacro arquitetado sobre a temática da preguiça e, por ser a Bahia o território onde há a maior população negra fora do continente africano, este simulacro foi generalizadamente atribuído ao baiano. O segundo momento remete à década de 1940, em que há relatos de uma forte corrente migratória nordestina – portanto, não apenas do território Baiano – em direção ao sudeste brasileiro. Neste momento, há o reforço da temática do nordestino imigrante e ignorante, mais uma vez a partir do simulacro, haja vista que o baiano (também condensando aqui a nomeação de nordestino) passa a ser representado por um efeito de imaginário, sumariamente reduzido à designação do baiano preguiçoso e ignorante. (SOUZA, 2012, p. 3)

Como bem aponta o autor, há, indubitavelmente, uma forte relação que associa língua e história e, segundo a perspectiva adotada em seu trabalho — uma análise discursiva pecheutiana —, “a ideologia integra este jogo através do sujeito enquanto prática discursiva” (op. cit., p. 5), propagando-se, assim, tão logo outros sujeitos perpetuem tal discurso.

Nesse sentido, entendemos que o dicionário compõe tal “jogo” como um descritor de tais enunciados. A questão que se coloca em dúvida é que a descrição tem se mostrado lacunar para determinados sentidos. Caberia descrever o sentido de “preguiçoso”, assim como o de “brega”, mas valendo-se de instrumentos como as marcas de uso, incluindo as diatópicas, nos casos em discussão, visto tratar-se de usos difundidos nas regiões Sudeste e Sul. Conforme aponta Cardel (2009), a cidade de São Paulo é uma das grandes utilizadoras desses usos:

Reduzido pela lógica êmica à categoria empírica “baiano”, o sertanejo nordestino transita pela *urbe* paulistana como um ente perigoso, apesar de estatisticamente pertencer ao grupo que mais sofre com a violência urbana e com os aparatos da contra-violência. Este “baiano” representa tudo o que é sujo, feio, maldito, de mau gosto, de brega, de atípico, ou seja, ele incorpora

toda a distímia e o pessimismo de uma São Paulo heterotópica. No imaginário saudosista, a metrópole utópica que um dia existiu em um passado distante, era a expressão de uma cidade familiar, compreensível, tranqüila e maravilhosa antes da chegada maciça dos sertanejos nordestinos. (CARDEL, 2009)

Ressalte-se ainda que o DUP, dentre os sentidos pejorativos aqui tratados, apresenta apenas o de “qualquer indivíduo oriundo do nordeste” e “contador de vantagens”.

baiano *Adj* [Classificador] 1 natural ou habitante da Bahia: [*Eliseu*] não é baiano, nunca teve parente baiano (BP) [...] 9 pessoa natural do Nordeste; nordestino: *E quando nós aqui do Nordeste chega lá no Sul, como é que paulista diz?* “Baiano safado”, “baiano vagabundo”, “baiano não presta pra nada” e outros mais (COR) 10 (*Deprec*) indivíduo contador de vantagens; fanfarrão; *Estou falando demais? Tô dando uma de baiano, pô!* (E) (BORBA, 2002, s.v. baiano)

O baiano, assim, soma-se a mais um dos povos nordestinos que, ao migrarem para outras regiões do país, ganharam alcunhas e sentidos pejorativos associados ao nome que os designa. Não apenas são usados para designar qualquer nordestino (a exemplo de “paraíba”), mas ainda aquele que não monta bem a cavalo — o que se depreende também da obra de Capistrano de Abreu (SOUZA, 2012, p. 4) —, o que conta vantagens, o ignorante e outras acepções que (ainda) não chegaram ao dicionário.

Se consultarmos o *Dicionário inFormal*, encontramos, logo na segunda acepção, o sentido que poderia ser útil a um não falante do português para decodificação de algum dos tuítes acima reproduzidos.

2. Baiano (Por Dicionário inFormal (SP) em 17-08-2006) Pessoa brega, que gosta de chamar atenção de uma forma estranha, ridícula. *O cara pintou o carro de verde-limão com estampas cor-de-rosa só pra chamar atenção. É um baiano mesmo.*¹¹³

4.5.2 O “brasileiro” nos dicionários brasileiros

Um caso interessante a se evidenciar é um dos sentidos de “brasileiro” apresentado pelos quatro dicionários observados. Com exceção do Aurélio, os dicionários marcam uma acepção pejorativa como “lusitanismo”, como se pode observar abaixo:

brasileiro [Do top. *Brasil* + *-eiro*.] *Adj*. 1. De, ou pertencente ou relativo ao Brasil. ~ *V. barroco* —, *colonial* —, *complexo* —, *fila* —, *inversão* —a, *norma* —a e *palmo* —. • *S. m.* 2. O natural ou habitante do Brasil. [Sin. (nessas acepç.): *brasiliano*, *brasiliense*, *brasilense*, *brasilico*, *brasílio*.] 3. **Alcunha com que os**

¹¹³ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/baiano/>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

portugueses designam os seus compatriotas que voltam ricos do Brasil. (FERREIRA, 2010, s.v. brasileiro)

brasileiro (bra.si.lei.ro) sm. 1. Pessoa nascida ou que vive no Brasil 2. Lus. Pop. O português falado no Brasil a. 3. Que nasceu ou vive no Brasil, que é do Brasil; típico desse país ou de seu povo 4. Que é feito, criado ou adotado por brasileiros: arte brasileira: futebol brasileiro 5. Lus. Pej. Português que enriqueceu no Brasil e voltou a Portugal [Col.: brasileirada.] [F.: Brasil + -eiro. Sin. nas acps 1 e 3: brasiliano, brasiliense, brasilense, brasílico.] (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. brasileiro)

brasileiro *adj.* (1706 JSSil 74) 1 relativo ou pertencente à República Federativa do Brasil ou que é seu natural ou habitante <território b.> <indígena b.> 2 relativo ou pertencente aos brasileiros <sobrenome b.> <costumes b.> 3 que é feito por brasileiros <música b.> <cinema b.> <esporte b.> 4 típico do Brasil ou dos brasileiros <comida b.> <jeito b.> <paisagem b.> ■ *s.m.* 5 o que é natural ou habitante do Brasil <os b. não sabem defender seus direitos> 6 aquele que possui cidadania brasileira 7 *P infm.* a língua portuguesa tal como é us. no Brasil <ouviu alguém falar em b.> 8 *P pej.* emigrado, ger. rico, que retorna do Brasil a Portugal 9 *P pej.* novo-rico de mau gosto, sem educação ou cultura ♦ b. de mão furada *P infm.* *pej.* português que volta do Brasil para Portugal sem fortuna © ETIM top. *Brasil* + *-eiro*; ver ¹*bras-* e *brasil-*; f.hist. 1706 *brazileiro*, 1791 *brasileiro* © SIN/VAR *brasil*, *brasilense*, *brasilhada*, *brasiliano*, *brasilico*, *brasilense*, *brasilio*, *brasuca*; ver tb. sinonímia de *ávena* © COL *brasileirada* (HOUAISS, 2001, s.v. brasileiro, grifo nosso)

bra.si.lei.ro *adj* (top Brasil+eiro) 1 Pertencente ou relativo ao Brasil; brasiliense; brasílio. 2 Que possui ou adquiriu a nacionalidade brasileira. sm 1 O habitante ou natural do Brasil. 2 Português que residiu no Brasil e retornou rico à sua pátria; homem muito rico (lusitanismo). (GREGORIM, 2000, s.v. brasileiro)

Entretanto, a nova edição do dicionário Houaiss (2009) não apresenta mais a acepção: “9 *P pej.* novo-rico de mau gosto, sem educação ou cultura”.

brasileiro *adj.* (1706) 1 relativo ou pertencente à República Federativa do Brasil ou que é seu natural ou habitante <território b.> <indígena b.> 2 relativo ou pertencente aos brasileiros <sobrenome b.> <costumes b.> 3 que é feito por brasileiros <música b.> <cinema b.> <esporte b.> 4 típico do Brasil ou dos brasileiros <comida b.> <jeito b.> <paisagem b.> *s.m.* 5 o que é natural ou habitante do Brasil <os b. não sabem defender seus direitos> 6 aquele que possui cidadania brasileira 7 *P infm.* a língua portuguesa tal como é us. no Brasil <ouviu alguém falar em b.> 8 *P pej.* emigrado, ger. rico, que retorna do Brasil a Portugal © ETIM top. *Brasil* + *-eiro* © SIN/VAR *brasil*, *brasilense*, *brasilhada*, *brasiliano*, *brasilico*, *brasilense*, *brasilio* © COL *brasileirada* (HOUAISS, 2009, s.v. brasileiro)

Questionamo-nos se os responsáveis pelo dicionário Houaiss optaram por retirar tal acepção por encontrar-se em desuso ou o fizeram a fim de evitar que, associado a “brasileiro”, houvesse uma conotação de alguém inculto e grosseiro, embora tenha mantido aquela que diz que “brasileiro” pode ser um “emigrado, ger. rico, que retorna do Brasil a Portugal”.

Registre-se, ainda, no dicionário Houaiss (2001), a presença do fraseologismo “brasileiro de mão furada” que corroboraria a existência de uma ideia de que “brasileiro” poderia designar um português emigrado que retornou rico a Portugal. Essa, no entanto, parece ser uma acepção que ganha significado não nos dias atuais, mas em tempos mais remotos. Como aponta Madeira (2009), com base em relato de Eça de Queirós, sobre as idas e vindas de portugueses ao e do Brasil:

Se a partida é carregada de sentimentalismo e tristeza, a volta não corresponderá ao júbilo e alegria na medida inversa. “O trabalho despoetiza o triste emigrante” (QUEIRÓS, s. d., p. 20) e o viajante que faz o caminho de volta à sua aldeia já é visto com um “outro” que a ficção portuguesa vai destacar, em vários momentos, como um tipo muito particular, o “brasileiro”. O português que retorna rico depois de emigrar torna-se objeto de curiosidade, inveja, admiração e desprezo dos conterrâneos. Autores do século XIX apresentam o “brasileiro” como um somatório de defeitos: “Já engonçado, já enfardelado, com todos os seus joanetes e todos os seus diamantes, crasso, glutão, manhoso, e revelando placidamente na linguagem mais bronca os sentimentos mais sórdidos” (QUEIRÓS, s. d., p. 19). (MADEIRA, 2009, p. 1–2)

Conforme pode-se observar, é por meio da literatura, mais precisamente a ficção portuguesa, que concluímos existir, de fato, no século XIX, uma alcunha para aqueles portugueses que deixaram a pátria para procurar melhores condições de vida, no Brasil, e retornaram com êxito logrado.

Acreditamos que a permanência de tal acepção se justifique, na medida em que o leitor dessas obras, ao se deparar com tal item lexical, ainda que consiga depreender, a partir do contexto, que se trata de “emigrado que voltou rico a Portugal”, pode confirmá-lo no dicionário.

4.5.3 A descontinuidade da marcação pejorativa de “bugre”

Outro caso a se mencionar é o do etnônimo “bugre”. A edição 2001 do dicionário Houaiss etiqueta já a primeira acepção como “pejorativa”. Por tratar-se de uma designação dada pelos portugueses desde a colonização aos nativos que habitavam o Brasil — uma designação genérica que, etimologicamente, tem a ver com os búlgaros — o dicionário optou

por tratá-lo, já em sua acepção denotativa, como pejorativo. Entretanto, parece ter revisto sua posição ao apresentar, na edição de 2009, um verbete sem as marcas de uso “pejorativo” nas primeiras acepções, conforme se observa:

bugre *s.2g* (1899 cf. CF1 supl.) 1 ETNOL *pej. obs.* denominação dada a indígenas de diversos grupos do Brasil, por serem considerados sodomitas pelos europeus ☞ Obs.: etnm.br.: *Bugre* 2 *fig. pej.* indivíduo rude, primário, incivilizado 3 *fig.* indivíduo desconfiado, arredio ❖ *s.m.* ANGIOS 4 m.q. CORAÇÃO-DE-NEGRO (*Albizia lebeck*) ■ *adj.* 2g 5 relativo a bugre ('indígena') ou aos bugres ('grupo') ◎ ETIM fr. *bougre* (1172) 'herético' < lat.medv. *bulgārus* (sVI) 'búlgaro; herético; sodomita', porque os búlgaros, como membros da Igreja greco-ortodoxa, foram considerados heréticos; o emprego do vocábulo para denotar o indígena liga-se à ideia de 'inculto, selvático, não cristão'; var.divg. búlgaro; a datação é para o subst.pl. ◎ COL bugrada, bugraria (HOUAISS, 2001, s.v. bugre)

bugre *s.2g* (1877) B 1 ETNOL indígena pertencente ao grupo dos bugres 2 *p.ext.* qualquer índio, esp. o violento 3 *fig. pej.* indivíduo rude, primário, incivilizado 4 *fig.* indivíduo desconfiado, arredio ❖ *s.m.* angios 4 m.q. CORAÇÃO-DE-NEGRO (*Albizia lebeck*) ■ *adj.* 2g. relativo a bugre (acp. 1) ou aos bugres (acp. 7) ☐ bugres *s.m.pl.* B ETNOL 1 grupo indígena que habitava o Sul do Brasil, entre os rios Iguaçu e Piquiri e as cabeceiras do rio Uruguai ◎ GRAM admite-se o fem. bugra ◎ ETIM fr. *bougre* 'herético' ◎ COL bugrada, bugraria (HOUAISS, 2009, s.v. bugre)

A questão parece ter a ver, por um lado, com o entendimento de que a designação dada era ofensiva desde a sua concepção e, por essa razão, marcada como “pejorativa” já na primeira acepção. Por outro lado, a designação perpetuou-se com o passar dos tempos, ainda que etimologicamente negativa, como se verifica no espaço reservado à etimologia da edição de 2009 (“herético”), e passou, de fato, a designar o grupo indígena perdendo sua conotação pejorativa. Assim, “uma palavra que é, definitivamente, vulgar, numa dada época, pode se tornar aceitável em outra”, conforme já apontava Roback (1944, p. 13–14).

4.5.4 “Cabeça-chata”, jocoso ou pejorativo?

Antes mesmo da controvérsia em que se pedia a remoção das acepções pejorativas do verbete “cigano”, o dicionário Houaiss apresentou, entre as edições de 2001 e 2009, algumas alterações no sentido de melhor informar o seu usuário quanto a usos insidiosos de etnofaulismos. Um deles pode ser exemplificado pela injúria étnica “cabeça-chata”, cuja alteração de uma edição para outra se deu na marca de uso. Na primeira edição, a marca de uso que acompanhava a primeira acepção (a injuriosa) era “jocoso”:

cabeça-chata s.2g. (sXX) *B 1 joc.* indivíduo que nasceu no Nordeste do Brasil, esp. no Estado do Ceará; cabeça de bater sola 2 HERP m.q. *BOIPEVA* (*Waglerophis merremii*) 3 ICT tubarão costeiro, da fam. dos carcarrínídeos (*Carcharhinus leucas*), de ampla distribuição nas águas quentes do mundo, atingindo baías e estuários, com cerca de 3,5 m de comprimento, de cor cinza a marrom, olhos pequenos e circulares, fendas branquiais moderadamente longas; são vivíparos e possuem saco placentário; baiacu, cação-baía, cação-do-raso, tubarão-de-água-doce [Sua carne é consumida fresca ou defumada, sua pele us. como couro, suas nadadeiras em sopas e do fígado se extrai óleo; de hábitos costeiros, é um dos mais perigosos tubarões, e responsável por vários ataques.] © GRAM pl.: *cabeças-chatas* (HOUAISS, 2001, s.v. cabeça-chata, grifo nosso)

Na edição de 2009, a marca de uso para o mesmo sentido é “pejorativo”. A parte essa alteração, o verbete permaneceu idêntico.

cabeça-chata s.2g. (sXX) *B 1 pej.* indivíduo que nasceu no Nordeste do Brasil, esp. no Estado do Ceará 2 HERP m.q. *BOIPEVA* (*Waglerophis merremii*) 3 ICT tubarão costeiro, da fam. dos carcarrínídeos (*Carcharhinus leucas*), de ampla distribuição nas águas quentes do mundo, atingindo baías e estuários, com cerca de 3,5 m de comprimento, de cor cinza a marrom, olhos pequenos e circulares, fendas branquiais moderadamente longas; são vivíparos e possuem saco placentário; baiacu, cação-baía, cação-do-raso, tubarão-de-água-doce [Sua carne é consumida fresca ou defumada, sua pele us. como couro, suas nadadeiras em sopas e do fígado se extrai óleo; de hábitos costeiros, é um dos mais perigosos tubarões, e responsável por vários ataques.] © GRAM pl.: *cabeças-chatas* (HOUAISS, 2009, s.v. cabeça-chata, grifo nosso)

Por “jocoso”, pode-se entender que algo é dito ou feito como divertimento ou por zombaria, o que provoca riso para alguns, mas pode não causar o mesmo efeito na vítima da injúria. Ainda que o enunciador esteja se referindo a si próprio, como na conversa abaixo, obtida na rede social Twitter:

11. ei cá pra nós: maranhenses ow povo fêi (<https://twitter.com/anawaleria/status/466757228809441281>)
@anawaleria só perde pros cearenses... (<https://twitter.com/20reaix/status/466759160663908352>)
@20reaix serááááá (<https://twitter.com/anawaleria/status/466759622918168576>)
@anawaleria olha, ô povo feio esse povo da cabeça chata(euzinha), tem igual não kkk (<https://twitter.com/20reaix/status/466760191791595520>)

No perfil da usuária @20reaix,¹¹⁴ pode-se levantar a sua localização como sendo de Fortaleza-CE.

A ocorrência do etnofaulismo num sintagma preposicionado como “povo da cabeça chata”, no diálogo do Twitter reproduzido acima, mostra que os etnofaulismos podem ocorrer

¹¹⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/20reaix>>. Acesso em: 15 maio 2014


também como uma referência indireta e não necessariamente como uma injúria dita em situação de confronto direto, podendo ocorrer ainda em combinação com outros elementos (no caso, “povo”).

Na obra “Três sargentos” (NAY, 1985), faz-se menção ao “cabeça-chata” como sendo o indivíduo do Ceará, bem como o “retirante” e, em ambos os casos, recebiam tais alcunhas no próprio nordeste (no estado do Maranhão) e em Santos (no litoral paulista):

“Costuma os santistas dizer que nordestino tem cabeça chata porque quando nasce o pai bate na cabeça dele e diz, “Vai prá Santos, vai ser conferente na alfândega”. Cabeça chata só no Ceará. Lá no Maranhão eu e a mulecada corria atrás dos retirante cearenses e chamava eles de Cabeça Chata.” (NAY, 1985, p. 58)

Tanto para a ocorrência no Twitter, como para o exemplo que se recuperou na literatura brasileira, pode-se verificar que este não se trata de um preconceito do paulista ou das regiões sudeste e sul contra os habitantes do Nordeste, mas um uso que se verifica no próprio Nordeste, pelos próprios nordestinos.

Aqui ainda, para além das marcas de uso atribuídas a essa injúria étnica, evidencia-se outra questão relativa à abonação que a acompanha no dicionário Aurélio.

cabeça-chata [De *cabeça* + o f. de *chato*.] *S. 2 g. 1. Bras. S.* Alcinha dada aos cearenses e, p. ext., aos nortistas:  “— Você já viu algum carioca imitar tão bem o sotaque desses cabeças-chatas que infestam o Rio?” (Herberto Sales, *Histórias Ordinárias*, p. 151.) *2. Bras. Zool. V. boipeva. [Pl.: cabeças-chatas.] (FERREIRA, 2010, s.v. cabeça-chata)*

A partir desse exemplo, visto ser essa uma abonação de uma “autoridade”, ou seja, um texto de alguém do cânone literário brasileiro, é possível responder à pergunta que se faz ao título desta seção: “cabeça-chata” é uma injúria e o Houaiss procedeu em consonância com a realidade de uso ao alterar a etiqueta no verbete, em sua edição mais recente.

4.5.5 O “caipira” e o “hick”

O caso de “caipira” nos dicionários mostra-se mais complexo, em relação aos demais etnônimos injuriosos. O “caipira” representa, conforme o define o próprio dicionário desde as primeiras acepções, um indivíduo que habita o “campo ou [a] roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros.” (FERREIRA, 2010, s.v. caipira). Se considerarmos as marcas de uso dia-avaliativas, não há, nesse caso, uma indicação usual

(isto é, abreviada antes da acepção) mas, como fazem Aulete Digital e Houaiss, a pejoratividade vem expressa em forma de comentário: “caipira [...] 2. Que vive na roça, no interior, e tem modos simples (por vezes rudes) e pouca instrução; CAPIAU [Nesta acp., us. às vezes com noção pej.]” (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. caipira) e “caipira [...] 2 que leva uma vida campestre rústica, tem pouca instrução, pouco convívio social, e hábitos e modos rudes (por vezes, pej.)” (HOUAISS, 2001, s.v. caipira), respectivamente. Não se esclarece em que situações tal acepção pode ser pejorativa e em quais a conotação perde essa valência.

Outra questão que permeia a entrada “caipira” são os vários sentidos conotativos que a unidade lexical pode assumir. Partindo do sentido denotativo, deparamo-nos já com uma valoração negativa: “indivíduo de pouca instrução”, “de modos rústicos”. Tais traços se manifestam, posteriormente, em acepções separadas, conforme se pode observar na definição do dicionário Houaiss:

caipira *adj.2g* (1872 cf. JAITil) 1 que vive no interior, fora dos centros urbanos, no campo ou na roça; roceiro 2 que leva uma vida campestre rústica, tem pouca instrução, pouco convívio social, e hábitos e modos rudes (por vezes, pej.) 3 próprio de caipira (acp. 7 e 8) <dialeto c.> <jeito c.> 4 *fig* que é tímido, acanhado, pouco sociável MNH que é avarento, sovina, mesquinho 6 ETN relativo a festa junina <roupa c.> <bufê tipicamente c.> ■ s.2g 7 indivíduo natural ou habitante de parte das regiões Sudeste e Centro-Oeste brasileiras, esp. São Paulo, de origem rural, caracterizados pela agricultura de subsistência, pela cultura itinerante e por não terem a posse da terra <os c. construam seus ranchos seguindo a marcha das bandeiras> 8 indivíduo simplório, ger. habitante do campo, de pouca instrução e modos pouco refinados 9 *B infm.* malandro, vadio 10 (1934) certo jogo de azar comum entre a população humilde, com um tabuleiro de seis casas numeradas e um dado ou roleta simples onde se decidem as paradas 11 HIST adepto ou militante do partido constitucionalista português nas lutas travadas entre 1828 e 1834 © ETIM orig.contrv., prov. do tupi; AGC sugere possível relação com caipora e curupira © SIN/VAR como adj.subst.2g: araruama, arigó, babaquara, babeco, baiano, baiquara, beira-corgo, beiradeiro, biriba, biriva, botocado, brocoió, bruaqueiro, caapora, caboclo, caburé, cafumango, caiçara, cambembe, camisaõ, canguaí, canguçu, capa-bode, capiau, capicongo, capuava, capurreiro, cariazal, casaca, casacudo, casca-grossa, catatuá, catimbó, catrumano, chapadeiro, curau, curumba, groteiro, guasca, jeca, jeca-tatu, macaqueiro, mambira, mandi, mandim, mandioqueiro, manojuca, maratimba, mateiro, matuto, mixanga, mixuango, mocó, mcorongo, moqueta, mucufo, muxuango, pé-duro, pé-no-chão, pioca, piraguara, piraquara, queijeiro, restingueiro, roceiro, saquarema, sertanejo, sitiano, tabaréu, tapiocano, urumbeba, urumbeva; ver tb. sinonímia de bronco © ANT como adj.subst.2g: cidadão, cosmopolita, elegante, fino, sofisticado, urbano © COL caipirada (HOUAISS, 2001, s.v. caipira, grifos nossos)

Veja-se a acepção de número 8 (substantivo), que repete, em essência, as acepções 1 e 2 (adjetivo), sem qualquer etiqueta (embora com a informação “por vezes, pej.”), diferentemente, da acepção 4 que, por sua vez, encontra-se rotulada como “figurado”. O verbete, na edição de 2009 do dicionário Houaiss, reduzido em relação à de 2001,¹¹⁵ mantém a mesma descrição e marcação, como se observa:

caipira *adj.2g* (1872) 1 que vive no campo ou na roça; roceiro 2 que tem hábitos e modos rudes, ger. devido a pouca instrução ou escasso convívio social 3 próprio de caipira (acp. 6 e 7) <dialeto c.> <jeito c.> 4 fig. que é tímido, acanhado, pouco sociável 5 ETN relativo a festa junina <roupa c.> ■ *s.2g* 6 indivíduo natural ou habitante de região rural 7 indivíduo simplório, ger. habitante do campo, de pouca instrução e modos pouco refinados 8 LUD B N.E. certo jogo de azar comum entre a população humilde, com um tabuleiro de seis casas numeradas e um dado ou roleta ⊙ ETIM orig.contrv., prov. do tupi ⊙ SIN/VAR como araruama, arigó, babaquara, baiano, beiradeiro, biriba, brocoió, bruaqueiro, caapora, caboclo, caburé, cairo, cariazal, catatuá, catimbó, catrumano, chapadeiro, curau, curumba, groteiro, jeca, jeca-tatu, macaqueiro, mandí, mandim, mandioqueiro, mateiro, matuto, mixanga, mocó, mcorongo, mucufo, muxuango, pé no chão, pioca, piraguara, piraquara, roceiro, saquarema, sertanejo, sitiano, tabaréu, tapiocano; ver tb. sinonímia de bronco ⊙ ANT como adj.subst.2g.: cidadão, sofisticado, urbano ⊙ COL caipirada (HOUAISS, 2009, s.v. caipira)

Note-se que, quanto aos sentidos pejorativos, a edição de 2009 não relata mais aquele de “malandro, vadio”, marcado na edição de 2001 como “brasileirismo” e “informal”. Esse mesmo sentido é encontrado no dicionário Michaelis, marcado, entretanto, como “gíria”.

Se observarmos ainda o conjunto de sinônimos apresentado pelos dicionários Aurélio e Houaiss, constataremos que “o indivíduo que vive no campo” tem a ele associado um amplo número de unidades lexicais, geralmente afins a uma pejoratividade, como o “babaquara” que, embora sem qualquer marca de uso dia-avaliativa, é assim definido pelo dicionário Houaiss:

babaquara *s.2g* 1 *B* habitante do interior, ger. pouco instruído e de modos simples; roceiro, caipira *adj.2g.s.2g* 2 *B* que ou o que se revela bobo; parvo, pateta, babaca (HOUAISS, 2001, s.v. babaquara)

Os sentidos que se associam a “caipira” são divididos, nos dicionários observados, em indivíduos “pouco sociáveis” e “de modos rudes e simplórios”. Não parece, entretanto, haver, por parte desses dicionários, um entendimento de que se trata de um uso pejorativo e, assim,

¹¹⁵ O verbete, na edição de 2001, apresenta 297 palavras, enquanto o de 2009 figura com 175 palavras.

esses não são etiquetados. Tal prática coincide com aquela dos dicionários de língua inglesa, nos quais “*hick*” é definido como “uma pessoa que vive no campo, considerada como pouco inteligente ou provinciana”.¹¹⁶ O seguinte cenário é observado em alguns desses dicionários:

- As obras *American Heritage Dictionary*,¹¹⁷ *Collins English Dictionary*¹¹⁸ e *Oxford English Dictionary*¹¹⁹ fazem uso da etiqueta “*informal*”;
- O *Macmillan Dictionary*¹²⁰ utiliza a etiqueta “*offensive*” e inicia a definição dizendo tratar-se de “*an insulting word*”;
- O dicionário *Webster’s New World College*¹²¹ informa ser esse um “*contemptuous term*”;
- O dicionário Longman (LONGMAN, 2005, s.v. *hick*) apresenta a informação “*informal often derogatory*”, na versão impressa. Na versão *on-line*,¹²² a etiqueta utilizada é apenas “*informal*”.

“Caipira” e “*hick*” compartilham significados semelhantes e as marcações de suas conotações pejorativas são, de certa forma, renegadas a etiquetas como “*informal*”, ainda que aqueles que vivem ou são oriundos do campo possam se ofender ao serem designados dessa forma, como se depreende dos dicionários que esclarecem se tratar de uma unidade lexical insultuosa valendo-se de uma marca de uso ou da informação explícita na própria definição.

4.5.6 Candango, habitante de Brasília

Tomemos, assim, o item lexical “candango” e seu verbete nos dicionários do português do Brasil como um caso de injúria étnica que passou a ser também um etnônimo injurioso (pessoa desprezível ou destituída de bom gosto). O “candango” para os africanos eram os portugueses, assim designados já de maneira pejorativa. Veja-se que o dicionário Aulete Digital não atribui uma etiqueta dia-avaliativa ao sentido que pode soar ofensivo a alguém que porventura venha a ser denominada “candango”, por ser considerada desprezível ou de mau gosto.

candango (can.dan.go) sm. 1. Bras. Hist. Operário que trabalhou na construção de Brasília (DF) 2. Qualquer dos primeiros habitantes de Brasília (DF) 3. Nome pelo qual os africanos chamavam os portugueses 4. **P.us.**

¹¹⁶ “a person who lives in the country, regarded as being unintelligent or parochial”. Disponível em: <<http://oxforddictionaries.com/definition/english/hick?view=uk>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

¹¹⁷ Disponível em: <<http://education.yahoo.com/reference/dictionary/entry/hick>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

¹¹⁸ Disponível em: <<http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/hick>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

¹¹⁹ Disponível em: <<http://oxforddictionaries.com/definition/english/hick?view=uk>>. Acesso em: 22 jun. 2013.


¹²⁰ Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com/dictionary/american/hick>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

¹²¹ Disponível em: <<http://www.yourdictionary.com/hick>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

¹²² Disponível em: <<http://www.ldoceonline.com>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

Indivíduo desprezível 5. Pessoa de mau gosto a. 6. Ref. a Brasília (DF) ou aos brasilienses [F.: Posv. do quimb. kangundu.] (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. candango)

Já o dicionário Aurélio lança luz, logo no início do verbete, sobre a etimologia da palavra que tem relação com ideias negativas de “ruim”, “ordinário” e “vilão”.

candango [Do quimb. kangundu, dim. de kingundu, ‘ruim’, ‘ordinário’, ‘vilão’, com metátese e assimilação.] S. m. Bras. 1. Designação que os africanos davam aos portugueses. V. galego (4). 2. Desus. Indivíduo ruim, ordinário. 3. Pessoa que tem mau gosto. 4. Designação dada aos operários das grandes obras da construção de Brasília (DF), de ordinário vindos do N.E.:  “o candango vai ao cerrado, colhe os ramos verdes e os coloca na última laje, como se estivesse enfeitando a cumeeira de sua própria casa.” (Clemente Luz, Invenção da Cidade, p. 96). 5. P. ext. Qualquer dos primeiros habitantes de Brasília (DF). (FERREIRA, 2010, s.v. candango)

O dicionário, logo na acepção de número 1, remete para o quarto sentido encontrado no verbete “galego”, da mesma obra, onde se lê:

galego [...] 4. Bras. Deprec. Português (2). [Há outras muitas alcunhas dadas por brasileiros a portugueses, algumas delas já fora de uso: *abacaxi, bicudo, boaba* ou *boava, emboaba* ou *emboava, candango, caneludo, chumbinho, cotruco, cupé, cutruca, jaleco, japona, labrego, marabuto, marinheiro, maroto, marreta, mascate, matruco, mondrongo, novato, parrudo, pé de chumbo, portuga, puça, sapatão, talaveira.*] [...] (FERREIRA, 2010, s.v. galego)

Observe-se que a primeira acepção de “candango”, que contém uma remissiva para a quarta acepção do verbete “galego”, no Aurélio, é uma acepção marcada como “depreciativo”, não obstante o “candango”, em nenhum momento, tenha sido etiquetado como tal, ao longo do verbete.

No dicionário Houaiss, a exemplo do que acontece no dicionário Aurélio, há uma informação etimológica, num estilo enciclopédico, que informa a possível origem de “candango” — ainda que controversa (citando Antenor Nascentes e Nei Lopes) — que remete a noções já negativas (“vilão”, “ruim”, “ordinário”, “bobalhão”, “mentecapto”, “doentio”, “enfraquecido”) seja via o quimbundo ou o espanhol de Cuba.

candango s.m. (1899) B 1 nome que os africanos davam aos portugueses 2 p.us. indivíduo desprezível, abjeto 3 indivíduo destituído de bom gosto 4 (sXX) nome que designa cada um dos operários que trabalharam nas grandes construções da cidade de Brasília (DF), ger. oriundos do Nordeste do Brasil 5 p.ext. cada um dos primeiros habitantes de Brasília © ETIM orig.contrv.; segundo Nasc, do quimb. kangundu, dim. de kingundu 'vilão, ruim, ordinário', com metátese e assimilação; Nei Lopes comenta que, em Cuba, o termo candanga significa 'bobalhão, mentecapto, doentio, enfraquecido' e que Ortiz (1986) o vê talvez como originário do quicg. kunda 'encurvar-se, dobrar a espinha, render homenagem, adorar'; acrescenta

ainda que, para a primeira acp., poderíamos tentar também o quicg. (dialeto Vili) ndangi 'espião' ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de galego 'português' (HOUAISS, 2001, s.v. candango)

Nas três obras mencionadas, há uma etiqueta de tipo diacrônico (“pouco usado”, no Aulete e no Houaiss, e “desusado”, no Aurélio) e mesmo o Houaiss, que propende mais que os demais a fazer uso da etiqueta “pejorativo”, dessa vez não o faz.

O dicionário Michaelis é aquele que destoa dos demais em termos de marcas de uso, apresentando a etiqueta “gíria” para o mesmo sentido que os outros apresentam uma etiqueta diacrônica. Esse dicionário ainda apresenta um uso que não se verifica nos demais: o do trabalhador braçal que provém de uma outra região.

candango can.dan.go sm (quimbundo kandungu) 1 Nome com que os africanos designavam os portugueses. 2 **gír** Tipo desprezível; vicioso; mequetrefe. 3 Trabalhador braçal vindo de fora da região. 4 Nome com que se designam os trabalhadores comuns que colaboraram na construção de Brasília. (GREGORIM, 1998, s.v. candango)

Para além das marcas de uso, ressaltamos aqui a possível origem já injuriosa do etnônimo “candango” que, por sua vez é ambígua: pode tanto designar os portugueses como aqueles que trabalharam na construção de Brasília. Esse é um etnofaulismo de difícil classificação (se “injúria étnica” ou “etnônimo injurioso”), se considerado apenas os dados fornecidos nos dicionários, visto que o sentido figurado “pessoa desprezível” ou “de mau gosto” pode designar qualquer indivíduo e não apenas ser insultuoso contra portugueses ou aqueles que participaram da construção de Brasília.

Segundo Holston,

antes da construção de Brasília, [a palavra candango] foi durante séculos uma palavra geral de depreciação. Segundo a maior parte das autoridades, é uma corrupção de *candongo*, uma palavra da língua *quimbundo* ou quilombo, dos bantos do Sudoeste de Angola. Era o termo pelo qual os africanos se referiam, pejorativamente, aos colonizadores portugueses. Como tal, veio ao Novo Mundo com os escravos angolanos. (...) A palavra tornou-se o termo geral para as pessoas do interior em oposição às do litoral, e especialmente, para os trabalhadores itinerantes pobres que o interior produziu em grande quantidade. Com esses trabalhadores o termo chegou a Brasília. (HOLSTON, 1993 *apud* VIDESOTT, 2008)

O item lexical foi, assim, ganhando novos contornos e, segundo Videsott (2008), em 1959 já se encontram registros da palavra com uma conotação que enaltecia aqueles que ajudaram a erguer Brasília e, por seguinte, acreditavam no valor e no progresso da Nação.

Embora nenhum dicionário analisado reporte, o significado do item lexical parece hoje ter se estendido, de modo a designar simplesmente o indivíduo nascido em Brasília. A matéria do dia 18 de maio de 2014, do jornal *Correio Braziliense*, ao relatar o percurso de um jovem empreendedor, refere-se a ele como “Candango inovador”, já em seu título: “Candango inovador. Depois de trocar de curso duas vezes, ex-aluno da UnB abriu a própria empresa, que oferece soluções inovadoras”¹²³ (NIEDERAUER, 2014). O próprio retratado na matéria utilizou a rede social Twitter para divulgá-la e não parece ter se mostrado indignado pelo uso de “candango” para se referir a ele:

12. “Quem diria... olha uma matéria minha no jornal Correio Braziliense: Candango inovador - <http://t.co/pQsblFeRIZ> via @cbonlinedf” (<https://twitter.com/IgorSaraiva/status/468161346370936832>)

Ainda, no dia 18 de maio de 2014, o apresentador de televisão Fausto Silva parece ter questionado a origem geográfica de algum convidado, em seu programa. A forma como ele levantou a dúvida gerou manifestações de alguns usuários do Twitter:

13. “Quem nasce no ES é capixaba, candango ou MANEZINHO? oi??? #faustao” (<https://twitter.com/camilavescovi/status/468139727359852544>)
14. ““Quem nasce no ES é o que? Capixaba, candango ou manezinho” Ótima pergunta Faustão” (<https://twitter.com/nathperimm/status/468139367589244929>)
15. ““Quem nasce no Espírito Santos é: a)Capixaba b)Candango c)MANÉZINHO MANÉZINHO?????” (https://twitter.com/mateusrangel_/status/468139093344673792)

“Capixaba” é a resposta correta, mas esses usuários (os dois últimos declararam em seus perfis serem do Espírito Santo) parecem se indignar com as outras duas opções dadas pelo apresentador. Com efeito, “manezinho” é um modo pejorativo de se referir ao habitante de Florianópolis, no estado de Santa Catarina, que deixou de ter esse caráter pejorativo com o passar do tempo, mas que pode soar pejorativo para alguém que desconheça que “manezinho” (ou “manezinho da ilha”) é, assim como “capixaba” e “candango”, um etnônimo.

4.5.7 O “cigano”, um caso emblemático

A observação da entrada “cigano”, nos quatro dicionários, resultou na individualização de três sentidos pejorativos: (a) aquele que é trapaceiro, que procura ser esperto nos negócios; (b) aquele que é apegado ao dinheiro, sovina; (c) aquele que leva vida incerta, boêmio.

¹²³ Disponível em: <http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ultimasnoticias_geral/33,104,33,90/2014/05/18/tf_carreira_interna,428095/candango-inovador.shtml>. Acesso em 19 mai. 2014.

No que tange a acepção (a), Aulete Digital e Houaiss a rotulam como “pejorativo”. O dicionário Aurélio, para essa acepção, não exhibe qualquer marca, embora a acepção anterior e a posterior sejam marcadas como “figurado”, o que deixa margem para a interpretação de que um negociante esperto é, necessariamente, um cigano. A acepção (b) não se encontra presente no dicionário Aurélio, como se observa adiante.

cigano. [Do gr. bizantino *athínganos*, pelo fr. *tzigane* ou *tsigane*.] *S. m.* 1. Indivíduo de um povo nômade, provavelmente originário da Índia e emigrado em grande parte para a Europa Central, de onde se disseminou, povo esse que tem um código ético próprio e se dedica à música, vive de artesanato, de ler a sorte, barganhar cavalos, etc. [Designam-se a si próprios *rom*, quando originários dos Bálcãs, e *manuche*, quando da Europa central.] [Sin.: *boêmio*, *gitano*; *calom* (bras.); *judeu* (MG); *quico* (MG e SP).] 2. *Gloss.* Romani (1 e 2). 3. *Fig.* Indivíduo boêmio, erradio, de vida incerta. 4. *Negociante esperto, vivo.* 5. *Fig.* Vendedor ambulante. 6. Designação de carneiro que serve de guia ao rebanho. • *Adj.* 7. Esperto, vivo. (FERREIRA, 2010, s.v. cigano)

Ainda quanto à acepção (b), ela é marcada como “pejorativo” nos dicionários Aulete Digital e Houaiss, na edição de 2001. A edição de 2009 do dicionário Houaiss não apresenta mais, no verbete, essa acepção.

Quanto à acepção (c), vale notar que Aurélio e Aulete Digital a etiquetam como “figurado” e o dicionário Houaiss como “p. ext.”. O dicionário Aulete Digital, entretanto, faz uma ressalva:

cigano (ci.ga.no) sm. 1. Indivíduo dos ciganos, povo nômade, prov. originário da Índia, presente em vários países, com cultura, ética e comportamento próprios, e conhecido esp. por se dedicar à música, prática de artesanato, quiromancia, comércio de cavalos, etc. 2. *Fig.* Indivíduo boêmio, de vida incerta. [Por vezes, com uso pej.] 3. Pej. Negociante esperto, vivo 4. Pext. Vendedor ambulante. 5. *Gloss.* Conjunto de dialetos pertencentes à família indo-europeia e falados por ciganos de diferentes países a. 6. Ref. aos ou próprio dos ciganos (dança cigana). 7. *Fig.* Que lembra ou é próprio do modo de vida dos ciganos (1), esp. quanto ao nomadismo e à importância da música e dança (vida cigana) 8. *Gloss.* Ref. ou pertencente ao cigano (5) 9. Pej. Diz-se de indivíduo esperto, enganador, esp. nos negócios 10. Pej. Diz-se de quem faz barganha, que é apegado ao dinheiro; sovina 11. *Fig.* Boêmio, que não tem vida ou hábitos bem estabelecidos [Us. por vezes com sentido pej.] [F.: do gr.biz. *athínganos*, pelo fr. *cigain*.] (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. cigano).

A obra Michaelis é, como se tem demonstrado, aquela que menos faz uso de etiquetas. Entretanto, a versão impressa difere da versão encontrada *on-line*, desde a controvérsia com os

sentidos pejorativos de “cigano” no dicionário Houaiss que motivaram o pedido de remoção desses sentidos por um procurador federal. A editora Melhoramentos retirou do verbete *on-line* a acepção de número 3, bem como as acepções que estavam sob a categoria gramatical “adjetivo” na obra impressa, em que se lê: “cigano [...] 3 Sujeito que faz negócio de compra e venda de animais, porém sempre de má-fé [...] adj 1 Ladino, aperto, negociista. 2 Bajulador, lisonjeiro. 3 Chicaneiro, trapaceiro. 4 Impostor”, e incluiu marcas de uso “coloquial” para as acepções com sentidos pejorativos (a) e (c). A edição *on-line*, atualmente, encontra-se assim:

ci.ga.no adj sm 1 Etnol Diz-se de ou povo nômade, originário do Noroeste da Índia, que emigrou para a Europa Central e que, atualmente, encontra-se presente com sua cultura e costumes em vários países do Ocidente. Dedicase ao comércio de cavalos, música, prática das artes divinatórias, artesanato, venda de miudezas etc.; calom, zíngaro. 2 coloq Que ou quem tem grande habilidade para o comércio. 3 coloq Mercador ambulante que oferece miudezas em domicílios. 4 coloq Que ou quem leva vida itinerante e/ou de boêmio. 5 Zool Diz-se de ou carneiro treinado para guiar rebanhos. • sm Ling V romani. Etim: fr ant cigain (GREGORIM, 2010, s.v. cigano)

Ao verificarmos a mesma acepção em dicionários de outras línguas neolatinas, como o francês (s.v. *tsigane*), o espanhol (s.v. *gitano*) e italiano (s.v. *zingaro*), observamos que há uma diferença no que diz respeito à descrição que se faz dessa unidade lexical nos dicionários brasileiros.

Os dicionários franceses *Le Petit Robert* (2003) e *Larousse* (*on-line*) não apresentam entre as acepções de “*tsigane*” qualquer sentido pejorativo, em consonância com aquilo que Dubois e Dubois (1971) já argumentavam quanto à omissão de palavras que apelavam para uma conotação racista.

No dicionário da *Real Academia Española* (*on-line*), encontra-se uma acepção, com marca de uso “coloquial”, semelhante àquela que gerou polêmica no dicionário Houaiss: “4. adj. coloq. Que estafa u obra con engaño.” (RAE, 2001, s.v. *gitano*). A obra de María Moliner assemelha-se à definição do dicionário da Academia, porém com uma etiqueta “informal”: “4 (inf.; n. calif.) adj. y n. Se aplica a la persona que actúa con engaño, particularmente en los tratos comerciales.” (MOLINER, 1993, s.v. *gitano*). Entre esses dicionários e aqueles brasileiros, embora haja uma aproximação com respeito ao sentido pejorativo de “cigano”, no que diz respeito às etiquetas, não há indicação de se tratar de um uso depreciativo, nem mesmo na própria definição ou em nota de uso.

Por outro lado, os dicionários italianos remetem, nos sentidos pejorativos para a entrada “*zingaro*”, a alguém de aspecto desleixado e à falta de asseio dos ciganos, conforme se observa na definição do dicionário Zingarelli (2006), na acepção de número 2:

zingaro (o z-) o (pop.) zingano (o z-) o †zinghero (o z-) [gr. Atsíganoi, n. di una tribù dell’Asia Minore, di etim. incerta; av. 1484] A s. m. (f. -a) 1 Ogni appartenente a una popolazione originaria dell’India, diffusasi in Europa dal XII sec., caratterizzata da nomadismo, attività lavorative saltuarie o più di rado specializzate, come lavorazione del rame e allevamento dei cavalli, e ricche tradizioni etniche, tra cui spec. la danza, la musica e la predizione dell’avvenire: una tribù di zingari; i carri, le roulotte degli zingari; una zingara m’ha letto la mano. cfr. Nomade, rom (1) | Astuto come uno z. furbissimo | Fare vita da z. (fig.) spostarsi continuamente da un luogo all’altro. 2 (fig., est. spreg.) **Persona dall’aspetto sciatto e trasandato (V. nota d’uso STEREOTIPO).** | | zingaraccio (o z-), pegg. | zingarello (o z-), dim. B agg. • (raro) Zingaresco: musica zingara; lingua zingara. (ZINGARELLI, 2006, s.v. zingaro, grifo nosso)

Outros dicionários da língua italiana adotam uma rotulação semelhante para o sentido pejorativo, ora marcado como “pejorativo” (“*spreg.*”), ora marcado como “figurado” (“*fig.*”). Outro significado também marcado como “figurado”, nesses dicionários, é o traço de nomadismo associado aos ciganos.

O Quadro 2 apresenta as marcas de uso utilizadas junto a sentidos depreciativos para “*zingaro*”, em cinco dicionários da língua italiana.

Quadro 2: Traços pejorativos atribuídos à unidade lexical “*zingaro*” em dicionários italianos e as etiquetas utilizadas

Dicionário	Nomadismo	Desleixo e/ou falta de asseio
Zingarelli (2006)	fig.	fig., est., spreg.
Dizionario della lingua italiana (DEVOTO; OLI, 2007)	fig.	fig.
Garzanti (1993)	fig.	fig.
De Agostini (MEINI, 1995)	-	fig., spreg.
Sabatini-Coletti (1997)	fig.	spreg.

Se tomarmos a rede social Twitter para tentar recuperar alguns usos pejorativos de uso do que, de fato, parece ser um etnofaulismo, poderíamos apresentar os dois exemplos 16 e 17:

16. “Odeio o Wilson, para além de ser feio e se vestir mal ao ponto de parecer cigano, é falso, nunca gostei dele, juro #ssdf3” (https://twitter.com/a_tuaprima/status/552214144213352448)

17. “@OrelhaTT vc muda mais que cigano, só que cigano muda mt de casa ja vc muda mt de opinião kkkkkkkkkkkk” (https://twitter.com/Cirino7_Marcelo/status/552164806854447105)

Os exemplos 16 e 17 parecem estar em consonância com o tipo de uso figurado que os dicionários italianos descrevem para o equivalente de “cigano”, “*zingaro*”. Assim, os dicionários brasileiros e espanhóis observados parecem concentrar suas descrições no caráter e comportamento do povo cigano, ao passo que os dicionários italianos discorrem sobre os aspectos físicos.

Para além dos sentidos pejorativo que o item lexical “cigano” remete em português e outras línguas, não se pode passar sem menção um “eco” que, aparentemente, vem se propagando desde dicionários percursos da Lexicografia lusófona. Em especial, o caso de “cigano”, levanta questionamento sobre o real uso das acepções pejorativas em questão. Certamente, se nos apoiamos na literatura, há evidências de tais usos, mas o povo cigano não estaria muito mais associado nos dias de hoje, metaforicamente, ao nomadismo, a um modo particular de se vestir, à falta de asseio e à vidência? Certamente, a experiência pessoal de cada um pode alterar esse conjunto de visões, mas o que nos parece é que a prática lexicográfica de se copiar, num novo dicionário, a definição de um dicionário anterior, tem legado a esse povo definições que não lhe fazem justiça nos dias atuais.

Vejam-se as definições de “cigano” nos dicionários de Raphael Bluteau e Luiz Maria da Silva Pinto:

CIGANO. Cigãno. Nome, que deu o vulgo a huns homens vagabundos , & embufteyros , que fe fingem nacionaes do Egypto, & obrigados a peregrinar pelo mundo, fem affento, nem domicilio permanente , como defcendentes, dos que não quizeraõ agafalhar o divino Infante, quando a Virgem Santiffima & S. Jofeph peregrinaraõ com elle pelo Egypto. Raphael Volatorrano faz menção defta gente, & diz, que traz fua origem de huns povos de huma terra da Perfia, que faziaõ profiffaõ de dizer a boa dicha. Querem outros graves Authores , que os *Ciganos* vieffem de Efclavonia, ou de humas terras do Turco, confinãtes com o Reyno de Ungria, ou com Bohemia; & ferá effa a razaõ porque os Francezes chamaõ ao Ciganos *Bohemes*, ou *Bohemiens*, id eft *Bohemos*, Poftoque parece verifimil o que diz o Author do Diccionario Oriental, pag. 815. a faber, que feraõ chamados *Bohemos*, por fe unirem com elles no tempo da guerra dos Huffitas, huns fugitivos de *Bohemia*. No Oriente foraõ chamados *Zingues*, & *Zenguis* palavras, que tambem tem alguma analogia com *Cigano*. Certo Arabe, Author do livro, intitulado *Mircat*, diz que os *Ciganos* procedem em linha recta de Pharaó, & dos Sequazes da fua impiedade. Quando entraraõ em França, foraõ chamados *Penanciers*, ou *Penitents*. Os principaes deles eraõ doze, hum dos quaes fe chamava *Duque*, & outro *Conde*, faziaõ entre todoso numero de alguns cento, & vinte. Diziaõ, que eraõ naturaes Egypto Inferior, & que por ferem

Chriftãos, os Sarracenos os haviaõ lançado fora de fuas terras, & accrecentavaõ, que vinhaõ de Roma, aonde defpois da confiffaõ de feus peccados, o Pontifice lhes dera por penitencia, que andaffem o efpaco de fete annos pelo mundo , fem nunca fe deitarem em cama. Suas molheres diziaõ a boa dicha , maso Bifpo de Paris os obrigoua defpejar, & excomungou a todos os que lhe moft raffem as mãos. **Hoje ão os Ciganos hum ajuntamento de Vádios de varias naçoens**, incorporados com netos, dos q vieraõ do Egypto , ou da Nubia, (como querem outros,) ou de Efclavonia , ou de Ungria, & Bohemia. Na opiniaõ de alguns a lingoa, ou giria, que fallaõ tira à Efclavona; ão grandes mercadores, & trocadores de cavallos, & jumentos; de alguns Reynos foraõ lançados por efpias; & de ordinario em todas as terras ão perniciofos, porque roubão no campo, & no povoádo. Em quanto à derivação defte nome, parece, que Cigano, que he o mefmo. No liv. 4. das fuas Difquifitõens Magicas, cap.3. quæft.6 o P. Martinho del Rio trata diffufamente dos Ciganos. **De quem tem fagacidade em comprar, & vender, ou, que he deftro, & aftuto, dizemos vulgarmente**, He grande Cigano. O P. Salas no feu Diccionario chama aos Ciganos, *Vaga gens, domeftici fures, rapinis offueti*. O Padre Bernardino Stephonio na fua prófa 11. chama às Ciganas, *Mulierculæ vaga, & conjetrices*, & com grande elegancia dá dellas a noticia, que fe fegue. *Singanas Latinè dicipoffè aliter Saganas iftas AEgyptias, incerto lare mulierculas, non tam vaticinijs, quàm furacibus manibus quæftufas, ut equidem reor, à Sangario, nobiliffimo quondam oppido Mefopotamiæ, quod ad Euphratem edfcitum, & latrocinijs infeftum, Antonio Cæfaredeletum à Romanis legionibus fuiiffe traditiar. Singario diruto, caput gentis excifum, Senatus extintus, primores civium jublati, peftremæ plebeculæ reliquijs in femem, ad nemen generis refervatis; Eçeti proinde natali jolo, proximos fines, Syriam, Palæftinam, AEgyptumque diverfi tenuerunt errone, ac vagi, nullâ fede, nullo cum cæteris hoinibus ftabili commercio rerum, non communione fermonis, non cultu legum, facrorum focietate, nullâ neque verecundiâ , neque fide: in manu recentiffimum furtim, in lucro mendacium imprudentiffimum, eruditio gentis ad fapientiam; feminis inftitutum idem, quod viris, confidentia par, fimilis audacia, germana fraus, gemilia calliditas, incertæ degunt, & vagæ ferunter quolibet; ubi nox oppreffit , bic farcinulis , & infantibus depofitis, castra figunt; ficubi patula quercus in folitudine relicta, vel devia fpelunca nocturnæ quieti præbuit opportunum diverforium, & latrocinio latebras hofpitaes. Ex hoc igitur hominum genere Singara me puero vagabatur, muliercula loquacitare nobilis, ac procax, vel ad fubitum, & extemporale carmen ingenio projeEta; nihil ejus ingenio promptius, toto Latio ferebatur futuræ fortis carmina divenditans. Romæ vicatim ærufcula radebat, ex obvijs vaticinij mercedem, alterâ manu volam præfentionum veftigia notaret, alteram furto flagrantem in marfupion inferebat.* (BLUTEAU, 1728, s.v. cigano)

O tom quase enciclopédico do padre Raphael Bluteau contrasta com a concisão de Luiz Maria da Silva Pinto, sem, no entanto, mais de 100 anos depois, poupar a definição de julgamentos quanto ao povo cigano:

Cigano, a m. f. Raça de gente vagabunda, de costumes particulares, e linguagem, com que se entendem. Cigano, adj. Que engana com subtileza, e bons modos. (PINTO, 1832, s.v. cigano)

Chamamos a atenção, em especial nesses dois últimos, para as definições do adjetivo “cigano”, em que se faz referência “àquele que engana”, de maneira muito próxima a definição que causou polêmica, no Brasil, no início de 2012.

Entre o dicionário de Raphael Bluteau e o de Luiz Maria da Silva Pinto, encontramos o de Antonio de Moraes Silva, no qual “cigano” aparece como entrada no plural e que pouco muda em relação a seu antecessor e sucessor:

CIGANOS, s. m. pl. Raça de gente vagabunda, que diz vem do Egito, e pertende conhecer de futuros pelas rayas, ou linhas da mão, deste embuste vive, e de trocas e baldrocas, ou de dançar, e cantar: vivem em bairro juntos, tem alguns costumes particulares, e uma especie de Germania com que se entendem. §. *Cigano*, adj. que engana com arte, subtileza, e bons modos. (SILVA, 1813, s.v. ciganos)

Retomando o caso de dicionários da língua espanhola, de um ponto de vista diacrônico, há também nesses dicionários definições bastante infamadoras associadas ao povo cigano. Tomemos como exemplo o caso de “*gitano*” encontrado no *Tesouro* de Covarrubias, dicionário que data de 1611 (apud RODRIGUES BARCIA, 2011, p. 104):

GITANO, quasi egitano, de Egypto: esta es vna gente perdida y vagamunda, inquieta, engañadora, embustidora. [...]

Calvo (1991) aponta que Covarrubias odiava com profusão os ciganos e que esse fato “[...] deduz-se não só porque ele reflete os hábitos mais marcantes da sociedade de sua época, senão porque projeta-se ideologicamente também nos comentários que faz [...]”¹²⁴ (CALVO, 1991, p. 148 apud RODRIGUES BARCIA, 2011, p. 104).

Uma vez que mencionamos também os sentidos pejorativos associados a “*zingaro*” num dicionário moderno italiano, consideramos importante apresentar também como a entrada consta numa obra mais antiga. No caso, selecionamos o *Vocabolario degli Accademici della Crusca*, cujas cinco primeiras edições encontram-se disponíveis *on-line*.¹²⁵

A entrada “*zingaro*” aparece no quinto volume da 4ª edição (1729–1738), não obstante já na sua segunda edição (1623), encontramos s.v. “*barattiere*” (“fraudador”, “enganador”, em português) menção aos *zingani*:

¹²⁴ “[...] se colige no sólo porque él refleje los hábitos más destacados de la sociedad de su época, sino porque se proyecta ideológicamente también en los comentarios que realiza (...)”

¹²⁵ Disponível em: <<http://www.lessicografia.it>>. Acesso em: 2 maio 2015.

BARATTIERE.

Definiz: Che fa baratteria, truffatore. Lat. deceptor, fraudator, impostor.

Esempio: *Bocc. n. 85. 5.* Con un saccente barattiere si convenne del prezzo.

Esempio: *Dan. Inf. c. 21.* Ogni huom v'è barattier, fuorchè Buonturo.

Definiz: ¶ Diciamo anche baro, giuntatore, busbo. E tali sono gli Ussi, o ver Zingani: che dicono discendere ab antico dell'Egitto: per esser solennissimi barattieri, si dice, Real, com'un zingano essere reale come un zingano.

Esempio: Ber. rim. Poi fu mantello al manco di tre usse.

Definiz: E mariuolo, per lo più a quegli, che inganna a giuoco, o con giucar di mano, o con istrumenti da giucar falsi, e con altre ladrocellerie dal greco μαρὸς

Esempio: Ber. Orl. Ah disse il Conte Orlando, mariuola, Io lo saperrò pure a tuo dispetto.¹²⁶

Observe-se que os *zingani* são mencionados como sendo “excelentes enganadores”. Na 4ª edição da obra, o traço de astúcia é marcado por um exemplo, como pode-se confirmar:

ZINGANO.

Definiz: Zingaro.

Esempio: *Cecch. Inc. 1. 4.* Io son uom da fingere Con voi, che siete astuto quanto un zingano?

Esempio: E *Cecch. Inc. 3. 3.* I' non vo' tuo consiglio, Ch'io so, come va con questi diavoli; E' son più avari, e più ladri, che zingani.

Esempio: E *Cecch. Inc. 5. 9.* Non dubitar, ch'i' sarò leal zingano (quí per ironía)

Esempio: E *Corr. 3. 6.* Quelle Spagnuole nel baciare le mani Mi succiavan l'anella come zingane.

Esempio: *Ciriff. Calv. 1. 28.* Tanto che i zingani erano i men rei.

Esempio: *Cant. Carn. 273.* Zingane siam, come vedete, tutte.

Esempio: *Alleg 93.* Infamando quell'arti, senza saperne, di cerretano, o zingano.

Esempio: *E Alleg 167.* Fingono ec. l'avarizia una segrenna a sedere, vedova, vecchia, coll'abito da zingana, e col pugno lungo la bocca.¹²⁷

No primeiro exemplo autoral apresentado temos “Sou eu homem para fingir convosco, que sois astutos como um cigano?”.

Comparando tais exemplos ao que se verifica nos dias atuais nos dicionários italianos recentes a que tivemos acesso, nota-se que não se faz mais menção a esses traços de astúcia ou enganação atribuídos aos ciganos.

Destacam-se, assim, questões que atravessam diferentes culturas quanto à atribuição de características a um povo e que perpassaram o tempo de modo a encontrarmos nos

¹²⁶ Disponível em: <http://www.lessicografia.it/Controller?lemma=BARATTIERE_ed2&rewrite=1>. Acesso em: 2 maio 2015.

¹²⁷ Disponível em: <<http://www.lessicografia.it/Controller?lemma=ZINGANO&rewrite=1>>. Acesso em 2 maio 2015.

dicionários modernos sentidos figurados e depreciativos associados a esse povo. Certamente, a definição tornou-se mais neutra, mas como observamos nos dicionários italianos, o sentido figurado e depreciativo está associado a um outro traço comportamental do mesmo povo.

Correia (2006) aponta, em estudo sobre discriminação nos dicionários portugueses a partir da observação de nomes de povos:

De entre os grupos raciais/étnicos focados neste trabalho, aquele que sai claramente mais mal tratado é o dos ciganos, facto que não surpreende quem conhece a sociedade portuguesa contemporânea, em que esta comunidade denota uma menor integração no tecido social português e uma menor capacidade de afirmação e de reivindicação dos seus direitos. Os dicionários analisados, no entanto, não contribuem para a sua aceitação e a sua integração. Bem pelo contrário, ratificam e promovem uma visão negativa, preconceituosa e xenófoba desta comunidade. (CORREIA, 2006, p. 169)

A conclusão a que chega a autora baseia-se na observação de definições similares àquelas encontradas nos dicionários brasileiros. As definições nos dicionários modernos ecoam outras, encontradas em dicionários de língua portuguesa já no século XVIII, reflexos das ideias que já circulavam sobre os ciganos, em Portugal, quando ainda metrópole da colônia brasileira.

4.5.8 O “papista” e os dicionários da língua inglesa

Todos os quatro dicionários do português do Brasil que aqui são objeto de análise definem o “papista” como sendo aquele que defende a supremacia papal. Consta ainda a acepção que define “papista” como sendo o “católico, segundo os protestantes”. O que chama a atenção é o fato de que não há, em nenhum dos dicionários, qualquer marca de uso que faça referência à pejoratividade atrelada à alcunha pejorativa da qual se valiam os protestantes ao se referir a católicos com a unidade lexical “papista”.

A expressão “ser mais papista que o papa” não é verificada em nenhum dos dicionários observados, embora seja frequente nas buscas realizadas no Twitter usando-se como palavra-chave “papista”. Os resultados são, geralmente, em língua espanhola. Reproduzimos nas ocorrências de 18 a 31, os quatorze primeiros resultados de busca, realizada em 21 de junho de 2013 para “papista”, sem uma seleção de usos pejorativos, a fim de ilustrar como a unidade lexical ocorre no momento da pesquisa.

18. “@melibresc @LasMalotasOk @DuenMore @evange_anderson 2do en el lugar de la otra persona, q mal no te vendría para dejar de se tan papista!!” (<https://twitter.com/NattiCis/status/348087487253594112>)
19. “@CarlosLopez_es No voy a ponerme en plan @Beld y ser más papista que el papa. Te digo lo que se ha dicho, y a que habría que hacer caso.” (<https://twitter.com/granmacco/status/348032355040116736>)
20. “@danielexhuevo que onda, ahora que entro al negocio se puso más papista que el papa, si dice si al autocultivo el negocio no funciona ?” (<https://twitter.com/rodrigoosses75/status/347945391393751041>)
21. “«CDU acusa Rio de ser mais papista que o Papa» <http://t.co/YfgTn0Ww1m>” (<https://twitter.com/humanismosecula/status/347907492006748161>)
22. “Sos tan glam, que te sentas de dorapa, sos mas papista que el papa. Estas tan guau! No quieres que nadie te baje el copete.” (<https://twitter.com/anitaverino/status/347898513750884352>)
23. “Pobre Carlos Floriano. Como eres más papista que el Papa te toca defender lo indefendible. Eso sí, te expresas mejor que Cospedal y Montoro.” (<https://twitter.com/Mjarrizc/status/347862621325766656>)
24. “Ele era católico, papista, amava a espanha e tentou matar o rei e explodir o parlamento <3” (<https://twitter.com/mariobdlopes/status/347848200549437440>)
25. “@Omuljs ta rit bus papista diena :D” (<https://twitter.com/Viitols/status/347843216252469248>)
26. “@ACLemes_8 niñoooooooooo 10-0!!! A la papista suave jajaja Aguiitaaa” (<https://twitter.com/AaronNegrin/status/347831877077446656>)
27. “Para los Flanders de Twitter, estos de Tahití le metieron un 30-0 a las Islas Cook.No se puede ser mas papista que el Papa.” (<https://twitter.com/maldinisc/status/347828684960444416>)
28. “mas papista que el papa kE” (<https://twitter.com/brighterstyles/status/347814024244760576>)
29. “@alvaritocordero @solcitoViaut vos cordero sos mas papista q el papa..cualquier barco t deja en puerto..” (<https://twitter.com/lisandroavaro/status/347775878740205568>)
30. “#ConChavezAlturaEnElCombate Hay gente que quiere ser mas papista que el papa el camino es el legsdo Chavez con presidente obrero Nicolas M” (<https://twitter.com/riverawilberto1/status/347773299654279168>)
31. “@Patchgirl a lo mejir era mas papista que el papa el tio la verdad” (<https://twitter.com/elsuenodeteresa/status/347770895944781824>)

Dentre os 14 resultados reproduzidos, apenas 2 foram escritos em língua portuguesa. O primeiro (ocorrência 21) diz respeito a uma postagem do perfil da página “Humanismo Secular Portugal”, no Twitter, e encontra-se dentro da expressão “ser mais papista que o Papa”; o segundo (ocorrência 24) não diz respeito a essa expressão e parece ser o uso do sentido “[p]artidário da supremacia do Papa” (FERREIRA, 2010, s.v. papista).

Com efeito, numa busca ampliada, na mesma data, que considerou 100 ocorrências de “papista” no Twitter, os poucos resultados em língua portuguesa referem-se ao caso do líder da Câmara do Porto (Portugal), Rui Rio, que extinguiu o feriado de São João do Porto e foi acusado pela Coligação Democrática Unitária (CDU) de “ser mais papista que o Papa” (PAULO, 2013).

Embora, nos dias de hoje, o sentido de “papista” como “algunha conferida pelos protestantes aos católicos” seja menos utilizado do que outras injúrias, é evidente o seu caráter depreciativo. Não há, contudo, qualquer aposição de rótulos ou notas nos dicionários brasileiros observados. Em caminho contrário, encontram-se, por exemplo, os dicionários da língua inglesa que advertem seus usuários quanto a um uso insultuoso de “*papist*”:

- O dicionário *Macmillan*,¹²⁸ em consonância com o exemplo de “*hick*”, inicia a definição com “*an insulting word...*”, antecedida pelo rótulo “*offensive*”;
- O *Oxford Dictionary*¹²⁹ define apenas como “*a Roman Catholic*”, mas adverte com uma nota logo no início do verbete: “*chiefly derogatory*”;
- O dicionário *Collins*¹³⁰ diz ser “*another term for Roman Catholic*” com a informação “*usually derogatory*”;
- O *Webster’s New World College Dictionary*¹³¹ define como: “*a Roman Catholic, esp. one who ardently supports the pope*” sem qualquer marca ou indicação;
- Na definição do *American Heritage Dictionary*, lê-se “*Offensive Used as a disparaging term for a Roman Catholic*”.

Uma vez que o conflito entre católicos e protestantes diz respeito a um fato histórico sabido e vivido fortemente por nações do Ocidente, sobretudo as europeias, entendemos que o sentido pejorativo associado à acepção em questão seja equivalente em todas as culturas, embora não seja igualmente tratado por dicionários ingleses/americanos e brasileiros.

4.5.9 “Paraíba”, uso pejorativo motivado por canção?

Como mencionado anteriormente, “paraíba” apresenta uma acepção pejorativa que está associada à mulher com comportamentos que, tradicionalmente, são atribuídos ao homem. Assim se lê, por exemplo, no dicionário Aulete Digital, acepção de número 4:

paraíba (pa.ra.í.ba) Bras. Angios. sm. 1. Árvore da fam das simarubáceas (*Quassia amara*), de madeira branca e frutos drupáceos, m. que *simaruba* 2. Árvore da fam. das simarubáceas (*Quassia versicolor*), de casca amarga e medicinal e drupas comestíveis, m. que *pitombeira-de-marajó* 3. Trecho do rio que não pode ser navegado: "Por esses espaços ninguém metia lanço, devido a que o rio em seio de sua largura se atalhava de corredeiras - paraíba - repuxando sobre predregulho..." (Guimarães Rosa, "*Ripuéria*", in *Tutameia*.) 4.

¹²⁸ Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com/dictionary/american/papist>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

¹²⁹ Disponível em: <<http://oxforddictionaries.com/definition/english/papist?q=papist>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

¹³⁰ Disponível em: <<http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/papist>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

¹³¹ Disponível em: <<http://www.yourdictionary.com/papist>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

Pop. Mulher de comportamento masculinizado 5. Pop. Depr. Lésbica; MACHONA 6. Pop. Operário da construção civil; PARU; PARAÍBA-DE-OBRA 7. P.ext. Qualquer nordestino, sobretudo o que procura a região sudeste em busca de trabalho; PAU DE ARARA [E: do tupi *pa'rab* + *'iwa*] (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. paraíba)

A acepção número 5, entretanto, parece ser uma complementação da acepção 4. Uma “mulher de comportamento masculinizado” é, popular e depreciativamente, chamada de “lésbica”. No caso do Houaiss, essa complementaridade e continuidade de sentidos fica explícita ao se separar a acepção pejorativa em duas (a número 2 e 2.1):

²paraíba *s.f.* (1922 cf. CF³) 1 *B.S.* trecho de rio impróprio para a navegação 2 (1950) *B infm. pej.* mulher de aspecto e comportamento masculinos 2.1 *B infm. pej. m.q. LÉSERICA* 3 *p.ext. B infm.* mulher forte, lutadora ❖ *s.2g B infm.* 4 operário não qualificado da construção civil 5 *p.ext.* designação dada a qualquer nordestino fora de sua região ☉ USO o emprego desta pal. nas acp. 4 e 5 é freq., mas não necessariamente, pej. ☉ ETIM top. *Paraíba* (segundo Nasc, prov. do tupi *pa'ra* 'rio' + *a'iba* 'ruim, impraticável à navegação') tornado subst. com.; p.met., designa seus habitantes ou aplica-se à região nordeste, onde se situa; p.metf. valorativa, é atribuído à mulher forte e lutadora da região; no sentido de 'mulher macho', ocorre no baião *Paraíba* (Luís Gonzaga e Humberto Teixeira, 1950), cuja letra, referindo-se ao Estado da Paraíba, diz Paraíba masculina, mulher-macho, sim senhor; a partir desses signif. fig. desenvolveram-se novas acp., esp. as pej. ☉ SIN/VAR ver sinonímia de *machona* (HOUAISS, 2001, s.v. ²paraíba)

No caso do Aulete Digital e quanto às marcas de uso, questionamo-nos se a acepção de número 4 não seria tão depreciativa quanto a 5, que foi etiquetada como tal. O dicionário Houaiss etiqueta ambas como pejorativas, brasilianismos e de uso informal, mas de maneira duplicada.

A edição *on-line* do dicionário Houaiss complementou a nota de uso, informando que “as acp. do item 2 são de emprego preconceituoso; o uso desta pal. nas acp. 4 e 5 é freq., mas não necessariamente, pej.”¹³²

Há um grau de injúria que passou a se verificar no uso do item lexical “paraíba” e que entrou para o dicionário, não obstante o crescimento do discurso que os execra e os tabuíza. A música é, com efeito, a evidência mais esclarecedora sobre a origem dessa injúria e um exemplo de que os etnofaulismos podem não apenas ser difundidos nas artes, mas também provir delas.

¹³² Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

4.5.10 “Português” nos dicionários brasileiros

No que tangem os etnofaulismos, o povo português parece estar envolvido em denominações insultuosas (seja como insultador, seja como insultado) que ilustram a sua constante presença na História do Brasil, a qual pode ser reconstruída a partir das definições do dicionário.

Ao chegar ao Brasil, informa-nos o dicionário, o português designou os indígenas como “botocudos”. O Houaiss atribui a motivação de tal denominação aos botoques labiais e auriculares que usavam os índios:

botocudo 1 ETNOL denominação dada pelos portugueses a indígena pertencente a grupos de diversas filiações linguísticas e regiões geográficas por usarem botoques labiais e auriculares [...] ETIM *botoque* + *-udo*, com valor desde sempre pejorativo, por 'bárbaro, rude, selvagem' (HOUAISS, 2001, s.v. botocudo)

Os índios também eram chamados de “bugres”, conforme detalhamos na seção 5.3. Desse fato histórico deriva o sentido pejorativo atual, segundo o qual alguém é chamado de “bugre” porque apresentou um comportamento rude ou incivil.

Os negros trazidos da África, escravizados para trabalhar nas lavouras e engenhos chamavam os portugueses de “candangos” (ver seção 5.6).

Encontramos s.v. “galego” (HOUAISS, 2001; 2009) um interessante inventário de alcunhas pelas quais os portugueses eram chamados: “abacaxi”, “bicudo”, “boaba”, “boava”, “candango”, “caneludo”, “chumbinho”, “cotruco”, “cupé”, “cutruca”, “emboaba”, “emboava”, “jaleco”, “japona”, “labrego”, “marabuto”, “marinheiro”, “maroto”, “marreta”, “mascate”, “mondrongo”, “novato”, “parrudo”, “pé de chumbo”, “portuga”, “puça”, “sapatão”, “talaveira”.

Como já apresentado, anteriormente, o etnônimo injurioso “português” é um caso emblemático de uma ausência no dicionário que pode refletir os problemas que aqui vimos tentando elucidar. A falta de clareza quanto à constituição do *corpus*, a pouca sistematicidade na aposição de marcas de uso e as questões mercadológicas (ou ideológicas) que acabam definindo quem entra ou sai do dicionário.

Ao observarmos as definições dos quatro dicionários, utilizados nesta pesquisa, percebemos que a ausência do sentido pejorativo de “indivíduo pouco inteligente ou simplório” para “português” (apresentada apenas pelo DUP) é, evidentemente, uma lacuna:

português (por.tu.guês) sm. 1. Pessoa nascida ou que vive em Portugal (Europa); LUSITANO; LUSO; PORTUGA 2. Gloss. Língua falada esp. no Brasil, em Portugal, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. a. 3. De Portugal; típico desse país ou de seu povo. 4. Do ou ref. ao português (2). (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. português,)

português [Do lat. vulg. *portucalense*.] *Adj.* 1. De, ou pertencente ou relativo a Portugal, ou a português (3). ~ *V. guitarra* —a e *pedra* —a. • *S. m.* 2. O natural ou habitante de Portugal. [Sin., nesta acepç., *portuga* (deprec.) e *caputo* (angol.).] 3. *Gloss.* Língua românica oficial de Portugal, do Brasil, de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, também falada nas ex-colônias portuguesas Goa (Índia) e Macau (China), e que serviu de base lexical a diversos crioulos [v. *crioulo* (12)] da Ásia, da África, da América e da Oceania. [Apresenta duas variedades tidas como padrão: a do Brasil, restrita a este país, e a de Portugal, oficial para os outros seis. Em virtude da imigração, é ainda falada em diversos outros países, tais como o Canadá, a França, os E.U.A., a Alemanha.] [*V. falar* (29) e *codialeto*.][Flex.: *portuguesa* (ê), *portugueses* (ê), *portuguesas* (ê). Cf. *portuguesas*, *portuguesa* e *portugueses*, do v. *portuguesar*.] ♦ Falar em bom português. 1. Falar português claro (q. v.). Falar português claro. 1. Dizer as coisas como são, ou como deveriam ser, com toda a franqueza; falar em bom português. (FERREIRA, 2010, s.v. português)

português *s.m.* (sXIII) 1 indivíduo natural ou habitante de Portugal 2 LING língua indo-europeia, do ramo itálico, grupo latino, originária do latim, mais especificamente, do *latim vulgar*; é a língua oficial de Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe; é tb. falada em Goa, Macau e Timor Leste cf. ↗ *galego-português* 3 PED disciplina escolar cujo objetivo é o ensino e aprendizado da língua portuguesa na sua variante culta, tanto oral quanto escrita <o p. está presente no currículo escolar, em todas as séries> <é bom em p.> <professor de p.> ■ *adj.* 4 pertencente ou relativo a esse indivíduo, à sua língua, a Portugal ou ao seu povo <imigrante p.> <família p.> <língua, literatura, arte p.> <território p.> <navegadores p.> ♦ p. arcaico GRAM LING a fase da língua que se inicia na época dos primeiros documentos escritos em língua portuguesa (início do sXIII) e termina em meados do sXVI [Antes da fase arcaica, houve a fase trovadoresca do galego-português, com documentos escritos desde os começos do sXIII.] • p. moderno GRAM LING a fase da língua que se inicia na segunda metade do sXVI, esp. com *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, e se prolonga até a época atual • em p. claro claramente, francamente, sem rodeios <diga em p. claro o que você quer> © ETIM lat.tar. *portucalensis, e*, por intermédio de *portugalensis, e*, de *Portucālis, is* 'Portugal' (< lat. *portu Cales* 'porto de Cale', f. vulg. de *Cales Portus*); ver *port(o)-*; f.hist. sXIII *portugaese*, sXIV *portugeese*, sXV *portugues*, sXV *portuguessa*, sXV *portugueses*, sXV *portuguezes*, sXV *portugeses*, sXV *portugueses*; registram-se as f. *portugalense*, *portugaês* e *portugales* em 924, 1297 e sXIV, respectivamente © SIN/ VAR lusitano, luso © HOM portuguesa \ê\ (f.), portuguesas \ê\ (f.pl.) / portuguesa, portuguesas (fl. portuguesar); portugueses \ê\ (pl.) / portugueses (fl. portuguesar) (HOUAISS, 2001, s.v. português)

português por.tu.guês adj (lat portucalense) 1 Pertencente ou relativo a Portugal. 2 Natural de Portugal. 3 Próprio de Portugal. sm 1 Habitante ou

natural de Portugal. 2 Língua falada pelos portugueses, pelos brasileiros e pelos habitantes das províncias ultramarinas de Portugal. Falar português claro: dizer as coisas como elas são; falar com franqueza. Em bom português: em linguagem clara e correta. (GREGORIM, 1998, s.v. português)

Essa situação, como vimos demonstrando, torna-se ainda mais contestável quando são consideradas as muitas anedotas que circulam entre os brasileiros sobre a pouca inteligência do povo português ou mesmo de usos como os recuperados na rede social Twitter, reproduzidos abaixo:

32. “portugues além de ser burro é chato’ minha tia” (<https://twitter.com/grimstylews/status/567432835074895873>)
33. “agora cês querem uma de loira ou uma de português burro?” (<https://twitter.com/ramirando/status/567395883135012864>)
34. “@caio_o_teixeira Ele foi burro como um português. Justo.” (<https://twitter.com/sheencchin/status/567465133606461440>)
35. “Já vi que Português não é burro,é lerdo; fosse no Brasil,a máquina já teria sido roubada no porto de santos... <http://t.co/dNhouvTtKm>” (<https://twitter.com/ismael47725/status/567625400365625344>)
36. “Português tem fama de burro” (<https://twitter.com/lillyannasch/status/562654424318083073>)
37. “portugues é tao burro q foi descobrir logo o brasil” (https://twitter.com/C0rpse_/status/563277792637624320)
38. “Português burro não vai mudar” (<https://twitter.com/gunnior/status/567793817534070785>)
39. “português é mt burro pqp” (<https://twitter.com/PBPedro/status/568075141009309698>)
40. “era portugues que era burro nas piada nao era não?” (<https://twitter.com/tanajrua/status/570054409167749121>)
41. “Português é bicho burro mesmo vei” (<https://twitter.com/ManoelXimeness/status/574282329994235904>)
42. “português é meio burro mesmo” (<https://twitter.com/mezonka/status/572971171483926528>)
43. “E ainda dizem q portugues eh burro” (<https://twitter.com/yuriaff/status/572904240131280897>)
44. “@KHondaDepre portugues e burro mas o brasil foi sua colonia, estas a dizer que sao piores q nos” (<https://twitter.com/tiagovc30/status/572879416998543360>)
45. “Brasileiros e suas "Brasileirices" depois, o Português que é burro né esperto? <http://t.co/girtRCVdbx>” (https://twitter.com/rio_macias/status/572766204084936704)
46. “Povo português é burro porra” (<https://twitter.com/godisblackk/status/572363827842551808>)
47. “A CULPA É DOS ÍNDIOS QUE NÃO ABRIRAM CPI PRA INVESTIGAR A ENTRADA DE PORTUGUÊS BURRO NO COMANDO DO PAÍS” (<https://twitter.com/vitorz/status/571911406431436800>)
48. “Haja paciência pra português burro” (<https://twitter.com/l1reed/status/571794676765859841>)
49. “No campeonato português, ofende se a torcida chamar o juiz de burro?” (<https://twitter.com/joaopitanga/status/571719066706190336>)

É possível verificar, a partir desses enunciados, que a associação de um estereótipo ao povo português se faz presente por meio do adjetivo “burro” em todos eles.

4.5.11 O “riponga” e a questão do alvo da injúria

Os dicionários Aulete Digital e Houaiss (2001) são os únicos que apresentam as marcas de uso “jocosos” e “pejorativos” para “riponga”. O Michaelis não apresenta a entrada e o Aurélio indica a pejoratividade ao referir-se ao sufixo “-onga” que compõe a unidade lexical, como relatamos adiante. Verifica-se ainda, aposta às entradas, uma marca diatópica: o Aulete Digital e o Aurélio dizem se tratar de um brasileirismo, enquanto o Houaiss, um uso do estado do Rio de Janeiro. As definições também diferem: o Aulete Digital, além da marca de uso, informa ser “riponga” uma “[f]orma jocosa ou depreciativa de denominar o hippie” (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. riponga) e o Houaiss, edição de 2001, contém uma remissiva à entrada “hippie”, na qual lê-se:

hippie (c1960) [...] 1 diz-se de ou pessoa, ger. jovem, que, nas décadas de 1960 e 1970, rejeitava as normas e valores da sociedade de consumo, se vestia de modo não convencional (com influência da moda oriental), deixava crescer os cabelos, desprezava o dinheiro, o trabalho formal, freq. vivia em comunidades, pregava a não-violência, a liberdade sexual e freq. a liberação das drogas n adjetivo de dois gêneros 2 *p. ext.* diz-se de ou jovem que usa os cabelos compridos e se veste de modo não convencional 3 relativo aos hippies e ao seu movimento <filosofia h.> <hábitos h.> <a era h.> (HOUAISS, 2001. s.v. hippie)

Tomando por base as acepções 2 e 3, entendemos “hippie” não necessariamente como uma ofensa, mas um sentido figurado que remete ao modo de vestir-se e comportar-se que são próprios dos hippies. Todavia, “riponga” é, como define o Aulete Digital, uma “forma jocosa ou depreciativa” de denominar alguém cuja aparência e ideias remetem àquele que “nas décadas de 1960 e 1970, rejeitava as normas e valores da sociedade de consumo, se vestia de modo não convencional (com influência da moda oriental), deixava crescer os cabelos”, conforme se observam nas ocorrências de 50 a 58.

50. “Comprei uma bolsa muito riponga. Parece que eu sai dos anos 60!” (https://twitter.com/mmarola_/status/347169176403709952) [Curitiba]
51. “bora fazer um movimento riponga contra o governo e os protestos QUEM FECHA???” (<https://twitter.com/QuinhoZiper/status/346797005512777728>)
52. “quer dizer vai da mente de cada um ne. mas se alguem me chama de riponga eu sorrio, pq hippie e coisa maravilhosa de deus haha” (<https://twitter.com/c1gar3ttes/status/345874856841207809>) [sp]
53. “Já aprendi a curtir mais maquiagem no cotidiano, mas minha alma riponga gosta mesmo é de cara lavada.” (<https://twitter.com/susannatn/status/345735093802897408>)


54. “Sdds de quando eu era ~riponga~ e usa brinco de pena e ouvia reggae” (<https://twitter.com/porravanessa/status/345678799754633217>) [São Paulo/Porto Alegre]
55. “A vida está conspirando para que eu realmente vire um pintor louco e riponga da Lapa.” (<https://twitter.com/gyeongrium/status/345327157066727424>) [Rio de Janeiro, Brasil]
56. “não aguento mais essas projeto de riponga , ai vão lavar uma louça” (<https://twitter.com/julials/status/347880950480375811>)
57. “@Andarilhorrj Exato. Protesto sem foco; Movimento sem líder... Mais parece uma festa rave, que começa riponga e acaba punk... kk” (<https://twitter.com/FLUTEBOL/status/347329454965657600>)
58. “HAHAHHAHA o riponga falando q Malvino tem cara de classe media. #morri #amoravida” (<https://twitter.com/feluzbraga/status/347512278515589121>) [São Paulo, Brasil]

A adaptação morfológica para o português de “hippie” para “rip-” e o acréscimo de um sufixo “-onga” são indicativos da adoção de um item lexical na língua com fins pejorativos ou jocosos. O dicionário Houaiss remete, na definição de “riponga” ao sufixo “-anas”, em que se lê:

-anas [...] é notável a ocorrência em port. de suf. expressivos - pilhéria, humor, pejoração, afetividade - de estrutura comparável a -anas, a saber -vcas (v = vogal, c = consoante): -anas, -aças, -angas, -icas, -ichas, -igas, -inchas, -ingas, -inhas, -ipas, -olas, com eventual contaminação expressiva em formas em -ongas, -ufas, -unhas e -uras [...] (HOUAISS, 2001, s.v. -anas)

Nas ocorrências de 50 a 58, se, em vez de “riponga”, os usuários da rede social Twitter tivessem optado por “hippie”, o efeito jocoso e depreciativo não teria sido o mesmo. O alvo da injúria não é, assim, o hippie, mas alguém que se comporta como tal.

O dicionário Aurélio apresenta a informação de que se trata de um uso pejorativo ou jocoso apenas ao tratar da morfologia da unidade lexical, mais especificamente quanto ao sufixo.

riponga [Do ingl. *hippie* + o suf. express. *-onga*, de valor pej. e joc.] *Bras. Adj. 2g* 1. Diz-se de quem ou daquilo que segue ou lembra o estilo hippie:  “aquele teu amigo bem riponga, que usava um colar de contas azuis roliças” (Cecília Costa, *Damas de Copas*, p. 141); *uma roupa riponga. S. 2g* 2. Pessoa adepta do estilo hippie, ou que o lembra (FERREIRA, 2010, s.v. riponga)

Veja-se que esse dicionário apresenta ainda um exemplo autoral que está em consonância com os usos da unidade lexical levantados no Twitter.

Quanto à informação diatópica, conforme se observa nos resultados da busca por “riponga”, constata-se (entre colchetes) que a ocorrência do sentido em questão, apresentados acima, não se dá apenas entre usuários que declararam residir ou ser originariamente do estado do Rio de Janeiro, o que nos leva a questionar as marcas diatópicas apostas nos dicionários.

4.5.12 O “saloiio” e a ausência de marcas diatópicas

Das acepções denotativas de “saloiio” já se depreende que a unidade lexical refere-se à realidade cultural lusitana. Lê-se, no dicionário Houaiss (2001):

saloiio *adj.* (1569 cf. JC1) 1 que é dos arredores de Lisboa, a norte do Tejo, dos seus habitantes, ou que lhes diz respeito <a região s. abastecia a capital de produtos frescos> 2 diz-se de certo pão feito de uma variedade de trigo durázio cultivada nos arrabaldes de Lisboa ■ *adj.s.m.* 3 diz-se de ou homem do campo das cercanias de Lisboa <gente s.> <um s. da gema> 4 diz-se de ou camponês, aldeão, indivíduo rústico <aparência s.> <um típico s. de Odrinhas> 5 *pej.* diz-se de ou indivíduo que revela falta de civilidade, de traquejo social ou de bom gosto <modos s.> <não passar de um s.> 6 *pej.* diz-se de ou indivíduo que procede com manha ou velhacaria <fazer-se de s.> <ser um s. em matéria de ladinice> © ETIM ár. *Ṣaḥrāwī* através do ár. vulg. *Ṣaḥrōī* 'habitante do deserto'; esta passagem é bastante elucidativa sobre o voc. saloiio e seu uso: [...] deixando el-Rei D. Afonso Henriques ficar no termo de Lisboa os mouros, em suas fazendas e lugares com obrigação de pagar o mesmo que aos seus reis mouros, a estes chamavam saloiios [...]. (LeitMisc *apud* RB); f.hist. 1569 *saloya*, 1629 *saloyo*, 1720 *saloiio*, 1720 *çaloyo* © SIN/VAR ver sinonímia de *bronco* © ANT ver antonímia de *tolo* © COL saloiada (HOUAISS, 2001, s.v. saloiio)

A terceira e quarta acepções indicam que “os arredores” e “arrabaldes” dizem respeito ao campo. As duas acepções que se seguem são etiquetadas como “pejorativo” (grifado).

Comparativamente, o verbete na edição de 2009 do Houaiss, encontra-se, significativamente, reduzido:

saloiio *adj.* (1629) 1 diz-se de ou indivíduo do campo das cercanias de Lisboa (Portugal) 2 diz-se de ou camponês, aldeão, indivíduo rústico 3 *pej.* diz-se de ou indivíduo que revela falta de civilidade, de traquejo social ou de bom gosto 4 *pej.* diz-se de ou indivíduo que procede com manha ou velhacaria © ETIM ár. *Ṣaḥrāwī* através do ár. vulg. *Ṣaḥrōī* 'habitante do deserto' © SIN/VAR ver sinonímia de *bronco* © ANT ver antonímia de *tolo* © COL saloiada (HOUAISS, 2009, s.v. saloiio)

A etimologia parece ter sido a parte mais afetada com a redução. Os exemplos para cada sentido não figuram mais, assim como os próprios sentidos de número 2, 3 e 4. De fato, havia pouca diferença entre as acepções 4 e 5, na edição de 2001. Note-se ainda que as acepções pejorativas foram mantidas na edição mais recente.

A obra brasileira *Memórias de um sargento de milícias* reaparece aqui como exemplo de texto nacional, cujo contexto narrativo remete a um Brasil colonial, em que a unidade lexical “saloio” é frequente e encontram-se reproduzidas nas ocorrências de (a) a (f) (resultados obtidos a partir do *corpus* NILC/São Carlos, acessíveis via AC/DC¹³³).

- a. “Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonitota .”
- b. “Honra de meirinho é como fidelidade de saloia .”
- c. “Fugi de uma saloia e fui cair numa cigana... tem razão! ...”
- d. “Hei de me meter; não é da sua conta, nem venha cá dar regras, que eu não preciso de você-Y Mas o que tem você que entender com uma criança inocente que nunca lhe fez mal? -- Tenho muito, porque não me deixa parar os telhados com pedras, faz-me caretas quando me vê na janela, e trata-me como se eu fosse alguma saloia ou mulher de barbeiro...”
- e. “Mas, homem, você não se tem dado bem nem com as saloias nem com as ciganas; para que antes não procura uma filha cá da terra? ...”
- f. “Se me diz mais meia palavra... perco-lhe o respeito... eu nunca lhe dei confiança; e apesar de ser a senhora lá o quer que é de meu pai... perco-lhe o respeito-Y Você sempre mostra que tem raça de saloio, disse Chiquinha empertigando-se e sem recuar um passo.”

Com respeito ao contexto em que a ocorrência 45 se insere, Preti afirma:

As expressões “bordo de nau”, “major Vidigal”, “namorado sem venturas”, “o que quer que é de meu pai”, “raça de saloio” se ligam a fatos vividos pelas personagens e não precisam de outras explicações ao ouvinte para comunicarem com eficiência o que o falante quer dizer. É perfeito no diálogo o tom de insulto que adquirem no novo contexto em que se colocam, em meio a uma *situação* emotiva, em que ganham *conotações* pejorativas. (PRETI, 1994, p. 111, grifos do autor)

Não obstante nossa busca por “saloio” na rede social Twitter não tenha retornado resultados entre usuários brasileiros, o leitor de tal obra que se interesse pelo significado de “saloio”, encontrará nos dicionários brasileiros a explicação para sua busca. Entretanto, por ser um conceito próprio de Portugal, seria adequado que os dicionários indicassem ser esse um lusitanismo. Os sentidos pejorativos associados a “saloio” são recobertos em português brasileiro pelos sentidos pejorativos de “caipira” e esses, por outro lado, como observado, não são rotulados como “pejorativo”.

¹³³ Disponível em <<http://www.linguateca.pt/ACDC/>>. Acesso em: 15 set. 2014.

4.5.13 O “vigário” e a presença de marcas diatópicas

O sentido pejorativo associado à unidade lexical “vigário” é produtivo no português. Dele derivam “vigarista” e “conto do vigário”. O primeiro parece ter ocupado o lugar de “vigário” quando se quer ofender alguém, querendo dizer que se trata de um “trapaceiro”. Não há, contudo, nos dicionários observados, uma indicação de que esse é um uso ofensivo. Há, no entanto, uma marcação regional que diz ser esse um uso do estado de Minas Gerais, conforme se observa nos dicionários:

vigário [Do lat. *vicariu*, *i. e.*, ‘vicário’ (subentende-se pároco), ‘padre que faz as vezes do bispo’.] *S. m.* 1. Aquele que faz as vezes de outro. 2. Padre que faz as vezes do prelado. 3. Padre que substitui o pároco em uma paróquia. 4. Título do pároco, no uso popular. [Var., ant. e pop., nestas acepç.: *vigairo*.] 5. *Bras. PE* Caboje. 6. *Bras. MG Pop. Vigarista* (2). 7. *Zool. Bras. V. soldado* (8). ♦ Vigário capitular. 1. Padre eleito pelo cabido ou capítulo de uma diocese, para responder por ela durante a vacância ocasionada pela morte ou transferência do bispo. Vigário da vara. 1. Vigário forâneo. Vigário de Cristo. 1. O Papa. Vigário forâneo. 1. Delegado do bispo para um grupo de paróquias; vigário da vara. (FERREIRA, 2010, s.v. vigário)

vigário *s.m.* (sXIII cf. AGC) 1 aquele que substitui outro 2 ADM.ECLES religioso que, investido dos poderes de outro, exerce em seu nome suas funções 2.1 ADM.ECLES padre que faz as vezes de prelado 2.2 ADM.ECLES padre que substitui o pároco de uma paróquia 3 irmão que, nas confrarias, faz as vezes de chefe ou juiz 4 *infrm.* m.q. pároco 5 *MG infrm.* aquele que engana outrem com trapaças; *vigarista, velhaco* 6 *AGR CE PE* m.q. *CABOJE* 7 *ICT BA* m.q. ²*SOLDADO* (*Holacanthus tricolor*) ♦ v. apostólico ADM.ECLES na Igreja católica, bispo titular responsável por uma área que não está organizada como diocese • v. capitular ADM.ECLES padre que o capítulo de uma diocese elege para responder por ela durante a vacância devida à morte ou transferência do bispo • v. da vara ADM.ECLES delegado do bispo para um grupo de paróquias; vigário forâneo • v. de Cristo CATOL REL o papa • v. forâneo ADM.ECLES m.q. *VIGÁRIO DA VARA* © ETIM lat. *vicarium*, ‘o que faz as vezes de outro, substituto’; ver *vicari-*; f.hist. sXIII *vigairo*, sXV *vigario*, sXV *uigayro* (HOUAISS, 2001, s.v. vigário)

vi.gá.rio *sm* (*lat vicariu*) 1 Aquele que faz as vezes de outro. 2 Padre que substitui o prelado. 3 Padre adjunto a um prior. 4 Título do pároco, em todas as freguesias do Brasil. 5 Irmão que, nas confrarias, faz as vezes do chefe ou do juiz. 6 Durante o império romano, governador de uma diocese. 7 *Ictiol* O mesmo que soldado, acepção 6. 8 *Reg (Minas Gerais) Indivíduo velhaco, espertalhão, finório, sabido.* *V. da vara:* delegado do prelado em certos distritos eclesiásticos. *V. de Cristo:* o papa. *V. de freiras:* capelão ou diretor espiritual das religiosas de um convento. *V. encomendado:* vigário amovível ou que recebeu a igreja por encomendação. *V. forâneo:* sacerdote encarregado de um vicariato forâneo. *V.-geral:* o que representa o bispo na administração eclesiástica da diocese. (GREGORIM, 1998, s.v. vigário)

Nossa análise aqui foca-se na marcação diatópica. Diferentemente de “saloio”, que não apresenta qualquer etiqueta diatópica, parece-nos que esse uso não se restringe apenas ao estado de Minas Gerais, como apontado. Tentamos, assim, recuperar o uso desse etnofaulismo na rede social Twitter.¹³⁴

59. “Ganhei o dia. O vigário do @manomenezes não é mais treinador da seleção!” [Caixas do Sul]
60. “@RdGaucha sou argentina!! Não apoio ladrão vigário!! Passou brasileiro dae jogadores do fluminense são convocados! País da vergonha e roubo!” [Gravataí-RS]
61. “Nunca torci contra o Brasil, mas sempre torcerei contra ti @manomenezes, vigário” [Caxias do Sul]
62. “O tal de Guerrinha da Gaúcha é um baita vigário. Se diz colorado para falar um monte de besteira querendo parecer isento.” [São Leopoldo]
63. “Essa diretoria só tem malandro, incrível. Fazem umas jogadas típicas de bicheiro, gatuno, vigário.” [São Bernardo do Campo - SP]

As informações entre colchetes, como já procedido anteriormente, correspondem à localização declarada no perfil do usuário do Twitter. Embora seja um universo pequeno, esses dados demonstram uma predominância de tuítes de usuários do Sul do Brasil, o que já demonstra não se tratar apenas de Minas Gerais.

4.6 O pejorativo na morfologia e em elementos da microestrutura

Para além dos etnofaulismos encontrados como entrada na macroestrutura do dicionário, consideramos importante traçar considerações sobre os sufixos que indicam pejoratividade (e que perfazem alguns dos etnofaulismos investigados nesta pesquisa). Tratamos ainda sobre a indicação dessa depreciação na própria definição ou em pós-comentário, e em notas de uso e em notas enciclopédicas que se encontram em alguns verbetes.

4.6.1 Os sufixos *-ado* e *-ada*

O processo de parassíntese, que se dá pela aposição do prefixo *-a* e do sufixo *-ado* ao etnofaulismo, indica o que o dicionário Houaiss trata como um caso em que se verifica um matiz semântico da base que serviu de composição, no caso o etnofaulismo:

-ado sufixo ocorre em pal. adjetivas, substantivas e em nomes (adjetivos/substantivos), devendo-se ter em conta que é a desin. do part.pas. da 1ª conj.,

¹³⁴ Não indicamos aqui os endereços na Internet que apontam para esses tuítes, uma vez que não os registramos na data de seus levantamentos (24 de novembro de 2012).

do lat. -ātu-, -āta- > -ado, -ada (padrão amātu-, amāta- > amado, amada); 1) como suf. adj. assume matizes semânticos em grande parte provindos do rad. verbal de orig. associados à noção geral de conexão: abrutalhado, ameigado, ameninado, despenteado, efeminado etc.; [...] (HOUAISS, 2001, s.v. -ado)

Assim, “abugrado” diz respeito àquele “que se assemelha ou descende de bugre” ou “que se tornou embrutecido, rude” (HOUAISS, 2001, s.v. abugrado), visto que a acepção pejorativa de bugre é indivíduo “rude ou incivil”. A dissonância, nesse caso específico, refere-se à ausência desse traço de incivilidade (apresentadas por Aulete e Houaiss), mas uma questão de descendência ou semelhança física com o bugre (no seu sentido denotativo), no Aurélio e no Michaelis.

“Acaboclado”, por sua vez, diferencia-se apenas no Michaelis, que não apresenta o sentido pejorativo de “caboclo” associado a essa formação parassintética. Aurélio, Aulete e Houaiss apresentam o traço que remete ao comportamento rústico, como pode-se verificar:

acaboclado [De a-² + caboclo + -ado¹.] Adj. Bras. 1. Que tem o aspecto do caboclo: ☞ “era um homem de estatura regular, acaboclado” (Melo Moraes Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, p. 176). 2. Próprio de caboclo, ou semelhante a este nos modos ou no comportamento. 3. Rústico, caipira. (FERREIRA, 2010, s.v. acaboclado)

acaboclado (a.ca.bo.cla.do) Bras. a. 1. Que tem ou passou a ter feição e/ou modos de caboclo (indivíduo acaboclado). 2. Que tem aparência ou comportamento rústicos. [F.: Part. de acaboclar.] (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. acaboclado)

acaboclado *adj.* (1872) *B* que se acabocloou 1 que tem origem, feição, cor ou modos de caboclo; atrigueirado 2 que revela comportamento rústico, acaipirado ☉ ETIM part. de *acaboclar*; var. *acabocolado*; ver *cabocl-* (HOUAISS, 2001, s.v. acaboclado)

Todavia, o Aurélio, na definição, traz apenas “rústico, caipira”, ao passo que os demais usam a fórmula “que tem o aspecto / a aparência / os modos / o comportamento”, indicando tratar-se, não do caboclo, mas de um derivado.

No caso das formações por sufixo, a presença das marcas de uso também faz-se necessária. Como se observa no verbete de “agalegado”, o usuário do dicionário pode ser levado a entender, a partir do verbete do Aurélio ou do Michaelis, que os “modos do galego” correspondem a ser “boçal” e “estúpido”, sem informar, necessariamente, que o consulente está diante de um sentido pejorativo.

agalegado [De *a*⁻² + *galego* + *-ado*¹.] *Adj.* 1. Que tem modos e/ou aparência de galego (2). 2. Que é próprio de galego (2). 3. Grossoiro, estúpido, malcriado. (FERREIRA, 2010, s.v. agalegado)

agalegado (a.ga.le.ga.do) a. 1. Com modos, sotaque ou aparência de galego. 2. Pej. Malcriado, estúpido, grosseiro. [E.: Part. de *agalegar*.] (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. agalegado)

agalegado *adj.* (1540) 1 que tem modos, feição ou sotaque galego; que dá a ideia de galego 2 que é próprio de galego 3 *pej.* que se comporta com estupidez, com grosseria © ETIM part. de *agalegar*; ver *galeg-*; f.hist. 1540 *agalegadamente*, 1818 *agalegado* (HOUAISS, 2001, s.v. agalegado)

agalegado a.ga.le.ga.do *adj* (part de *agalegar*) 1 Com modos ou linguagem de galego. 2 Boçal; malcriado. (GREGORIM, 1998, s.v. agalegado)

Alguns etnofaulismos levantados dizem respeito a uma formação sufixal de *-ada*. Embora o sufixo possa designar um coletivo — como em “moçada” (que não se trata de um etnofaulismo) —, o dicionário Houaiss informa que pode haver um valor pejorativo associado a ele:

-ada sufixo essencialmente term. do part.pas. ou supn. dos v.lat. da 1ª conj., *-ātu(s)*, *-āta* (*-ātu*, *-āta*) > port. *-ado*, *-ada*, flexional normalmente como nome (subst. ou adj.); o suf. foi e continua fecundo, a partir do sXII nas línguas român., o que se documenta em port. desde antes da tradição gráfica deste; é das orig. da língua, mas para certas funções teve especializações marcadas nos tempos subsequentes: 1) como suf. adj. adjungido a rad. verb. de que toma os mais variados matizes semânticos: *alfinetada*, *aguilhoada*, *assoviada*, *bolinada*, *caçada*, *cantada*, *chegada*, *debandada*, *esticada*, *largada*, *mascarada*, *misturada*, *morada* etc.; 2) como suf. formador de substantivos a partir de substantivos: *abacatada*, *alvorada*, *bolada*, *carneirada*, *correada*, *facada*, *laranjada*, *limonada*, *mesada*, *noitada*, *novembrada*, *temporada*, *vassourada* etc.; 3) como suf. da taxonomia biológica — do tipo *campanulada(s)*, *carenada(s)*, *cilioflagelada(s)*, *coronada(s)*, *labiada(s)* — é do século XVIII; 4) como suf. de coletivo é de meados do sXV em diante, por vezes com matiz pejorativo: *africanada*, *aguaceirada*, *animalada*, *baianada*, *bicharada*, *caboclada*, *cabrochada*, *cariocada*, *galegada* etc.; ver *-ado* (HOUAISS, 2001, s.v. *-ada*)

4.6.2 A indicação de pejoratividade na definição ou em pós-comentário

Algumas indicações de que a acepção se trata de um uso pejorativo são indicadas no interior da própria definição. É o caso, do já mencionado “boche”, no Aulete Digital, ou de “bugre”, no dicionário Michaelis:

bu.gre *sm* (fr bougre) 1 **Nome depreciativo** que se dá ao selvagem do Brasil. 2 Bot Árvore leguminosa (*Albizzia lebbbeck*). *sm pl* Indígenas não civilizados e

ferozes do Brasil, principalmente os de origem tapuia. (GREGORIM, 1998, s.v. bugre)

Para esse mesmo etnofaulismo, o Aulete Digital faz menção à depreciação tanto em marca de uso, quanto no interior da definição.

bugre (bu.gre) s2g. 1. Pej. Etnol. **Designação depreciativa** que os europeus deram aos indígenas do Brasil, por considerá-los sodomitas [Segundo algumas fontes, o termo foi us. pela primeira vez no Brasil em 1555, por oficiais da marinha francesa, para designar os tamoios.] 2. Pej. **Denominação depreciativa** dada a indivíduo de origem indígena, preconceituosamente tido como selvagem, rude, incivilizado e herético. 3. Fig. Pej. Pessoa incivilizada, inculta. 4. Fig. Pessoa arredia. sm. 5. Veículo aberto, com pneus largos, motor traseiro, muito us. em terrenos arenosos e acidentados; BUGGY a2g. 6. Etnol. Do ou ref. a bugre (1). [Col.: bugrada, bugraria.] [F.: Do lat. Bulgarus, 'herético', pelo fr. bougre.] (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. bugre)

Em outros casos observados, tal apontamento é feito em forma de pós-comentário, como se observa no verbete de “acólito”, no Aulete Digital, ou “campônio” e “provinciano”, no Aurélio:

acólito (a.có.li.to) sm. 1. Ecles. A quarta das ordens menores, que dá o poder de servir o subdiácono na missa, acender os círios, preparar e oferecer o vinho e a água 2. Ecles. Pessoa a quem foi conferida esta ordem ou que desempenha as mesmas funções 3. Fig. Aquele que acompanha ou ajuda alguém; AJUDANTE; ASSISTENTE [**Pode ter conotação pejorativa.**] [F.: Do lat. ecles. acolythus, i.] (AULETE DIGITAL, s.d., s.v. acólito)

campônio *S. m.* 1. *V. camponês* (1). [**Us. às vezes como deprec.**] (FERREIRA, 2010, s.v. campônio)

provinciano [De *província* + *-ano*¹.] *Adj.* 1. Da, relativo à ou natural ou próprio da província (em geral por oposição à capital): ☞ *hábitos provincianos; espírito provinciano.* [**Us. muitas vezes pejorativamente, com a conotação de ‘atrasado’, ‘superado’.** Cf. *provincial* (1).] • *S. m.* 2. Indivíduo natural ou habitante da província e/ou imbuído do espírito provinciano. [Cf. *caipira* (1, 3 a 5) e *matuto* (1, 2 e 6).] (FERREIRA, 2010, s.v. provinciano)

No caso de “acólito”, no dicionário Aulete Digital, a indicação de que “acólito” pode ter uma conotação pejorativa na terceira acepção (marcada como “figurado”) pode ser explicada por seu equivalente, em francês, conforme se lê no dicionário *Le Petit Robert*:

ACOLYTE n. m. — XII^e ; lat. ecclés. acolythus, gr. *akolouthos* « suivant, serviteur » 1. RELIG. CATHOL. (av. 1972) Clerc élevé à l'acolytat, dont l'office est de servir à l'autel. ⇒ servant. 2. (XVII^e) FIG. SURTOUT PÉJ. Compagnon, complice qu'une personne traîne toujours à sa suite. *Flanqué de ses deux acolytes.* (PETIT ROBERT, 2003, s.v. acolyte)

Note-se que o dicionário também aponta que nem sempre a acepção 2 é pejorativa, mas é sempre figurada. Além disso, a ideia de “cúmplice” conduz a uma ideia de que se trata de alguém que colabora em atividade pouco lícita, conforme confirmado pelo dicionário Larousse, *on-line* (este, todavia, sem qualquer marca de uso):

acolyte nom masculin (latin ecclésiastique *acolytus* ; du grec *akolouthos*, serviteur) Individu qui en aide un autre dans des actions peu recommandables ; complice.¹³⁵

O dicionário Houaiss faz uso também de pós-comentário mas para detalhar a origem de um uso pejorativo, previamente indicado com marca de uso:

judeu *adj.s.m.* (1018) 1 HIST relativo à antiga tribo de Judá ou indivíduo dessa tribo 2 *p.ext.* HIST relativo ao antigo reino hebreu de Judá (c930-586 a.C.), na Palestina meridional, ou o que é seu natural ou habitante 3 HIST *p.us.* relativo à Judéia, região meridional da Palestina (esp. sob o domínio persa, helênico ou romano) ou o que é seu natural ou habitante 4 HIST relativo a ou descendente do povo originado dessa tribo, desse reino ou dessa região; hebreu, israelita 5 diz-se de ou indivíduo nascido de mãe judia, ou de pai e mãe judeus; israelita 6 REL que ou aquele que segue a religião e/ou a tradição judaica; hebreu, israelita ■ *adj.* 7 m.q. *JUDAICO* ■ *s.m.* 8 *infrm. pej.* pessoa usurária, avarenta [Esta *acp.* resulta da atividade de emprestar dinheiro, interdita aos cristãos na Idade Média, mas não aos judeus] 9 CUL espécie de bolo de milho 10 CUL *MG* espécie de virado de frango ao molho pardo, lombo de porco, arroz ou angu 11 ICT *B* m.q. *BETARA* (*Menticirrhus americanus*) 12 POL *SC* alcunha dada pelos conservadores, ditos cristãos, aos liberais ☆ j. errante 1 pessoa que não se fixa, que está sempre em trânsito, viajando ◎ GRAM fem.(*acp.* 1 a 8): *judia* ◎ ETIM lat. *judaeus, a, um* 'judeu, da Judéia', do gr. *ioudaîos, a, on* 'relativo à tribo de Judá' ◎ COL judaicidade, judeidade (HOUAISS, 2009, s.v. judeu)

A título de comparação, o dicionário *Le Petit Robert* (2003) apresenta detalhes da origem de uma acepção injuriosa em forma de pré-comentário semântico, como se pode observar, s.v. *jésuite*:

¹³⁵ “acólito [...] Indivíduo que auxilia outrem em ações pouco recomendáveis; cúmplice.” Disponível em: <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/acolyte/777?q=acolyte#771>>. Acesso em 31 mar. 2015.

JÉSUISTE n. m. et adj. — 1548 ; de (*compagnie de*) *Jésus* 1. Membre de la compagnie (ou société) de Jésus, ordre fondé en 1534 par Ignace de Loyola. *Lutte entre jésuites et jansénistes au XVII^e siècle. Collège de jésuites.* ABRÉV. FAM. (1950) **JÈSE** ou **JÈZE**. *Il a été chez les jèses.* ◇ Adj. *Le parti jésuite. Collège jésuite.* — Art, style *jesuite* : style d'architecture baroque adopté par les jésuites au XVII^e s. (ex. Le Gesu de Rome). 2. (**À cause de la casuistique des moralistes jésuites**) **PÉJ.** Personne qui recourt à des astuces hypocrites. *Quel jésuite !* — Adj. « *jugez combien les femmes sont jésuites !* » (Balzac). *Un air jésuite.* ⇒ fourbe, hypocrite, jésuitique. (PETIT ROBERT, 2003, s.v. jésuite)

A entrada “*juif*”, no mesmo dicionário, também comporta, em seu verbete, um pré-comentário, mas, desta vez, indicando a pejoratividade, o que fez com que a marca de uso desaparecesse:

JUIF, JUIVE n. et adj. — judeu v. 980 ; juieu v. 1220, fém juieve, juive, d'où le masc. juif ; lat. judaeum, gr. ioudaios « de Juda », de l'hébr. Yehudi, de Yehuda « Juda » 1. Nom donné depuis l'Exil (IV^e s. av. J.-C.) aux Hébreux (⇒ hébreu, israélite), peuple sémite qui vivait en Judée (Israël et Cisjordanie actuels). — (1648) Le juif errant : personnage que la légende chrétienne suppose condamné à errer jusqu'à la fin du monde. ◇ Personne descendant de ce peuple, ou qui s'est convertie au judaïsme (⇒ prosélyte). Juif allemand, polonais. Juifs d'Europe de l'Est (⇒ ashkénaze), d'Europe méridionale et d'Afrique du Nord (⇒ séfarade ; aussi marrane). Dispersion des Juifs à travers les persécutions subies par les Juifs. Crimes commis contre les Juifs ⇒ génocide, holocauste, pogrom (cf. La Shoah). Les Juifs ont obtenu le partage de la Palestine et la création de l'État de Israël en 1947 (⇒ sionisme). Juif né en Israël. ⇒ sabra. ◇ FAM. Le petit juif : l'endroit sensible du coude. 2. Adj. Relatif à la communauté des juifs anciens ou actuels. Le peuple juif (cf. Le peuple élu*). Religion juive. ⇒ judaïsme ; hassidisme ; bible, massore, talmud, torah ; circoncision, lévirat, shabbat. Fêtes juives : la Pâque, grand pardon (Yom Kippour). Lieu du culte juif. ⇒ synagogue. Prêtres, docteurs juifs. ⇒ ghetto, juiverie. Humour juif. Histoires juives. La cuisine juive. — N. f. Carpe à la juive. 3. N. m. vx (lang. class.) Prêteur d'argent. — N. m. et adj. (**emploi diffamatoire**) Personne âpre au gain, avare. « *Quel Juif, quel Arabe est-ce là ?* » (Molière). (PETIT ROBERT, 2003, s.v. juif)

O reforço de indicações de uso, seja por meio de pré ou pós-comentário ou no interior da própria definição pode ser desejável em casos mais sensíveis, desde que se busque uma padronização no modelo de redação da definição, de modo que haja sistematicidade se a opção for a de incluir a indicação de pejoratividade na própria definição. Outras pesquisas, no entanto, poderiam observar se não se trata de um elemento que foi incorporado de edições anteriores do mesmo dicionário e que comprometem a normatização da obra no que diz respeito ao sistema de marcação.

4.6.3 Notas de uso no dicionário Houaiss

O dicionário Houaiss é o único das quatro obras analisadas que apresenta notas de uso. É importante notar que a versão *on-line* dessa obra tem recebido modificações com relação à sua versão impressa. A ampliação da utilização de notas de uso, sobretudo, após a controvérsia legal referente aos sentidos pejorativos de “cigano”, representa uma dessas alterações no dicionário e parece ser uma forma encontrada pelo Instituto Antônio Houaiss e a editora Objetiva para minimizar repercussões negativas, ao mesmo tempo em que o usuário do dicionário é esclarecido quanto à origem da injúria.

No Quadro 3 reproduzimos, entre as entradas observadas, aquelas que já traziam alguma nota de uso, na edição 2001 do dicionário.

Quadro 3: Entradas com notas de uso na edição 2001 do dicionário Houaiss

Entrada	Texto da nota de uso
“abadessa”	“a acp. 3 foi importada de Portugal, onde tb. está obsl. na língua”
“baianada”	“são preconceituosas as acp. de 3 a 5.1”
“baiano”	“1) o gentílico inicialmente referia a (cidade da) Bahia de Todos-os-Santos e, sem jamais perder essa acepção, passou a designar também os naturais da província e do estado 2) o sentido pejorativo das acp. 4, 6.1, 7 e 8 resulta de preconceitos xenófobos esp. por parte dos estados do sul do Brasil, que se baseiam em prevenções gratuitas a respeito das características desse grupo populacional”
“bugre”	“as acp. 2 e 3 resultam de preconceito colonial português contra os nativos ameríndios”
“cafre”	“a acp. 2 resulta de antiga tradição colonialista de origem europeia”
“cigano”	“as acp. 5 e 6 resultam de antiga tradição europeia, pejorativa e xenófoba por basear-se em ideias errôneas e preconcebidas sobre as características deste povo que, no passado, levava uma existência nômade”
“galego”*	“a) as acp. 3, 4, assim como a loc. <i>à galega</i> , resultam de antiga tradição xenófoba portuguesa, que no Brasil gerou outro estereótipo <i>pej.</i> , dessa vez voltado contra os próprios portugueses; b) a acp. 8 resulta da antiga tradição xenófoba portuguesa”
“negrada”	“palavra consid. agressiva”
“paraíba”	“o emprego desta pal. nas acp. 4 e 5 é freq., mas não necessariamente, <i>pej.</i> ”
“polaca” (a acepção pejorativa que corresponde a “meretriz” remete à nota de uso s.v. “polaco”)	“no Brasil, do final do sXIX para cá, prevalece o uso de <i>polonês</i> , bem como, nos compostos gentílicos, de <i>polono-</i> , como em <i>polono-russo</i> , antes <i>polaco-russo</i> , prov. porque, no fem., <i>polaca</i> foi us. depreciativamente como ‘prostituta’” (s.v. polaco)

No Quadro 4, reportamos aquelas entradas cujos verbetes não possuíam nota de uso na edição de 2001, mas foram incluídas na de 2009.

Quadro 4: Entradas que não possuíam notas de uso na edição 2001 do dicionário Houaiss e receberam uma na edição de 2009

Entrada	Texto da nota de uso
“galegada”	“o emprego <i>pej.</i> desta pal. resulta de antiga tradição xenófoba portuguesa, que no Brasil gerou outro estereótipo, dessa vez voltado contra os próprios portugueses”
“galego” (a acepção pejorativa que corresponde a “português inculto” ou “qualquer estrangeiro” remete à nota s.v. “galegada”)	“o emprego <i>pej.</i> desta pal. resulta de antiga tradição xenófoba portuguesa, que no Brasil gerou outro estereótipo, dessa vez voltado contra os próprios portugueses” (s.v. “galegada”)

O Quadro 5 apresenta notas de uso presentes nos verbetes da versão *on-line* do dicionário e que não se encontram no Houaiss impresso, nem na edição de 2001, nem na de 2009.

Quadro 5: Entradas que não possuem notas de uso na edição 2001 e 2009 do dicionário Houaiss mas receberam uma na versão *on-line* do dicionário

Entrada	Texto da nota de uso
“judeu”	“a acp. 9 resulta de antiga tradição antissemita de origem europeia”
“paraíba”*	“as acp. do item 2 são de emprego preconceituoso; o uso desta pal. nas acp. 4 e 5 é freq., mas não necessariamente, <i>pej.</i> ”

* Embora os verbetes para essas entradas já constassem com notas de uso (conforme se observa nos quadros 2 e 3), nas edições impressas, essas foram modificadas na edição *on-line*, conforme o texto que se apresenta neste quadro.

4.6.4 Notas enciclopédicas no dicionário Houaiss

Observamos ainda que os espaços reservados à etimologia, no dicionário Houaiss, em muitos casos lançam luz sobre a origem dos sentidos pejorativos com um tipo de informação que não é exatamente etimológica, mas enciclopédica.

É o caso de “filisteu”, “gringo” e “paraíba”, na edição de 2001. Os textos são reproduzidos no Quadro 6.

Quadro 6: Entradas que não possuem notas de uso na edição 2001 e 2009 do dicionário Houaiss mas receberam uma na versão *on-line* do dicionário

Entrada	Texto enciclopédico
“filisteu”	“do lat. philistaei,ōrum 'filisteus'; os filisteus bíblicos eram um povo dado como inimigo do povo eleito; na Alemanha do século XVII a pal. equivalente, Philister, passou a ser us. pelos estudantes de teologia para assinalar aqueles considerados inimigos dos estudantes e das coisas do espírito; no século XVIII, passou a significar, em línguas da Europa, 'pessoa de espírito tacanho', donde deriva a acp. 2 do português”
“gringo”	esp. <i>gringo</i> (sXVIII), segundo Corominas, deformação de <i>griego</i> 'grego' (> <i>grigo</i> > <i>gringo</i>), com o sentido de língua incompreensível em comparação ao latim; na Espanha, aplicado apenas à linguagem, foi us. na América em relação aos estrangeiros, que falavam uma linguagem ininteligível
“paraíba”	top. <i>Paraíba</i> (segundo Nasc, prov. do tupi <i>pa'ra</i> 'rio' + <i>a'iba</i> 'ruim, impraticável à navegação') tornado subst. com.; p.met., designa seus habitantes ou aplica-se à região nordeste, onde se situa; p.metf. valorativa, é atribuído à mulher forte e lutadora da região; no sentido de 'mulher macho', ocorre no baiano <i>Paraíba</i> (Luís Gonzaga e Humberto Teixeira, 1950), cuja letra, referindo-se ao Estado da Paraíba, diz "Paraíba masculina, mulher-macho, sim senhor"; a partir desses signf. fig. desenvolveram-se novas acp., esp. as pej.

Igualmente, nesse caso, é importante ressaltar que a edição de 2009 do dicionário Houaiss exclui essas informações ou as simplifica. No caso de “filisteu”, lê-se apenas: “do lat. philistaei,ōrum 'filisteus’”. Essa redução não afeta a compreensão do sentido, ao se decodificar um texto. Todavia, priva o usuário de um esclarecimento aprofundado quanto à origem de um sentido pejorativo.

4.7 As marcas de uso em números

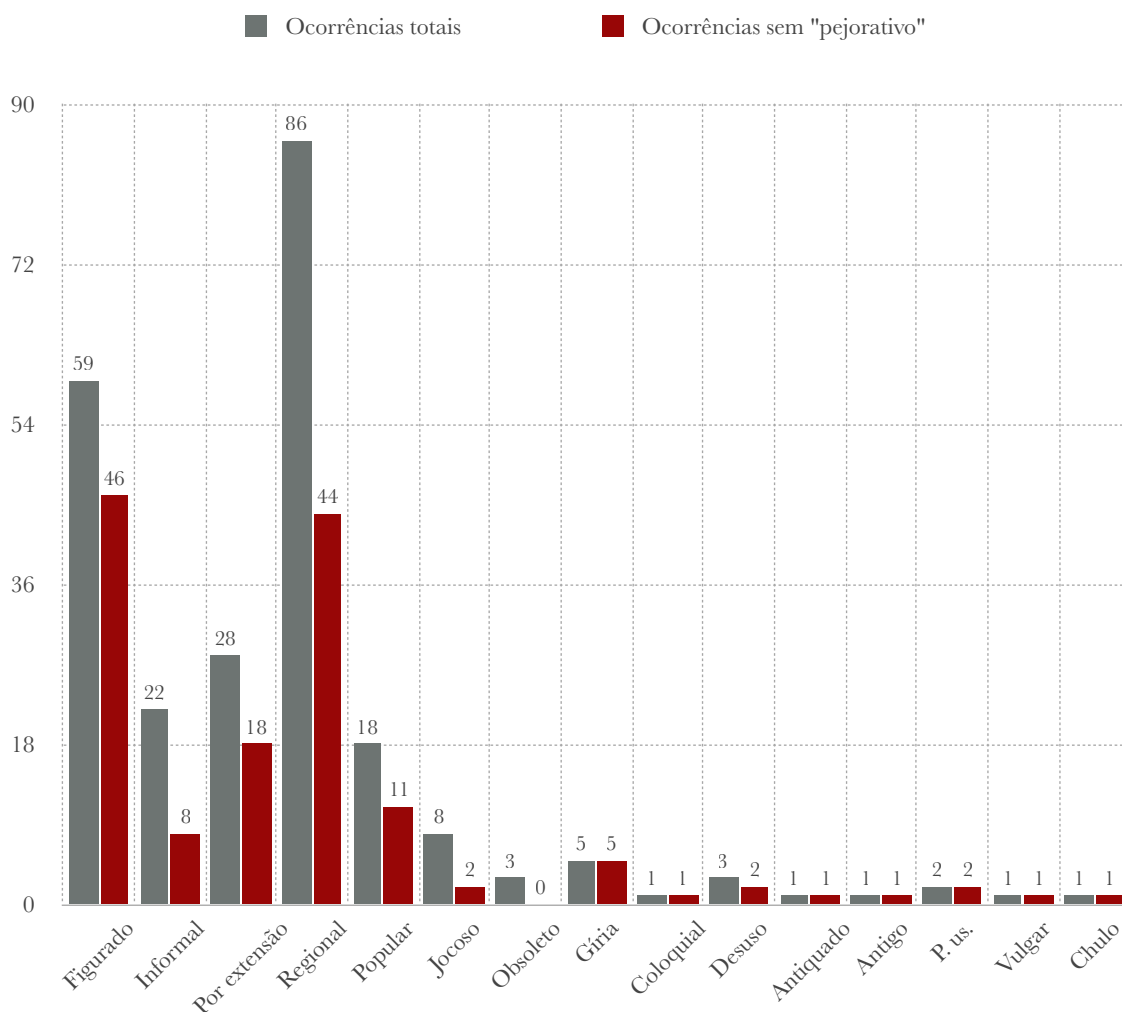
Vimos, ao longo desta pesquisa, tentando demonstrar a pouca sistematicidade na aposição de marcas de uso para os etnofaulismos, nos dicionários brasileiros, seja no interior de uma obra, seja entre as quatro obras observadas, seja entre diferentes edições de um mesmo dicionário — no caso do Houaiss, edições de 2001 e 2009.

Dessa forma, apresentamos, quantitativamente, as diferenças observadas, de modo que seja possível visualizar como um mesmo dado pode ter atribuído a ele diferentes avaliações ou

informações pragmáticas como a temporalidade ou regionalidades, no caso da aposição de etiquetas diacrônicas ou diatópicas.

O Gráfico 1 apresenta o número de marcas de uso apostas nas 130 acepções pejorativas relacionadas a etnofaulismos. A coluna da esquerda indica o número de vezes que a marca de uso foi utilizada para um sentido pejorativo (com a presença de uma etiqueta que indique a pejoratividade ou não). A coluna da direita apresenta o número de vezes que a etiqueta foi utilizada sem uma marca de uso que indique se tratar de um uso depreciativo. Assim, por exemplo, as três ocorrências da etiqueta “desuso” correspondem à injúria étnica “boche” e aos etnônimos “candango” (no sentido de “indivíduo desprezível”) e “polaca” (com sentido de “meretriz”), todas no dicionário Aurélio. Nessa obra, apenas o primeiro sentido foi marcado como “depreciativo”.

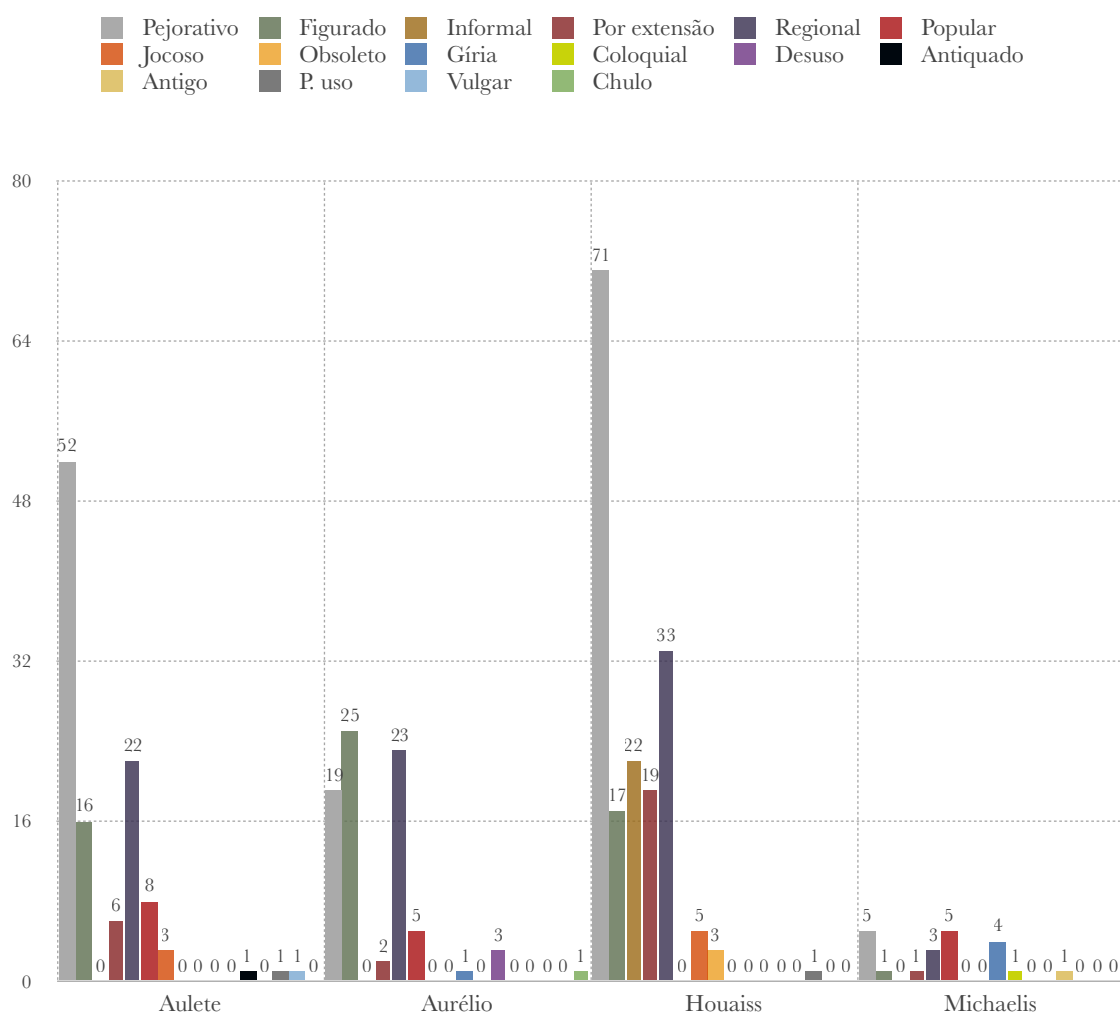
Gráfico 1. Ocorrências totais de marcas de uso e número de ocorrências dessas sem a coocorrência com a etiqueta “pejorativo”.



É importante notar que muitas acepções pejorativas relacionadas a etnofaulismos são marcadas como “figurado”, “por extensão”, “informal” ou ainda são acompanhadas por uma marca de “regionalismo”. Marcas de uso que seriam do mesmo grupo de “pejorativo” ou “depreciativo”, nomeadas dia-avaliativas ou de efeito, como “jocosos” são pouco frequentes. Ressaltamos também que etiquetas como “por extensão” e “popular” têm alta incidência, sem que com ela ocorra uma marca dievaluativa.

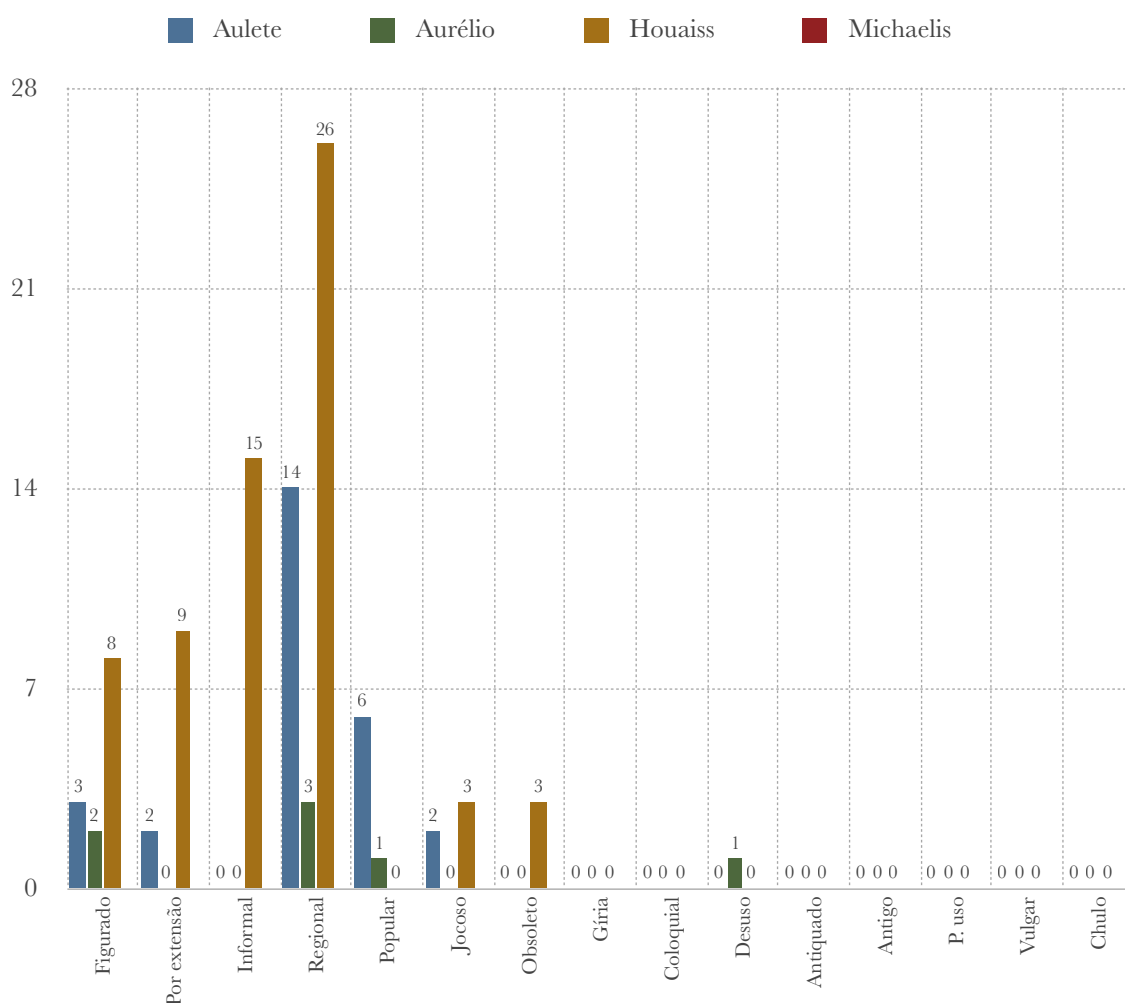
O Gráfico 2 apresenta, por dicionário, o número de etiquetas utilizadas para cada acepção em que há depreciação de um grupo étnico. Observe-se o dicionário Houaiss é o que mais faz uso de etiquetas nas acepções insultuosas, sobretudo “pejorativo”. O Aurélio, no entanto, é o que faz mais uso da etiqueta “figurado”.

Gráfico 2. Ocorrências totais de marcas de uso por dicionário



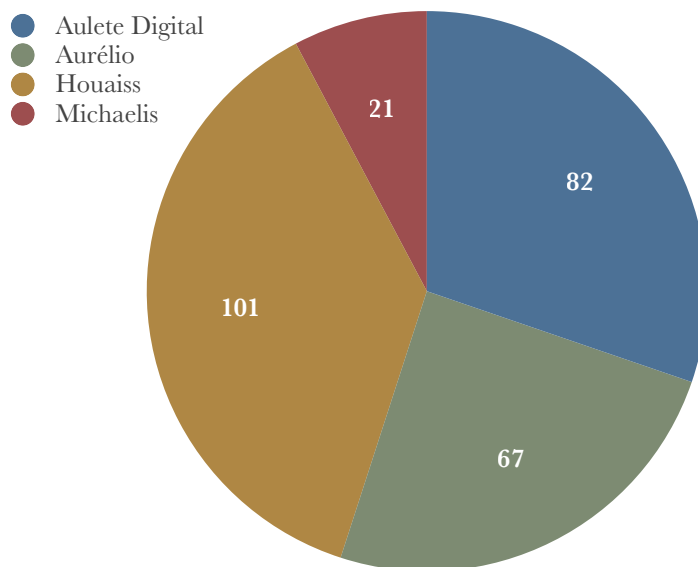
No Gráfico 3, apresentam-se as marcas de uso e a quantidade delas que coocorrem com a etiqueta dia-avaliativa “pejorativo” (ou “depreciativo”, no caso do Aurélio). Nesse caso, a etiqueta “regional” é a que se faz presente quando a etiqueta que indica a depreciação também se verifica. Apenas o dicionário Houaiss utiliza a etiqueta “informal” juntamente da “pejorativo” e quase poder-se-ia dizer o mesmo para a etiqueta “por extensão”, não fosse o Aulete Digital ter usado a combinação de marcas de uso “pejorativo” e “por extensão” para o sentido de “desprovido de inovação” de “acadêmico” e “indivíduo rude” no Aulete Digital.

Gráfico 3. Coocorrência da etiqueta “pejorativo” com outras etiquetas



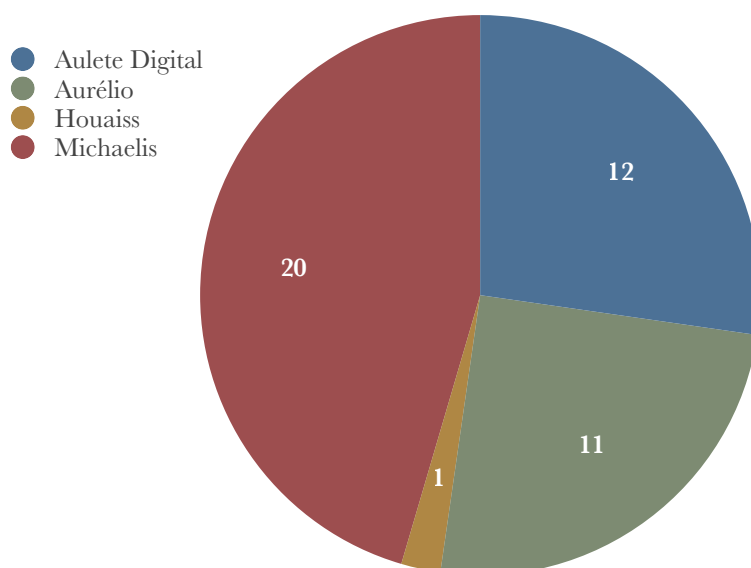
O Gráfico 4 demonstra que há um reduzido uso de etiquetas no dicionário Michaelis, ao quantificar o número de acepções associadas a etnofaulismos que possuem marca de uso. Os demais dicionários apresentam certo equilíbrio, nesse sentido.

Gráfico 4. Número de acepções injuriosas com alguma marca de uso, por dicionário



Considerada a ausência completa da acepção injuriosa no verbete, concluímos que o Michaelis ainda é aquele que mais falha nesse sentido, conforme o Gráfico 5 e o Quadro 7, no qual elencamos os sentidos que não constam nos dicionários. Como já observado nos gráficos anteriores, o dicionário Houaiss, de fato, é o que mais marca usos e se pode afirmar também que é o que mais indica a existência deles (marcados ou não).

Gráfico 5. Número de acepções injuriosas não presentes no dicionário



Quadro 7: Sentidos pejorativos que não se encontram nos dicionários

Dicionário	Número de acepções pejorativas não presentes no dicionário (Gráf. 5)	Acepções faltantes
Aulete Digital	12	“abderita” (simplório); “alarve” (vaidoso); “beduíno” (de natureza selvagem); “francês” (hipócrita); “galego” (estrangeiro); “galego” (incivil); “japona” (português); “judeu” (avaro); “loira” (ingênuo); “proletário” (pobre); “roceiro” (rústico); “vigário” (trapaceiro)
Aurélio	11	“abugrado” (rude); “acadêmico” (pouco original ou sincero); “alarve” (vaidoso); “beduíno” (de natureza selvagem); “campônio” (rude); “francês” (hipócrita); “galego” (incivil); “gazeteiro” (mentiroso); “loira” (ingênuo); “provinciano” (de mentalidade atrasada); “roceiro” (rústico)
Houaiss	1	“xiita” (de atitudes radicais)
Michaelis	19	“abugrado” (rude); “acabocado” (rústico); “acadêmico” (convencional/resistente a inovações); “alarve” (vaidoso); “campônio” (rude); “candango” (de mau gosto); “fariseu” (de falsa piedade); “fariseu” (seguidor de uma religião); “francês” (hipócrita); “gaijin” (estrangeiro); “galego” (português); “galego” (estrangeiro); “gazeteiro” (mentiroso); “jesuíta” (hipócrita); “judeu” (avaro); “marrano” (judeu); “proletário” (pobre); “provinciano” (de mentalidade atrasada); “riponga” (hippie); “roceiro” (rústico)

Note-se que “alarve” no sentido de “vaidoso” foi identificado apenas no Houaiss. Além dessas acepções faltantes, não consta no dicionário Aurélio a entrada “abderita” e “gambé”. Essa última também não consta no Houaiss e no Michaelis. “Abderita” deixou de constar na edição 2009 do Houaiss, assim como “riponga”, que também não consta no Michaelis.

4.8 Categorias das marcas de uso e acepções

Conforme a classificação proposta por Hausmann (1977 apud WELKER, 2004, p. 131), elencamos aqui as acepções injuriosas identificadas.

4.8.1 Etiquetas dia-avaliativas

As etiquetas dia-avaliativas são as mais importantes neste trabalho, visto que são elas que identificam o efeito causado pelos etnofaulismos, no caso, a depreciação de um povo.

Como foi possível observar no Gráfico 1, muitas dessas acepções são marcadas por outras etiquetas, sem que uma marca de uso como “pejorativo” ou “depreciativo” se fizesse presente.

No Quadro 8, elencamos os sentidos marcados com etiquetas dia-avaliativas.

Quadro 8: Sentidos marcados com etiquetas dia-avaliativas

Etiqueta	Dicionário	Acepções marcadas
Depreciativo	Aulete Digital	“galegada” (colônia portuguesa); “russalhada” (quantidade de russos)
	Aurélio	“acadêmico” (pouco prático); “anão” (pessoa pequena); “anão” (pessoa raquítica); “baiano” (contador de vantagens); “bizantino” (frívolo); “boche” (alemão); “bonzo” (dissimulado); “capadócio” (canalha); “capadócio” (espertalhão); “curumba” (mendigo); “galegada” (colônia portuguesa); “galego” (português); “gringo” (estrangeiro); “jesuíta” (hipócrita); “judeu” (avaro) “marqueteiro” (que se autopromove); “polaca” (constituição); “russalhada” (grande quantidade de russos); “xiita” (radical)
Pejorativo	Aulete Digital	“abade” (homem gordo); “abadessa” (mulher gorda); “acadêmico” (pouco original); “acadêmico” (pouco prático); “açougueiro” (dentista ruim); “agalegado” (grosseiro); “anão” (pessoa pequena); “anão” (pessoa raquítica); “baianada” (coisa mal feita); “beócio” (ignorante); “beócio” (simplório); “bizantino” (frívolo); “boche” (alemão); “bolchevique” (politicamente, de esquerda); “bonzo” (dissimulado); “botocudo” (rude); “botocudo” (caipira); “brasileiro” (português que enriqueceu no Brasil); “cabeça-chata” (nordestino); “cafre” (rude); “caipira” (simplório ou rude); “caipira” (pouco sociável); “campônio” (rude); “capadócio” (canalha); “capadócio” (ignorante); “carcamano” (italiano); “carcamano” (de origem árabe); “cigano” (trapaceiro); “cigano” (sovina); “curumba” (mendigo); “curumba” (trabalhador do engenho); “curumba” (caipira); “flisteu” (inculto); “gambé” (policia); “gringo” (estrangeiro); “jeca” (do meio rural); “jesuíta” (hipócrita); “marqueteiro” (que se autopromove); “marrano” (judeu); “mazombo” (filho de portugueses); “negrada” (bando desordeiro); “paraíba” (lésbica); “polaca” (constituição); “provinciano” (de mentalidade atrasada); “riponga” (hippie); “russalhada” (grande quantidade de russos); “saloio” (incivil); “saloio” (velhaco); “sertanejo” (de modos rústicos)

Etiqueta	Dicionário	Acepções marcadas
Pejorativo	Houaiss	“abade” (homem gordo); “abadessa” (mulher gorda); “abderita” (simplório); “acadêmico” (pouco original); “acadêmico” (pouco prático); “acólito” (serviçal); “açougueiro” (dentista ruim); “agalegado” (grosseiro); “alarve” (tolo); “alarve” (glutão); “alarve” (vaidoso); “anão” (pessoa pequena); “anão” (pessoa raquítica); “anão” (de pouca inteligência); “arigó” (simplório); “baianada” (coisa mal feita); “baianada” (falta de palavra); “baiano” (que não sabe montar a cavalo); “baiano” (caipira); “baiano” (tolo, mulato, ignorante); “barnabé” (funcionário público); “beato” (de excessiva devoção); “beduíno” (selvagem); “beócio” (ignorante); “bizantino” (frívolo); “boche” (alemão); “bolchevique” (politicamente, de esquerda); “bonzo” (preguiçoso); “bonzo” (dissimulado); “bonzo” (mediocre); “botocudo” (rude); “botocudo” (caipira); “brasileiro” (português que enriqueceu no Brasil); “brasileiro” (novo rico de mau gosto) “cabeça-chata” (nordestino); “cafre” (rude); “cafre” (negro); “caipira” (simplório ou rude); “campônio” (rude); “capadócio” (canalha); “capadócio” (ignorante); “capadócio” (espertalhão); “carcamano” (italiano); “carcamano” (de origem árabe); “cigano” (trapaceiro); “cigano” (sovina); “crente” (protestante fanático); “curumba” (mendigo); “curumba” (trabalhador do engenho); “filisteu” (inculto); “francês” (hipócrita); “galego” (português); “galego” (estrangeiro); “galego” (homem incivil); “gringo” (estrangeiro); “japona” (português); “japonesa” (grupo de japoneses); “jesuíta” (hipócrita); “judeu” (avaro); “labrego” (rude); “marqueteiro” (que se autopromove); “mazombo” (filho de portugueses); “negrada” (bando desordeiro); “paraíba” (lésbica); “polaca” (constituição); “polaca” (meretriz); “provinciano” (de mentalidade atrasada); “riponga” (hippie); “russalhada” (grande quantidade de russos); “saloio” (incivil); “saloio” (velhaco)
	Michaelis	“boche” (alemão); “carcamano” (italiano); “gringo” (estrangeiro); “labrego” (rude); “russalhada” (grande quantidade de russos)
Jocosos	Aulete Digital	“abadessa” (dona de prostíbulo); “caipira” (pouco sociável); “riponga” (hippie)
	Houaiss	“abadessa” (dona de prostíbulo); “cabeça- chata” (nordestino); “carcamano” (italiano); “marqueteiro” (que se autopromove); “riponga” (hippie)

A etiqueta “depreciativo” é usada pelo dicionário Aurélio e “pejorativo” por Aulete Digital, Houaiss e Michaelis. O dicionário Aulete Digital apresenta essa etiqueta quando o verbete apresentado refere-se à edição original do dicionário e não à versão atualizada para o dicionário *on-line*.

A etiqueta “jocosos” no dicionário Houaiss apresenta, de certa forma, uma relação com a etiqueta “pejorativo”. “Cabeça-chata”, como já apontado anteriormente, passou de

“jocosos”, na edição 2001, para “pejorativo” na edição de 2009. “Carcamano” apresenta a marcação: “pej. ou joc.”, assim como “riponga”. Em “marqueteiro”, o primeiro sentido — “indivíduo que trabalha em *marketing* — é marcado como “jocosos” e o segundo — “indivíduo que se autopromove de maneira organizada e sistemática” — é marcado como “pejorativo”.

4.8.2 Etiquetas de transição ou extensão semântica

Embora Hausmann (ibid.) não tenha tratado das etiquetas “figurado” e “por extensão”, o dicionário as aplica para indicar que um sentido passou de denotativo para conotativo ou se estende, assumindo valores afins àqueles descritos na acepção anterior. Essas etiquetas são apresentadas no Quadro 9.

Quadro 9: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas de transição ou extensão semântica

Etiqueta	Dicionário	Acepções marcadas
Figurado	Aulete Digital	“abade” (homem gordo); “abugrado” (rude); “acólito” (serviçal); “açougueiro” (dentista ruim); “anacoreta” (indivíduo isolado); “ananicado” (desprezível); “anão” (pouco inteligente); “bizantino” (frívolo); “cigano” (boêmio); “fariseu” (hipócrita); “gascão” (fanfarrão); “liliputiano” (mesquinho); “mandinga” (dificuldade por obra de feitiçaria); “paulista” (teimoso); “púnico” (desleal); “xiita” (radical)
	Aurélio	“abade” (homem gordo); “abadessa” (mulher gorda); “abadessa” (dona de prostíbulo); “acadêmico” (pouco prático); “açougueiro” (dentista ruim); “anacoreta” (indivíduo isolado); “ananicado” (desprezível); “anão” (pouco inteligente); “assaloiado” (rude); “beócio” (ignorante); “beócio” (simplório); “botocudo” (rude); “bugre” (rude); “bugre” (arredio); “cafre” (rude); “cigano” (boêmio); “fariseu” (de falsa piedade); “filisteu” (inculto); “gascão” (fanfarrão); “jesuíta” (hipócrita); “labrego” (rude); “negrada” (desordeiros); “paulista” (teimoso); “púnico” (desleal); “saloio” (incivil)
	Houaiss	“abade” (homem gordo); “abadessa” (mulher gorda); “abugrado” (rude); “anacoreta” (indivíduo isolado); “ananicado” (desprezível); “anão” (pouco inteligente); “beduíno” (selvagem); “bizantino” (frívolo); “boêmio” (de vida erradia); “cafre” (rude); “caipira” (pouco sociável); “campônio” (rude); “fariseu” (hipócrita); “gascão” (fanfarrão); “jesuíta” (hipócrita); “liliputiano” (mesquinho); “púnico” (desleal)
	Michaelis	“xiita” (radical)
Por extensão	Aulete Digital	“acadêmico” (pouco original); “acadêmico” (convencional); “bonzo” (preguiçoso); “cafre” (rude); “fariseu” (hipócrita); “paraíba” (qualquer nordestino)
	Aurélio	“acadêmico” (convencional); “jeca” (cafona);
	Houaiss	“acadêmico” (convencional); “acadêmico” (pouco original); “anão” (pessoa raquítica); “arigó” (simplório); “bárbaro” (cruel); “barbáro” (rude); “beócio” (ignorante); “beócio” (simplório); “bonzo” (preguiçoso); “bonzo” (mediocre); “cafre” (negro); “cigano” (boêmio); “curumba” (caipira); “macumbeiro” (feitiçeiro); “marqueteiro” (que se autopromove); “paraíba” (qualquer nordestino); “proletário” (pobre); “provinciano” (de mentalidade atrasada)
	Michaelis	“cabeça-chata” (nordestino)

Como se nota a etiqueta “por extensão” é usada para indicar um sentido que passou a abarcar outros que não são apenas aqueles iniciais. É o caso de “cafre” que, inicialmente, indicava o africano e passou a indicar qualquer negro.

4.8.3 Etiquetas diatópicas

As etiquetas diatópicas circunscrevem um etnofaulismo a uma determinada região geográfica. Nos dicionários observados, elas correspondem a regiões ou estados brasileiros ou ainda a Portugal ou alguma região sua.

No Quadro 10, entre colchetes, está a indicação geográfica dada pelo dicionário.

Quadro 10: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas diatópicas

Dicionário	Acepções marcadas
Aulete Digital	“abadessa” (dona de prostíbulo) [PE]; “açougueiro” (dentista ruim) [Bras]; “arigó” (simplório) [Bras Centro]; “baiano” (caipira) [PI]; “baiano” (que não sabe montar) [Bras S]; “barnabé” (funcionário público) [Bras]; “beato” (de excessiva devoção) [Bras]; “brasileiro” (português enriquecido no Brasil) [L]; “capadócio” (ignorante) [Bras]; “carcamano” (italiano) [Bras]; “carcamano” (de origem árabe) [MA]; “curumba” (mendigo) [NE]; “curumba” (trabalhador do engenho) [NE]; “curumba” (caipira) [PE]; “galegada” (colônia portuguesa) [Bras]; “galego” (português) [Bras]; “gambé” (policial) [Bras]; “gringo” (estrangeiro) [Bras]; “japona” (japonês) [Bras]; “jeca” (do meio rural) [Bras]; “matuto” (ignorante) [Bras]; “negrada” (bando desordeiro) [Bras]; “polaca” (constituição) [Bras]; “polaca” (meretriz) [Bras]; “retirante” (nordestino) [Bras]; “riponga” (hippie) [Bras]
Aurélio	“abadessa” (dona de prostíbulo) [PE]; “arigó” (simplório) [Bras RJ CO]; “baiano” (que não sabe montar a cavalo) [Bras S]; “baiano” (caipira) [Bras PI]; “barnabé” (funcionário público) [Bras]; “cabeça-chata” (nordestino) [Bras S]; “caipira” (pouco sociável) [Bras]; “carcamano” (italiano) [Bras]; “carcamano” (de origem árabe) [Bras MA]; “curumba” (mendigo) [Bras NE]; “curumba” (trabalhador do engenho) [Bras PE]; “curumba” (caipira) [Bras PE]; “galegada” (ato incivil) [Bras]; “galego” (português) [Bras]; “galego” (estrangeiro) [Bras NE SC]; “gringo” (estrangeiro) [Bras]; “japona” (português) [Bras]; “japona” (japonês) [Bras]; “jeca” (do meio rural) [Bras]; “jeca” (cafona) [Bras]; “matuto” (ignorante) [Bras]; “paraíba” (lésbica) [Bras]; “paraíba” (operário não qualificado) [Bras]; “polaca” (meretriz) [Bras]; “retirante” (nordestino) [Bras]; “riponga” [Bras]; “vigário” (trapaceiro) [Bras MG]
Houaiss	“abadessa” (dona de prostíbulo) [PE]; “açougueiro” (dentista ruim) [B]; “alarve” (vaidoso) [ALT]; “arigó” (simplório) [SP RJ MG B CO]; “baiano” (que não sabe montar a cavalo) [B S]; “barnabé” (funcionário público) [B]; “brasileiro” (português enriquecido no Brasil) [P]; “brasileiro” (novo rico de mau gosto) [P]; “cabeça-chata” (nordestino) [B]; “caipira” (malandro) [B]; “capadócio” (canalha) [B]; “capadócio” (espertalhão) [B]; “carcamano” (italiano) [B]; “carcamano” (de origem árabe) [MA]; “crente” (protestante fanático) [B]; “curumba” (mendigo) [B NE]; “curumba” (trabalhador do engenho) [PE]; “curumba” (caipira) [PE]; “galegada” (ato incivil) [B]; “galego” (português) [B]; “galego” (estrangeiro) [B NE SC]; “galego” (incivil) [P]; “gringo” (estrangeiro) [B]; “japona” (português) [B]; “japona” (japonês) [B]; “loira” (ingênuo) [B]; “marqueteiro” (que se autopromove) [B]; “matuto” (ignorante) [B]; “negrada” (bando desordeiro) [B]; “paraíba” (lésbica) [B]; “paraíba” (mulher forte) [B]; “paraíba” (operário não qualificado) [B]; “polaca” (constituição) [B]; “riponga” (hippie) [RJ]; “vigário” (trapaceiro) [MG]
Michaelis	“curumba” (mendigo) [Nordeste]; “curumba” (trabalhador de engenho) [Nordeste]; “vigário” (trapaceiro) [Minas Gerais]

4.8.4 Etiquetas diafásicas

As marcas de uso diafásicas são aquelas que tratam dos níveis de registro de uso de uma língua nas diversas situações comunicativas.

No Quadro 11, apresentamos a única etiqueta diafásica presente entre aquelas que marcam etnofaulismos.

Quadro 11: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas diafásicas

Etiqueta	Dicionário	Acepções marcadas
Informal	Houaiss	“açougueiro” (dentista ruim); “baianada” (próprio do baiano); “baianada” (mal feito); “baianada” (falta de palavra); “baiano” (que não sabe montar a cavalo); “baiano” (tolo, negro, mulato, ignorante); “barnabé” (funcionário público); “beócio” (ignorante); “caipira” (malandro); “crente” (protestante fanático); “galegada” (ato incivil); “gringo” (estrangeiro); “japona” (japonês); “judeu” (avaro); “loira” (ingênuo); “mandinga” (dificuldade por obra de feitiçaria); “marqueteiro (que se autopromove); “paraíba” (lésbica); “paraíba” (mulher forte); “paraíba” (operário não qualificado); “polaca” (constituição); “vigário” (trapaceiro)

Como se pode observar, o único dicionário que faz uso da etiqueta “informal” é o Houaiss. Segundo vimos no Gráfico 3, essa marca de uso coocorre quinze vezes com a etiqueta “pejorativo”, e oito vezes sem ela (veja-se o Gráfico 1).

4.8.5 Etiquetas diastráticas

As etiquetas diastráticas correspondem àquelas que tratam dos usos pertencentes a determinados “estratos” sociais, isto é usos que geralmente se verificam entre os membros de um determinado grupo social. A presença dessas etiquetas junto a etnofaulismo mostra que, na avaliação do lexicógrafo/dicionarista, tais usos não pertencem a todos os indivíduos, senão a uma parte dele.

Elencamos, no Quadro 12, as etiquetas encontradas apostas a etnofaulismos.

Quadro 12: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas diastráticas

Etiqueta	Dicionário	Acepções marcadas
Chulo	Aurélio	“polaca” (meretriz)
Coloquial	Michaelis	“cigano” (boêmio)
Familiar	Michaelis	“galegada” (brutalidade)

Etiqueta	Dicionário	Acepções marcadas
Gíria	Aurélio	“galegada” (ato incivil)
	Michaelis	“abadessa” (dona de prostíbulo); “barnabé” (funcionário público); “caipira” (malandro); “candango” (desprezível)
Irônico	Aulete Digital	“beato” (de excessiva devoção)
Plebeísmo	Aulete Digital	“galegada” (ato incivil)
Popular	Aulete Digital	“açougueiro” (dentista ruim); “baianada” (mal feito); “barnabé” (funcionário público); “caipira” (pouco sociável); “galegada” (ajuntamento de galegos); “gambé” (policial); “gringo” (estrangeiro); “paraíba” (lésbica); “paraíba” (operário não qualificado)
	Aurélio	“barnabé” (funcionário público); “gringo” (estrangeiro); “paraíba” (lésbica); “paraíba” (operário não qualificado); “vigário” (trapaceiro)
	Michaelis	“cabeça-chata” (nordestino); “galego” (incivil); “loira” (ingênuo); “negrada” (bando desordeiro); “paraíba” (mulher forte)
Vulgar	Aulete Digital	“polaca” (meretriz)

Note-se que duas dessas etiquetas são usadas apenas pelo dicionário Michaelis, a saber “coloquial” e “familiar”, sem que o dicionário faça uma clara distinção entre elas.

4.8.6 Etiquetas diacrônicas

As etiquetas diacrônicas são aquelas usadas para indicar a novidade ou obsolência de um uso.

No Quadro 13, apresentamos as poucas etiquetas identificadas que fazem referência a essa categoria.

Quadro 13: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas diacrônicas

Etiqueta	Dicionário	Acepções marcadas
Antigo	Michaelis	“mazombo” (filho de portugueses)
Antiquado	Aulete Digital	“polaca” (meretriz)
Obsoleto	Houaiss	“cafre” (negro); “japona” (português); “polaca” (meretriz)

Faz-se necessário observar que o Aurélio não apresentou qualquer etnofaulismo marcado diacronicamente.

4.8.7 Etiquetas diafrequentés

Essas marcas de uso, reportadas no Quadro 14, correspondem a uma indicação de frequência na língua, quanto ao uso em questão. Essa informação é facilmente recuperável num *corpus* representativo, de modo que o dicionário pode, com base científica (e não especulativa) informar se o uso, de fato, é raro ou frequente.

Quadro 14: Sentidos pejorativos marcados com etiquetas diafrequentés

Etiqueta	Dicionário	Acepções marcadas
Desusado	Aurélio	“boche” (alemão); “candango” (desprezível); “polaca” (meretriz)
Pouco usado	Aulete Digital	“candango” (desprezível)
	Houaiss	“candango” (desprezível)

“Candango”, no sentido de “indivíduo desprezível” foi indicado como um sentido em desuso por três dos dicionários observados. O Michaelis, para esse sentido, atribuiu a etiqueta “gíria”.

A partir do repertório de marcas apresentado, agrupadas segundo uma classificação, mostramos como há pouca sistematicidade nessa prática. No que diz respeito à marcação dia-avaliativa (mais especificamente aquela que indica pejoratividade) dos etnofaulismos, ocorre a oposição de outras etiquetas, de maneira difusa. A coocorrência de marcas, de categorias diversas, não é um problema pois, de fato, um etnofaulismo pode ser regional, e o dicionário deve descrever tal fato. Entretanto, o diferente tratamento dispensado a certos etnofaulismos (uns marcados como “figurado” ou “popular”, por exemplo, e outros como “pejorativo”) nos mostra que a prática lexicográfica precisa de mecanismos mais explícitos de descrição de palavras, seja por meio de exemplos e notas de uso, seja por meio de comentários pré e pós-semânticos, além claro das próprias marcas de uso.

Considerações finais

Se dicionários como o Aurélio e o Houaiss são *thesauri*, como defendido por Biderman (1984) e Welker (2004), a entrada “abderita”, no Aurélio, e “riponga”, na edição 2009 do Houaiss, não deveriam ter sido mantidas e marcadas como “obsoleto” (muito embora, como demonstrado, “riponga” é um etnofaulismo em uso no português do Brasil), em vez de sumirem completamente da obra? Ou teriam elas desaparecido para tornar a obra mais compacta, e baratear custos, sem, contudo, fazer qualquer indicação de que essa edição é uma versão reduzida, com pequenas modificações e atualizada conforme o novo acordo ortográfico?

As diferenças presentes nas edições 2001 e 2009 do dicionário Houaiss apontam um comprometimento para a descrição e o entendimento do sentido pejorativo de um etnofaulismo. Como se pôde observar, a tabuização dessas unidades lexicais abalam a função descritora da obra lexicográfica. A decisão de explicitar as origens de um etnofaulismo ou indicar tratar-se este de um uso pejorativo demonstram que a sua inclusão no dicionário não é uma invenção do lexicógrafo. Entretanto, o autor ou autores da obra precisam resguardar-se, por meio de documentação de suas fontes, quanto a possíveis investidas contra o seu trabalho.

Com relação à polêmica que se instaurou em torno da definição pejorativa associada ao item lexical “cigano” no dicionário Houaiss, o juiz federal substituto, Marcelo Aguiar Machado, julgou, em 27 de junho de 2014, o pedido do procurador federal improcedente, alegando não verificar “qualquer justifica [sic] ou base constitucional para a censura que se pretende impor ao Dicionário Houaiss” (BRASIL, 2014, p. 5). O magistrado ainda argumenta em favor do dicionário ao “registrar e informar ao leitor” sobre uma “definição catalogada” (op. cit., p. 5–6). No que se refere, especificamente, à definição de “cigano”, o juiz ainda informa que o dicionário Houaiss não faz “qualquer conceituação ou juízo de valor”, cabendo aos receptores “da informação discutir ou debater” sobre o descabimento de tal uso social (op. cit., p. 6). O autor da sentença ainda entende que o

[...] próprio Dicionário Houaiss alerta os leitores quando o significado atribuído a determinada palavra é pejorativo, através da abreviação “pej.” antes da definição, sendo que no “detalhamento dos verbetes e informações técnicas” está devidamente explicado que “o nível pejorativo é característico

de palavras, expressões ou acepções que são (ou, na dependência do contexto, podem ser) grosseiras, ofensivas, ferinas ou preconceituosas...” (página XXVIII da 1ª Edição do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa). Isso é suficiente para afastar qualquer equívoco por parte do leitor, deixando claro que não se trata de qualquer juízo de valor feito pelos autores da obra. (op. cit., p. 7) De fato, esse tema demandaria maiores considerações e aprofundamentos, de modo a se dizer que os dicionários modernos estão apenas ecoando um estereótipo enunciado desde os primórdios da lexicografia nacional ou se amparam em uso corrente. Entretanto, o que buscamos tratar foi a necessidade de se adotarem práticas lexicográficas modernas, de modo a refletir, da melhor maneira, os usos que se verificam, modernamente, sobretudo quando tais usos se trata de etnofaulismos, que parecem ser tão sensíveis a conflitos étnicos, quando encontram-se impressos e, aparentemente, sustentados e legitimados por uma obra cuja função não é outra senão a de descrever realidades. Para tanto, deve valer-se de recursos como as marcas e as notas de uso, os exemplos e as explicações etimológicas/enciclopédicas. Na qualidade de grandes obras lexicográficas do português brasileiro, Aurélio e Houaiss poderiam indicar, assim, se constatado que “cigano” não é mais usado para indicar aquele que trapaceia, que tal uso é obsoleto, segundo a verificação das ocorrências de usos de “cigano” num repositório linguístico como as redes sociais.

O argumento de que o dicionário apenas descreve os usos que estão registrados na língua deve valer para todos, ciganos e portugueses e estes últimos, no entanto, parecem ter sido poupados de terem a eles associado, nos dicionários de grande circulação brasileiros, uma acepção que lhes ofende. Como demonstrado, ainda no caso de “cigano”, há uma intrincada relação entre as obras literárias e os sentidos que figuram num dicionário. Quanto àqueles que não entram na composição da obra, pode-se estabelecer uma relação com questões de mercado ou, simplesmente, uma defasagem, causada pelo *corpus* a partir do qual a obra embasa-se ou embasou-se no momento da sua feitura.

Não é apenas no Brasil que a associação de “cigano” à ideia de alguém que busca enganar ocorre. Como demonstramos, há acepções semelhantes em dicionários portugueses e espanhóis e que, igualmente, geram indignação por parte da comunidade local desse povo. Relata-nos o jornal português *Público*, em 20 de abril de 2015, que o Conselho Estatal do Povo Cigano Espanhol lançou a campanha “Uma definição discriminatória gera discriminação” para tentar conscientizar a população que é preciso deixar de associar os ciganos a condutas negativas. A campanha ainda apresenta um vídeo,¹³⁶ no qual dez crianças ciganas leem a definição de “*gitano*” no *Diccionario de la Real Academia de la Lengua Española* e encontram ali, entre as demais acepções, a de “*trapacero*” (PÚBLICO, 2015). O jornal ainda reporta que,

¹³⁶ Disponível em: <http://lifestyle.publico.pt/noticias/347396_ciganos-protestam-contradefinicao-pejorativa-no-diccionario-espanhol>. Acesso em: 3 maio 2015.

desde outubro de 2014, o Conselho tenta alterar a definição de “*gitano*” nos dicionários espanhóis. Nesse sentido, a Real Academia Española emitiu nota¹³⁷ em que afirma que o lexicógrafo “está fazendo um exercício de verdade, está refletindo os usos linguísticos efetivos mas não está incentivando ninguém a qualquer desqualificação ou dando o seu consentimento a crenças ou percepções correspondentes”,¹³⁸ porém, é preciso que tais descrições estejam identificadas como pejorativas (e os dicionários espanhóis fazem uso de marcas de uso) e comprovadas, o que, segundo a nota da Real Academia Española, é feito “segundo uma ampla documentação lexicográfica, certificando que nenhuma das acepções em questão [...] é alheia ao uso do espanhol literário e falado, desde 1500 até os dias atuais”.¹³⁹ Cumpre saber se, neste caso, é apenas uma questão de manutenção de um sentido observado na literatura ou se, de fato, há documentação atual do uso de “*gitano*” como “*trapacero*”, na língua espanhola.

Quanto a questões ideológicas, essas podem se manifestar num dicionário desde a macroestrutura, no momento de se selecionar o que fará parte ou não da nomenclatura, até à microestrutura, na redação da definição e na seleção dos exemplos.

Se por um lado, os exemplos literários dão ao usuário do dicionário a ideia de que determinados usos foram adotados até mesmo por grandes autores, por outro, apoiar-se, integralmente, nesses usos (no caso do autor do dicionário) para elaboração de definições e aplicação de etiquetas não é o único caminho, sobretudo considerando a importância da Internet na vida das pessoas hoje.

Demonstramos aqui também que as marcas de uso também compõem um elemento da microestrutura que está sujeito a denotar uma ideologia, sobretudo ao se marcar alguns sentidos pejorativos e outros não. Assim, as marcas de uso representam, hoje, o recurso do qual os dicionários se valem para apontar a intenção daquele que usa uma ofensa desse tipo. Acreditamos, contudo, que não seja apenas esse elemento lexicográfico que cumpra essa tarefa; com efeito, as notas de uso, os exemplos e os comentários semânticos que compõem um conjunto de informações também permite ao consulente verificar se se trata de usos ofensivos, em relação aos etnofaulismos, satisfazendo, da mesma forma, essa empreitada. Ademais, aqueles que podem se ressentir com o uso do nome que os designa para ser usado como ofensa (no caso dos etnônimos injuriosos) podem também verificar que o dicionário está

¹³⁷ Disponível em: <<http://www.raeinforma.com/rae-content/uploads/2014/11/Comunicado-de-la-RAE.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2015.

¹³⁸ “[...] el lexicógrafo está haciendo un ejercicio de veracidad; está reflejando usos lingüísticos efectivos, pero no está incitando a nadie a ninguna descalificación ni presta su aquiescencia a las creencias o percepciones correspondientes.”

¹³⁹ “[...] cumplida documentación lexicográfica que acredita que ninguna de las acepciones reseñadas [...] es ajena al uso del español literario y hablado desde 1500 hasta hoy mismo.”

apenas descrevendo um uso, abonado e cuja motivação, ainda que estereotipada, está devidamente explicitada (seja essa motivação histórica, física, linguística, religiosa ou comportamental).

Ao se apropriar do ato de confecção de qualquer obra, os indivíduos, socialmente inseridos, acabam por deixar transparecer na sua obra a sua forma de enxergar o mundo, bem como a de sua comunidade linguística. O lexicógrafo ou o dicionarista também pode incorrer nesse ato (e pode fazê-lo da mesma forma ao reproduzir uma definição que já se encontrava num dicionário anterior ao seu), mas o impacto disso é muito maior do que se fosse uma obra de ficção ou histórico-documental, já que o dicionário, sendo uma obra de referência tem sobre si uma visão social de prescriptor/legitimador de usos. Entretanto, deve predominar o seu papel descritivo, quando devidamente amparado por recursos que deem conta de representar a língua em sua totalidade, o que pode ser facilitado pelos meios informáticos existentes, atualmente, e pela grande produção de material linguístico que se verifica nas redes sociais. Esse repertório linguístico pode ser manipulado e utilizado a favor do lexicógrafo, que necessita apenas dos meios para armazenar e tratar tais dados.

Ao entendermos que as (r)evoluções causadas pelo uso de *corpora* informatizados refletem, diretamente, na maneira como se fazem dicionários, é fundamental levar em consideração ainda, também no âmbito da Metalexigrafia, a cada vez mais presente realidade de dicionários colaborativos, elaborados não por lexicógrafos ou dicionaristas, mas pelo usuário comum, que vê a necessidade de tornar conhecida uma gíria ou um uso depreciativo e cuja intuição de falante é o que o motiva a incluir um verbete nesses dicionários. Cabe aos estudiosos da área investigar os impactos sociais de tais materiais linguísticos e como aproveitá-los, de modo a tornar o dicionário (aquele tradicional, seja impresso ou eletrônico) um reflexo sempre mais real dos usos pautados pela norma cultural, isto é aquela que rege não os usos gramaticais, mas aqueles que são caracterizados por serem próprios de um povo ou de uma geração. Num futuro não muito distante dicionários serão também classificados entre dicionários feitos com base em informações advindas do público-geral (como o modelo de *crowdsourcing* utilizado pelos dicionários Aulete Digital e Macmillan) e dicionários baseados em *corpora*. Esses últimos necessitam, assim, ter fontes diversas e não apenas os textos literários e jornalísticos para alimentá-los, tornando-os mais fiéis à realidade dos usos que se verificam no seio da sociedade.

Atestar tais usos é uma forma de reiterar a função descritiva da obra lexicográfica. Nesse sentido, buscamos demonstrar como essa prática se dá em dicionários de outras línguas,

além do português, e apresentamos um meio de fazê-lo, no caso dos etnofaulismos, ou seja, pela rede social Twitter. Os casos de “baiano” e “vigário” demonstram um caminho para se alcançar uma verificação de usos que não estão presentes no dicionário ou estão marcados, diatopicamente, de uma maneira diferente daquela que se pode constatar a partir de enunciados produzidos por usuários da rede.

As novas conformações sociais, causadas por constantes movimentos migratórios, continuarão gerando o surgimento de expressões linguísticas depreciativas referentes a povos em contato. Caberá ao dicionário apresentar essas novas expressões, cumprindo seu papel, por meio de instrumentos que estão à disposição do lexicógrafo para que ele consiga fazer essas descrições de maneira fidedigna à realidade, conforme se espera dele e de sua obra, segundo uma visão do dicionário como obra que, antes de tudo, descreve a língua e cultura, da qual também fazem parte palavras tabuizadas como os turpilóquios, as injúrias e os insultos, em geral, ou um tipo específico deles, os etnofaulismos.

Os caminhos que se abrem a partir desta pesquisa são muitos: a investigação da inclusão dos etnofaulismos nos dicionários e comparação com obras equivalentes em outras línguas é uma delas; ainda nesse sentido, é importante que se investigue como os etnofaulismos estão sendo apresentados em dicionários bilíngues. Há, certamente, interessantes questões a serem tratadas quanto à tradução dos etnofaulismos, haja vista se tratar de unidades lexicais que estão intimamente relacionadas a fatores culturais; a consideração das redes sociais como *corpus* é outro fator que merece aprofundamentos. A maneira como fizemos as pesquisas no Twitter (usando o sistema de busca do próprio serviço) não é a ideal. É preciso que sejam utilizados métodos computacionais já existentes para a recolha dos tuítes, para que possam ser processados por ferramentas de processamento de *corpus*, como já se procede na prática corrente da Linguística de Corpus. Em suma, há possibilidades que aqui se abrem e que extrapolam os limites da Lexicografia, tendo desdobramentos na Tradução, na Lexicologia e na Linguística de Corpus.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. [S.I.]: Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro / USP, s.d. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000022.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

ARANHA, Altair J. *Dicionário Brasileiro de Insultos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

A REGIÃO. Dicionário Houaiss gera protesto na BA. *A Região*, Itabuna, 27 abr. 2012. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aregiao/2012/04/entry_6733.html>. Acesso em 14 jul. 2014.

AULETE DIGITAL. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Baseado em Aulete Digital, Francisco J.; Valente, Antonio Lopes dos Santos. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Aulete Digital*. Edição brasileira original: Hamílcar de Garcia. Desenvolvido por Lexikon Editora Digital LTDA. (Software gratuito) Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br>>. Acesso em: 28 nov. 2012.

BAGNO, Sandra. *Lessicografia e identità brasiliana: dov'è “a nossa vendéia”?* : da Alcácer-Quibir a Vendéia : voci del tempo di lunga durata della civiltà nazionale brasiliana. 2. ed. Padova: CLEUP, 2006.

BALL, Matthew. *Dictionaries and Ideology: The Treatment of Gays, Lesbians and Bisexuals in Lexicographical Works*. 228 f. Dissertação (MA in Translation)–School of Translation and Interpretation, University of Ottawa, Ottawa, 1998. Disponível em: <<http://www.ruor.uottawa.ca/handle/10393/4466?locale=fr>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

BÉJOINT, Henri. *Modern Lexicography: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. *The Lexicography of English*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BENSON, Phil. *Ethnocentrism and the English Dictionary*. Nova York: Routledge, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 27–43, 1984. Suplemento. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3677>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

_____. Aurélio: sinônimo de dicionário?. *Alfa*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 27–55, 2000. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4198>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

_____. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 53–69, 2003. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4232>>. Acesso em: 23 set. 2012.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. 8 v.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

BRASIL. Tribunal Regional Federal (1ª Região). Ação Civil Pública nº 1657-29.2012.4.01.3803. *Sentença*. Autor: Ministério Público Federal. Réus: Editora Objetiva Ltda. e Instituto Antônio Houaiss, 2014. Disponível em: <<http://portal.trfl.jus.br/sjmg>>. Acesso em 8 jul. 2014.

BRUM, Eliane. Senhor Procurador, leia o verbete “dicionário”. *Revista Época*, São Paulo, 5 mar. 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/03/senhor-procurador-leia-o-verbete-dicionario.html>>. Acesso em 17 jun. 2014.

BURCHFIELD, Robert. Dictionaries and ethnicity. In: Leonard Michaels e Christopher Ricks (Ed.). *The State of the Language*. Berkeley: University of California Press, 1980. p. 15–23.

BUZON, Christian. Dictionnaire, langue, discours, idéologie, *Langue Française*, n. 43, p. 27–44, 1979.

CAMACHO BARREIRO, Aurora M. Las marcas sociolingüísticas en una muestra de la lexicografía cubana: tipología y evolución. *Revista de Lexicografía*, v. XIV, p. 43–58, 2008.

CARDEL, Lídia. Tipologias da Sertanidade Baiana: uma análise sobre três dimensões identitárias. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 14., 2009, Rio de Janeiro. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. *Sociologia: Consensos e Controvérsias*. Rio de Janeiro: SBS, 2009. Disponível em: <<http://www.nuclearufba.org/files/texto2.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. O português culto falado no Brasil: história do projeto NURC/SP. In: PRETI, Dino; URBANO, Hudnilson (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz; Fapesp, 1990. p. 141–202.

CORBEIL, Jean-Claude. Les marques d’usage comme technique de description des aspects connotatifs du lexique. In: MERCIER, Louis; VERREAULT, Claude (Org.). *Les marques lexicographiques en contexte québécois*, Québec: Gouvernement du Québec, 1998. p. 29–47.

CORREIA, Margarita. A discriminação racial nos dicionários de língua: tópicos para discussão, a partir de dicionários portugueses contemporâneos. *Alfa*, São Paulo, n. 50, v. 2, p. 155–171, 2006.

DEMÉTRIO, Alana Kercia Barros; COSTA, Maria Helenice Araújo. Oralidade e escrita: o hibridismo no Twitter. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 98–108, jan./jul. 2013.

DEVOTO, Giacomo; OLI, Gian Carlo. *Il Devoto-Oli: vocabolario della lingua italiana* 2007. Florença: Le Monnier, 2006.

DIAS, Ana Rosa Freitas. *O discurso da violência* — as marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo: EDUC/Cortez, 1996.

DI GRANDE, Vincent. Attaqué par la droite, Larousse défend sa définition du mot «mariage». *Libération*, Abr. 2013. Disponível em: <http://www.liberation.fr/politiques/2013/04/12/attaque-par-la-droite-larousse-defend-sa-definition-du-mot-mariage_895524>. Acesso em: 15 abr. 2013.

DUBOIS, Jean; DUBOIS, Claude. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.

FAJARDO, Alejandro. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española. *Revista de Lexicografía*, v. III, p. 31–57, 1996–97.

FARIAS, Virginia Sita. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_consideracoes_preliminares.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2014.

FAZITO, Dimitri. A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. *Revista de Antropologia*, vol. 49, n. 2, São Paulo July/Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012006000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 abr. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FILMER, Denise Anne. *Translating Racial Slurs: A Comparative Analysis of Gran Torino Assessing Transfer of Offensive Language between English and Italian*. 172 f. Dissertação (MA of Arts)—Faculty of Arts and Humanities, School of Modern Languages and Cultures, Durham University, Durham, 2011. Disponível em: <<http://theses.dur.ac.uk/3337/>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

FRAWLEY, William. Intertextuality and the Dictionary: Toward a Deconstruction Account of Lexicography. *Dictionaries: Journal of the Dictionary Society of North America*, n. 7, p. 1–20, 1985.

FUENTES MORÁN, Maria Teresa. *Gramática en la lexicografía bilingüe. Morfología y sintaxis en diccionarios español-alemán desde el punto de vista del germanohablante*. Tübingen: Niemeyer, 1997, p. 44–97.

FUSCA, Carla Jeanny; LUIZ SOBRINHO, Viviane Vomeiro. Abreviaturas na internet: aspectos gráficos, fonético-fonológicos e morfológicos no registro da coda silábica. *Cadernos de Educação - FaE/PPGE/UFPel*, Pelotas, n. 35, p. 221–245, jan./abr. 2010.

FUSCO, Fabiana. *La lingua e il femminile nella lessicografia italiana: Tra stereotipi e (in)visibilità*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2012.

GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. La vaina de los diccionarios. *El País*, Madrid, 19 de mayo de 1982. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1982/05/19/opinion/390607204_850215.html>. Acesso em: 19 jul. 2014.

GARRIGA, Cecilio. Las marcas de uso: despectivo en el DRAE. *Revista de Lexicografía*, v. 1, p. 113–147, 1994–1995. Disponível em: <http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/5381/1/RL_1-5.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2013.

GARRIGA ESCRIBANO, Cecilio. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: MEDINA GUERRA, Antonia M. (coord.) *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003. p. 103–125.

GARZANTI. *Il grande dizionario Garzanti della lingua italiana*, Milano, Garzanti, 1993.

GEIPEL, John. Caló: a linguagem “secreta” dos ciganos da Espanha. In: BURKE, P.; POTER, R. (Org.). *Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

GIAUFRET-COLOMBANI, Hélène. Les ethnotypes dans quelques dictionnaires français du XVIIe siècle. *Études de linguistique appliquée*, Paris, n. 107, p. 291–300, juil.–sept. 1997.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção linguagem).

GOULART, Nathalia. A lei, a ciência e o bom-senso estão do lado do 'Houaiss'. *Veja*, São Paulo: Abril, 29 fev. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/a-lei-a-ciencia-e-o-bom-senso-estao-do-lado-do-houaiss>>. Acesso em 22 set. 2012.

GRAIEB, Carlos. O rival do Aurélio. *Veja*, São Paulo: Abril, 29 abr. 1998. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/290498/p_138.html>. Acesso em 14 jun. 2014.

GREGORIM, Clóvis Osvaldo (coord.) *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

HARTMANN, Reinhard Rudolf Karl; JAMES, Gregory. *Dictionary of Lexicography*. Nova York: Routledge, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUGHES, Geoffrey. *Political Correctness: A History of Semantics and Culture*. Chirchester: John Wiley & Sons, 2010.

JACKSON, Howard. *Lexicography: An Introduction*. Nova York: Routledge, 2002.

LANDAU, Sidney I. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*. New York: Carles Scribner's Sons, 1984.

_____. The Expression of Changing Social Values in Dictionaries. *Dictionaries: Journal of the Dictionary Society of North America*, n. 7, p. 261–269, 1985.

LARA, Luis Fernando. Towards a theory of the cultural dictionary. In: KACHRU, Braj B.; KAHANE, Henry (Eds.). *Cultures, Ideologies, and the Dictionary: Studies in Honor of Ladislav Zgusta*, Tübingen: Max Niemeyer, 1995. p. 41–51.

_____. *Teoría del diccionario monolingüe*. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 1996.

LE PETIT ROBERT. 2003. *Le Petit Robert: Dictionnaire de la langue française*. Paris: Le Robert, 2003.

MACKINTOSH, Kristen. Biased Books by Harmless Drudges In: BOWKER, Lynne (Ed.) *Lexicography, Terminology and Translation: text-based studies in honour of Ingrid Meyer*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2006. p. 45–63.

MADEIRA, Vander da Conceição. Partidas e retornos na literatura de Ferreira de Castro. *Revista Crioula* (USP), v. 6, p. 1–13, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13–67.

MCCLUSKEY, John. Dictionaries and Labeling of Words Offensive to Groups, with Particular Attention to the Second Edition of the OED. *Dictionaries: Journal of the Dictionary Society of North America*, n. 11, p. 111–123, 1989.

MCDavid Jr., Raven Ioor. The social role of the dictionary. In: DIL, Anwar S. (Ed.) *Varieties of American English*. Stanford: Stanford University Press, 1980. p. 296–309.

MEDINA GUERRA, Antonia M. La microestructura del diccionario: la definición. In: _____ (coord.) *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003. p. 127–146.

MEINI, Giuseppe. *Il dizionario della lingua italiana De Agostini*. Firenze: Remon Sandron; Novara: Istituto geografico De Agostini, 1995.

MELO, Felipe. O MPF, a Novílingua e os quadrúpedes. *Juventude Conservadora da UnB* (blog), 1 mar. 2012. Disponível em: <<http://unbconservadora.blogspot.com.br/2012/03/o-mpf-novilingua-e-os-quadrupedes.html>>. Acesso em 17 jun. 2014.

MOLINER, Maria. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 1993.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Dicionário histórico do português do Brasil: um modelo de dicionário histórico. *Filologia e Linguística portuguesa*, n. 12, v. 2, p. 329–349, 2010. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/flp/article/view/59872>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

NAY, Aldo [João Fernando de Almeida Prado]. *Três sargentos*. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1985.

NIEDERAUER, Mariana. Candango inovador. *Correio Braziliense*, Brasília, 18 maio 2014. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ultimasnoticias_geral/33,104,33,90/2014/05/18/tf_carreira_interna,428095/candango-inovador.shtml>. Acesso em 17 jun. 2014.

NOGUEIRA, Danilo. Santa Ignorância!. *Tradutor profissional* (blog), 28 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.tradutorprofissional.com/santa-ignorancia/>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

NORRI, Juhani. Labelling of derogatory words in some British and American Dictionaries. *International Journal of Lexicography*, Oxford, v. 13, n. 2, p. 72–106, 2000.

NUNES, José Horta. Dicionário, sociedade e língua nacional: o surgimento dos dicionários monolíngües no Brasil. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura (Org.). *História social da língua nacional*. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 353–374.

PALMORE, Erdman B. Ethnophaulisms and Ethnocentrism. *American Journal of Sociology*. v. 67, n. 4, p. 442–445, jan. 1962.

PAULO, Isabel. Rui Rio 'acaba' com feriado de São João. *Expresso*, Paço de Arcos, 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/rui-rio-acaba-com-feriado-de-sao-joao=f814972>>. Acesso em: 21 de jun. 2013.

PECKHAM, Aaron (ed.). *Urban Dictionary: Fularious Street Slang Defined*. Kansas City: Andrew McMeel Publishing, 2005.

PETIT ROBERT. *Le Petit Robert* : Dictionnaire de la langue française. Paris : Le Robert. 2003.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

PORTELA, Marcelo. MPF quer tirar dicionário Houaiss de circulação. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,mpf-quer-tirar-diccionario-houaiss-de-circulacao-,841320,0.htm>>. Acesso em: 2 set. 2012.

PORTO DAPENA, José Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Gredos, 2002.

POSSENTI, Sírio. Limpar livros? Nota sobre dicionários. *Terra Magazine*, 8 mar. 2012. Disponível em <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5652820-EI8425,00.html>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

POUTIGANT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 7. ed. São Paulo: Edusp. 1994.

PÚBLICO. Ciganos protestam contra definição “pejorativa” no dicionário espanhol. *Público*, 20 abr. 2015. Life&Style. Disponível em: <<http://lifestyle.publico.pt/noticias/>>

[347396_ciganos-protestam-contra-definicao-pejorativa-no-dicionario-espanhol](#)>. Acesso em: 3 maio 2015.

RAE. *Real Academia Española. Diccionario de la lengua española*. 22. ed. Madrid: Spain. 2001.

REY, Alain; DELESALLE, Simone. Problèmes et conflits lexicographiques. *Langue française*. n. 43, p. 4–26, 1979.

REY-DÉBOVE, Josette. Le domaine du dictionnaire. *Langages*, 5e année, n. 19, p. 3–34, 1970.

ROBACK, Abraham A. *A Dictionary of International Slurs* (Ethnophaulisms). Sci-Art Publishers, 1944.

RODRÍGUEZ BARCIA, Susana. *Diccionario y sociedad: la presencia de ideología en la historia de la Lexicografía monolingüe española (1611–1899)*. Saarbrücken: Editorial Académica Española, 2011.

ROTH, Philip. *A marca humana*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. An open letter to Wikipedia. *The New Yorker*, 7 set. 2012. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/online/blogs/books/2012/09/an-open-letter-to-wikipedia.html>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

ROWLAND, Robert. *Manuéis e Joaquins: a cultura brasileira e os portugueses*. Etnográfica, v. 5, n. 1, p. 157–172, 2001.

RUNDELL, Michael. Stop the presses — the end of printed dictionary. *Macmillan Dictionary Blog*, 5 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.macmillandictionaryblog.com/bye-print-dictionary>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

_____. Redefining the dictionary: From print to digital. *Kernerman Dictionary News*, Tel Aviv, n. 21, p. 5–7, July 2013. Disponível em: <<http://kdictionary.com/kdn/kdn21.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

SABATINI, Francesco; COLETTI, Vittorio. *DISC-Dizionario Italiano Sabatini Coletti*, Firenze: Giunti, 1997.

SECO, Manuel. *Estudios de Lexicografía Española*. 2. ed. aumentada y revisada. Madrid: Gredos, 2003.

SHERWIN, Adam. YOLO, Bitcoin and the bedroom tax: Chambers Dictionary adds 1,000 new definitions. *The Independent*, Londres, 21 July 2014. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/yolo-bitcoin-and-the-bedroom-tax-chambers-dictionary-adds-1000-new-definitions-9619732.html>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SOUZA, Alan Lobo de. Os (efeitos de) sentido(s) da palavra “baiano” na obra “Capítulos da História Colonial” de Capistrano de Abreu. *Revista Inventário: revista dos estudantes de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador*, n. 11, p. 1–16, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/11/Os%20efeitos%20de%20sentidos_formatado%20finalizado.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2014.

SOUZA, Elson de. Twitter faz 8 anos; microblog revela números sobre o Brasil e o mundo. *TechTudo*, 21 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/03/twitter-faz-8-anos-microblog-revela-numeros-sobre-o-brasil-e-o-mundo.html>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

TAVARES, Braulio. A arca de Noé das Palavras. *Jornal Opção*, Goiânia, 15 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/arca-de-noe-das-palavras-6975/>>. Acesso em 19 jun. 2014.

VIDESOTT, Luisa. Os Candangos. *Risco: Revista de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*, São Carlos, n. 7, p. 21–38, 2008. Revisão da tradução: Fábio Lopes de Souto Santos e Lorenza Pavesi.

WACHAL, Robert S. Taboo or Not Taboo: That Is The Question. *American Speech*, v. 77, n. 2, p. 195–206, Summer 2002.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

YAGUELLO, Marina. *Les mots et les femmes*. Paris: Payot, 1979.

ZAVAGLIA, Claudia. Metodologia em Ciências da Linguagem: Lexicografia. In: Adair Vieira Gonçalves e Marcos Lúcio de Sousa Góis (Org.). *Ciências da Linguagem: o fazer científico?* Vol. 1. Campinas: Mercado de Letras. 2012. p. 231–264.

_____. Dicionário e cores. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 25–41, 2006. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1409/1110>>. Acesso em: 14 set. 2014.

ZHANG, Dell; MAO, Robert; LI, Haitao; MAO, Joanne. How to Count Thumb-Ups and Thumb-Downs: User-Rating Based Ranking of Items from an Axiomatic Perspective. *Advances in Information Retrieval Theory — Lecture Notes in Computer Science (LNCS)*, v. 6931, p. 238–249, 2011.

ZINGARELLI, Nicola. *Lo Zingarelli 2007*. Bolonha: Zanichelli, 2006.

Apêndice – Elenco dos etnofaulismos e as acepções que expressam nos dicionários analisados

Etnônimo	Tipo de etnofaulismo	Sentido
1 Abade	Etnônimo injurioso	Homem gordo
2 Abadessa	Etnônimo injurioso	1 Mulher gorda 2 dona de prostíbulo
3 Abderita	Etnônimo injurioso	Simplório / Ingênuo
4 Abugrado	Etnônimo injurioso	Rude
5 Acabocado	Etnônimo injurioso	Rústico
6 Acadêmico	Etnônimo injurioso	1 Pouco original ou sincero 2 Convencional / resistente a inovações 3 Pouco prático
7 Acapadoçado	Etnônimo injurioso	Semelhante ao capadócio
8 Acólito	Etnônimo injurioso	Serviçal
9 Açougueiro	Etnônimo injurioso	Cirurgião ou dentista ruim
10 Agalegado	Etnônimo injurioso	Grosseiro, estúpido
11 Alarve	Etnônimo injurioso	1 Tolo 2 Glutão 3 Vaidoso
12 Anacoreta	Etnônimo injurioso	Pessoa isolada
13 Ananicado	Etnônimo injurioso	Desprezível
14 Anão	Etnônimo injurioso	1 Pessoa pequena 2 Pessoa raquítica 3 De pouca intelig.
15 Arigó	Etnônimo injurioso	Indivíduo simplório
16 Assaloiado	Etnônimo injurioso	Indivíduo rude
17 Baianada	Etnônimo injurioso	1 Próprio do baiano 2 Coisa malfeita

Etnônimo	Tipo de etnofaulismo	Sentido
		3 Falta de palavra
		1 Contador de vantagem
18 Baiano	Etnônimo injurioso	2 Que não sabe montar a cavalo
		3 Caipira
		4 Tolo / Negro / Mulato / Ignorante
19 Bárbaro	Etnônimo injurioso	1 Cruel / Desumano
		2 Incivil / Rude
20 Barnabé	Injúria étnica	Funcionário público
21 Beato	Injúria étnica	Indivíduo que mostra excessiva devoção
22 Beduíno	Etnônimo injurioso	De natureza selvagem
23 Beócio	Etnônimo injurioso	1 Curto de inteligência / Ignorante
		2 Simplório
24 Bizantino	Etnônimo injurioso	Coisa inútil, frívola
25 Boche	Injúria étnica	Alemão
26 Boêmio	Etnônimo injurioso	De vida erradia / desregrada
27 Bolchevique	Etnônimo injurioso	Que é de esquerda
28 Bonzo	Etnônimo injurioso	1 Preguiçoso
		2 Dissimulado
		3 Medíocre
29 Botocudo	Etnônimo injurioso	1 Indivíduo rude
		2 Caipira
30 Brasileiro	Etnônimo injurioso	1 Português que enriqueceu no Brasil
		2 Novo-rico de mau gosto
31 Bugre	Etnônimo injurioso	1 Pessoa rude
		2 Pessoa arredia
32 Cabeça-chata	Injúria étnica	Indivíduo nortista, especialmente o cearense
33 Cafre	Etnônimo injurioso	1 Indivíduo rude
		2 Negro
34 Caipira	Etnônimo injurioso	1 Indivíduo simplório e rude
		2 Indivíduo pouco sociável

Etnônimo	Tipo de etnofaulismo	Sentido
		3 Malandro, vadio
35 Campônio	Etnônimo injurioso	Indivíduo rude
36 Candango	Etnônimo injurioso	1 Indivíduo de mau gosto 2 Indivíduo desprezível
37 Capadócio	Etnônimo injurioso	1 Canalha 2 Ignorante 3 Espertalhão
38 Carcamano	Injúria étnica	1 Italiano 2 Indivíduo de origem árabe
39 Cigano	Etnônimo injurioso	1 Trapaceiro, negociante esperto 2 Sovina 3 Boêmio, de vida incerta
40 Crente	Etnônimo injurioso	protestante fanático
41 Curumba	Etnônimo injurioso	1 Andarilhos, mendigos 2 Trabalhador nos engenhos ou canaviais, na safra 3 Caipira
42 Fariseu	Etnônimo injurioso	1 Fiel orgulhoso ou hipócrita 2 Indivíduo que ostenta falsa piedade 3 Seguidor formal de uma religião
43 Favelado	Etnônimo injurioso	Pobre, mal-trajado
44 Filisteu	Etnônimo injurioso	Materialista, inculto
45 Francês	Etnônimo injurioso	Hipócrita
46 Franduno	Etnônimo injurioso	Afetado, pretensioso
47 Gaijin	Injúria étnica	Estrangeiros
48 Galegada	Etnônimo injurioso	1 Ato incivil ou tolo 2 Ajuntamento de galegos 3 Colônia portuguesa 4 Brutalidade
49 Galego	Etnônimo injurioso	1 português 2 estrangeiro

Etnônimo	Tipo de etnofaulismo	Sentido
		3 homem incivil
50 Gambé	Injúria étnica	Policial
51 Gascão	Injúria étnica	Indivíduo fanfarrão
52 Gazeteiro	Injúria étnica	Indivíduo mentiroso
53 Gringo	Injúria étnica	Estrangeiro
54 Histrião	Etnônimo injurioso	Indivíduo desprezível
55 Japona	Injúria étnica	1 Português
		2 Japonês
56 Japonesada	Injúria étnica	Grupo de japoneses
57 Jeca	Injúria étnica	1 Indivíduo que vive no meio rural
		2 Indivíduo cafona
58 Jesuíta	Etnônimo injurioso	Hipócrita, dissimulado
59 Judeu	Etnônimo injurioso	Avaro, usurário
60 Labrego	Injúria étnica	Indivíduo rude
61 Ladino	Etnônimo injurioso	Indivíduo espertalhão
62 Liliputiano	Etnônimo injurioso	Mesquinho, medíocre
63 Loira	Etnônimo injurioso	Indivíduo ingênuo
64 Macumbeiro	Etnônimo injurioso	Feiticeiro
65 Mandinga	Etnônimo injurioso	Dificuldade que se atribui a obra de feitiçaria
66 Mandingueiro	Etnônimo injurioso	Feiticeiro
67 Marqueteiro	Etnônimo injurioso	Indivíduo que se auto-promove
68 Marrano	Injúria étnica	Judeu ou mouro
69 Matuto	Etnônimo injurioso	Indivíduo ignorante
70 Mazombo	Injúria étnica	Filho de portugueses nascido no Brasil
71 Negra da	Etnônimo injurioso	Desordeiros, bando
72 Papista	Etnônimo injurioso	Católico
73 Paraíba	Etnônimo injurioso	1 Lésbica
		2 Mulher forte
		3 Operário não-qualificado
		4 Qualquer nordestino

Etnônimo	Tipo de etnofaulismo	Sentido
74 Paulista	Etnônimo injurioso	Indivíduo teimoso
75 Polaca	Etnônimo injurioso	1 Constituição
		2 Meretriz
76 Portuga	Injúria étnica	Português
77 Proletário	Etnônimo injurioso	Indivíduo pobre
78 Provinciano	Etnônimo injurioso	Indivíduo de mentalidade atrasada
79 Púnico	Etnônimo injurioso	Desleal
80 Retirante	Etnônimo injurioso	Nordestino
81 Riponga	Injúria étnica	Hippie
82 Roceiro	Etnônimo injurioso	Indivíduo rústico
83 Russalhada	Etnônimo injurioso	Grande quantidade de russos
84 Saloio	Etnônimo injurioso	1 Incivil
		2 Velhaco
85 Sertanejo	Etnônimo injurioso	De modos rústicos
86 Vigário	Etnônimo injurioso	Trapaceiro
87 Xiita	Etnônimo injurioso	Indivíduo de atitudes radicais

Anexo – Verbetes utilizados nesta pesquisa

As definições aqui reproduzidas do Dicionário Houaiss, referem-se à edição de 2001 (chamada de “Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”). A menos que haja mudanças substanciais no que tange, sobretudo, às acepções pejorativas, na edição de 2009, essas não foram aqui reproduzidas. Caso haja mudanças com relação à edição de 2009, no que tange o verbe *on-line*, reproduzimo-no também.

O dicionário Aulete Digital, em alguns casos, apresenta a definição original conforme se explica: “O tradicional e respeitadíssimo Dicionário Caldas Aulete em sua versão original, atualizada para o Brasil até a década de 1980, com mais de 200 mil verbetes (os verbetes desse módulo são identificados com o registro de ‘verbe original’)”. Nesses casos, marcamos, junto ao nome do dicionário, com um asterisco.

O símbolo “Ø” indica que o dicionário não apresenta a entrada.

ABADE — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: abade (a.ba.de) sm. 1. Rel. Dignidade eclesiástica, o primeiro prelado nas ordens monásticas 2. Rel. Superior de ordem religiosa que dirige uma abadia. 3. Lus. Rel. Sacerdote de certas paróquias. 4. Fig. Pej. Homem gordo e plácido. 5. AC Tiras de papel ou palha para enrolar cigarros 6. Bras. Ornit. O mesmo que gralha-do-campo (*Cyanocorax cristatellus*) [F.: Do lat. ecles. abbas, atis.]

Aurélio: abade [Do siríaco *abba*, f. enfática do hebr. ‘ab’, ‘pai’, pelo gr. *abbá* e pelo lat. *abbate*.] S. m. 1. Prelado que dirige a abadia. 2. Superior de ordem religiosa. 3. Lus. Pároco de certas freguesias. 4. Fig. Homem muito gordo, bem nutrido e, em geral, pachorrento. [Fem., nessas acepç.: *abadessa* (ê), pl. *abadessas* (ê). Cf. *abadessa* e *abadessas*, do v. *abadessar*.] 5. Tira de pano sem pregas, ou babado, que encobre os pés de móveis estofados, formando um macho em cada um dos quatro cantos do móvel. 6. Zool.Bras. V. *gralha-do-campo*. 7. Bras. N. Mortalha para cigarros. [Fem., nas acepçs. 1 a 4: *abadessa* (ê), pl. *abadessas* (ê). Cf. *abadessa* e *abadessas*, do v. *abadessar*.]

Houaiss: abade s.m. (1141) 1 REL título ou cargo do superior dos monges de uma abadia autônoma ou dos membros de certas ordens ou congregações religiosas monásticas 2 *p.met.* REL aquele que detém tal título ou cargo 3 REL superior de uma associação de clérigos ou leigos cristãos, regulares (que cumprem votos e seguem regras) ou seculares 4 *fig. pej.* indivíduo bem nutrido, tranquilo, sem preocupações 5 *B.N* maço de mortaldas ('tiras de papel ou palha') de cigarros 6 ORN B m.q. *GRALHA-DO-CAMPO* (*Cyanocorax cristatellus*) ♦ a. mitrado ECLES nos conventos e territórios dependentes, o que usava certas insígnias episcopais e exercia algumas funções de bispo

Michaelis: abade a.ba.de *sm* (aramaico *abba*, via *gr* e *lat*) 1 Superior de uma ordem monástica. 2 O que governa uma abadia. 3 Pároco, cura de almas, confessor. 4 Homem gordo, corado, pachorrento. 5 *Reg* (Amazônia) Bloco de mortalha, para cigarro feito a mão. 6 *Ornit* Nome popular de um pássaro dentirrosto brasileiro (*Uroleuca cristatella*), corvídeo, que se assemelha à pega européia. Fem: *abadessa*. Aum: *abadão*. Dim: *abadinho*. *A. geral:* o que tem, além do governo do seu mosteiro, também o da ordem a que pertence. *A. in partibus:* o que é titular de uma abadia instalada em terras de povos não-católicos. *A. isento:* o que, por não estar sujeito à autoridade episcopal, só obedece à Santa Sé. *A. mitrado:* o que goza o privilégio de usar as insígnias pontificais e possui jurisdição episcopal, e às vezes temporal, nos conventos e territórios dependentes. *A. não-isento:* o que depende da jurisdição episcopal.

ABADESSA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: abadessa (a.ba.des.sa) [ê] sf. 1. Rel. Superiora de abadia ou convento 2. Pej. Mulher grande e gorda 3. PE Joc. Dona ou administradora de bordel [F.: Do lat. *abbatissa*,ae. Hom./Par.: abadessa(s) (sf. e pl.), abadessa(s) (fl.de abadessar)]

Aurélio: abadessa (ê) [Do lat. tard. *abbatissa*.] S. f. 1. Superiora de abadia (4). 2. Fig. Mulher grande, de aspecto matronal. 3. Bras. PE Dona ou administradora de prostíbulo. [Pl.: *abadessas* (ê). Cf. *abadessa* e *abadessas*, do v. *abadessar*.]

Houaiss: abadessa \ê\ s.f. (1262) 1 REL prelada ou superiora de mosteiro ou abadia 2 *fig pej.* mulher muito gorda e grande; matrona 3 PE *joc.* proprietária ou administradora de prostíbulo
© ETIM lat. *abbatissa*,ae ‘superiora de um convento’, fem. de *abbas*,tis ‘abade’ pelo vulgar, através do lat. ecl. © HOM abadessa(fl.abadessar)

Michaelis: abadessa a.ba.des.sa (ê) sf (lat med *abbatissa*) 1 Feminino de abade. 2 Prelada maior, superiora ou prioresa de certas comunidades de religiosas. 3 Mulher excessivamente alta e gorda. 4 *gr* Regente de uma casa de prostituição. 5 *Bot* Variedade de manga. *A. geral:* a que tem a direção da ordem *A. isenta:* a que, em sua autoridade, só depende da Santa Sé. *A. não-isenta:* a que está sujeita à jurisdição episcopal.

ABDERITA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital*: adj. || relativo a Abdera, antiga cidade da Trácia. || -, s. m. e f. natural dessa cidade: obras, do abderita (do filósofo Demócrito). (Lat. Coelho, Or. da Coroa.) F. lat. Abderita.

Aurélio: ∅

Houaiss (2001): abderita *adj. 2g.s.2g* (a1697) 1 relativo a Abdera, cidade da Trácia, ou de outra do mesmo nome, na Hispânia, ou o que é seu natural ou habitante 2 pej. que ou aquele que é simplório, ingênuo, tolo, inepto © ETIM do lat. *Abderīta* e *Abderītes*,ae 'id.', do gr. *Abdērītēs*,ou; a acp. 'tolo, inepto', origin. pej., já aparece em gr.cl. © SIN/VAR abderense, abderiano, abderitano

Houaiss (2009): ∅

Michaelis: abderita ab.de.ri.ta *adj m+f* (*Abdera*, *np+ita*²) 1 Diz-se do habitante ou natural de Abdera. 2 Diz-se de pessoa abobalhada, inepta, simplória. *s m+f* Habitante ou natural de Abdera; abderitano.

ABUGRADO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: abugrado (a.bu.gra.do) S. a. 1. Com feição de bugre, semelhante a bugre 2. Que descende de bugre 3. Fig. Que é ou se tornou abrutalhado, tosco, rude.


Aurélio: abugrado [De a^{-2} + *bugre* + *-ado¹*.] *Adj. Bras.S.* 1. Semelhante a bugre. 2. Descendente de bugre.

Houaiss: abugrado *adj. B.S.* 1 que se assemelha ou descende de bugre 2 *fig.* que se tornou embrutecido, rude © ETIM a- + bugre + -ado

Michaelis: abugrado a.bu.gra.do *adj* (a^1 +*bugre*+*ado³*) 1 Descendente de bugre. 2 Parecido com bugre.

ACABOCLADO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: acaboclado (a.ca.bo.cla.do) Bras. a. 1. Que tem ou passou a ter feição e/ou modos de caboclo (indivíduo acaboclado). 2. Que tem aparência ou comportamento rústicos. [F.: Part. de acaboclar.]




Aurélio: acaboclado [De a^{-2} + *caboclo* + *-ado¹*.] *Adj. Bras.* 1. Que tem o aspecto do caboclo:  “era um homem de estatura regular, acaboclado” (Melo Moraes Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, p. 176). 2. Próprio de caboclo, ou semelhante a este nos modos ou no comportamento. 3. Rústico, caipira.

Houaiss: acaboclado *adj.* (1872) *B* que se acabocloou 1 que tem origem, feição, cor ou modos de caboclo; atrigueirado 2 que revela comportamento rústico, acaipirado © ETIM part. de *acaboclar*; var. *acabocolado*; ver *cabocl-*

Michaelis: acaboclado a.ca.bo.cla.do *adj* (*part* de *acaboclar*) 1 Que tem cor, feições, modos ou origem de caboclo. 2 Abugrado.

ACADÊMICO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: acadêmico (a.ca.dê.mi.co) a. 1. Ref. à academia ou a seus membros, ou próprio deles. 2. De, próprio de ou ref. a instituição de ensino superior, ou a suas atividades ou a seus alunos (vida acadêmica; conselho acadêmico) 3. Marcado pelo rigor formal, pela erudição (discurso acadêmico). 4. Art.pl. Liter. Diz-se de obra, escola, artista ou escritor que seguem os modelos do academismo 5. P.ext. Que é tradicional, convencional, resistente a novidades ou inovações 6. P.ext. Pej. Desprovido de espontaneidade, originalidade, inovação 7. Pej. Que não visa a ou não produz resultado imediato, prático: uma debate meramente *acadêmico*. sm. 8. Indivíduo que é membro de uma Academia: Os *acadêmicos* reúnem-se para o chá. 9. Estudante universitário ou de pós-graduação 10. Ant. Restr. Fil. Membro da Academia (escola filosófica de Platão) [F.: Do lat. *academicus*, a, um, do. gr. *akadēmikós*, é, ón.]

Aurélio: acadêmico [Do gr. *akadēmikós*, pelo lat. *academicu*.] *Adj.* 1. Pertencente ou relativo a, ou próprio de academia (3 e 5) ou de acadêmico (6 e 7):  *tradições acadêmicas*; *procedimento acadêmico*. 2. *Art. Plást.* Relativo ao, ou próprio do academismo (1): *proporções acadêmicas*; *composição acadêmica*; *modelo acadêmico*. 3. *Art. Plást.* Diz-se do artista e/ou da obra de arte que se conserva presa às regras e ao gosto do academismo (1), numa concepção estética imobilizada, alheia a novas correntes de expressão:  *um escultor acadêmico*; *um quadro acadêmico*. 4. *P. ext.* Diz-se de manifestação artística ou cultural de um convencionalismo estreito, hostil a qualquer inovação. 5. *Fig. Deprec.* Bizantino (4):  *discussão acadêmica*. ~ *V. centro* —, *diretório* — e *solicitador* —. • *S. m.* 6. Membro de uma academia (5). Aluno de academia (3).

Houaiss: acadêmico *s.m.* (sXV) 1 filósofo da escola de Platão 2 membro ou sócio de uma academia 3 estudante universitário <a. de direito> ■ *adj.* 4 relativo a ou próprio de uma academia ou de seus membros; acadêmico <fardão a.> <recepção a.> 5 relativo a estabelecimento de ensino superior ou a seus alunos <curso a.> <centro a.> 6 ART.PLÁST que se mantém dentro

das normas e do gosto do academismo, que segue rigorosamente os modelos consagrados pela tradição (diz-se de artista, obra de arte ou manifestação artística ou cultural) 7 *p.ext.* que é convencional, infenso a inovações (diz-se de manifestação artística ou cultural) 8 *p.ext. pej.* falta de originalidade ou de sinceridade; artificioso, pretensioso 9 *pej.* que não produz resultado prático imediato; bizantino <*discussões a.*> ◉ ETIM lat. *academicus, a, um* 'relativo a Academia, discípulo de Platão, acadêmico', do gr. *akadēmikós, é, ón* 'id.'; ver *academ-*; f.hist. sXV *academico*, sXV *achademicus*

Michaelis: acadêmico a.ca.dê.mi.co *adj* (lat *academicu*) 1 Pertencente ou relativo a uma academia ou a seus membros. 2 *Bel-art* Em harmonia com os modelos clássicos. 3 Artificioso, forçado, pretensioso. 4 De que não se espera que produza um ato ou resultado prático imediato; especulativo, abstrato, teórico: *Questão meramente acadêmica. sm* 1 Filósofo da escola de Platão. 2 Lente, membro ou sócio de alguma academia. 3 Estudante de uma escola superior, faculdade ou universidade.

ACAPADOÇADO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital*: acapadoçado *adj.* || semelhante a capadócio; próprio de capadócio. F. Capadócio.

Aurélio: acapadoçado [De *a*⁻² + *capadócio* + *-ado*¹.] *Adj.* 1. Que tem modos de, ou é semelhante a, ou que é próprio de capadócio (5).

Houaiss: acapadoçado *adj.* semelhante a ou próprio de capadócio ('canalha', 'trapaceiro'); que tem maneiras acanhadas ◉ ETIM *a-* + *capadócio* + *-ado*

Michaelis: acapadoçado a.ca.pa.do.ça.do *adj* (*a*¹+*capadócio*+*ado*³) Próprio de, ou semelhante a capadócio, acepções 3, 4 e 5.

ACÓLITO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: acólito (a.có.li.to) *sm.* 1. Ecles. A quarta das ordens menores, que dá o poder de servir o subdiácono na missa, acender os círios, preparar e oferecer o vinho e a água 2. Ecles. Pessoa a quem foi conferida esta ordem ou que desempenha as mesmas funções 3. Fig. Aquele que acompanha ou ajuda alguém; AJUDANTE; ASSISTENTE [Pode ter conotação pejorativa.] [F.: Do lat. ecles. *acolythus*, i.]

Aurélio: acólito [Do gr. *akólouthos*, pelo lat. ecles. *acolythu*.] *S. m.* 1. *Ecles.* Aquele que recebeu a ordem do acolitato. 2. *Rel.* Aquele que acompanha e serve, na Igreja Católica, aos ministros superiores. 3. Aquele que acompanha, que ajuda; ajudante, assistente. [Cf. *acolito*, do v. *acolytar*.]

Houaiss (2001): acólito *s.m.* (1488) 1 ECLES sacerdote da Igreja católica que recebeu o grau mais elevado das ordens menores 2 *p.ext.* ECLES na Igreja católica, ministro que acompanha e auxilia o celebrante a conduzir os atos litúrgicos 3 *fig. pej.* o que acompanha ou auxilia alguém; ajudante, assistente ◉ ETIM gr. *akólouthos, os, on* 'companheiro de viagem, acompanhante, servidor', pelo lat.ecl. *acolythus* ou *acolythus, ī*; a tônica do lat.ecl. citado é grega, contra a expectativa de adp. do gr. ao lat. (normal em *acolythus*) e deve ter atravessado os tempos, como se depreende do it. *acolito/accolito*, esp.port. *acólito*; ver *acolit-* ◉ PAR *acolito*(fl.*acolytar*)

Houaiss (on-line): acólito

substantivo masculino (1488)

1 ecles sacerdote da Igreja católica que recebeu o grau mais elevado das ordens menores

2 p.ext. ecles na Igreja católica, ministro que acompanha e auxilia o celebrante a conduzir os atos litúrgicos
3 o que acompanha ou auxilia alguém; ajudante, assistente

Etimologia

gr. akólouthos,os,on 'companheiro de viagem, acompanhante, servidor', pelo lat.ecl. acolýthus ou acolūthus,ī; a tônica do lat.ecl. citado é grega, contra a expectativa de adp. do gr. ao lat. (normal em acolūthus) e deve ter atravessado os tempos, como se depreende do it. acolito/accolito, esp.port. acólito; ver acolit-; f.hist. 1488 [?] acholitos

Paronímia

acolito(fl.acolitar)

Michaelis: acólito a.có.li.to *sm* (*lat acolythu*) 1 *Ecles ant* O que, na carreira eclesiástica, tinha o quarto grau das ordens menores. 2 O que acompanha e ajuda o sacerdote na celebração da missa e nos ministérios do altar. 3 Acompanhador, ajudante.

AÇOUGUEIRO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: açougueiro (a.çou.guei.ro) *sm*. 1. Dono ou empregado de açougue
2. Profissional que abate reses em matadouro; MAGAREFE 3. Bras. Fig. Pop. Pej. Cirurgião ou dentista inábeis; CARNICEIRO [F: açougue + -eiro.]

Aurélio: açougueiro [De *açougue* + *-eiro*.] *S.m.* 1. Proprietário de açougue (1). 2. V. *magarefe* (1). 3. *Fig.* Mau cirurgião; carnicheiro, magarefe.

Houaiss: açougueiro *s.m.* (1846-1853) 1 proprietário ou funcionário de açougue; talhador 2 profissional que mata animais para consumo; carnicheiro, magarefe 3 *fig. B infirm. pej.* dentista ou cirurgião inábil; carnicheiro 4 FUTB jogador violento 5 *ant.* agente do fisco © ETIM açougue + -eiro; 1846-1853 é a data para 'agente do fisco' e 1905 é a data para 'carniceiro'

Michaelis: açougueiro a.çou.guei.ro *sm* (*açougue+eiro*) 1 Dono de açougue, marchante. 2 Carniceiro, cortador, magarefe.

AGALEGADO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: agalegado (a.ga.le.ga.do) *a*. 1. Com modos, sotaque ou aparência de galego. 2. Pej. Malcriado, estúpido, grosseiro. [F: Part. de *agalegar*.]

Aurélio: agalegado [De *a*-² + *galego* + *-ado*¹.] *Adj.* 1. Que tem modos e/ou aparência de galego (2). 2. Que é próprio de galego (2). 3. Grosseiro, estúpido, malcriado.

Houaiss: agalegado *adj.* (1540) 1 que tem modos, feição ou sotaque galego; que dá a ideia de galego 2 que é próprio de galego 3 *pej.* que se comporta com estupidez, com grosseria © ETIM part. de *agalegar*; ver *galeg-*; f.hist. 1540 *agalegadamente*, 1818 *agallegado*

Michaelis: agalegado a.ga.le.ga.do *adj* (part de *agalegar*) 1 Com modos ou linguagem de galego. 2 Boçal; malcriado.

ALARVE — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: alarve (a.lar.ve) *a2g*. 1. Que é parvo, tolo 2. Que é rude, grosseiro, bruto 3. Que come em excesso; GLUTÃO 4. Ant. Ref. aos beduínos salteadores *sm*. 5. Pessoa alarve (1, 2 e 3) 6. Ant. Beduíno salteador [F: Do ár. al-'arab.]

Aurélio: alarve [Do ár. *al-ʿarab*, ‘os árabes’.] *Adj.* 2 g. 1. *Ant.* Relativo aos árabes; arábico. 2. Rústico, rude. 3. Tolo, parvo, palerma. • S. 2 g. 4. *Ant.* Beduíno (1). 5. Pessoa alarve (2 e 3). 6. Comilão, glutão. [Var.: *alárabe, alarave, alárave.*]

Houaiss (2001): alarve *adj.2g.s.2g* (1344) 1 *ant.* que ou aquele que é árabe beduíno 2 (1576) *pej.* que ou quem é rústico, abrutado, grosseiro, ignorante 2.1 *pej.* que ou o que é tolo, parvo, estúpido 3 *pej.* que ou o que come em demasia; glutão 4 *ALT pej.* que ou quem é vaidoso, presumido • ETIM ár. *al-Ḥarab* ‘os árabes, o povo árabe’; segundo David Lopes, citado por JM, os alarves tinham vida nômade e se ocupavam de pastorícia. Não tinham moradas fixas, levando, portanto, vida errante no deserto, em oposição à vida mais civilizada das cidades; daí a acp. ‘bruto, grosseiro, sem maneiras’, bem como a função *adj.*; f.hist. 1344 *allarue*, sXIV *alarauê*, sXV *alarve*, sXVII *alarábe* • SIN/VAR ver sinonímia de comilão e tolo • ANT ver antonímia de comilão e tolo • COL alarvia

Houaiss (2009): alarve *adj.2g.s.2g* (1344) 1 *ant.* que ou aquele que é árabe beduíno 2 *pej.* que ou quem é rústico, abrutado, grosseiro, ignorante 3 *pej.* que ou o que é tolo, parvo, estúpido 4 *pej.* que ou o que come em demasia; glutão • ETIM ár. *al-Ḥarab* ‘os árabes, o povo árabe’ • SIN/VAR ver sinonímia de *comilão* • ANT ver antonímia de comilão • COL alarvia

Michaelis: alarve a.lar.ve *adj m+f* (ár *al-ʿarab*) 1 Brutal, rústico, indelicado. 2 Ignorante. *sm* 1 Beduíno salteador. 2 Labrego, grosseirão. 3 Lorpa, pateta. 4 Glutão.

ANACORETA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: anacoreta (a.na.co.re.ta) [ê] *sm.* 1. Religioso que vive na solidão para se entregar à vida contemplativa 2. Fig. Pessoa que vive recolhida, afastada da sociedade [F.: Do lat. tardio *anachoreta*, do gr. *anachoretés*. Cf.: *cenobita*.]

Aurélio: anacoreta (ê) [Do gr. *anachoretés*, pelo lat. *anachoreta*.] *S. m.* 1. Religioso ou penitente que vive na solidão, em vida contemplativa: 📖 “ou porque Ifigênia se lhe figurasse algum daqueles serafins que visitavam os anacoretas na Tebaída” (Camilo Castelo Branco, *A Queda dum Anjo*, p. 209). 2. *Fig.* Pessoa que vive afastada do convívio social; monge. [Cf. *cenobita*.]

Houaiss (2001): anacoreta \ê\ *s.2g* (sXIV) 1 monge cristão ou eremita que vive em retiro, solitariamente, esp. nos primeiros tempos do cristianismo 2 *fig.* pessoa que escolhe viver recolhida, afastada do convívio social; monge • ETIM lat.ecl. *anachorēta*, do gr. *anakhōrētēs* ‘pessoa que se retirou do mundo, solitário, anacoreta’, de *anakhōrēō* ‘retirar-se, afastar-se’; f.hist. sXIV *anacorita*, sXV *anachorita* • SIN *cenobita*

Houaiss (2009): anacoreta \ê\ *s.2g* (sXIV) 1 monge cristão ou eremita que vive em retiro, solitariamente, esp. nos primeiros tempos do cristianismo 2 *fig.* pessoa que escolhe viver recolhida, afastada do convívio social; monge • ETIM lat.ecl. *anachorēta*, do gr. *anakhōrētēs* ‘pessoa que se retirou do mundo, solitário’

Michaelis: anacoreta a.na.co.re.ta (ê) *sm* (gr *anachoretés*) 1 Religioso ou penitente que vai viver na solidão. 2 Indivíduo que vive afastado da vida mundana.

ANANICADO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: ananicado (a.na.ni.ca.do) a. 1. Que é pequenino, de desenvolvimento precário 2. Fig. Desprezível, mesquinho, vil [F.: a-2 + *nanico* + -ado1.]

Aurélio: ananicado [De a-2+ *nanico* + -ado1.] *Adj.* 1. Quase anão, pequenino, enfezado, raquítico. 2. *Fig.* Mesquinho, baixo, desprezível, ignóbil.

Houaiss: ananicado *adj.* (1836) 1 que se ananicou 1.1 muito pequeno, pouco desenvolvido; atrofiado 1.2 *fig.* tornado mesquinho, vergonhoso; desprezível, vil ◉ ETIM part. de *ananicar* ◉ SIN/VAR ananzado, anãzado

Michaelis: ananicado a.na.ni.ca.do *adj* (*part de ananicar*) 1 Quase anão. 2 Aviltado, ignóbil, mesquinho. 3 Aplica-se ao galo entanguido.

ANÃO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: anão (*a.não*) *sm.* 1. Indivíduo que tem altura muito abaixo da normal; indivíduo que apresenta nanismo 2. Pej. Indivíduo muito baixo e franzino; NANICO a. 3. Que apresenta nanismo 4. Pej. Que é muito baixo e franzino; NANICO 5. Diz-se ger. de animal ou planta de tamanho ou altura muito abaixo da normal (*árvore anã*) 6. Fig. Acanhado, apoucado (*inteligência anã*) [Pl.: anões, anãos] [F.: Do lat. *nanus, i.*]

Aurélio: anão. [De *a*-⁴ + lat. *nanu* < gr. *nános.*] *S. m.* 1. Indivíduo que apresenta nanismo (1). 2. Personagem fictícia, de estatura diminuta, muito popular no folclore, nas lendas e nos contos infantis: ■ *Branca de Neve e os Sete Anões.* [Cf., nesta acepç., *gnomo.*] 3. *Deprec.* Indivíduo de pequeno talhe; nanico, pigmeu. 4. *Deprec.* Indivíduo raquítico, mirrado, enfezado. 5. *Fig.* Aquele que é de pouca inteligência e/ou cultura, de escasso merecimento, insignificante (em oposição a *gigante*): ■ *Sentia-se um anão ante a cultura do amigo.* • *Adj.* 6. Diz-se do animal e da planta que, mesmo quando já desenvolvidos, se apresentam com tamanho muito inferior ao normal: ■ *São famosas as árvores anãs cultivadas pelos japoneses.* 7. De baixíssima estatura; enfezado, raquítico: ■ *raça anã.* 8. Muito pequeno; muito baixo: ■ *A torre é anã em relação à igreja.* 9. Apoucado, reduzido: ■ *inteligência anã.* [Fem.: *anã*; pl.: *anões e anãos.*]

Houaiss (2001 e 2009): anão *adj.s.m.* (sXIV) 1 que ou o que apresenta nanismo, tem pouca estatura ou tamanho muito abaixo do normal 2 *p.ext* que ou o que é raquítico, mirrado, enfezado 3 *fig pej.* que ou o que tem cultura ou inteligência insignificantes <*espírito a.*> <*era um a. da nossa literatura*> ■ *adj.* 4 de pequeno tamanho ou altura (diz-se esp. de animal ou planta) <*coqueiro a.*> <*cultivar a.*> <*animal de raça a.*> ◉ GRAM fem.: *anã*; pl. *anão e anões* (mais us.) ◉ GRAM/USO como *adj.*, pode ligar-se ou não por hífen a um subst. precedente (*estrela anã*; *bananeira-anã*) ◉ ETIM lat. *nānus, i.*, do gr. *nānnos, ou* ou *nānos* ‘animal ou planta anã, anão’ com *a*-protético ◉ SIN/VAR como *adj.*: ver sinonímia de *enfezado* e antonímia de *descomunal* ◉ ANT como *adj.*: ver sinonímia de *descomunal* e antonímia de *enfezado* ◉ HOM *Hanão*(antr.) ◉ par *anã*(f.) / *aná*(s.m. e adv.) e *Ana* (antr.)

Michaelis: não há indicação de uso pejorativo.

ARIGÓ — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital*: arigó *s. m.* | | (Bras., Centro) pacóvio, simplório; pessoa rústica.

Aurélio: arigó *S. m.* 1. *Bras.* Cassaco (2). 2. *Bras. R7 C. O.* Indivíduo rústico; matuto, caipira.

Houaiss (2001): arigó *adj.2g.s.2g* (sXX) 1 *SP* que ou quem é da roça ou nela trabalha; caipira, roceiro 2 *p.ext. SP R7 MG B C.-O. pej.* diz-se de ou indivíduo simplório, rústico; matuto 3 que ou quem trabalha em construção de estradas de ferro ou de rodagem, ou em engenhos e usinas de açúcar; cassaco, peão 4 (1941) *R7* diz-se de ou trabalhador de Volta Redonda RJ desde a construção da Usina Presidente Vargas até meados da déc. 1980 [Denominação, então, substituída por *peão.*] ◆ a. da vazante *PB infirm.* indivíduo tolo ◉ ETIM orig.obsc.; para Nasc, voc. expressivo ◉ SIN/VAR como subst.: ver sinonímia de *cassaco*; ver tb. sinonímia de *caipira* ◉ COL arigozada

Michaelis: arigó a.ri.gó sm *Reg* 1 (Centro). Homem da roça, sem instrução. 2 (Est. de São Paulo) Trabalhador das estradas de rodagem ou das de ferro.

ASSALOIADO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital*: assaloiado adj. || que tem maneiras de saloio, grosseiro, rude. F. Assaloiar.

Aurélio: assaloiado [De *as*⁻¹ + *saloio* + *-ado*¹.] *Adj.* 1. Semelhante a saloio. 2. *Fig.* Rústico, rude.

Houaiss: assaloiado *adj.* (1783) que parece saloio; grosseiro, rude © ETIM part. de *assaloiar*.

Michaelis: assaloiado as.sa.loi.a.do *adj* (*part* de *assaloiar*) Alapoadado, grosseiro, rústico; que tem modos de saloio.

BAIANADA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: baianada (bai.a.na.da) *sf.* 1. Pop. Grupo de pessoas nascidas na Bahia. 2. Bras. Pop. Comportamento extrovertido e fanfarrão de baiano. 3. Pej. Pop. Bras. Coisa malfeita por desrespeito às regras e/ou aos costumes: *Fez uma baianada no trabalho e foi demitido.* 4. Inabilidade para o montaria e/ou o manuseio com cavalos 5. S Ação própria de quem desconhece os costumes ou não pode imitar as habilidades equestres dos gaúchos [F.: De *baian(o)* + *-ada*.]

Aurélio: baianada (a-i) [De baiano + *-ada*1.] *S. f.* 1. Bras. Fanfarrice, pacholice de baiano (4). 2. Bras. S. Grupo de baianos [v. baiano (4)]. 3. Bras. *RJ Cap.* V. boca de calça. 4. Bras. S. Inabilidade em montar a cavalo ou em manejar o laço e as boleadeiras.

Houaiss: baianada *sf.* (1889) 1 *infrm.* grupo de ¹baianos ('natural ou habitante da Bahia') 2 *B infm.* ato, dito ou procedimento próprio de ¹baiano 3 *B infm. pej.* erro ou inobservância de regras ou costumes; coisa malfeita <*fez uma b. no trânsito e foi multado*> 4 *B. infm. pej.* falta de lealdade ou de palavra; sujeira, patifaria 5 *B S.* grupo de ¹baianos, ou seja, de indivíduos que não sabem montar a cavalo como o sulista nem manejar o laço e as boleadeiras 6 *p.ext. B S.* falta de habilidade para montaria e atividades afins 7 *CAP* queda que se aplica no adversário, puxando-lhe a bainha das calças © ETIM ¹baiano + *-ada*

Michaelis: bai.a.na.da *sf* (*baiano+ada*¹) 1 Conjunto ou reunião de baianos. 2 Fanfarronada de baiano. 3 Erro ou inobservância de regras ou costumes campeiros.

BAIANO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: baiano (bai.a.no) *sm.* 1. Indivíduo nascido ou que vive no estado da Bahia 2. BA Indivíduo nascido ou que vive na cidade de Salvador (BA); SOTEROPOLITANO 3. Bras. S. Aquele que nasceu ou vive em qualquer dos estados brasileiros, salvo a região Sul; NORTISTA 4. MA Boiadeiro que veio da Bahia, Piauí ou Goiás trazendo gado para feiras do Maranhão 5. MA Gado vindo do sertão 6. PI Pej. Indivíduo simples de modos rústicos que ger. mora na roça; CAIPIRA; ROCEIRO 7. Bras. S. Pej. Pop. Indivíduo que é mau cavaleiro 8. Bras. S. Soldado de infantaria 9. Bras. S. Mau cavaleiro. 10. Bras. Dnç. O mesmo que baião. a. 11. Da Bahia; típico desse estado ou de seu povo 12. De Salvador; típico dessa cidade ou de seu povo 13. MA Diz-se do gado vindo do sertão. 14. Diz-se de baiano (3). 15. PI Pej. Diz-se de quem é caipira, roceiro.

Aurélio: baiano (a-i) *Adj.* 1. Do, ou pertencente ou relativo ao Estado da BA. [Sin. (p. us.): *baiense*.] 2. Bras. S. Nortista (2). 3. *Gloss.* Nos estudos dialetológicos sobre o português do Brasil, diz-se do subfalar que abrange Bahia, Sergipe, parte de Goiás e a região setentrional de Minas

Gerais. [V., nesta acepç., *falar* (29).] ~ V. *recôncavo* —. • S. m. 4. O natural ou habitante da Bahia. [Sin. (nesta acepç.): *baicense* (p. us.) e *maleiro* (joc.).] 5. *Bras. Pej.* Indivíduo fanfarrão, pachola, dado a contar vantagens. 6. *Bras. N. Mús.V. baião* (1). 7. *Bras. S.* Indivíduo que não sabe montar a cavalo. 8. *Bras. S.* Soldado de infantaria. 9. *Bras. MA* Sertanejo vindo da BA, do PI ou de GO, trazendo gado. 10. *Bras. MA* Gado que chega do sertão. 11. *Bras. PI V.* caipira (1). 12. Nortista (3). 13. *Bras. N.E.* Antiga dança de pares, espécie regional do lundu, em que os parceiros eram convidados às vezes com umbigadas, às vezes com acenos de mão ou de lenços, ou ao som de castanholas.

Houaiss (2001): ¹baiano *adj.s.m.* (1534) 1 relativo à Bahia, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante 2 BA relativo à cidade de Salvador BA ou o que é seu natural ou habitante; soteropolitano 3 MA que ou o que veio do sertão (diz-se de gado levado por sertanejos para as feiras de gado do Maranhão) 4 *pej.* m.q. CAIPIRA ('roceiro') ■ *s.m.* 5 MA sertanejo proveniente da Bahia, do Piauí ou de Tocantins, que traz gado para as feiras de gado do Maranhão 6 *B S.* indivíduo originário ou habitante de qualquer dos estados brasileiros, excetuando-se a região Sul; nortista 6.1 *infrm. pej.* us. tb. como palavra-ônibus disfêmica e preconceituosa, fora do Estado da Bahia, com significados como 'tolo', 'negro', 'mulato', 'ignorante', 'fanfarrão' etc. 7 *B S. infm. pej.* indivíduo que monta mal a cavalo 8 *B S* soldado de infantaria 9 DNÇ ETN *B NE ant.* dança de par solto, com meneios acentuados dos quadris e sapateados, em que os parceiros eram escolhidos atirando-se-lhes na frente um lenço, ou com estalar de dedos, ou aceno de mão, ou com umbigada etc. 10 DNÇ MÚS *B* m.q. *BALÃO* ('dança popular') © ETIM top. *Bahia* + *-ano* © COL baianada © ETIM baiana(f.) / *baiana*(s.f.) © ETIM baiana(f.) / baianá(s.m.)

Houaiss (2009): ¹baiano *adj.s.m.* (1534) 1 relativo à Bahia, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante 2 MA que ou o que veio do sertão (diz-se de gado levado por sertanejos para as feiras de gado do Maranhão) 3 *pej.* m.q. CAIPIRA ('roceiro') ■ *s.m.* 4 MA sertanejo proveniente da Bahia, do Piauí ou de Tocantins, que traz gado para as feiras de gado do Maranhão 5 *B S.* nortista 6 *infrm. pej.* us. tb. como palavra-ônibus disfêmica e preconceituosa, fora do Estado da Bahia, com significados como 'tolo', 'negro', 'mulato', 'ignorante', 'fanfarrão' etc. 7 *B* indivíduo que monta mal a cavalo 8 *B S* soldado de infantaria 9 DNÇ ETN *B* dança de par solto, com meneios acentuados dos quadris e sapateados, em que os parceiros eram escolhidos atirando-se-lhes na frente um lenço, ou com estalar de dedos, ou aceno de mão, ou com umbigada etc. 10 DNÇ MÚS *B* m.q. *BALÃO* ('dança popular') © ETIM top. *Bahia* + *-ano* © COL baianada © ETIM baiana(f.) / *baiana*(s.f.) © ETIM baiana(f.) / baianá(s.m.)

Michaelis: bai.a.no *adj* (de *Bahia*, *np+ano*²) 1 Pertencente ou relativo à Bahia. 2 Que é natural da Bahia. *sm* 1 Natural da Bahia. 2 V *baião*. 3 Indivíduo que não sabe montar a cavalo ou que, para os gaúchos, comete baianadas. 4 Habitante do campo ou das roças. 5 V *nortista*

BÁRBARO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: bárbaro (bár.ba.ro) a. 1. Sem civilização; RUDE; SELVAGEM [antôn.: Antôn.: civilizado, culto.] 2. Cruel, desumano. [antôn.: Antôn.: bondoso, humano.] 3. *Bras. Gír.* Muitíssimo bom ou bonito; EXCELENTE; SENSACIONAL; FANTÁSTICO: A vista lá de cima é bárbara. 4. *Hist.* Entre gregos e romanos, dizia-se da pessoa de outro povo ou etnia, de língua e cultura estrangeiras 5. *Hist. Ref.* aos povos europeus que, vindos esp. do Norte, conquistaram progressivamente, a partir do séc.V, territórios do Império Romano, até a derrota final deste (as invasões bárbaras) *sm.* 6. Pessoa bárbara (1 e 2). 7. *Hist.* Indivíduo pertencente aos povos invasores do Império Romano, a partir do séc. V da era cristã. [Col.: barbaria.] *interj.* 8. Exprime admiração, forte aprovação ou entusiasmo etc. [F.: do gr. bárbaros, pelo lat. barbarus. Hom./Par.: bárbara (sf.), barbará (sm.), bárbaras (sfpl.), barbara, barbaras (fl. de barbar).]

Aurélio: bárbaro [Do gr. *bárbaros*, pelo lat. *barbaru.*] *Adj.* 1. Entre os gregos e romanos, dizia-se daquele que era estrangeiro. 2. Sem civilização; selvagem, rude, inculto. 3. Cruel, desumano: *tirano bárbaro*. 4. V. *bacana* (1). • *S. m.* 5. Aquele que tem essas qualidades. 6. *Hist.* Indivíduo dos bárbaros (godos, vândalos, hunos, francos, álanos, suevos, etc.), povos do N., invasores do Império Romano do Ocidente entre os sécs. III e VI de nossa era. • *Interj.* 7. Exprime espanto ou admiração.

Houaiss (2001): bárbaro *adj.s.m.* (883) 1 HIST para os gregos, romanos e, posteriormente, para outros povos, que ou quem pertencesse a outra raça ou civilização e falasse outra língua que não a deles; estrangeiro 2 *p.ext.* que ou quem é cruel, desumano, feroz *«práticas b.» «esses b. serão punidos por suas atrocidades»* 3 *p.ext.* que ou quem é incivil, rude, grosseiro ■ *adj.* 4 *B infm.* palavra-ônibus que qualifica pessoas ou coisas com atributos positivos: muito bonito (*um cara b.; uma casa b.*); ótimo (*um pai b.*); muito afável, compreensivo (*um chefe b.*); muito interessante (*uma ideia b.*) etc. 5 GRAM que é impróprio, incorreto; não polido *«estilo b.»* ■ *interj.* 5 exprime admiração, surpresa, espanto • ETIM lat. *barbārus, a, um* 'estrangeiro, bárbaro (no sentido de não identificado com os costumes do observador), grosseiro, não civilizado', adp. do gr. *bárbaros, os, on* 'id.'; ver *barbar(i/o)-*; f.hist. 883 *bárvaro*, 1344 *barboro*, sXIV *bárbaro*, sXV *barbe* • SIN/VAR como *adj.s.m.*: ver sinonímia de *malvado* • ANT como *adj. subst. masc.*: ver antonímia de *malvado* • COL *barbaria* • HOM *bárbara(f.) / bárbara(s.f.)* e *Bárbara(antr.f.)* • PAR *bárbara(f.)*, *bárbaras(f.pl) / barbara, barbaras(fl.barbar)*, *barbará(s.m.)* e pl.

Houaiss (2009): bárbaro *adj.s.m.* (883) 1 HIST para os gregos, romanos e, posteriormente, para outros povos, que ou quem pertencesse a outra raça ou civilização e falasse outra língua que não a deles; estrangeiro 2 *p.ext.* que ou quem é cruel, desumano, feroz *«práticas b.» «esses b. serão punidos por suas atrocidades»* 3 *p.ext.* que ou quem é incivil, rude, grosseiro ■ *adj.* 4 *B infm.* m.q. *BACANA* ■ *interj.* 5 exprime admiração, surpresa, espanto • ETIM lat. *barbārus, a, um* 'estrangeiro, bárbaro, grosseiro, não civilizado' • SIN/VAR como *adj.s.m.*: ver sinonímia de *malvado* • ANT como *adj. subst. masc.*: ver antonímia de *malvado* • COL *barbaria* • HOM *bárbara(f.) / bárbara(s.f.)* • PAR *bárbara(f.)*, *bárbaras (f.pl) / barbara, barbaras(fl.barbar)*, *barbará(s.m.)* e pl.

Michaelis: bárbaro *bár.ba.ro adj* (gr *bárbaros*) 1 Relativo aos bárbaros, povos antigos. 2 Que não tem civilização; inculto, rude, grosseiro. 3 Atroz, brutal, desumano, cruel. *interj* gír Muito bom; muito bonito. *sm* 1 Indivíduo dos bárbaros, povos antigos. 2 Homem bárbaro. *sm pl* *Hist* 1 Para os antigos gregos, povos que falavam língua diferente da sua. 2 Para os romanos, povos que não falavam nem grego nem latim. 3 Povos que invadiram o Império Romano durante o III e IV séculos.

BARNABÉ — *injúria étnica*

Aulete Digital: barnabé (bar.na.bé) s2g. 1. Bras. Pop. Funcionário público de categoria modesta.[F.: Do antropônimo *Barnabé*, personagem do samba de Haroldo Barbosa e Antônio Almeida.]

Aurélio: barnabé [De *Barnabé*, nome imaginário de modesto funcionário público, ao qual se refere um samba de 1947, de Haroldo Barbosa e Antônio Almeida.] *S. m. Bras. Pop.* Funcionário público, em geral o de categoria modesta.

Houaiss: barnabé *s.m.* (1958) *B infm. pej.* funcionário público, esp. o de baixo nível hierárquico *«ela diz que não se casa com um b.»* • ETIM antr. *Barnabé*, personagem de letra de samba (1947) dos compositores Haroldo Barbosa e Antônio Almeida, que representa o funcionário público letra E, de baixa remuneração, portanto

Michaelis: barnabé bar.na.bé *sm* (de *Barnabé*, *np*) *gír* Funcionário público estadual ou municipal. Simboliza o funcionário mediano, com suas aspirações, seus sentimentos de classe etc.

BEATO — *injúria étnica*

Aulete Digital: beato (be:a.to) *sm*. 1. Pessoa tida quase como santa pela Igreja Católica 2. Bras. Irôn. Pessoa tida como excessivamente religiosa; CAROLA 3. Quem desfruta de bem-aventurança; bem-aventurado a. 4. Diz-se de quem desfruta de bem-aventurança [F.: Do lat. *beatus*.]

Aurélio: beato² [Do lat. *beatu*.] *Adj.* 1. V. *bem-aventurado* (2). 2. Excessivamente devoto; fanático. • *S. m.* 3. Aquele que foi beatificado pela Igreja Católica: ☞ o *Beato José de Anchieta*. 4. Homem muito devoto. [Aum. deprec. (nesta acepç.): *beatão* e *beatorro*.]

Houaiss: beato *adj.* e *s.m.* (1556) 1 TEOL que ou quem goza da bem-aventurança celeste; bem-aventurado 2 REL que ou aquele que foi beatificado pela Igreja católica 3 que ou aquele que demonstra grande devoção religiosa 4 *pej.* que ou aquele que frequenta muito as igrejas ou que exagera nas demonstrações exteriores de sua fé e virtudes; carola *s.m.* *B* 5 indivíduo sem profissão que fez voto de castidade e vive da caridade pública 6 HIST *m.q.* JACOBEOU 7 *B.N.E.* fanático que prega pelo sertão passagens da Bíblia falando de mitos fantásticos, fazendo profecias e subsistindo da caridade dos crentes 8 TÊXT fio que foge da trama de um tecido ☉ GRAM *aum.* na *acp.* 4 (*pej.*): *beatorro* ☉ ETIM lat. *beātus,a,um* 'feliz, venturoso', do *part.pas.* de *bēo,as,āvi,atum,āre* 'tornar bem-aventurado, feliz'; ver *beat-* ☉ SIN/VAR como *adj.s.m.*: altareiro, barata de igreja, barata de sacristia, bem-aventurado, carola, devoto, igrejeiro, papa-hóstia, papa-hóstias, papa-missas, papa-santos, rato de sacristia, rezadeiro, santanário, santimonial ☉ COL *beataria*, *beatério*

Michaelis: beato¹ be.a.to¹ *adj* (*lat beatu*) 1 Beatificado, bem-aventurado. 2 Ditoso, feliz. 3 Que indica ou mostra falsa devoção; hipócrita. 4 Muito devoto, fanático. *sm* 1 O que foi beatificado pela Igreja. 2 Homem muito devoto.

BEDUÍNO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: beduíno (be.du.í.no) *sm*. 1. Árabe nômade do deserto. a. 2. Pertencente ou relativo a beduíno (1) [F.: Posv. do ár. *badauin*, pe lo it. *beduino*.]

Aurélio: beduíno [Do ár. *badawii* ou *badwii*.] *S. m.* 1. Árabe do deserto. • *Adj.* 2. Relativo ou pertencente a, ou próprio de beduíno. [As f. *beduí* e *beduim*, preferíveis a *beduíno*, são desus.]

Houaiss (2001): beduíno *adj.s.m.* (c1541) 1 relativo a ou árabe nômade do deserto < *cultura b.* > < *os b. do Norte da África* > 2 *fig. pej.* que ou o que possui natureza selvagem e brutal < *b. sarcasmo* > < *o b. ainda fará mais arruaça* > ☞ formas menos us.: *beduí* e *beduim* ☉ GRAM *voc.* *consid. gal.* pelos puristas, que sugeriram em seu lugar: *beduí* e *beduim* ☉ ETIM *prov. it.* *beduino*, deriv. do ár. *badawīn*, pl. de *badāwāy* 'campesino, que vive no deserto', de *badw* 'deserto'; f.hist. c1541 *badoil*, 1552 *badujis*, 1593 *biduinos*, 1899 *beduim*, 1913 *beduí*; c1541 é a data para o subst.

Houaiss (2009): beduíno *adj.s.m.* (c1541) 1 relativo a ou árabe nômade do deserto < *cultura b.* > < *os b. do Norte da África* > 2 *fig. pej.* que ou o que possui natureza selvagem e brutal < *b. sarcasmo* > < *o b. ainda fará mais arruaça* > ☉ ETIM *prov. it.* *beduino*, deriv. do ár. *badawīn*, pl. de *badāwāy* 'campesino, que vive no deserto', de *badw* 'deserto'

Michaelis: beduíno be.du.í.no *sm* (ár *badauin*, via ita) 1 Árabe do deserto. 2 Homem brutal, selvagem. Var: *beduí*, *beduim*.

BEÓCIO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: beócio (be.ó.ci:o) sm. 1. Pessoa nascida ou que vivia na Beócia (Grécia antiga). 2. Pej. Pessoa ignorante ou simplória. 3. Gloss. Dialeto falado na Beócia (Grécia antiga) a. 4. Da Beócia; típico dessa região ou de seu povo. 5. Pej. Que se revela ignorante ou simplório. 6. Gloss. Do ou ref. ao beócio (3) [F.: Do gr. boiótios, pelo lat. boeotius.]

Aurélio: beócio [Do gr. boiótios, pelo lat. boeotiu.] *Adj.* 1. Da, ou pertencente ou relativo à Beócia, região da Grécia central. 2. *Fig.* Curto de inteligência; ignorante, boçal, capadócio. 3. *Pej.* Simplório, ingênuo. • *S. m.* 4. O natural ou habitante da Beócia. 5. *Gloss.* O dialeto dessa província. 6. Indivíduo beócio (2 e 3).

Houaiss: beócio *adj.* s.m. (1871) 1 relativo à Beócia, região da antiga Grécia ao Norte e Noroeste da Ática, ou o seu natural ou habitante 2 *p.ext. pej.* que ou o que apresenta as características atribuídas (pelos atenienses) aos beócios, ou seja, espírito pouco cultivado, indiferença à cultura; grosseiro, boçal 3 *p.ext. infrm. pej.* que ou o que não possui conhecimentos suficientes em determinado domínio; ignorante <é um b. nesse assunto> <um manual b. sobre computação> 4 *p.ext. (da acp. 2).* que ou o que é simplório, ingênuo ■ *s.m.* 5 LING dialeto grego que era falado na antiga Beócia ☉ ETIM lat. boeótus ou boeótius,a,um 'beócio, da região grega da Beócia', do gr. boiótós

Michaelis: beócio be.ó.cio *adj* (gr boiótios) 1 Relativo à Beócia (região central da Grécia antiga). 2 Natural da Beócia. 3 Bronco, estúpido, ignorante. *sm* 1 O habitante ou natural da Beócia. 2 Dialeto da Beócia. 3 Indivíduo ignorante.

BIZANTINO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: bizantino (bi.zan.ti.no) sm. 1. Pessoa nascida em Bizâncio (antiga colônia grega, depois Constantinopla, atual Istambul) a. 2. De Bizâncio; típico dessa cidade ou de seu povo 3. Ref. ao Império Romano do Oriente (330-1453), sua civilização e sua cultura (período bizantino) 4. *Fig. Pej.* Que denota bizantinismo; sutil e fútil (discussões bizantinas) [F.: Do lat. byzantinus.]

Aurélio: bizantino [Do lat. byzantinu.] *Adj.* 1. De, ou pertencente ou relativo a Bizâncio, cidade europeia, situada às margens do Bósforo, fundada pelos gregos no séc. VII a.C., que se tornou a capital do Império Romano do Oriente, ou Império Bizantino (330 a 1453), tomando o nome de Constantinopla, atual Istambul: ☞ *as instituições bizantinas; O último imperador bizantino foi Constantino XI Paleólogo.* 2. Diz-se das manifestações da civilização, da cultura e das artes que floresceram e se desenvolveram no Império Bizantino e que, por sua continuidade, transmitiram ao Ocidente a herança da Antiguidade enriquecida pelo contato com o Oriente e pela prática do cristianismo: ☞ *o direito bizantino; os mosaicos bizantinos.* 3. *Fig.* Que tem características de bizantinismo (2). 4. *Deprec.* Diz-se da atitude ou ponto de vista que denota bizantinismo (2). 5. Pretensioso, tolo. ~ *V. arco* —, *coiné* —a e *grego* —. • *S. m.* 6. O natural ou habitante da cidade de Bizâncio ou do Império Bizantino. 7. Estilo bizantino.

Houaiss: bizantino *adj.s.m.* (1844) 1 HIST relativo à cidade de Bizâncio (atual Istambul, na Turquia) ou o seu natural ou habitante; bizâncio 2 HIST relativo ao Império Romano do Oriente (tb. dito Império Bizantino, 330-1453 d.C.), às manifestações da civilização e da cultura desse império, ou quem nele nasceu ou habitou; bizâncio nas acp. 1 e 2, f. menos us.: *bizantiaco* 3 diz-se de ou certa tonalidade de cor-de-rosa ■ *adj.* 4 *fig. pej.* que tem caráter de bizantinismo ('tendência', 'ato'); frívolo, inútil, pretensioso ‹ *discussão b.* › ☉ ETIM lat. byzantīnus,a,um 'de Bizâncio, relativo à cidade de Bizâncio'; fundada no sVII a.C. pelos mégaros, a colônia de Bizâncio (lat. *Byzantium*, gr. *Buzántion*) deve o nome a *Bizas* (gr. *Búzas*) de Mégara,

fundador da cidade; Constantino (306-377) muda-lhe o nome Bizâncio para Constantinopla 'cidade de Constantino' (< gr. *Kōnstantínōn*, do antr. *Constantino* + *pólis* 'cidade') e a torna sede do Império Romano do Oriente; a partir de 1930 passa a chamar-se Istambul (forma turca do lat. *Constantinopólis*); Bizâncio e Império Bizantino são nomes us. pelos historiadores para o Império Romano do Oriente; f.hist. 1844 *bysantino*, sXIX *bizantíaco*

Michaelis: bizantino bi.zan.ti.no adj (lat byzantinu) 1 Pertencente ou relativo a Bizâncio ou ao Baixo Império. 2 Aplica-se às artes e literatura que floresceram durante o Império Romano do Oriente. 3 Fútil, sutil como as questões teológicas da corte de Bizâncio. sm 1 Estilo ou arte que se cultivou no Baixo Império. 2 O habitante ou natural de Bizâncio.

BOCHE — *injúria étnica*

Aulete Digital*: boche 3 adj. e s. m. || nome pejorativo aplicado ao alemão durante a Primeira Grande Guerra. F. fr. Boche.

Aurélio: boche¹ [Do fr. *boche*.] *Adj. S. m.* 1. *Deprec. Desus.* Alemão (1 e 2). [Cf. *boxe*.]

Houaiss: ¹boche *adj.s.m.* (c1914) *pej.* m.q. *ALEMÃO* [Esta palavra internacionalizou-se durante a Primeira Guerra Mundial.] ◉ ETIM fr. *boche* (1886) gíria para designar 'alemão', prov. f.afer. do fr. *caboche* 'cabeça ou cabeça de pau' ou de *alboche* (1870) gíria pej. para 'alemão' ◉ PAR *boxe* /cs/ (s.m.)

Michaelis: boche¹ bo.che¹ (ó) adj+sm (fr boche, de Alboche) pej Designação dos alemães durante a guerra de 1914-18.

BOÊMIO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: boêmio (bo.ê.mi:o) a. 1. Que vive na boemia (1,2): *Boêmio inveterado, pagava rodadas de cachaça e cerveja para todos.* 2. Que gosta de boemia (1,2) 3. Próprio de quem gosta de boemia (espírito boêmio) 4. Frequentado por boêmios (1,2): *Um dos mais famosos redutos boêmios da cidade.* 5. Da Boêmia (região da Rep. Tcheca); típico dessa região e de seu povo. 6. Do ou ref. ao boêmio (7) sm. 7. Pessoa que gosta de ou que vive na boemia (1). 8. Pessoa nascida ou que vive na Boêmia. 9. Gloss. Dialeto tcheco falado na Boêmia. 10. O mesmo que cigano. [F.: Do top. Boêmia, do lat. medv. Bohemus.]

Aurélio: boêmio *Adj.* 1. Do, ou pertencente ou relativo ao antigo reino da Boêmia, região atualmente incorporada à República Checa. 2. Que leva vida desregrada; vadio, pândego, estúrdio, estroina. 3. Alegre e despreocupado do futuro: ☞ *É um artista boêmio.* 4. Próprio de boêmio (2 e 3): ☞ *temperamento boêmio; Leva uma vida boêmia.* • *S. m.* 5. O natural ou habitante da antiga Boêmia. 6. V. *cigano* (1). 7. Indivíduo boêmio (2 e 3). 8. *Gloss.* Checo (6). [Fem.: *boêmia*. Cf. *boemia*.]

Houaiss: boêmio *s.m.* (1538) 1 indivíduo natural ou habitante da Boêmia (região ocidental da República Tcheca) 2 m.q. *CIGANO* 3 LING dialeto tcheco falado na Boêmia 4 VEST *ant.* espécie de capa curta ■ *adj.* 5 pertencente ou relativo a indivíduo, região ou dialeto boêmios 6 pertencente ou relativo a indivíduo ou povo ciganos ■ *adj.s.m.* 7 *fig* que ou quem leva uma vida hedonista, alegre e livre 8 *fig* que ou quem leva uma vida erradia e incerta, fora de padrões 9 *fig* que ou quem leva vida desregrada, dissipada ◉ ETIM der. do top. *Boêmia*, lat.medv. *Bohemus*, lat.cl. *Boihaemum* 'nome do país de povo celta na Europa Central (região da República Tcheca)', p.ext. 'cigano, indivíduo de tribos errantes originárias da Boêmia'

Michaelis: boêmio *bo.ê.mio adj* (de *Boêmia*) 1 Da Boêmia ou relativo a ela. 2 Natural da Boêmia. *sm* 1 O habitante ou natural da Boêmia. 2 Língua falada na Boêmia. 3 Cigano. 4 Estróina, vagabundo, valdevinos.

BOLCHEVIQUE — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: bolchevique (*bol.che.vi.que*) a2g. 1. Ref. a bolchevismo ou aos bolcheviques: a revolução bolchevique. 2. Hist. Pol. Que é adepto do bolchevismo. 3. P.ext. Pol. Que é adepto do marxismo. 4. P.ext. Pol. Que é comunista 5. Pej. Que é de esquerda. s2g. 6. Hist. Pol. Membro da ala majoritária do Partido Operário Socialdemocrata russo. 7. Hist. Pol. Adepto do bolchevismo. 8. Pol. Marxista. 9. Pol. Comunista. 10. Pej. Esquerdista. [F.: Do russo *bol'chevik*, pelo ing. *bolshevik*. Sin. ger.: *bolchevista*. Cf.: *menchevique*.]

Aurélio: bolchevique [Do rus. *bol'shevik* < rus. *bol'she*, 'maior' (comp. de *bol'shoi*, 'grande').] *Adj.* 2 g 1. Diz-se da ala majoritária do Partido Operário Social Democrata da Rússia que, com Lenin (v. *leninismo*), liderou a revolução de 1917, e por fim passou a constituir-se no Partido Comunista da antiga União Soviética. 2. Relativo aos bolcheviques. • S. 2 g 3. 3. Membro da ala bolchevique, ou adepto do bolchevismo. [Sin. ger.: *bolchevista* e *maximalista*. Cf. *menchevique*.]

Houaiss: bolchevique *adj.2g* (1917) 1 relativo a bolchevismo ■ *adj.2g.s.2g.* 2 HIST.POL partidário do bolchevismo 2.1 apoiante das teses de Vladimir Ilitch Ulianov, dito Lênin, sobre a organização do Partido Operário Social-Democrata Russo [1903] 3 *p.ext.* POL partidário do marxismo; marxista 4 *p.ext.* POL m.q. COMUNISTA 5 *pej* que ou o que é de esquerda, revoltado contra os valores da ordem social burguesa ☉ ETIM rus. *bol'chevik*, pl. *bol'chevikí* 'id.', der. de *bol'chói* 'grande', através do ing. *bolshevik* ☉ SIN/VAR *bolcheviquista*, *bolchevista*

Michaelis: bolchevique V *bolchevista*: *bolchevista* *bol.che.vis.ta adj m+f* (*bolchev(ismo)+ista*) *Sociol* 1 Relativo ao bolchevismo. 2 Partidário do bolchevismo; comunista. *s m+f* 1 Pessoa que adota o bolchevismo; comunista. 2 Membro do partido comunista russo; bolchevique.

BONZO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: bonzo (*bon.zo*) Rel. *sm*. 1. Sacerdote budista, esp. da China e do Japão; SAÍ 2. P.ext. Membro de ordem religiosa 3. Bras. Pej. Pessoa hipócrita, sonsa. 4. Bras. Fig. Pessoa imperturbável, impassível. 5. P.ext. Quem é preguiçoso, apático [F.: Do jap. bózu.]

Aurélio: bonzo [Do jap. *bonzo*.] *S. m.* 1. Sacerdote budista; saí: 📖“É natural que absorvesse, intactas, todas as tendências do homem extraordinário do qual a aparência proteica — de santo exilado na Terra, de fetiche de carne e osso e de bonzo claudicante — estava adrede talhada para reviver os estigmas degenerativos de três raças.” (Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 190.) 2. *Bras. Fig.* Indivíduo impassível. 3. *Bras. Pej.* Dissimulado, sonso.

Houaiss: bonzo *s.m.* (1554-1583) 1 ECLES monge budista, esp. das ordens religiosas budistas do Japão e da China; saí 2 *p.ext.* ECLES membro de qualquer ordem religiosa; frade, sacerdote 3 *p.ext. pej.* indivíduo preguiçoso 4 *p.ext. pej.* pessoa medíocre, ignorante, que se dá ares de superioridade 5 *p.ext. B pej.* indivíduo sonso, fingido

Michaelis: bonzo *bon.zo sm* (*jap bozu*, dialetal *bonzu*) 1 Sacerdote budista. 2 Hipócrita.

BOTOCUDO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: botocudo (*bo.to.cu.do*) *sm*. 1. Etnol. Indígena de qualquer tribo que tivesse por tradição o uso de botoque no lábio inferior [Designação dada pelos portugueses.] 2. Gloss.

Família linguística de línguas indígenas, do tronco macro-jê 3. Pej. Pessoa de hábitos e comportamento rudes, toscos 4. Pej. Habitante da roça; CAIPIRA a. 5. Do ou ref. ao botocudo (1, 2) 6. Incivilizado, inculto 7. Caipira [F.: botoque + -udo.]

Aurélio: botocudo *Bras. S. m.* 1. *Etnôn.* Indivíduo dos botocudos, povo indígena extinto que habitava a região da divisa do ES com MG, e o Estado de Santa Catarina, na região dos rios Itaiá, Canoas, Pelotas e Iguaçu. 2. *Gloss.* Família linguística à qual pertencem línguas faladas por povos indígenas, e que se prende ao tronco macro-jê. 3. *Pop. V. caipira* (1). 4. *Fig.* Indivíduo rude, rústico. • *Adj.* 5. Pertencente ou relativo aos botocudos. 6. Pertencente ou relativo a botocudo (2). [Tb. us. como *s. 2 g* e *2 n.* (com cap.) na acepç. 1, e *adj. 2 g e 2 n.*, na acepç. 5.]

Houaiss: botocudo *s.m.* (c1764) 1 ETNOL denominação dada pelos portugueses a indígena pertencente a grupos de diversas filiações linguísticas e regiões geográficas por usarem botoques labiais e auriculares; eram assim chamados os *caingangues* e os *xoclungues* de Santa Catarina, os *bacuéns*, os *cracmuns*, os *crenaques*, os *eteuetes*, os *guticraques*, os *jiporoques*, os *maconis*, os *malalis*, os *minhajiruns*, os *nacrerres*, os *nacnenuques*, os *naques-nhapemãs*, os *nepes-nepes*, os *panhames*, os *pejaeruns*, os *pojixás*, os *tacruque-craques* e os *xetás* 2 LING família linguística do tronco macrojê ■ *adj.* 3. relativo a botocudo (acp. 1 e 2) ou aos botocudos ('grupos indígenas') ■ *adj.s.m. pej.* 4 que ou quem é inimigo das boas maneiras; rude, incivil 5 que ou quem mora na roça; caipira © ETIM *botoque* + *-udo*, com valor desde sempre pejorativo, por 'bárbaro, rude, selvagem' © SIN/VAR como *adj.s.m.*: ver sinonímia de *caipira* © ANT como *adj.s.m.*: ver antonímia de *caipira*

Michaelis: bo.to.cu.do *adj* (*botoque+udo*) 1 *Etnol* Relativo aos Botocudos, tribo localizada na bacia do rio Doce, que usam botoques. 2 Diz-se do indivíduo hostil aos costumes e maneiras dos civilizados; selvagem. *sm* 1 Indígena da tribo dos Botocudos. 2 Pessoa hostil à civilização. 3 Homem caipira.

BRASILEIRO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: brasileiro (bra.si.lei.ro) *sm.* 1. Pessoa nascida ou que vive no Brasil 2. Lus. Pop. O português falado no Brasil a. 3. Que nasceu ou vive no Brasil, que é do Brasil; típico desse país ou de seu povo 4. Que é feito, criado ou adotado por brasileiros: arte brasileira: futebol brasileiro 5. Lus. Pej. Português que enriqueceu no Brasil e voltou a Portugal [Col.: brasileirada.] [F.: Brasil + -eiro. Sin. nas acps 1 e 3: brasileiro, brasiliense, brasilense, brasílico.]

Aurélio: brasileiro [Do top. *Brasil* + *-eiro*.] *Adj.* 1. De, ou pertencente ou relativo ao Brasil. ~ V. *barroco* —, *colonial* —, *complexo* —, *fila* —, *inversão* —a, *norma* —a e *palmo* —. • *S. m.* 2. O natural ou habitante do Brasil. [Sin. (nessas acepç.): *brasiliano*, *brasiliense*, *brasilense*, *brasilico*, *brasílio*.] 3. Alcinha com que os portugueses designam os seus compatriotas que voltam ricos do Brasil.

Houaiss (2001): brasileiro *adj.* (1706 JSSil 74) 1 relativo ou pertencente à República Federativa do Brasil ou que é seu natural ou habitante <território b.> <indígena b.> 2 relativo ou pertencente aos brasileiros <sobrenome b.> <costumes b.> 3 que é feito por brasileiros <música b.> <cinema b.> <esporte b.> 4 típico do Brasil ou dos brasileiros <comida b.> <jeito b.> <paisagem b.> ■ *s.m.* 5 o que é natural ou habitante do Brasil <os b. não sabem defender seus direitos> 6 aquele que possui cidadania brasileira 7 *P infm.* a língua portuguesa tal como é us. no Brasil <ouviu alguém falar em b.> 8 *P pej.* emigrado, ger. rico, que retorna do Brasil a Portugal 9 *P pej.* novorrico de mau gosto, sem educação ou cultura ◆ **b. de mão furada** *P infm. pej.* português que volta do Brasil para Portugal sem fortuna © ETIM top. *Brasil* + *-eiro*; ver ¹*bras-* e *brasil-*; f.hist. 1706 *brázileiro*, 1791 *brasileiro* © SIN/VAR *brasil*, *brasiliense*, *brasiliada*, *brasiliano*, *brasílico*, *brasiliense*, *brasílio*, *brasuca*; ver tb. sinonímia de *ádvana* © COL *brasileirada*

Houaiss (2009): brasileiro *adj.* (1706) 1 relativo ou pertencente à República Federativa do Brasil ou que é seu natural ou habitante <território b.> <indígena b.> 2 relativo ou pertencente

aos brasileiros <*sobrenome b.*> <*costumes b.*> 3 que é feito por brasileiros <*música b.*> <*cinema b.*> <*esporte b.*> 4 típico do Brasil ou dos brasileiros <*comida b.*> <*jeito b.*> <*paisagem b.*> *s.m.* 5 o que é natural ou habitante do Brasil <os b. não sabem defender seus direitos> 6 aquele que possui cidadania brasileira 7 *P infirm.* a língua portuguesa tal como é us. no Brasil <*ouviu alguém falar em b.*> 8 *P pej.* emigrado, ger. rico, que retorna do Brasil a Portugal ⊙ ETIM top. *Brasil* + *-eiro* ⊙ SIN/VAR *brasil*, *brasile*, *brasiliada*, *brasiliano*, *brasílico*, *brasiliense*, *brasílio* ⊙ COL *brasileirada*

Michaelis: *bra.si.lei.ro adj (top Brasil+eiro)* 1 Pertencente ou relativo ao Brasil; brasiliense; brasílio. 2 Que possui ou adquiriu a nacionalidade brasileira. *sm* 1 O habitante ou natural do Brasil. 2 Português que residiu no Brasil e retornou rico à sua pátria; homem muito rico (lusitanismo).

BUGRE — *etnônimo injurioso*

Aulete: *bugre (bu.gre) s2g* 1. *Pej.* Etnol. Designação depreciativa que os europeus deram aos indígenas do Brasil, por considerá-los sodomitas [Segundo algumas fontes, o termo foi us. pela primeira vez no Brasil em 1555, por oficiais da marinha francesa, para designar os tamoiós.] 2. *Pej.* Denominação depreciativa dada a indivíduo de origem indígena, preconceituosamente tido como selvagem, rude, incivilizado e herético. 3. *Fig. Pej.* Pessoa incivilizada, inculta. 4. *Fig.* Pessoa arredia. *sm.* 5. Veículo aberto, com pneus largos, motor traseiro, muito us. em terrenos arenosos e acidentados; BUGGY *a2g*. 6. Etnol. Do ou ref. a bugre (1). [Col.: *bugrada*, *bugraria*.] [F.: Do lat. *Bulgarus*, 'herético', pelo fr. *bougre*.]

Aurélio: *bugre* [Do fr. *bougre*, 'sodomita', < b.-lat. *bulgaru.*] **S. m. Bras.** 1. *Etnôn.* Indivíduo dos bugres, povo indígena do S. do Brasil, que habita entre os rios Iguaçu e Piquiri e a região da cabeceira do rio Uruguai. [Tb. us. como *s. 2 g* e *2 n.* (com cap.).] 2. *Fig.* Designação genérica dada ao índio, especialmente o bravo e/ou aguerrido. 3. *Fig.* Indivíduo desconfiado, arredio. 4. *Fig.* Indivíduo rude, inculto. • *Adj. 2 g* 5. Pertencente ou relativo a bugre (1). [Tb. us., nesta acepç., como *adj. 2 g* e *2 n.*] [Fem.: *bugra*.]

Houaiss (2001): *bugre s.2g* (1899 cf. CF¹ supl.) 1 ETNOL *pej. obs.* denominação dada a indígenas de diversos grupos do Brasil, por serem considerados sodomitas pelos europeus ☞

Obs.: etnm.br.: *Bugre 2 fig. pej.* indivíduo rude, primário, incivilizado 3 *fig.* indivíduo desconfiado, arredio ❖ *s.m.* ANGIOS 4 m.q. *CORAÇÃO-DE-NEGRO* (*Albizia lebeck*) ■ *adj. 2g* 5 relativo a bugre ('indígena') ou aos bugres ('grupo') ⊙ ETIM fr. *bougre* (1172) 'herético' < lat.medv. *bulgārus* (sVI) 'búlgaro; herético; sodomita', porque os búlgaros, como membros da Igreja greco-ortodoxa, foram considerados heréticos; o emprego do vocábulo para denotar o indígena liga-se à ideia de 'inculto, selvático, não cristão'; var.divg. *búlgaro*; a datação é para o subst.pl. ⊙ COL *bugrada*, *bugraria*

Houaiss (2009): *bugre s.2g* (1877) *B* 1 ETNOL indígena pertencente ao grupo dos bugres 2 *p.ext.* qualquer índio, esp. o violento 3 *fig. pej.* indivíduo rude, primário, incivilizado 4 *fig.* indivíduo desconfiado, arredio ❖ *s.m.* ANGIOS 4 m.q. *CORAÇÃO-DE-NEGRO* (*Albizia lebeck*) ■ *adj. 2g* relativo a bugre (acp. 1) ou aos bugres (acp. 7) ☐ *bugres s.m.pl. B* ETNOL 1 grupo indígena que habitava o Sul do Brasil, entre os rios Iguaçu e Piquiri e as cabeceiras do rio Uruguai ⊙ GRAM admite-se o fem. *bugra* ⊙ ETIM fr. *bougre* 'herético' ⊙ COL *bugrada*, *bugraria*

Houaiss (on-line): *bugre*

substantivo de dois gêneros (1853) *B*

1 *etnol* indígena pertencente ao grupo dos bugres

2 *p.ext.* qualquer índio, esp. o violento ☞ ver uso, a seguir

3 *fig. pej.* indivíduo rude, primário, incivilizado ☞ ver USO, a seguir

4 *fig.* indivíduo desconfiado, arredio ☞ ver GRAM a seguir

substantivo masculino ANGIOS

m.q. coração-de-negro (*Albizia lebbbeck*)

adjetivo de dois gêneros B

relativo a bugre (acp. 1) ou aos bugres (acp. 7)

bugres: substantivo masculino plural B ETNOL

1 grupo indígena que habitava o Sul do Brasil, entre os rios Iguazu e Piquiri e as cabeceiras do rio Uruguai ☞ etnm.br.: Bugre

Gramática

admite-se o fem. bugra

Uso

as acp. 2 e 3 resultam de preconceito colonial português contra os nativos ameríndios

Etimologia

fr. bougre (1172) 'herético' < lat.medv. bulgārus (sVI) 'búlgaro; herético; sodomita', porque os búlgaros, como membros da Igreja greco-ortodoxa, foram considerados heréticos; o emprego do vocábulo para denotar o indígena liga-se à ideia de 'inculto, selvático, não cristão'; var.divg. búlgaro; a datação é para o subst.pl.

Coletivo

bugrada, bugraria

Michaelis: bu.gre *sm* (fr bougre) 1 Nome depreciativo que se dá ao selvagem do Brasil. 2 Bot Árvore leguminosa (*Albizia lebbbeck*). *sm pl* Indígenas não civilizados e ferozes do Brasil, principalmente os de origem tapuia.

CABEÇA-CHATA — *injúria étnica*

Aulete Digital: cabeça-chata (ca.be.ça-cha.ta) Bras. s2g. 1. Pej. Designação dada aos nordestinos, esp. do Ceará *sm*. 2. Zool. Tubarão costeiro, da fam. dos carcarrinídeos (*Carcharhinus leucas*) com cerca de 3,5 m de comprimento sf. 3. Zool. Boipeba [Pl.: cabeças-chatas.]

Aurélio: cabeça-chata [De *cabeça* + o f. de *chato*.] S. 2 g. 1. Bras. S. Alcinha dada aos cearenses e, p. ext., aos nortistas: ☞ “— Você já viu algum carioca imitar tão bem o sotaque desses cabeças-chatas que infestam o Rio?” (Herberto Sales, *Histórias Ordinárias*, p. 151.) 2. Bras. Zool. V. boipeva. [Pl.: cabeças-chatas.]

Houaiss (2001): cabeça-chata s.2g. (sXX) B 1 *joc.* indivíduo que nasceu no Nordeste do Brasil, esp. no Estado do Ceará; cabeça de bater sola 2 HERP m.q. BOIPEVA (*Waglerophis merremi*) 3 ICT tubarão costeiro, da fam. dos carcarrinídeos (*Carcharhinus leucas*), de ampla distribuição nas águas quentes do mundo, atingindo baías e estuários, com cerca de 3,5 m de comprimento, de cor cinza a marrom, olhos pequenos e circulares, fendas branquiais moderadamente longas; são vivíparos e possuem saco placentário; baiacu, cação-baía, cação-do-raso, tubarão-de-água-doce [Sua carne é consumida fresca ou defumada, sua pele us. como couro, suas nadadeiras em sopas e do fígado se extrai óleo; de hábitos costeiros, é um dos mais perigosos tubarões, e responsável por vários ataques.] ☉ GRAM pl.: *cabeças-chatas*

Houaiss (2009): cabeça-chata s.2g. (sXX) *B* 1 *pej.* indivíduo que nasceu no Nordeste do Brasil, esp. no Estado do Ceará 2 HERP m.q. *BOIPEVA* (*Waglerophis merremii*) 3 ICT tubarão costeiro, da fam. dos carcarrinídeos (*Carcharhinus leucas*), de ampla distribuição nas águas quentes do mundo, atingindo baías e estuários, com cerca de 3,5 m de comprimento, de cor cinza a marrom, olhos pequenos e circulares, fendas branquiais moderadamente longas; são vivíparos e possuem saco placentário; baiacu, cação-baía, cação-do-raso, tubarão-de-água-doce [Sua carne é consumida fresca ou defumada, sua pele us. como couro, suas nadadeiras em sopas e do fígado se extrai óleo; de hábitos costeiros, é um dos mais perigosos tubarões, e responsável por vários ataques.]

© GRAM pl.: *cabeças-chatas*

Michaelis: cabeça ca.be.ça *sf* (*baixo-lat capitia*) 1 Parte do corpo humano que contém o encéfalo, os olhos, as orelhas, o nariz e a boca. 2 Parte correspondente, superior, do corpo dos animais bípedes, e anterior do dos outros vertebrados, da maioria dos artrópodes, moluscos e vermes. 3 A parte do crânio coberta de cabelos. 4 Sede do intelecto: *Muitas cabeças, muitas ideias divergentes.* 5 Inteligência, memória. 6 Bom senso, juízo, talento. 7 Pessoa inteligente ou instruída. 8 Boa sorte. 9 Homem, mulher ou animal, considerados numericamente. 10 A parte superior de certas coisas ou objetos, oposta à parte inferior, geralmente denominada pé. 11 A parte anterior ou superior de um objeto, mais grossa ou larga que a restante: *Cabeça de prego, de rebite, de alfinete.* 12 A parte mais alta de qualquer coisa, como o cimo de um monte etc. 13 Topo. 14 Parte golpeante de arma ou ferramenta: *Cabeça de flecha. Cabeça de martelo.* 15 A extremidade arredondada de um objeto ou de uma peça: *Cabeça de alho.* 16 *Mec* Extremidade engrossada, quadrangular, de um tirante ou barra de ligação semelhante: *Cabeça de biela.* 17 A frente de um cortejo. 18 *Constr* Pedra grossa que se coloca nos lugares de mais resistência. 19 Fonte ou começo de um rio. 20 Parte superior das cachoeiras, quando separada da inferior por um trecho mais ou menos longo, não encachoeirado. 21 *V* *fornilho*, acepção 3. 22 Extremidade dos dedos. 23 Parte superior de qualquer fôrma ou página. 24 Títulos correntes das páginas. 25 *Tip* Canhoto, canto. 26 *Tip* Parte superior do primeiro elevador onde se alojam as matrizes para a fundição. 27 *Tip* O lado da rama que fica mais próximo do cilindro, ou no alto, nas máquinas verticais; cabeceira. 28 *Tip* Conjunto articulado à extremidade do braço do guindaste da linotipo que apanha as matrizes para levá-las à distribuição. 29 *Tip* O rebordo, quer da galé, quer do componedor, onde encosta a primeira linha. 30 *Tip* Parte do espaçador da linotipo munida de projeções laterais, as orelhas, que fica parada entre a linha de matrizes, enquanto o martelo faz subir o cursor. 31 *Tip* Parte superior do molde da linotipo que se encaixa nas guias da sapata, ficando entre essas duas peças o lugar para os alinhadores ou medidas que determinam o corpo e comprimento da linha. 32 Lugar principal e centro de circunscrição. 33 Começo, princípio. 34 *Mil* Parte das tropas que vão na vanguarda. 35 *Mil* Começo de uma fortificação ou parte dela que está voltada para o inimigo. *sm* O mesmo que *chefe*. *sf pl Náut* Paus postos no convés e à popa das embarcações para amarrar as espias. *C.-azul:* o mesmo que *dourado* (peixe). *Pl: cabeças-azuis.* *C.-baixa, gir* (Norte): porco, suíno. *Pl: cabeças-baixas.* *C.-branca, Ornit:* o mesmo que *tangará-de-cabeça-branca.* *C.-chata, pop:* pessoa natural do Ceará; *por ext:* nortista. *Pl: cabeças-chatas.* *C.-d'água:* a) *Reg* (Nordeste): descida das primeiras águas pelo leito seco dos rios, cobrindo as margens; b) (Bahia): crescimento repentino das águas dos rios; c) *pop:* hidrocefalia. *Pl: cabeças-d'água.* *C.-de-alambique:* o mesmo que *capitel.* *Pl: cabeças-de-alambique.* *C. de alcatrão:* indivíduo de raça negra. *C. de alho:* bulbo do alho, composto de vários bulbos menores, chamados *dentes*, dentro de um invólucro globular. *C. de arroz, gir:* indivíduo fútil. *C.-de-boi, Bot:* planta orquídea (*Stanhopea insignis*). *Pl: cabeças-de-boi.* *C.-de-breu:* o mesmo que *cabeça-de-alcatrão.* *Pl: cabeças-de-breu.* *C. de burro:* indivíduo estúpido e cabeçudo. *C.-de-burro, Ictiol:* peixe fluvial de Minas Gerais. *Pl: cabeças-de-burro.* *C. de camarão, gir:* indivíduo estúpido ou boçal. *C. de campo:* vaqueiro chefe, o que dirige a vaquejada. *Pl: cabeças-de-campo.* *C.-de-cão, Bot:* o mesmo que *cinocefaléia.* *Pl: cabeças-de-cão.* *C. de casal, Dir:* a) o cônjuge masculino que tem a chefia da família; b) o cônjuge sobrevivente ou o herdeiro que vivia em companhia do finado e fica na posse e administração da herança, até sua partilha; c) pessoa encarregada de arrolar e descrever os bens de uma herança. *Pl. cabeças-de-casal.* *C. de cavalo, Reg* (Nordeste): cano de madeira que leva

água aos cubos da roda dos engenhos capoeiros. *Pl: cabeças-de-cavalo*. *C.-de-coco*, a) *fam*: indivíduo distraído, esquecido ou desmiolado; b) *Ictiol*: peixe, também chamado *maria-nagô* (*Eques lanceolatus*). *Pl: cabeças-de-coco*. *C.-de-cuia*, *Folc*: entidade fantástica, regional do Piauí, nas margens do rio Parnaíba. É um homem magro, cabeludo, que aparece por ocasião das enchentes do rio e precisa comer uma moça de nome Maria, de sete em sete anos. Depois de ter comido sete moças, desencanta-se e volta ao estado normal. Seu encantamento provém do fato de ter batido em sua mãe, que o amaldiçoou. *Pl: cabeças-de-cuia*. *C.-de-cutia*, *Bot*: árvore melastomácea (*Myriaspora pubescens*). *Pl: cabeças-de-cutia*. *C. de escapole*: homem que tem o cabelo cortado rente ao crânio. *Pl: cabeças-de-escapole*. *C.-de-ferro*: o mesmo que *anujá*. *Pl: cabeças-de-ferro*. *C.-de-fogo*, *Ornit*: pássaro canoro de Minas Gerais e São Paulo. *Pl: cabeças-de-fogo*. *C.-de-frade*, *Bot*: planta aquática, também chamada *gigosa*, *gólfão* (*Villarsia nimphoides*); o mesmo que *cardo-melão*. *Pl: cabeças-de-frade*. *C.-de-galo*: indivíduo de memória fraca. *Pl: cabeças-de-galo*. *C. de leitura/gravação*, *Inform*: transdutor que lê ou grava dados na superfície de um meio de armazenamento magnético, como um disquete. *C.-de-lobo*, *pop*: osso da parte dianteira dos animais. *Pl: cabeças-de-lobo*. *C.-de-medusa*: a) *Paleont*: radiolário, equinodermo, da classe dos Crinoides (*Pentacrinus caput medusae*), também chamado *palmeira-marinha*; b) coisa que causa espanto; c) *Astr*: o mesmo que Algol. *Pl: cabeças-de-medusa*. *C.-de-moleque*: variedade de cabaca, também chamada *tejuco*. *Pl: cabeças-de-moleque*. *C.-de-negro*: a) *Bot*: fruto de uma árvore anonácea do México; b) o mesmo que *tejuco*. c) artigo de pirotecnia, variedade de bomba de estouro. *Pl: cabeças-de-negro*. *C.-de-nós-todos*; *Reg* (Nordeste): a) cabeça grande; b) pessoa de cabeça grande. *Pl: cabeças-de-todos-nós*. *C.-de-passarinho*: pessoa distraída ou esquecida. *Pl: cabeças-de-passarinho*. *C.-de-pau*: V *cabeça-de-burro*. *Pl: cabeças-de-pau*. *C.-de-pedra*: nome pelo qual se conhece o *tuiuiu*, acepção 2, no Norte. *Pl: cabeças-de-pedra*. *C.-de-ponte*: a) forte colocado à entrada de uma ponte para sua defesa; b) *por ext*: primeira posição tomada em uma campanha de invasão. *C.-de-porco*, *gír*: casa de cômodos; estalagem. *Pl: cabeças-de-porco*. *C.-de-prego*: a) V *girino*; b) acne, espinha, pequeno abscesso; c) *Entom*: larva de mosquitos culicídeos que se desenvolve na água; d) *Tip*: tipo gasto pelo uso, que dá uma impressão defeituosa. *Pl: cabeças-de-prego*. *C.-de-preguiça*, *Bot*: árvore também chamada *uaicima* (*Apeiba albiflora*). *Pl: cabeças-de-preguiça*. *C.-de-proa*: grande amuleto, zoomórfico ou antropomórfico, hoje raríssimo, usado na proa das embarcações do alto São Francisco contra mau-olhado, inveja, infelicidade, forças contrárias. Nas suas variadas e curiosas formas revela traços da arte egípcia, assíria ou babilônica. *Pl: cabeças-de-proa*. *C.-desmiolada*: indivíduo extravagante ou tresloucado. *Pl: cabeças-desmioladas*. *C.-de-tremoço*: rebite ou parafuso de cabeça semiesférica. *Pl: cabeças-de-tremoço*. *C.-de-urubu*, *Bot*: planta esterculiácea (*Theobroma obovatum*). *Pl: cabeças-de-urubu*. *C.-de-vento*: a) pessoa leviana ou estouvada; b) pessoa sem tino ou estonteada. *Pl: cabeças-de-vento*. *C.-dura*: a) pessoa bronca, estúpida; b) *Ictiol*: peixe marinho carangídeo (*Alepes amblyrhynchus*), também chamado *cabeçuda*, *cara-de-gato*, *durinho* ou *faqueco*. *Pl: cabeças-duras*. *C.-encarnada*: o mesmo que *tangará-de-cabeça-encarnada*. *Pl: cabeças-encarnadas*. *C.-forte*: inteligência, talento. *Pl: cabeças-fortes*. *C.-inchada*: a) ciúme, zelo; b) despeito de quem perdeu ou foi vencido. *Pl: cabeças-inchadas*. *C.-leve*: pessoa de pouco juízo ou de pouco senso. *Pl: cabeças-leves*. *C.-no-ar*: V *cabeça-de-vento*. *C.-oca*: a) pessoa desmemoriada; b) pateta, tolo. *Pl: cabeças-ocas*. *C.-pelada*: designação geral de certas aves, como os gaviões e urubus. *Pl: cabeças-peladas*. *Cabeças-de-medusa*, *Med*: varizes na região umbilical que se estendem até as virilhas. *C.-seca*: a) *Ornit*: o mesmo que *tuiuiu*, acepção 2; b) soldado de polícia. *Pl: cabeças-secas*. *C.-sem-miolos*: o mesmo que *cabeça-de-vento*. *Abaixar a cabeça*: resignar-se. *Abaixar a cabeça a alguém*: reconhecer-lhe a superioridade. *Amolecer a cabeça*: amansar (falando-se de poldro). *Andar com a cabeça ao léu*: andar sem chapéu. *Andar com a cabeça à roda*: a) ter vertigem; b) não saber onde tem a cabeça; c) estar extremamente enamorado. *Andar com a cabeça no ar*: andar distraído. *Andar de cabeça erguida*: ter consciência de sua dignidade ou da ausência de motivos para envergonhar-se. *Dar comida à cabeça*, *Folc*: ritual secreto, praticado no candomblé com finalidade terapêutica. *De cabeça*: a) com a cabeça à frente: *Saltou de cabeça*; b) mentalmente: *Calcular de cabeça*. *Deu-lhe na cabeça*: ele teve a ideia de...; deu-lhe na veneta. *Ficar de cabeça inchada*: ficar muito descontente com um insucesso. *Ganhar de cabeça*: vencer (um cavalo de corrida) com a vantagem de uma cabeça sobre o segundo colocado. *Ir pra cabeça*: a) tomar a frente; b) progredir; c) ter um impulso de arrojo na ação. *Levantar a cabeça*: melhorar de situação. *Meter na*

cabeça: convencer(-se), persuadir(-se). *Não caber na cabeça de ninguém*: ser uma insensatez. *Não ter pés nem cabeça*: não ter nexos; não fazer sentido. *Passar pela cabeça*: lembrar-se. *Tirar da cabeça*: procurar esquecer.

CAFRE — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: cafre (ca.fre) s2g. 1. Indivíduo de algumas populações bantas da África, esp. as de uma antiga região chamada Cafraria. 2. Antq. Pej. Termo com que islamitas chamavam gentios negros e pagãos de certas regiões da África. 3. P.ext. Pej. Indivíduo rude, ignorante sm. 4. Gloss. Língua falada pelos i.s (1). a2g. 5. Pertencente ou ref. aos cafres (1) ou ao cafre (2). [F: Do ár. *kāfir* 'infiel', 'que não é muçulmano #####]

Aurélio: cafre [Do ár. *kāfir* ou *kufir*, 'infiel'.] S. 2 g. 1. Nome dado pelos islamitas aos gentios e idólatras, e por ext., aos negros pagãos da África oriental; aplica-se, sobretudo, às populações bantas de Moçambique, da África do Sul e dos demais países do S.E. da África. 2. O natural ou habitante da Cafraria, denominação que, no passado, se dava à região entre o rio Kei e os limites da província de Natal, na África do Sul; xossa. 3. Fig. Pessoa rude, bárbara, ignorante. • S. m. 4. Gloss. Forma pidginizada do africâner, com léxico extraído basicamente de línguas bantas e do inglês. • Adj. 2 g. 5. Pertencente ou relativo aos cafres [v. *cafre* (1 e 2)]. ♦ Cafre das minas. Gloss. V. *zulu básico*. Cafre de cozinha. Gloss. V. *zulu básico*.

Houaiss (2001): cafre s.2g (1516 cf. DBLiv) 1 ETNOL *obsl.* indivíduo de uma população africana banta, afim dos zulus, não muçulmana, do sudeste da África 2 *p.ext. obsl.* indivíduo de raça negra 3 *fig pej.* indivíduo rude, ignorante ❖ s.m. LING 4 língua banta falada pelos cafres ■ *adj.2g* 5 relativo a cafre (acp. 1 e 4) 6 relativo à Cafraria ('antiga região do sudeste da África') ◎ GRAM fem. *cafra* ◎ ETIM ár. *kāfir* 'infiel, incrédulo', isto é, 'não muçulmano'; f.hist. 1516 *cafres* 'negro', 1538 *cafries* 'negro', 1609 *cafrinha* 'negro', 1611 *cafras* 'negro', 1649-1666 *cafres* 'ignorante' ◎ SIN/VAR como s.2g.: ver sinonímia de *bronco* ◎ ANT como s.2g.: ver antonímia de *tolo* ◎ COL cafraria

Houaiss (2009): cafre s.2g (1516) 1 ETNOL *obsl.* indivíduo de uma população africana banta, afim dos zulus, não muçulmana, do sudeste da África 2 *p.ext. pej. obsl.* indivíduo de raça negra 3 *fig pej.* indivíduo rude, ignorante ❖ s.m. LING 4 língua banta falada pelos cafres ■ *adj.2g* 5 relativo a cafre (acp. 1 e 4) 6 relativo à Cafraria ('antiga região do sudeste da África') ◎ GRAM fem. *cafra* ◎ ETIM ár. *kāfir* 'infiel, incrédulo', isto é, 'não muçulmano' ◎ SIN/VAR como s.2g.: ver sinonímia de *bronco* ◎ ANT como s.2g.: ver antonímia de *tolo* ◎ COL cafraria

Houaiss (on-line): cafre

substantivo de dois gêneros (1516 cf. DBLiv)

1 etnol *obsl.* indivíduo de uma população africana banta, afim dos zulus, não muçulmana, do sudeste da África

2 *p.ext. obsl.* indivíduo negro

3 *fig. pej.* indivíduo rude, ignorante ver USO a seguir

substantivo masculino ling

língua banta falada pelos cafres

adjetivo de dois gêneros

4 relativo a cafre (acp. 1 e 4)

5 relativo à Cafraria ('antiga região do sudeste da África')

Gramática

fem. *cafra*

Uso

a acp. 3 resulta de antiga tradição colonialista de origem europeia

Etimologia

ár. *kāfr* 'infiel, incrédulo', isto é, 'não muçulmano'; f.hist. 1516 cafres 'negro', 1538 cafries 'negro', 1609 cafrinha 'negro', 1611 cafras 'negro', 1649-1666 cafres 'ignorante'

Sinônímia e Variantes

como s.2g.: ver sinonímia de bronco

Antonímia

como s.2g.: ver antonímia de tolo

Coletivo

cafraria

Michaelis: ca.fre *sm* (ár *qafir*) 1 Membro de uma raça negróide de língua banto que habita a Cafraria (região da Cidade do Cabo, na República da África do Sul) e algumas regiões adjacentes. 2 Negro. 3 Indivíduo rude, selvagem ou ignorante. *Fem* (acepção 1): *cafra*. *Var*: *cafrino*.

CAIPIRA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: caipira (cai:pi.ra) a2g. 1. Próprio da roça, do interior ou de caipira (6) (linguajar caipira; jeito caipira). 2. Que vive na roça, no interior, e tem modos simples (por vezes rudes) e pouca instrução; CAPIAU [Nesta acp., us. às vezes com noção **pej.**] 3. Pop. Joc. Pej. Diz-se de indivíduo pouco sociável, sem traquejo no convívio social 4. Fig. Ref. a ou próprio de festa junina (traje caipira) 5. Avic. Vet. Diz-se do frango criado segundo normas específicas que asseguram o bem-estar da ave durante sua criação e a qualidade de sua carne, livre de qualquer tipo de substância prejudicial à saúde (resíduos antibióticos, dioxinas etc.) s2g. 6. Indivíduo que vive na roça, ger. de modos simples e rústicos e pouca instrução; CAPIAU; JECA [Nesta acp., us. às vezes com noção **pej.**] 7. Bras. Pessoa nascida ou que vive em regiões rurais, esp. no interior dos estados de São Paulo, e que ger. vive de pequena agricultura, em terras que não lhe pertencem 8. P.ext. Pop. Indivíduo muito simples e rústico, nas maneiras e no vestir; JECA; MATUTO; SAQUAREMA 9. Pop. Joc. Pej. Indivíduo pouco sociável, sem traquejo no convívio social
[E: De or. contrv., posv. do tupi.]

Aurélio: caipira [De or. controversa: tupi, poss.] S. 2 g. 1. *Bras.* S. Habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros. [Sin. sendo alguns regionais: *araruama*, *babaquara*, *babeco*, *baiano*, *baiquara*, *beira-corgo*, *beiradeiro*, *biriba* ou *biriva*, *botocudo*, *brocoió*, *bruaqueiro*, *caçora*, *caboclo*, *caburé*, *cafumango*, *caçara*, *cambembe*, *camisão*, *canguai*, *canguçu*, *capa-bode*, *capiau*, *capicongo*, *capuava*, *capurreiro*, *cariazal*, *casaca*, *casacudo*, *casca-grossa*, *catatua*, *catimbó*, *catrumano*, *chapadeiro*, *curau*, *curumba*, *groteiro*, *guasca*, *jeca*, *jacu*, *macaqueiro*, *mambira*, *mandi* ou *mandim*, *mandioqueiro*, *mano-juca*, *maratimba*, *mateiro*, *matuto*, *mixanga*, *mixuango* ou *muxuango*, *mocorongo*, *moqueta*, *mucufo*, *πέ-duro*, *πέ no chão*, *pioca*, *piraguara*, *piraquara*, *queijeiro*, *restingueiro*, *roceiro*, *saquarema*, *sertanejo*, *sitiano*, *tabaréu*, *tapiocano*, *urumbeba* ou *urumbeva*.] • S. m. 2. *Bras. N.E.* Jogo de parada, com um dado apenas, ou roleta, entre gente de condição humilde. • *Adj.* 2 g. 3. *Bras.* Diz-se do caipira (1); biriba ou biriva, matuto, sertanejo. 4. *Bras.* Pertencente ou relativo a, ou próprio de caipira (1); biriba ou biriva, jeca, matuto, roceiro, sertanejo 5. *Bras.* Diz-se do indivíduo sem traquejo social; cafona, casca-grossa. 6. *Bras.* Diz-se das festas juninas e do traje típico usado nessas festas. [Cf. (nas acepç. 1, 3, 4 e 5) *provinciano*.] ~ V. *pagode* –.

Houaiss (2001): caipira *adj.2g* (1872 cf. JAITil) 1 que vive no interior, fora dos centros urbanos, no campo ou na roça; roceiro 2 que leva uma vida campestre rústica, tem pouca instrução, pouco convívio social, e hábitos e modos rudes (por vezes, pej.) 3 próprio de caipira (acp. 7 e 8) <dialeto c.> <jeito c.> 4 *fig.* que é tímido, acanhado, pouco sociável *MNH* que é avarento, sovina, mesquinho 6 ETN relativo a festa junina <roupa c.> <bufê tipicamente c.> ■ *s.2g.* 7 indivíduo natural ou habitante de parte das regiões Sudeste e Centro-Oeste brasileiras, esp. São Paulo, de origem rural, caracterizados pela agricultura de subsistência, pela cultura itinerante e por não terem a posse da terra <os c. construíam seus ranchos seguindo a marcha das bandeiras> 8 indivíduo simplório, ger. habitante do campo, de pouca instrução e modos pouco refinados 9 *B infirm.* malandro, vadio 10 (1934) certo jogo de azar comum entre a população humilde, com um tabuleiro de seis casas numeradas e um dado ou roleta simples onde se decidem as paradas 11 HIST adepto ou militante do partido constitucionalista português nas lutas travadas entre 1828 e 1834 ◎ ETIM orig.contrv., prov. do tupi; AGC sugere possível relação com caipora e curupira ◎ SIN/VAR como adj.subst.2g.: araruama, arigó, babaquara, babeco, baiano, baiquara, beira-corgo, beiradeiro, biriba, biriva, botocudo, brocoió, bruaqueiro, caapora, caboclo, caburé, cafumango, caiçara, cambembe, camisa, canguai, canguçu, capa-bode, capiau, capicongo, capuava, capurreiro, cariazal, casaca, casacudo, casca-grossa, catatuá, catimbó, catrumano, chapadeiro, curau, curumba, groteiro, guasca, jeca, jeca-tatu, macaqueiro, mambira, mandi, mandim, mandioqueiro, mano-juca, maratimba, mateiro, matuto, mixanga, mixuango, mocó, mcorongo, moqueta, mucufo, muxuango, pé-duro, pé-no-chão, pioca, piraguara, piraquara, queijeiro, restingueiro, roceiro, saquarema, sertanejo, sitiano, tabaréu, tapiocano, urumbaba, urumbeva; ver tb. sinonímia de bronco ◎ ANT como adj.subst.2g.: cidadão, cosmopolita, elegante, fino, sofisticado, urbano ◎ COL caipirada

Houaiss (2009): caipira *adj.2g* (1872) 1 que vive no campo ou na roça; roceiro 2 que tem hábitos e modos rudes, ger. devido a pouca instrução ou escasso convívio social 3 próprio de caipira (acp. 6 e 7) <dialeto c.> <jeito c.> 4 *fig.* que é tímido, acanhado, pouco sociável 5 ETN relativo a festa junina <roupa c.> ■ *s.2g.* 6 indivíduo natural ou habitante de região rural 7 indivíduo simplório, ger. habitante do campo, de pouca instrução e modos pouco refinados 8 LUD *B.N.E.* certo jogo de azar comum entre a população humilde, com um tabuleiro de seis casas numeradas e um dado ou roleta ◎ ETIM orig.contrv., prov. do tupi ◎ SIN/VAR como araruama, arigó, babaquara, baiano, beiradeiro, biriba, brocoió, bruaqueiro, caapora, caboclo, caburé, cairo, cariazal, catatuá, catimbó, catrumano, chapadeiro, curau, curumba, groteiro, jeca, jeca-tatu, macaqueiro, mandi, mandim, mandioqueiro, mateiro, matuto, mixanga, mocó, mcorongo, mucufo, muxuango, pé no chão, pioca, piraguara, piraquara, roceiro, saquarema, sertanejo, sitiano, tabaréu, tapiocano; ver tb. sinonímia de *bronco* ◎ ANT como adj.subst.2g.: cidadão, sofisticado, urbano ◎ COL caipirada

Michaelis: cai.pi.ra *s m+f* (*corr de caipora*) 1 Pessoa da roça ou do mato; caboclo, canguai, capiau, capurreiro, jeca, mambira, matuto, roceiro, sertanejo, tabaréu. 2 Indivíduo tímido e acanhado. 3 Jogo popular de parada com um dado apenas ou uma roleta. 4 *gír* Indivíduo malandro. *C.-branco:* mestiço descendente de estrangeiros brancos. *C.-caboclo:* descendente direto dos bugres catequizados pelos primeiros povoadores. *C.-mulato:* mestiço oriundo do cruzamento de negro com branco, raramente com caboclo.

CAMPÔNIO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: campônio (cam.pô.ni:o) sm. 1. Camponês (1) 2. Pej. Pessoa rústica, simples, sem refinamento [F.: Do lat. *campaniu* (m).]


Aurélio: campônio *S. m.* 1. V. *camponês* (1). [Us. às vezes como deprec.]

Houaiss: campônio *s.m.* (1789) 1 aquele que vive e/ou trabalha no campo; camponês 1.1 *fig pej.* indivíduo rústico, rude; camponês ◉ ETIM lat. *campānēus, nūs* 'campestre, do campo'; a passagem de -a- para -o- é difícil de explicar, talvez se deva à infl. dos dois fonemas labiais que o antecedem; ver *camp-*; f.hist. 1789 *camponio*, 1813 *campônio* ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *bronco* ◉ ANT ver antonímia de *tolo*

Michaelis: campônio *cam.pô.nio* adj+sm (campo+ônio) V camponês.

CANDANGO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: candango (*can.dan.go*) *sm.* 1. Bras. Hist. Operário que trabalhou na construção de Brasília (DF) 2. Qualquer dos primeiros habitantes de Brasília (DF) 3. Nome pelo qual os africanos chamavam os portugueses 4. P.us. Indivíduo desprezível 5. Pessoa de mau gosto a. 6. Ref. a Brasília (DF) ou aos brasilienses [E.: Posv. do quimb. *kangundu*.]

Aurélio: candango [Do quimb. *kangundu*, dim. de *kingundu*, 'ruim', 'ordinário', 'vilão', com metátese e assimilação.] *S. m. Bras.* 1. Designação que os africanos davam aos portugueses. V. *galego* (4). 2. *Desus.* Indivíduo ruim, ordinário. 3. Pessoa que tem mau gosto. 4. Designação dada aos operários das grandes obras da construção de Brasília (DF), de ordinário vindos do N.E.:  "o candango vai ao cerrado, colhe os ramos verdes e os coloca na última laje, como se estivesse enfeitando a cumeeira de sua própria casa." (Clemente Luz, *Invenção da Cidade*, p. 96). 5. *P. ext.* Qualquer dos primeiros habitantes de Brasília (DF).

Houaiss: candango *s.m.* (1899) *B* 1 nome que os africanos davam aos portugueses 2 *p.us.* indivíduo desprezível, abjeto 3 indivíduo destituído de bom gosto 4 (sXX) nome que designa cada um dos operários que trabalharam nas grandes construções da cidade de Brasília (DF), ger. oriundos do Nordeste do Brasil 5 *p.ext.* cada um dos primeiros habitantes de Brasília ◉ ETIM orig.contrv.; segundo Nasc, do quimb. *kangundu*, dim. de *kingundu* 'vilão, ruim, ordinário', com metátese e assimilação; Nei Lopes comenta que, em Cuba, o termo *candanga* significa 'bobalhão, mentecapto, doentio, enfraquecido' e que Ortiz (1986) o vê talvez como originário do quicg. *kunda* 'encurvar-se, dobrar a espinha, render homenagem, adorar'; acrescenta ainda que, para a primeira acp., poderíamos tentar também o quicg. (dialeto Vili) *ndangi* 'espião' ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *galego* 'português'

Michaelis: candango *can.dan.go* *sm* (quimbundo *kandungu*) 1 Nome com que os africanos designavam os portugueses. 2 *gír* Tipo desprezível; vicioso; mequetrefe. 3 Trabalhador braçal vindo de fora da região. 4 Nome com que se designam os trabalhadores comuns que colaboraram na construção de Brasília.

CAPADÓCIO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: capadócio (*ca.pa.dó.ci:o*) *a.* 1. Ref. à Capadócia (Turquia) ou que é natural ou habitante dessa região. 2. *Pej.* Que age como canalha, fingindo ser importante; que trapaceia, que engana com espertezas ou imposturas. 3. Bras. *Pej.* Pouco inteligente; ignorante *sm.* 4. Bras. *Pej.* Pessoa nascida ou que vive na Capadócia (Turquia). 5. Aquele que tenta enganar outros com trapajas, espertezas, imposturas; espertalhão 6. Bras. *Pej.* Indivíduo pouco inteligente, ou ignorante [E.: Do lat. *cappadociu(m)*.]

Aurélio: capadócio [Do lat. *cappadociu* < gr. *kappadókes*.] *Adj.* 1. Da, ou pertencente ou relativo à Capadócia (Ásia Menor). 2. *Pej.* Que tem maneiras acanhadas. 3. *Pej.* Impostor, trapaceiro, parlapatão. • *S. m.* 4. Capádoce. 5. Indivíduo capadócio (2 e 3).

Houaiss: capadócio *adj.s.m.* (c1508) 1 relativo à Capadócia, província central da Ásia Menor, ou o que é seu natural ou habitante; capádoce 2 *pej.* que ou aquele que é pouco inteligente;

ignorante, burro 3 *B pej.* que ou quem é impostor; trapaceiro, charlatão 4 *B pej.* que ou quem tenta enganar os outros dando-se ares importantes; cabotino, espertalhão 5 *B pej.* que ou o que tem modos de canalha 6 *B obsl.* que ou quem canta à noite sob as janelas da namorada ◉ ETIM lat. *cappadocius, a, um* 'da Capadócia, pertencente à Capadócia' ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *enganador, presumido e tolo* ◉ ANT ver antonímia de *presumido, tolo e trapaceiro* ◉ COL capadoçada

Michaelis: ca.pa.dó.cio *adj* (do top *Capadócio*) Pertencente ou relativo à Capadócia. *sm* 1 *V capádoce*. 2 Indivíduo que, de noite, vai tocar e cantar sob as janelas da namorada. 3 Tipo pernóstico e maneiroso, indivíduo do povo que se dá ares de importância. 4 Sujeito de maneiras acanhadas. 5 Charlatão, parlapatão, trapaceiro.

CARCAMANO — *injúria étnica*

Aulete Digital: carcamano (car.ca.ma.no) *sm*. 1. Bras. Pej. Indivíduo nascido na Itália; LATACHO; MACARRONE 2. MA Pej. Aquele que tem origem árabe. 3. CE Vendedor ambulante de tecidos e produtos de armarinho. [E.: De or. incerta; posv. do espn. carcamán.]

Aurélio: carcamano [Do esp. carcamán, poss.] *S.m.* 1. Bras. Alcinha jocosa que se dá aos italianos em vários estados; latacho, macarrone: ☞ “apartamento da Avenida Rui Barbosa decorado pelo tal marquês italiano — vai ver que o carcamano não é marquês coisa nenhuma!” (Marques Rebelo, *O Simples Coronel Madureira*, p. 141). 2. Bras. MA Alcinha que se dá aos árabes em geral. 3. Bras. CE Vendedor ambulante de fazendas e objetos de armarinho. 4. Angol. Sul-africano de raça branca: ☞ “O carcamano pareceu-lhe, de facto, o único inimigo indubitável.” (Arlindo Barbeitos, *O Rio, Estórias de Regresso*, p. 26.)

Houaiss: carcamano *s.m.* (1867) 1 *B pej.* ou *joc.* indivíduo nascido na Itália; macarrone 2 *MA pej.* ou *joc.* indivíduo de origem árabe 3 *B engraxate* 4 *CE* vendedor ambulante de artigos de armarinho 5 *BEI.LIT (Figueira da Foz)* rapazola, garoto ◉ ETIM orig.duv.; Nasc e AGC consideram pal. expressiva; talvez do esp. *carcamán*, que, na var. hsp.-am., tem as acp. 'pessoa decrépita (no Peru), estrangeiro de pouco viso, fuleira (em Cuba), indivíduo de muitas pretensões e pouco mérito (na Colômbia e no Uruguai), italiano e em especial genovês (na Argentina)', voc. que Corominas, *s.v. cárcavo* 'o vão em que se move a roda do moinho, a cavidade interna do ventre', deriva da var. *cárcamo* 'vão de moinho', que se empregaria tb. no sentido de 'carniça; velho achacoso'; *cárcavo*, por sua vez, proviria do antigo *cácavo* 'o vão do moinho' < lat. *caccaibus*, i 'panela, caçarola, tacho' ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *ádvena* ◉ ANT ver antonímia de *ádvena* e sinonímia de *comerciante*

Michaelis: carcamano car.ca.ma.no *sm* (do ital *carcare la mano*) 1 *pej* Designação dos naturais da Itália. 2 Vendedor ambulante de fazendas. 3 Engraxate. 4 Alcinha que, no Maranhão, se dá aos sírios.

CIGANO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: cigano (ci.ga.no) *sm*. 1. Indivíduo dos ciganos, povo nômade, prov. originário da Índia, presente em vários países, com cultura, ética e comportamento próprios, e conhecido esp. por se dedicar à música, prática de artesanato, quiromancia, comércio de cavalos, etc. 2. Fig. Indivíduo boêmio, de vida incerta. [Por vezes, com uso pej.] 3. Pej. Negociante esperto, vivo 4. Pext. Vendedor ambulante. 5. Gloss. Conjunto de dialetos pertencentes à família indo-europeia e falados por ciganos de diferentes países a. 6. Ref. aos ou próprio dos ciganos (dança cigana). 7. Fig. Que lembra ou é próprio do modo de vida dos ciganos (1), esp. quanto ao nomadismo e à importância da música e dança (vida cigana) 8. Gloss. Ref. ou pertencente ao cigano (5) 9. Pej. Diz-se de indivíduo esperto, enganador, esp. nos negócios 10. Pej. Diz-se de quem faz barganha, que é apegado ao dinheiro;

sovina 11. Fig. Boêmio, que não tem vida ou hábitos bem estabelecidos [Us. por vezes com sentido pej.] [F.: do gr.biz. *athígganos*, pelo fr. *cigain*.]

Aurélio: cigano. [Do gr. bizantino *athígganos*, pelo fr. *tzigane* ou *tsigane*.] *S. m.* 1. Indivíduo de um povo nômade, provavelmente originário da Índia e emigrado em grande parte para a Europa Central, de onde se disseminou, povo esse que tem um código ético próprio e se dedica à música, vive de artesanato, de ler a sorte, barganhar cavalos, etc. [Designam-se a si próprios *rom*, quando originários dos Bálcãs, e *manuche*, quando da Europa central.][Sin.: *boêmio*, *gitano*; *calom* (bras.); *judeu* (MG); *quico* (MG e SP).] 2. *Gloss.* Romani (1 e 2). 3. *Fig.* Indivíduo boêmio, erradio, de vida incerta. 4. Negociante esperto, matreiro, persuasivo. 5. *Fig.* Vendedor ambulante. 6. Designação de carneiro que serve de guia ao rebanho. • *Adj.* 7. Relativo a, ou próprio de cigano ou dos ciganos. 8. *Fig.* Esperto, vivo.

Houaiss (2001): cigano *adj.* (1521 cf. GVic) 1 relativo ao ou próprio do povo cigano; zíngaro <música c.> <vida c.> <esperteza c.> ■ *adj.s.m.* 2 relativo a ou indivíduo dos ciganos, povo itinerante que emigrou do Norte da Índia para o oeste (antiga Pérsia, Egito), de onde se espalhou pelos países do Ocidente; calom, zíngaro 3 *p.ext.* que ou aquele que tem vida incerta e errante; boêmio <meus parentes c. não pensam no dia de amanhã> <viver como c.> 4 *p.ana.* vendedor ambulante de quinquilharias; mascate 5 (1899) *pej.* que ou aquele que trapaceia; velhaco, burlador 6 *pej.* que ou aquele que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota, sovina 7 que ou o que serve de guia ao rebanho (diz-se de carneiro) 8 LING m.q. ROMANI ⊙ ETIM fr. *cigain* (sXV, atual *tsigane* ou *tzigane*, estas por infl. do al. *Zigeuner*), do gr.biz. *athígganos* 'intocável', nome dado a certo grupo de heréticos da Ásia Menor, que evitava o contato com estranhos, a que os ciganos foram comparados quando de sua irrupção na Europa central; cp. tur. *cigian*, romn. *zigan*, húng. *cigány*, it. *zìngano* (a1470, atual *zìngaro*); f.hist. 1521 *cigano*, 1540 *çigano*, 1708 *sigano* ⊙ COL bando, cabilda, ciganada, ciganagem, ciganaria, gitanaria, maloca, pandilha ⊙ HOM *cigano*(fl.ciganar)

Houaiss (2009): cigano *adj.* (1521) 1 relativo ao ou próprio do povo cigano; zíngaro <música c.> <vida c.> <esperteza c.> ■ *adj. s.m.* 2 relativo a ou indivíduo dos ciganos, povo itinerante que emigrou do Norte da Índia para o oeste (antiga Pérsia, Egito), de onde se espalhou pelos países do Ocidente; calom, zíngaro 3 *p. ext.* que ou aquele que tem vida incerta e errante; boêmio <família c.> <viver como c.> 4 *p. ana.* vendedor ambulante de quinquilharias; mascate 5 *pej.* que ou aquele que faz barganha, que é esperto ao negociar 6 que ou o que serve de guia ao rebanho (diz-se de carneiro) 7 LING m.q. ROMANI ⊙ ETIM fr. *cigain* (atual *tsigane* ou *tzigane*), do gr. biz. *athígganos* 'intocável', nome de um grupo de heréticos da Ásia Menor, que evitava o contato com estranhos, a que os ciganos foram comparados ⊙ COL bando, cabilda, ciganada, ciganagem, ciganaria, gitanaria, maloca, pandilha ⊙ HOM *cigano* (fl. ciganar)

Houaiss (online): Cigano

Datação

1521 cf. GVic

Acepções

■ adjetivo

1 relativo ao ou próprio do povo cigano; zíngaro

Ex.: <música c.> <vida c.> <esperteza c.>

■ adjetivo e substantivo masculino

2 relativo a ou indivíduo dos ciganos, povo itinerante que emigrou do Norte da Índia para o oeste (antiga Pérsia, Egito), de onde se espalhou pelos países do Ocidente; calom, zíngaro

3 Derivação: por extensão de sentido.

que ou aquele que tem vida incerta e errante; boêmio

Ex.: <meus parentes c. não pensam no dia de amanhã> <viver como c.>

- 4 Derivação: por analogia.
vendedor ambulante de quinquilharias; mascate
- 5 (1899)Uso: pejorativo.
que ou aquele que trapaceia; velhaco, burlador
Obs.: ver USO, a seguir
- 6 Uso: pejorativo.
que ou aquele que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota, sovina
Obs.: ver USO, a seguir
- 7 que ou o que serve de guia ao rebanho (diz-se de carneiro)
- 8 Rubrica: lingüística.
m.q. romani

Etimologia

fr. cigain (sXV, atual tzigane ou tzigane, estas por infl. do al. Zigeuner), do gr.biz. athígganos 'intocável', nome dado a certo grupo de heréticos da Ásia Menor, que evitava o contato com estranhos, a que os ciganos foram comparados quando de sua irrupção na Europa central; cp. tur. cigian, romn. zigan, húng. cigány, it. zingano (a1470, atual zingaro); f.hist. 1521 cigano, 1540 çigano, 1708 sigano

Homônimos

cigano(fl.ciganar)

Coletivos

bando, cabilda, ciganada, ciganagem, ciganaria, gitanaria, maloca, pandilha

Uso

as acp. 5 e 6 resultam de antiga tradição européia, pejorativa e xenófoba por basear-se em idéias errôneas e preconcebidas sobre as características deste povo que no passado levava uma existência nômade

Michaelis (online): ci.ga.no *adj sm* 1 *Etnol* Diz-se de ou povo nômade, originário do Noroeste da Índia, que emigrou para a Europa Central e que, atualmente, encontra-se presente com sua cultura e costumes em vários países do Ocidente. Dedicar-se ao comércio de cavalos, música, prática das artes divinatórias, artesanato, venda de miudezas etc.; calom, zingaro. 2 *coloq* Que ou quem tem grande habilidade para o comércio. 3 *coloq* Mercador ambulante que oferece miudezas em domicílios. 4 *coloq* Que ou quem leva vida itinerante e/ou de boêmio. 5 *Zool* Diz-se de ou carneiro treinado para guiar rebanhos. • *sm Ling V romani. Etim: fr ant cigain*

Michaelis (impresso): ci.ga.no *sm (fr tzigane)* 1 Indivíduo de um povo trigueiro caucasóide originário da Índia, que entrou na Europa no século XIV ou XV. Os ciganos são agora encontrados principalmente na Turquia, Rússia, Hungria, Espanha, Inglaterra, América do Norte e, em menor proporção, em muitos outros países. Mantêm ainda em grande parte a sua vida itinerante e organização tribal, ocupando-se principalmente como ledores de buena-dicha, negociantes de cavalos, trabalhadores em metal principalmente consertadores de painéis e como músicos. 2 Indivíduo que se assemelha a um membro desse povo, especialmente na aparência, maneiras ou modo de vida. 3 Sujeito que faz negócio de compra e venda de animais, porém sempre de má-fé 4 *Pec* Carneiro que guia o rebanho. *adj* 1 Ladino, aperto, negociante. 2 Bajulador, lisonjeiro. 3 Chicaneiro, trapaceiro. 4 Impostor

CRENTE — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: crente (cren.te) a2g. 1. Diz-se de quem acredita, de quem crê em algo [+ em : "Crentes ainda em melhores dias vindouros..." (Ferreira de Castro, Selva) antôn.: Antôn.: cético, descrente.] 2. Que manifesta crença religiosa 3. Que segue uma religião protestante;

EVANGÉLICO 4. Diz-se de quem é crédulo, crê ingenuamente ou leva por demais a sério seus assuntos e responsabilidades 5. Pop. Diz-se de quem está (equivocadamente, ou ingenuamente) convencido de algo, ou com certa expectativa: Ele está crente que vai se dar bem. s2g. 6. Pessoa crédula 7. Sectário de uma religião 8. Membro de igreja protestante [F.: Do lat. *credens,entis*.]

Aurélio: [Do lat. *credente*.] *Adj.* 2 g. 1. Que crê. 2. *Restr.* Que tem fé ou crença religiosa. 3. Irôn. Que leva demasiado a sério as suas obrigações, as coisas em que se mete, e por elas tem entusiasmo, nelas acredita. • S. 2 g. 4. Pessoa que acredita, que tem fé religiosa
📖 “O mar é para mim como o Céu para um crente.” (Vicente de Carvalho, *Poemas e Canções*, p. 156.) 5. *Bras.* V. *protestante* (6).

Houaiss (2001): crente *adj.* 2g.s.2g (sXIII cf. IVPM) 1 que ou o que crê <estava c. de que conseguiria aquele emprego> 1.1 REL que ou o que manifesta crença e/ou é sectário de uma fé religiosa <Deus se revelou a todos os c.> 1.2 REL que ou o que segue os fundamentos do islamismo; que ou quem é devoto muçulmano 1.3 REL *B. pej.* que ou quem adere ao protestantismo, esp. às facções mais populares, apresentando-se com austera compostura e dispondo-se ger. a fazer proselitismo; bíblia 2 *p.ext. B* que ou o que leva excessivamente a sério suas obrigações ou assuntos, mostrando para com estes ou aquelas demasiado zelo, entusiasmo e posição acrítica 3 *p.ext. B* que ou o que é crédulo, ingênuo <é um c., acredita em tudo o que lhe dizem> © ETIM lat.ecl. *credens,entis* 'que crê', part.pres. do v.lat. *credere* (lat.vulg. **credere*) 'acreditar, crer'; ver *cred-*; f.hist. sXIII *creente*, sXV *crente*, sXV *creente*, sXV *creete* © SIN/VAR como *adj.* 2g.: ver antonímia de *desconfiado*; como *adj.* e/ou *subst.*: ver antonímia de *herege* © ANT céptico, descrente, incrédulo; como *adj.* 2g.: ver sinonímia de *desconfiado*; como *adj.* e/ou *subst.*: ver sinonímia de *herege* © COL grei, rebanho

Houaiss (2009): crente *adj.* 2g (sXIII) 1 que crê, acredita, ou tem convicção <estava c. de que conseguiria aquele emprego> 2 que leva excessivamente a sério suas obrigações ou assuntos, com demasiado zelo, entusiasmo e posição acrítica ■ *adj.* 2g.s.2g 3 que ou quem manifesta crença e/ou é sectário de uma fé religiosa 4 *p.ext. B* crédulo, ingênuo 5 *B infrm.* ou *pej.* adepto do protestantismo © ETIM lat.ecl. *credens,entis* 'que crê' © SIN/VAR como *adj.* e/ou *subst.*: confiado, religioso, teísta © ANT *desconfiado*; ver tb. sinonímia de *herege*

Michaelis: *crente* *adj* e *s m+f* (lat *credente*) Que, ou pessoa que tem fé religiosa. 2 Sectário ou sectária de uma religião. 3 Que, ou pessoa que acredita. *Antôn* (acepções 1 e 3): *descrente*. *Col:* *grei, rebanho* (figurados).

CURUMBA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital (04/05/14): curumba (cu.rum.ba) s2g. 1. N.E. Aquele que deixa o sertão em busca de trabalho nas estradas, fábricas ou engenhos. 2. N.E. *Pext.* Qualquer pessoa que foge da seca, abandonando o sertão; **RETIRANTE** 3. NE. *Pej.* Aquele que trabalha nos engenhos ou canaviais, na época da safra. 4. N.E. *Pej.* Andarilho esfarrapado que, a pé ou a cavalo, vaga pelas estradas. 5. PE *Pej.* Morador do meio rural e muito rude sf. 6. N.E. *Pej.* Mulher velha e maltratada; CURUCA [F.: obsc.]

Aurélio: curumba [De or. express., poss.] **S. 2 g.** . 1. *Bras. N.E. Deprec.* Designação comum aos homens de baixa condição que, a pé ou a cavalo, e malvestidos, transitam pelas estradas. 2. *Bras. N.E.* Indivíduo que desce do sertão à procura de trabalho nos engenhos, usinas e estradas. 3. *Bras. N.E.* Retirante (2). 4. *Bras. PE* Sertanejo que trabalha nos canaviais e nas usinas de açúcar durante a safra 5. *Bras. PE V. caipira* (1). • *S.f.* 6. Mulher velha.

Houaiss: curumba substantivo de dois gêneros (1889) 1 *B N.E. pej.* roceiro e/ou andarilho esfarrapado que percorre as estradas 2 *B N.E.* pessoa proveniente do sertão, em busca de

trabalho em estradas, engenhos etc. 3 *p.ext.* *B.N.E.* pessoa que abandona o sertão, ger. fugindo da seca; retirante 4 *PE* sertanejo que, na época da safra, trabalha em canaviais ou engenhos 5 *p.ext.* *PE* pessoa do meio rural, sem trato com a cidade; capiau, caipira ❖ *s.f.* *B pej.* mulher velha e feia; coroca ☉ ETIM segundo Nasc, voc. expressivo ☉ SIN/VAR ver sinonímia de *caipira* e de *maltrapilho* ☉ ANT ver antonímia de *caipira* e sinonímia de *elegante*

Michaelis: curumba cu.rum.ba sm Reg (Nordeste) 1 Indivíduo de baixa condição que, a pé ou a cavalo e mal trajado, transita pelas estradas. 2 Indivíduo que sai do sertão e vai à procura de trabalho nos engenhos, nas estradas de ferro etc. sf pej Mulher velha.

FARISEU — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: fariseu (fa.ri. seu) a. 1. Que aparenta falsa honestidade 2. Rel. Ref. a seita judaica existente no séc. II a.C., cuja observância das prescrições religiosas era rigorosa 3. Que segue uma religião de modo formalista 4. Fig. Que se mostra ou se comporta de modo orgulhoso ou hipócrita sm. 5. Pessoa que procura aparentar uma honestidade que não possui 6. Rel. Membro de uma seita judaica do séc. II a.C. que se caracterizava pela rigorosa observância dos prescrições religiosas [Os seguidores desta seita foram acusados pelos evangelistas de serem formalistas e hipócritas.] 7. P.ext. Indivíduo que segue uma religião de modo formalista 8. Fig. P.ext. Indivíduo orgulhoso ou hipócrita

Aurélio: fariseu [Do aramaico, pelo gr. *pharisaîos* e pelo lat. tard. *pharisaeu.*] *S. m.* 1. *Rel.* Membro de uma seita judaica surgida no séc. II a. C., que se caracteriza pela observância exageradamente rigorosa das prescrições da lei escrita, mas que, nos Evangelhos, é acusado de hipocrisia e excessivo formalismo: 📖 “Deixo a falsidade dos fariseus, que muitas vezes lhe mostravam [a Nosso Senhor] honra e gasalhado, ora convidando-o a suas casas a comer, ora dizendo-lhelouvaminhas” (Fr. Tomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus*, II, p. 19). 2. Seguidor formalista de uma religião. 3. Fiel orgulhoso ou hipócrita. 4. *Fig.* Indivíduo que aparenta santidade, não a tendo. 5. Indivíduo hipócrita, fingido.

Houaiss: fariseu *adj.s.m.* (sXIII) 1 relativo a ou membro de grupo religioso judaico, surgido no sII a.C., que vivia na estrita observância das escrituras religiosas e da tradição oral; o grupo foi acusado de formalista e hipócrita pelos Evangelhos 2 que ou aquele que segue de maneira formalista uma religião 2.1 que ou aquele que, por observar fielmente um dogma ou rito, se acredita dono da verdade e da perfeição, achando-se no direito de julgar e condenar a conduta de outrem a pretexto de dar ajuda 3 que ou aquele que ostenta piedade e virtude sem tê-las 4 *fig.* que ou quem é orgulhoso e hipócrita ☉ GRAM fem.: *fariseia* ☉ ETIM lat. *pharisaeus,a,um* 'id.'; f.hist. sXV *phariseu*

Michaelis: fariseu fa.ri.seu sm (gr *pharisaîos*) 1 Membro de uma antiga seita judaica que se distinguia pela observância estrita e formal dos ritos da lei mosaica. 2 Santarrão, hipócrita. 3 pop Homem feio e desgrenhado, cuja cara denota maldade.

FAVELADO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: favelado (fa.ve.la.do) Bras. a. 1. Que mora em favela sm. 2. Indivíduo que mora na favela [F.: favel(a) + -ado2.]


Aurélio: favelado [De *favela*¹ + -ado¹.] *Adj. S.m.* 1. *Bras.* Habitante de favela (1); favelista: 📖 “A favela de Santa Marta foi toda eletrificada pelos favelados com recursos arrecadados pelo grupo.” (*Jornal do Brasil*, 24.1.1982.).

Houaiss: favelado *adj.s.m.* (1961) *B* que ou aquele que habita em favela ('conjunto de habitações') ☉ ETIM *favela* + -ado; ver ¹*fav-*

Michaelis: favelado fa.ve.la.do sm (favela+ado3) Habitante das favelas.

FILISTEU — *etnónimo injurioso*

Aulete Digital: filisteu (fi.lis.teu) a. 1. Hist. Ref. aos filisteus, povo que habitava o litoral da antiga Palestina; FILISTINO sm. 2. Hist. Indivíduo filisteu; FILISTINO 3. Pej. Diz-se de pessoa de espírito vulgar, de interesses meramente materiais.

Aurélio: filisteu [Do hebr. *Phelischti*, pelo lat. *Philistaeu*, 'filisteu'.] *Adj.* 1. *Hist.* De, ou pertencente ou relativo aos filisteus, povo não semita estabelecido no litoral da Palestina desde o séc. XII a. C., e que, segundo a tradição bíblica, foi dominado pelo rei israelita Davi. • *S. m.* 2. Indivíduo dos filisteus. [Sin., nas acepç. 1 e 2: filistino¹.] 3. *Fig.* Burguês de espírito vulgar e estreito:  “Na Alemanha dos filisteus da cultura, o nome de Nietzsche, sobretudo depois do rompimento com Wagner e o wagnerismo, só é pronunciado com desdém e escárnio.” (Alberto Ramos, *Prosas de Ariel*, p. 112.) [Sin., nesta acepç.: *filistino*². Fem.: *filisteia*.]

Houaiss (2001): filisteu *adj.s.m.* (sXIII cf. FichIVPM) 1 relativo a ou povo não semita e inimigo dos hebreus que habitava a Filisteia ou Palestina, desde o sXII a.C.; filistino 2 *p.ext. pej.* que ou aquele que é ou se mostra inculto e cujos interesses são estritamente materiais, vulgares, convencionais; que ou aquele que é desprovido de inteligência e de imaginação artística ou intelectual • GRAM fem.: filisteia • ETIM do lat. *philistaei,ōrum* 'filisteus'; os filisteus bíblicos eram um povo dado como inimigo do povo eleito; na Alemanha do século XVII a pal. equivalente, *Philister*, passou a ser us. pelos estudantes de teologia para assinalar aqueles considerados inimigos dos estudantes e das coisas do espírito; no século XVIII, passou a significar, em línguas da Europa, 'pessoa de espírito tacanho', donde deriva a acp. 2 do português

Houaiss (2009): filisteu *adj.s.m.* (sXIII cf. FichIVPM) 1 relativo a ou povo não semita e inimigo dos hebreus que habitava a Filisteia ou Palestina, desde o sXII a.C.; filistino 2 *p.ext. pej.* que ou aquele que é ou se mostra inculto e cujos interesses são estritamente materiais, vulgares, convencionais; que ou aquele que é desprovido de inteligência e de imaginação artística ou intelectual • GRAM fem.: filisteia • ETIM do lat. *philistaei,ōrum* 'filisteus'

Michaelis: fi.lis.teu *adj+sm* (*hebr Pelishtí*) Que, ou o que era natural da Filistéia, região costeira da Palestina antiga. sm 1 *pop* Homem agigantado, brutamontes. 2 Burguês de espírito vulgar e estreito. *Fem:* *filistéia*.

FRANCÊS — *etnónimo injurioso*

Aulete Digital: francês (fran.cês) sm. 1. Pessoa originária da França (Europa) ou que tem a nacionalidade desse país. 2. Gloss. A língua falada na França, Bélgica, Mônaco, Luxemburgo, em parte da Suíça e do Canadá, bem como em certos países da América Central, África e Ásia. a. 3. Da França; típico desse país ou de seu povo (pintura francesa, literatura francesa, música francesa). 4. Realizado na França ou com o apoio (financeiro, logístico) vindo desse país (filme francês). 5. Do ou ref. ao francês (2). [Fem.: -cesa.] [Pl.: -ceses.] [E: Do fr. antigo *franceis*.] Falar francês 1 *Pop.* Manifestar intenção de pagar, ou efetivamente pagar. 2 Ter boa situação financeira.

Aurélio: francês [Do fr. ant. *franceis*.] *Adj.* 1. Da, ou pertencente ou relativo à França (Europa) ou aos seus habitantes. ~ *V.* *altura* — *a*, *asna* — *a*, *aspas* — *as*, *bilhar* —, *cena* — *a*, *dreno* —, *formato* —, *letra* — *a*, *pão* —, *parágrafo* —, *telha* — *a* e *viola* — *a*. *S. m.* 2. O natural ou habitante da França. 3. *Gloss.* Língua românica oficial da França, que procede do dialeto falado em Paris, cuja

expansão por todo o território francês ocorreu a partir do séc. XV. [V. *língua d'oïl*.] [É, igualmente, uma das línguas literárias e oficiais da Suíça, da Bélgica e do Canadá.] 4. Vocabulo dessa língua. [Flex.: *francesa* (ê), *franceses* (ê), *francesas* (ê).] ♦ Falar francês. *Fam.* 1. Pagar, ou dar a entender que pretende pagar. 2. Ter dinheiro; ser rico.

Houaiss (2001): francês *s.m.* (sXIII cf. FichIVPM) 1 aquele que é natural ou habitante da França 2 LING língua indo-européia do ramo itálico que se desenvolveu do lat.vulg. na Gália transalpina, com influência do frânc., e se tornou a língua oficial da França e de certos países de civilização francesa ■ *adj.* 3 que nasceu ou habita na França 4 da França; próprio da França <*civilização f.*> <*a gastronomia f.*> 5 relativo à língua us. na França ou em países de civilização francesa <*a sintaxe f.*> <*uma expressão f.*> 6 que apresenta determinadas características da França ou dos franceses, ou traços que lhes são atribuídos <*o intelectualismo f.*> 7 de autoria francesa <*um filme f.*> 8 *fig.* falsamente delicado; hipócrita, fingido ♦ f. moderno a língua francesa falada desde, aprox., 1600 d.C. • falar f. *fig. infm.* estar em excelente situação financeira <*depois de receber a herança, o João anda falando f.*> © ETIM top. *França* + *-ês*, desde o sXIII; conexo com os gentílicos arqueológicos, há no vocabulário culto port. *frâncico*, *frâncio*, *franco* (fundados no lat.); o lat. *Francĭa* 'país dos francos', já doc. em Ausônio (310-c.393 d.C.), deriva do lat. *francus* 'franco' (do frânc. **frank*, nome de povo) e é a fonte do port. *França*, esp. it. *Francia*, fr. ing. *France*; em al. registra-se *Frankreich* 'França', de *Frank(en)* 'franco(s)' e *Reich* 'império, reino'; desde o sV, o nome acompanha as variações territoriais determinadas pela história do país; ver *franc-* © COL franceada

Michaelis: francês fran.cês *adj* (fr ant franceis) Que pertence ou se refere à França. *sm* 1 O habitante ou natural da França. 2 O idioma francês.

FRANDUNO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: franduno *s. m.* || o que desprezou os usos do seu país para adotar os estranhos; presumido, afetado. || -,*adj.* diz-se das coisas imitadas, que não são naturais; estranho: Dizia estas coisas em trejeitos muito desnaturados e frandunos. (Camilo.) Nas orgias de uma celebrada Lais, que arrebanhava em sua casa as rameiras mais frandunas de Lisboa. (Idem, Carrasco, c. 7, p. 85, 3.^a ed.) F. r. Frandes, por Flandres.

Aurélio: franduno [Do top. *Frandes*, f. ant. de *Flandres*, + *-uno*.] *Adj.* 1. Que tem costumes estrangeirados. 2. Presumido, presunçoso, afetado.

Houaiss: franduno *adj.* (sXVII) 1 que adotou hábitos e modos estrangeiros 2 que denota afetação; presumido, pretensioso < *gesticulação f.* > © ETIM prov. rad. do top. *Frاند(es)* [por *Flandres*] + *-uno* © SIN/VAR ver sinonímia de *presumido* © ANT ver antonímia de *presumido*

Michaelis: franduno fran.du.no *adj* (de Frandes, pelo top Flandres) 1 Que esteve em Flandres. 2 Estrangeirado. 3 Afetado, presumido.

GAIJIN — *injúria étnica*

Aulete Digital: gaijin (Jap./gaijín.) *simpl.* 1. Estrangeiros (denominação dada pelos japoneses aos europeus e, mais tarde, pelos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil aos brasileiros) [F.: Do jap. gaijin, de gai - (estrangeiro) + -jin (pessoa).]

Aurélio: gaijin [gajdzin] [Jap., 'estrangeiro'; 'ocidental', f. sincopada de gaikokujin < gai, 'exterior', + koku, 'país', + jin, 'pessoa'.] S. 2 g e 2 n. 1. Estrangeiro (7). 2. Aquele que não pertence a dado grupo (esp. o do falante). 3. Aquele que não tem ascendência japonesa. [Há registros, em port., como *adj.* 2g 2n. na 1.^a acepç. Em certos contextos, por vezes, us. deprec.]

Houaiss: *gaijin* \gajziN\ [jap.] *s.m.pl.* (c1900) estrangeiros (us. pej. pelos japoneses para designar os europeus e, pelos primeiros imigrantes do Japão, para referir-se aos nativos do Brasil) 1 estrangeiros (us. pej. pelos japoneses para designar os europeus e, pelos primeiros imigrantes do Japão, para referir-se aos nativos do Brasil) © ETIM jap. *gaijin*, de *gai-* 'externo, estrangeiro' + *-jin* 'pessoa'

Michaelis: ∅

GALEGADA — *etnônimo injurioso*

Aulete: galegada s. f. || (pop.) ajuntamento ou multidão de galegos. || (Pleb.) Dito ou ação brutal; incivilidade, grosseria. || (Bras.) (deprec.)- Os portugueses. F. Galego.

Aurélio: galegada [De *galego* + *-ada*¹.] *S. f.* 1. Dito ou ação de galego. 2. Multidão de galegos. 3. *Bras. Gtr.* Tolicie, calinada. 4. *Bras. S. Deprec.* A colônia portuguesa.

Houaiss (2001): galegada *s.f.* (1789) *B infrm. pej.* 1 ato, dito ou comportamento próprio de galego ('indivíduo nascido em Portugal'); galeguice 2 (1789) conjunto ou grupo de galegos 3 ato impensado; ignorância, estupidez © ETIM *galego* + *ada* © SIN/VAR ver antonímia de *delicadeza* © ANT ver sinonímia de *delicadeza*

Houaiss (2009): galegada *s.f.* (1789) *B infrm. pej.* 1 ato, dito ou comportamento próprio de galego ('indivíduo nascido em Portugal'); galeguice 2 conjunto ou grupo de galegos 3 ato impensado; ignorância, estupidez ☞ ver USO a seguir © USO o emprego pej. desta pal. resulta da antiga tradição xenófoba portuguesa, que no Brasil gerou outro estereótipo, dessa vez, voltado contra os próprios portugueses © ETIM *galego* + *ada* © SIN/VAR ver antonímia de *delicadeza* © ANT ver sinonímia de *delicadeza*

Michaelis: ga.le.ga.da sf (galego+ada1) 1 Multidão de galegos. 2 Ação ou dito de galego. 2 fam Brutalidade. 4 Incivilidade, insolência.

GALEGO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: galego (ga.le.go) [ê] sm. 1. Pessoa nascida ou que vive na Galiza (Espanha). 2. A língua falada na Galiza. 3. Bras. Pessoa nascida em Portugal, esp. as de pouca instrução. 4. N.E Pop. Pessoa loura. a. 5. Da Galiza (Espanha); típico dessa região ou de seu povo. 6. Ref. à língua falada na Galiza. [F.: Do lat.gallaeci,orum.]

À galega

1 Inf. Bras. Pej. Desleixadamente, sem cuidado, de qualquer maneira.

Aurélio: galego (ê) [Do lat. *gallaecu.*] *Adj.* 1. Da, ou pertencente ou relativo à Galiza (Espanha). ~ V. *gaita* —a. • *S. m.* 2. O natural ou habitante da Galiza. 3. *Gloss.* Língua românica falada na Galiza (Espanha). [Sin., nessas acepç.: *galaico.*] 4. *Bras. Deprec.* Português (2). [Há outras muitas alcunhas dadas por brasileiros a portugueses, algumas delas já fora de uso: *abacaxi, bicudo, boaba* ou *boava, emboaba* ou *emboava, candango, caneludo, chumbinho, cotruco, cupé, cutruca, jaleco, japona, labrego, marabuto, marinheiro, maroto, marreta, mascate, matruco, mondrongo, novato, parrudo, pé de chumbo, portuga, puça, sapatão, talaveira.*] 5. *Bras. RS V. carimboto.* 6. *Bras. N.E. SC* Estrangeiro, sem distinção de nacionalidade. 7. *Bras. N.E.* Indivíduo louro.

Houaiss (2001): galego /ê/ *adj.s.m.* (887) 1 relativo a Galiza (Espanha) ou o que é seu natural ou habitante; galaico, galeco, galeciano 2 LING diz-se de ou língua românica, muito próxima do português, falada na Galiza (Espanha) ■ *s.m.* 3 *B pej.* indivíduo nascido em Portugal, esp. os de mais baixo nível de cultura 4 *B N.E.* e *SC pej.* qualquer estrangeiro; gringo 6 *P infrm.* carregador de bagagens ou transportador de fretes, freq. natural da Galiza 7 *P infrm.* indivíduo

que trabalha arduamente, que realiza trabalho pesado <trabalhou como um g. para educar os filhos>
8 P pej indivíduo rude, grosseiro; labrego 9 ALT pej. o que é natural ou oriundo do Norte do Portugal, esp. da região das Beiras 10 HIST RS pej. m.q. CARIMBOTO ☆ à galega B infirm pej. sem capricho, apressadamente <fez o trabalho à g.> ◉ ETIM do lat. *gallaeci,órum* pl. ‘galecos, habitantes da Galiza’ ◉ SIN/VAR como subst. pej.: abacaxi, bicudo, boaba, boava, candango, caneludo, chumbinho, cotruco, cupé, cutruca, emboaba, emboava, jaleco, japona, labrego, marabuto, marinho, maroto, marreta, mascate, mondrongo, novato, parrudo, pé de chumbo, portuga, puça, sapatão, talaveira; ver tb. sinonímia de *ávena* e *carimboto* ◉ COL galegada

Houaiss (2009): galego \ê\ *adj.s.m.* (887) 1 relativo a Galiza (Espanha) ou o que é seu natural ou habitante; galaico, galeco, galeciano 2 LING diz-se de ou língua românica, muito próxima do português, falada na Galiza (Espanha) ■ *s.m.* 3 B pej. indivíduo nascido em Portugal, esp. os de mais baixo nível de cultura 4 B N.E. SC pej. qualquer estrangeiro; gringo ☞ ver USO no verbete *galegada* 5 B N.E. indivíduo louro 6 HIST RS pej. m.q. CARIMBOTO ☆ à galega B infirm pej. sem capricho, apressadamente <fez o trabalho à g.> ◉ ETIM do lat. *gallaeci,órum* pl. ‘galecos, habitantes da Galiza’ ◉ SIN/VAR como subst. pej.: abacaxi, bicudo, boaba, boava, candango, caneludo, chumbinho, cotruco, cupé, cutruca, emboaba, emboava, jaleco, japona, labrego, marabuto, marinho, maroto, marreta, mascate, mondrongo, novato, parrudo, pé de chumbo, portuga, puça, sapatão, talaveira; ver tb. sinonímia de *ávena* e *carimboto* ◉ COL galegada

Houaiss (on-line): galego \ê\

adjetivo e substantivo masculino (887)

1 relativo à Galiza (noroeste da Espanha) ou o que é seu natural ou habitante; galaico, galeciano

2 ling diz-se de ou língua românica, muito próxima do português, falada na Galiza (Espanha) cf. galego-português

substantivo masculino

3 B pej. indivíduo nascido em Portugal, esp. os de mais baixo nível de cultura ver USO a seguir

4 B N.E. SC pej. qualquer estrangeiro; gringo ver USO a seguir

5 TO B N.E. indivíduo louro ou ruivo

6 (1540) P infirm. carregador de bagagens ou transportador de fretes, freq. natural da Galiza

7 P infirm. indivíduo que trabalha arduamente, que realiza trabalho pesado
< trabalhou como um g. para educar os filhos >

8 P pej. indivíduo rude, grosseiro; labrego ver USO a seguir

9 ALT pej. o que é natural ou oriundo do norte de Portugal, esp. da região das Beiras

10 hist RS pej. m.q. carimboto

Locuções

à galega B infirm. pej.

sem capricho, apressadamente

< fez o trabalho à g. >

Uso

a) as acp. 3, 4, assim como a loc. à galega, resultam de antiga tradição xenófoba portuguesa, que no Brasil gerou outro estereótipo pej., dessa vez voltado contra os próprios portugueses; b) a acp. 8 resulta da antiga tradição xenófoba portuguesa

Etimologia

do lat. *gallaeci,ōrum* pl. 'galecos, habitantes da Gallaecia 'Galécia (atual Galiza)' (Plínio, 23-79) ou *Gallicia* 'Galícia (atual Galiza)' (I. de Sevilha, 560-636); a var. Galiza supõe fonetismo popular; de orig.celta, o rad. lat. *gall-* alterna com *call-* no sing. *gallaecus/callaecus* ou *gallaicus/callaicus* 'galego' e pl. *gallaici/callaici* 'galegos'; ocorre tb no lat. *callenses* pl. 'habitantes de cidade da Hispânia bética *Portus Callis*, *Portus Calle* ou *Portus Cale* > Portugal'; cp. Igaliciano; ver *galeg-*; f.hist. 887 gallego, sXIII galego

Sinônímia e Variantes

como subst. pej.: abacaxi, bicudo, boaba, boava, candango, caneludo, chumbinho, cotruco, cupé, cutruca, emboaba, emboava, jaleco, japona, labrego, marabuto, marinheiro, maroto, marreta, mascate, mondrongo, novato, parrudo, pé de chumbo, portuga, puça, sapatão, talaveira; ver tb. sinonímia de carimboto

Coletivo

galegada

Homonímia

galega /ê/ (f.) / galega /ê/ (s.f.)

Michaelis: ga.le.go (ê) adj (*lat gallaecu*) 1 Da Galiza (Espanha) ou relativo a ela. 2 Designativo de várias plantas e animais da Galiza ou das províncias do Norte de Portugal. 3 Qualifica variedades de limão, de centeio, de feijão, de linho. *sm* 1 O habitante ou natural da Galiza. 2 Dialeto da Galiza. 3 *pop* Homem incivil, de condição baixa. 4 Nome que os republicanos do Rio Grande do Sul davam aos imperialistas. 5 Marinheiro.

GAMBÉ — *injúria étnica*

Aulete Digital: gambé (gam.bé) sm. 1. Bras. Pop. Pej. Policial, tira [F.: De or. incerta.]

Aurélio: ∅

Houaiss: ∅

Michaelis: ∅

GASCÃO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: gascão (gas.cão) sm. 1. Pessoa nascida ou que vive na Gasconha (região do Sudoeste da França) 2. Gloss. Dialeto da Gascônia, conhecido como occitano 3. Fig. Indivíduo que gosta de bravatear, de contar vantagem a. 4. Da Gasconha: típico desse país ou de seu povo 5. Diz-se do dialeto ali falado [Acp. 1 e 4, fem. gascoa [ô].] [Pl.: -ões.Acp. 1 e 4, fem. gascoa [ô].] [F.: Do fr. gascon]

Aurélio: gascão [Do fr. *gascon*.] *Adj.* 1. De, ou pertencente ou relativo à Gasconha (França). *S. m.* 2. O natural ou habitante da Gasconha. 3. *Gloss.* Língua românica (também classificada como dialeto) dessa região; occitânico. 4. *Fig.* Fanfarrão, parlapatão.

Houaiss (2001): gascão *adj.s.m.* (sXIII) 1 que ou aquele que é natural da Gasconha (região do sudoeste da França) 2 diz-se de ou dialeto da Gascônia, classificado como occitano, não obstante as diferenças que apresenta em relação a este, sobretudo na língua falada ■ *adj.* 3 da Gasconha; próprio da Gasconha ■ *s.m.* 4 *fig.* indivíduo que conta bravatas, que alardeia coragem; fanfarrão, parlapatão ⊙ GRAM como *adj.* fem.: *gascoa* /ô/ ETIM fr. *gascon* (c1100) 'id.', do lat. *Vascones* (nome de orig. pré-românica que designava um povo habitante das vertentes dos Pireneus) > *Wascones*; f. hist. sXIII *gascon*, 1623 *gascão* ⊙ SIN/VAR como *s.m.*: ver sinonímia de *gabola* ⊙ ANT como *s.m.*: ver antonímia de *presumido*

Houaiss: *gascão* *adj.s.m.* (sXIII) 1 que ou aquele que é natural da Gasconha (região do sudoeste da França) 2 diz-se de ou dialeto da Gascônia, classificado como occitano, não obstante as diferenças que apresenta em relação a este, sobretudo na língua falada ■ *adj.* da Gasconha; próprio da Gasconha ■ *s.m. fig.* indivíduo que conta bravatas, que alardeia coragem; fanfarrão, parlapatão ⊙ GRAM como *adj. fem.:* *gascoa* /ô/ ETIM fr. *gascon* (c1100) 'id.', do lat. *Vascones* (nome de orig. pré-românica que designava um povo habitante das vertentes dos Pireneus) > *Wascones*; f. hist. sXIII *gascon*, 1623 *gascão* ⊙ SIN/VAR como *s.m.:* ver sinonímia de *gabola* ⊙ ANT como *s.m.:* ver antonímia de *presumido*

Michaelis: *gascão* *gas.cão* *adj* (fr *gascon*) 1 Da Gasconha (França) ou relativo a ela. 2 Natural da Gasconha. *sm* 1 O natural da Gasconha. 2 Dialeto da Gasconha. 3 Fanfarrão, parlapatão. *sm pl ant* Peças do freio do canhão.

GAZETEIRO — *injúria étnica*

Aulete Digital: *gazeteiro* *gazeteiro*1 (*ga.ze.tei.ro*) *a.* 1. Diz-se de pessoa que publica ou redige gazetas 2. Diz-se de pessoa que difunde notícias sem fundamento, sem veracidade *sm.* 3. Qualquer dessas pessoas 4. Bras. Vendedor de gazetas ou jornais; JORNALEIRO [F.: *gazeta*1 + *-eiro*]

Aurélio: *gazeteiro*¹ [De *gazeta*¹ + *-eiro.*] *S. m.* 1. *Deprec.* Jornalista; noticiarista. 2. *Bras.* Vendedor de jornais; jornaleiro.

Houaiss: ¹*gazeteiro* *adj.s.m.* (1646) *pej.* 1 que ou aquele que publica ou redige gazetas; jornalista 2 que ou aquele que espalha notícias infundadas; mentiroso, noveleiro 3 *B* vendedor de gazetas ou jornais; jornaleiro ⊙ ETIM ¹*gazeta* + *-eiro*

Michaelis: *gazeteiro*1 *ga.ze.tei.ro*1 *sm* (*gazeta*1+*eiro*) 1 Pessoa que redige ou publica gazetas. 2 *pej* Jornalista, noticiarista. 3 Vendedor de jornais.

GRINGO — *injúria étnica*

Aulete Digital: *gringo* (*grin.go*) *sm.* 1. Bras. *Pej. Pop.* Pessoa estrangeira: No carnaval, o Rio fica cheio de gringos. 2. Bras. *N.E. Pop.* Mercador ambulante estrangeiro. [Col. *gringada*, *gringalhada.*] [F.: Do *espn.* *gringo.*]

Aurélio: *gringo* [Do *esp.* *gringo*, poss. do *esp.* *griego*, 'grego'.] **S. m.** 1. *Bras. Pop. Deprec. V. estrangeiro* (7). 2. *Bras. N.E. Pop.* Mascate (1) estrangeiro.


Houaiss (2001): *gringo* *s.m.* (sXIX cf. AGC) 1 *B infrm. pej.* indivíduo estrangeiro, esp. quando louro ou ruivo, diferente do padrão mais encontrado no país 2 *B infrm. pej.* qualquer indivíduo estrangeiro, residente em ou de passagem pelo país, esp. quando falante de língua não vernácula 3 *B N.E. infrm.* mercador ambulante de outra nacionalidade ⊙ ETIM *esp.* *gringo* (sXVIII), segundo Corominas, deformação de *griego* 'grego' (> *grigo* > *gringo*), com o sentido de língua incompreensível em comparação ao latim; na Espanha, aplicado apenas à linguagem, foi us. na América em relação aos estrangeiros, que falavam uma linguagem ininteligível ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de *ávena* ⊙ ANT ver antonímia de *ávena* ⊙ COL *gringada*, *gringalhada*

Houaiss (2009): *gringo* *s.m.* (sXIX) 1 *B infrm. pej.* indivíduo estrangeiro, residente em ou de passagem pelo país 2 *B N.E. infrm.* mercador ambulante de outra nacionalidade ⊙ ETIM *esp.* *gringo*, segundo Corominas, deformação de *griego* 'grego' (> *grigo* > *gringo*), com o sentido de língua incompreensível em comparação ao latim ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de *ávena* ⊙ ANT ver antonímia de *ávena* ⊙ COL *gringada*, *gringalhada*

Michaelis: grin.go *sm* (*cast gringo*) *pej* 1 Estrangeiro louro ou ruivo. 2 Mascate estrangeiro.

HISTRÃO — *etnónimo injurioso*

Aulete Digital: histrião (his.tri:ão) *sm*. 1. Teat. Ator de comédia; COMEDIANTE; CÔMICO 2. Fig. Indivíduo que provoca riso; PALHAÇO 3. Pej. Pessoa ridícula, vil, pelos atos desprezíveis que pratica. 4. Teat. Jogral que no antigo teatro romano representava as farsas da época. [Pl.: -ões.] [E.: Do lat. *histrion*, *onis*.]

Aurélio: histrião [Do lat. *histrione*.] **S. m.** *Teatr.* 1. No antigo teatro romano, cada um dos mimos [v. mimo² (2)], jograis ou comediantes etruscos que representavam as fábulas ou farsas do período. 2. *Teatr. P. ext.* Farsista, comediante, cômico:  “Felizmente, a humanidade não se compõe só de histriões; embora nela predominem os que tomam a vida como uma comédia” (Oliveira Martins, *A Vida de Nun’Álvares*, p. 352). 3. Bufão, palhaço, bobo. 4. Indivíduo ridículo, ou vil, abjeto.

Houaiss: histrião *s.m.* (1685 cf. AVSerm) 1 TEAT entre os antigos romanos, jogral ou comediante que representava as farsas populares da época; bufão 2 *p.ext.* TEAT comediante, cômico 3 *fig* indivíduo palhaço, farsista 4 *pej.* pessoa vil, pela abjeção dos atos que pratica © ETIM lat. *histrion,ōnis* 'histrião, ator de mimos'; f.hist. a1697 *estrioens*, 1713 *histrion*, 1713 *istrian* © SIN/VAR ver sinonímia de *comediante e truão*

Michaelis: his.tri.ão *sm* (*lat histrione*) 1 Vil comediante, cabotino, farsista. 2 *fig* Charlatão. 3 *fig* Hipócrito. 4 Homem abjeto pelo seu procedimento. 5 Palhaço.

JAPONA — *injúria étnica*

Aulete Digital: japona (ja. po. na) *sf.1.* Mar. Casaco de lã pesado, azul-marinho, us. por oficiais e praças por cima do uniforme. 2. Vest. Casaco esportivo de lã grossa ou material sintético. *s.2g.* 3. Bras. Pop. Alcinha dada aos japoneses. [E.: Substv. de japona, fem. ant. de japão, do top Japão]

Aurélio: japona¹ [Subst. de japona, fem. ant. de japão (o moderno é japo — q. v.).] Substantivo feminino. 1.Mar. Abrigo de frio, curto, espécie de jaquetão em geral de pano azul-ferrete, us. por oficiais e praças por cima do uniforme: “Moços e marinheiros, encolhidos e trêmulos de frio, nas suas já alagadas japonas d’oleado, cantavam pressagamente” (Virgílio Várzea, *Nas Ondas*, p. 16). 2. Casaco esportivo, de lã grossa, inspirado no modelo da japona (1), e adotado na indumentária masculina e feminina. 3.Bras. Alcinha dada aos portugueses. V. galego (4).

japona² [Der. regress. de japonês.] Substantivo de dois gêneros. 1.Bras. Alcinha dada aos japoneses.

Houaiss (2001): japona *sf.* (1881) 1 MAR agasalho curto, ger. de lã grossa e com feitiço de jaquetão, quase sempre na cor azul-ferrete, que oficiais e praças us. por cima do uniforme 2 *p.ext.* VEST agasalho esportivo, de lã grossa ou tecido sintético, de feitiço semelhante ao da japona (acp. 1) 3 ANGIOS *P m.q.* *NESPEREIRA* (*Eriobotrya japonica*) 4 *ant.* mulher japonesa ❖ *s.2g B* 5 *infrm.* indivíduo nascido no Japão; japonês 6 *pej. obsl.* indivíduo nascido em Portugal © GRAM fem. (ant.) de *japão* © ETIM substv. de *japona*, fem. ant. de *japão* ('japonês'), este sob a f.rad. *japon-* com desenvolvimento de consoante nasal dental+ *-a*, desin. de fem.; segundo Nasc, a acp. 'alcinha dos portugueses' se deve ao fato de os imigrantes usarem *japonas* © SIN/VAR como *s. 2g.*: ver sinonímia de *galego*

Houaiss (2009): japona *s.f.* (1881) 1 MAR agasalho curto, ger. de lã grossa e com feitiço de jaquetão, quase sempre na cor azul-ferrete, que oficiais e praças us. por cima do uniforme 2 *p.ext.* VEST agasalho esportivo, de lã grossa ou tecido sintético, de feitiço semelhante ao da japona (acp. 1) 3 ANGIOS *P m.q.* NESPEREIRA (*Eriobotrya japonica*) 4 *ant.* mulher japonesa ❖ *s.2g B* 5 *infrm.* indivíduo nascido no Japão; japonês 6 *pej. obsl.* indivíduo nascido em Portugal © GRAM fem. (ant.) de *japão* © ETIM substv. de *japona*, fem. ant. de *japão* ('japonês'), este sob a f.rad. *japon-* + *-a*, desin. de fem.; segundo Nasc, a acp. 'alcunha dos portugueses' se deve ao fato de os imigrantes usarem *japonas* © SIN/VAR como *s.2g*: ver sinonímia de *galego* © HOM japona (f.japão[adj.s.m.]

Michaelis: japona² ja.po.na² sm (der regressiva de japonês) Alcinha dos japoneses.

JAPONESADA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: japonesada (ja.po.ne.sa.da) *sf.* 1. Grupo de japoneses. 2. Conjunto dos japoneses. 3. Ato ou dito próprio dos japoneses. [F.: japonês + -ada².]

Aurélio: ∅

Houaiss: japonesada *s.f. pej.* 1 grupo de japoneses 2 o japonês (os japoneses em geral) 3 ação ou dito próprio dos japoneses; japonesice © ETIM *japonês* + *-ada* © SIN/VAR japonesa

Michaelis: japonesada ja.po.ne.sa.da *sf* (japonês+ada¹) 1 Porção de japoneses. 2 Japonesice.

JECA — *injúria étnica*

Aulete Digital: jeca (je.ca) *a2g.* 1. Bras. Pej. Diz-se de quem ou que vive no meio rural; MATUTO; ROCEIRO; CAIPIRA 2. Diz-se de que ou quem tem mau gosto, falta de refinamento; BREGA [antôn.: Antôn.: chique] *s2g.* 3. Bras. Pej. Aquele que é matuto, roceiro, caipira. [F.: F. red. de *jeca-tatu*.]

Aurélio: jeca [F. red. de *jeca-tatu*.] *Bras. S. 2 g.* 1. V. *caipira* (1). • *Adj. 2 g.* 2. V. *caipira* (3 a 5). 3. *P ext.* V. *cafona* (1).

Houaiss (2001): jeca *s.2g* (1918) B *m.q.* JECA-TATU ■ *adj.2g* B 1 que habita o meio rural; caipira 2 que revela mau gosto, falta de refinamento; cafona, ridículo © ETIM f.hist. 1918 *geca*, c1922 *jeca* © SIN/VAR ver sinonímia de caipira Antonímia ver antonímia de *caipira*

Houaiss (2009): jeca *s.2g* (1918) B *m.q.* JECA-TATU ■ *adj.2g* B 1 que habita o meio rural; caipira 2 que revela mau gosto, falta de refinamento; cafona, ridículo © ETIM red. de *jeca-tatu*; f.hist. 1918 *geca*, c1922 *jeca* © SIN/VAR ver sinonímia de caipira Antonímia ver antonímia de *caipira*

Michaelis: jeca je.ca sm (de Jeca, hipocorístico) V caipira (acepções 1 e 2). J.-tatu: nome e símbolo do roceiro paulista, quando doente e desanimado.

JESUÍTA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: jesuíta (je.suí. ta) sm. 1. Rel. Membro da Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada no séc. XVI por Santo Inácio de Loyola. 2. Pej. Indivíduo dissimulado, falso, hipócrita. *a2g.* 3. Rel. Ref. à ordem religiosa ou a seus seguidores (colégio jesuíta) [F.: Do it. *gesuíta* < lat. mod. *jesuíta*. Sin. ger.: *inaciano*]

Aurélio: jesuíta [Do lat. mod. *jesuita*.] **S. m.** 1. Membro da Sociedade de Jesus ou Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola (1491-1556); loyolista. 2. *Fig. Deprec.* Indivíduo dissimulado, astucioso, fingido, hipócrita. [Sin. ger.: *inaciano* e (deprec.) *loyola*.]

Houaiss: jesuíta adj.2g.s.m. (1614 SGoñç II 175) 1 diz-se de ou membro da Companhia de Jesus, ordem secular fundada em 1540 por Inácio de Loyola (1491-1556, religioso espanhol) 2 *fig. pej.* que ou aquele que é dado a intrigas; dissimulado, hipócrita, loiola ■ *adj.2g.* 3 m.q. **JESUÍTICO** ● ETIM it. *gesuíta* (1585) 'religioso da Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola, em 1540', form. de *Gesu* 'Jesus' + *-ita* 'seguidor, adepto, partidário'; cp. port. *Jesu(s)* + *-ita*; f.hist. 1752 *gezuíta* ● SIN/VAR *inaciano*; ver sinonímia de *fingido* ● COL jesuitada

Michaelis: je.su.í.ta *adj* (*Jesu, np+ita*) Referente aos jesuítas. *sm* Membro da Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loiola.

JUDEU — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: judeu (ju.deu) *sm.* 1. Hist. Pessoa da antiga tribo de Judá 2. Hist. Pessoa do antigo reino hebreu de Judá (Sul da Palestina) 3. Hist. Pessoa nascida ou que vivia na Judeia, antiga região da Palestina 4. Quem pratica o judaísmo: Os judeus confraternizaram -se com os cristãos no culto ecumênico. 5. Bras. Cul. Variedade de bolo de milho 6. MG Cul. Virado de frango ao molho pardo e carne de porco 7. MG Refeição noturna; CEIA a. 8. Ref. à antiga tribo de Judá 9. Ref. ao antigo reino hebreu de Judá (c930-586 a.C.), na Palestina 10. Do povo originado dessa tribo, desse reino ou dessa região; HEBREU; ISRAELITA 11. Que pratica ou se identifica com o judaísmo; HEBREU; ISRAELITA: Os brasileiros judeus apoiaram a medida. 12. Dos judeus (1) (povo judeu) [Nesta acp., refere-se ger. a pessoas; para referência a coisas, ver judaico.]

Aurélio: judeu [Do lat. *judaeu* < gr. *ioudaïos* < hebr. *Iehudi*, 'descendente de Iehudá', < antr. hebr. *Iehudá*, um dos doze filhos de Israel; tribo desse filho que deu origem ao reino de Judá.] *Adj.* 1. Da, ou pertencente ou relativo à Judeia, antiga região da Ásia. 2. Judaico. 3. Diz-se de indivíduo que pertence ao povo, à comunidade judaica; israelita ● **S. m.** 4. O natural ou habitante da Judeia. 5. Aquele que segue a religião judaica. 6. Indivíduo que pertence ao povo, à comunidade dos judeus; israelita. 7. *Deprec.* Indivíduo avaro, usurário. 8. *Bras.* Espécie de virado ou tutu de feijão. 9. *Bras.* Espécie de bolo de milho. 10. *Bras. Pop. V. turco* (7). 11. *Bras. MG Ceia* (1): ♀ "As negras fazem para nós um judeu de frangos de molho pardo, lombo de porco, arroz e angu." (Helena Morley, *Minha Vida de Menina*, p. 32) 12. *Bras. SC* Alcinha que os conservadores, ditos cristãos, davam aos liberais. 13. *Bras. Zool. V. papa-terra* (3). [Fem. (nas acepç 1 a 7 e, bras., 10 e 12: *judia*.] ◆ Judeu errante. Indivíduo que está sempre viajando.

Houaiss (2001): judeu *adj.s.m.* (1018) 1 HIST relativo à antiga tribo de Judá ou indivíduo dessa tribo 2 *p.ext.* HIST relativo ao antigo reino hebreu de Judá (c930-586 a.C.), na Palestina meridional, ou o que é seu natural ou habitante 3 HIST *p.us.* relativo à Judéia, região meridional da Palestina (esp. sob o domínio persa, helênico ou romano) ou o que é seu natural ou habitante 4 HIST relativo a ou descendente do povo originado dessa tribo, desse reino ou dessa região; hebreu, israelita 5 diz-se de ou indivíduo nascido de mãe judia, ou de pai e mãe judeus; israelita 6 REL que ou aquele que segue a religião e/ou a tradição judaica; hebreu, israelita ■ *adj.* 7 m.q. **JUDAICO** ■ *s.m.* 8 indivíduo nômade; cigano 9 *infrm. pej.* pessoa usurária, avarenta 10 *AM infrm.* o natural ou habitante da Síria 11 nos trabalhos de mineração, feixe de capim, com pedras dentro, com que se formam tapumes 12 *CUL B* espécie de bolo de milho 13 *CUL MG* espécie de virado de frango ao molho pardo, lombo de porco, arroz ou angu 14 *MG* m.q. *CEIA* 15 *ICT B* m.q. **BETARA** (*Menticirrhus americanus*) 16 *POL SC* alcinha dada pelos conservadores, ditos cristãos, aos liberais ☆ j. errante 1 personagem lendário condenado a errar pelo mundo até o final dos tempos 2 *p.ext.* pessoa que não se fixa, que está sempre em trânsito, viajando ● j. marcado *ant.* na Idade Média, judeu a quem era permitido viver entre os cristãos, sob a

condição de levar um sinal de identificação sobre o ombro ◉ GRAM fem.(acp. 1 a 11): *judia* ◉ ETIM lat. *judaeus,a,um* 'judeu, da Judéia', do gr. *ioudaîos,a,on* 'relativo à tribo de Judá; judeu, partidário do judaísmo' < hebr. *yehudi* 'habitantes do reino de Judá'; f. hist. 1018 *iudeos*, 1272 *judeu*, sXIII *judeo*, sXIV *iudeus* ◉ COL judaicidade, judeidade

Houaiss (2009): judeu *adj.s.m.* (1018) 1 HIST relativo à antiga tribo de Judá ou indivíduo dessa tribo 2 *p.ext.* HIST relativo ao antigo reino hebreu de Judá (c930-586 a.C.), na Palestina meridional, ou o que é seu natural ou habitante 3 HIST *p.us.* relativo à Judéia, região meridional da Palestina (esp. sob o domínio persa, helênico ou romano) ou o que é seu natural ou habitante 4 HIST relativo a ou descendente do povo originado dessa tribo, desse reino ou dessa região; hebreu, israelita 5 diz-se de ou indivíduo nascido de mãe judia, ou de pai e mãe judeus; israelita 6 REL que ou aquele que segue a religião e/ou a tradição judaica; hebreu, israelita ■ *adj.* 7 m.q. *JUDAICO* ■ *s.m.* 8 *infrm. pej.* pessoa usurária, avarenta [Esta acp. resulta da atividade de emprestar dinheiro, interdita aos cristãos na Idade Média, mas não aos judeus] 9 CUL espécie de bolo de milho 10 CUL *MG* espécie de virado de frango ao molho pardo, lombo de porco, arroz ou angu 11 ICT *B* m.q. *BETARA* (*Menticirrhus americanus*) 12 POL *SC* alcunha dada pelos conservadores, ditos cristãos, aos liberais ☆ j. errante 1 pessoa que não se fixa, que está sempre em trânsito, viajando ◉ GRAM fem.(acp. 1 a 8): *judia* ◉ ETIM lat. *judaeus,a,um* 'judeu, da Judéia', do gr. *ioudaîos,a,on* 'relativo à tribo de Judá' ◉ COL judaicidade, judeidade

Houaiss (on-line): judeu

adjetivo e substantivo masculino (1018)

1 hist relativo à antiga tribo de Judá ou indivíduo dessa tribo

2 *p.ext.* hist relativo ao antigo reino hebreu de Judá (c930-586 a.C.), na Palestina meridional, ou o que é seu natural ou habitante

3 hist *p.us.* relativo à Judeia, região meridional da Palestina (esp. sob o domínio persa, helênico ou romano) ou o que é seu natural ou habitante

4 hist relativo a ou descendente do povo originado dessa tribo, desse reino ou dessa região; hebreu, israelita

5 diz-se de ou indivíduo nascido de mãe judia, ou de pai e mãe judeus; israelita

6 rel que ou aquele que segue a religião e/ou a tradição judaica; hebreu, israelita

adjetivo

m.q. judaico

substantivo masculino

7 indivíduo nômade, errante

8 *infrm. pej.* pessoa usurária, avarenta ver USO a seguir

9 AM *infrm.* o natural ou habitante da Síria

10 nos trabalhos de mineração, feixe de capim, com pedras dentro, com que se formam tapumes

11 cul *B* espécie de bolo de milho

12 cul *MG* espécie de viradinho ou tutu de feijão

13 *MG* m.q. ceia ('refeição da noite')

< servir um j. de muitas iguarias >

14 ict *B* m.q. betara (*Menticirrhus americanus*)

15 pol *SC* alcunha dada pelos conservadores, ditos cristãos, aos liberais

Locuções

j. errante

1 personagem lendário condenado a errar pelo mundo até o final dos tempos

2 *p.ext.* pessoa que não se fixa, que está sempre em trânsito, viajando

j. marcado

na Idade Média, judeu a quem era permitido viver entre os cristãos, sob a condição de levar um sinal de identificação sobre o ombro

Gramática

fem.(acp. 1 a 10): judia

Uso

a acp. 9 resulta de antiga tradição antissemita de origem europeia

Etimologia

lat. *judaicus*, a, um 'judeu, da Judeia', do gr. *ioudaios*, a, on 'relativo à tribo de Judá; judeu, partidário do judaísmo' < hebr. *yehudi* 'habitantes do reino de Judá'; f.hist. 1018 *iudeos*, 1272 *judeu*, sXIII *judeo*, sXIV *iudeus*


Coletivo

judaicidade, judeidade, judaria, judiaria

Michaelis: judeu *ju.deu* adj (lat *judaeu*) Que diz respeito à Judeia ou aos judeus; hebreu, israelita. sm 1 O natural da Judeia. 2 O que descende dos antigos habitantes da Judeia. 3 O que segue o judaísmo. 4 Qualquer pessoa da raça hebreia. 5 Pessoa natural do Estado de Israel; israelense. 6 Espécie de bolo de milho. 7 Reg (Amazonas) Nome dado aos sírios. 8 Espécie de virado ou tutu de feijão. 9 Reg (Santa Catarina) Apelido dado aos liberais pelos conservadores denominados cristãos. 10 Feixe de capim, com pedras dentro, para formação dos tapumes em trabalhos de mineração. 11 Ictiol O mesmo que papa-terra, acepção 2. 12 Zool Macaco da Amazônia; cuxiú. Fem: judia. J. errante: diz-se do indivíduo que viaja muito.

LABREGO — *injúria étnica*

Aulete Digital: labrego (la.bre.go) [ê] a. 1. Que é grosseiro, rude 2. Ignorante, bronco sm. 3. Indivíduo rude, grosseiro 4. Pessoa ignorante 5. Arado que retira raízes da terra 6. BA Pop. Quartzo citrino [F.: Posv. do cast. labriego]

Aurélio: labrego (ê) [Do lat. *laborare* (> port. *lavar*, esp. *labrar*), como o esp. *labriego*.] Adj. 1. V. *lapuz*. 2. Fig. Malcriado, grosseiro. • S. m. 3. V. *lapuz*:  “Riamo-nos dos labregos, dos lapuzes, dos labrostes da falsa aristocracia.” (Agripino Grieco, *Zeros à Esquerda*, p. 193.) 4. Arado provido de varredouro para limpar da terra as raízes. 5. Bras. *Desus*. Alcinha de portugueses. V. *galego* (4). 6. Bras. BA Designação vulgar do falso topázio ou citrina.

Houaiss: labrego \ê\ *adj.s.m* (1647) 1 diz-se de ou homem rude do campo; camponês, vilão 2 (1716) *p.ext. pej.* que ou aquele que é ignorante 3 (1716) *p.ext. pej.* que ou quem não tem educação; que ou aquele que é malcriado, grosseiro ■ *s.m.* 4 (1716) AGR certo tipo de arado, munido de um varredouro entre as aivecas com que limpa da terra as raízes; lamego 5 hist *B pej. obsl.* alcinha que se deu aos portugueses nos tempos coloniais 6 GAR BA quartzo citrino 7 (1906) AGR lobisomem ou diabo ⊙ ETIM JM relaciona ao esp. *labriego* 'lavrador rústico', conexo com *lavar* e *labor*; RB (1716) aventa fonte no lat. *labrūsca,ae* 'videira brava' “porque de ordinário o Villão he agreste, & mal morigerado”; ver *labor* - ⊙ SIN/VAR como *adj.s.m.* ver sinonímia de *bronco* e *galego*; como *s.m.* ver sinonímia de *diabo* e de *lobisomem* ⊙ ANT delicado, polido; como *adj.:* ver antonímia de *tolo*

Michaelis: labrego la.bre.go (ê) adj (de labor) 1 pej Aplica-se ao aldeão ou camponês. 2 Grosseiro, malcriado, sem educação. Antôn (acepção 2): delicado, polido. sm 1 pej Homem rústico, aldeão, camponês. 2 Indivíduo mal-educado. 3 Espécie de arado, com um varredouro, para limpar a terra das raízes soltas. 4 Nome vulgar do falso topázio ou citrina.

Aulete Digital: ladino [la.di.no] a. 1. Que é astuto, esperto; FINÓRIO [antôn.: Antôn.: abobalhado, parvo.] 2. Ref. a ladino (4 e 5) 3. Bras. Dizia-se de escravo ou índio que já tinha alguma instrução sm. 4. Indivíduo ladino (1); ESPERTALHÃO; PILANTRA [antôn.: Antôn.: bestalhão, pateta.] 5. Gloss. Língua da família indo-europeia, grupo latino, falada por cerca de um milhão de pessoas no Leste da Suíça e Norte da Itália 6. Gloss. Língua falada na Europa central e meridional por judeus de origem ibérica, tb. chamada judeu-espanhol [F.: Do lat. *latinus,a,um*]

Aurélio: ladino [Do lat. *latinu.*] *Adj.* 1. Intelectualmente fino. 2. Astuto, manhoso, esperto; finório: 📖 “apareceu no Bairro um tal Pedro, falador, ladino, prometendo mundos e fundos aos jornaleros que quisessem ir com ele trabalhar no sertão de São Paulo.” (Amadeu de Queirós, *Os Casos do Carimbamba*, p. 74). 3. Nos séculos XVII e XVIII, dizia-se de estrangeiros e de negros que falavam bem o português. 4. Dizia-se do escravo que falava português e que, por essa razão, alcançava alto preço nas vendas para o Brasil, Índias Ocidentais e Orientais: 📖 “Acresce ainda ressaltar que o intercâmbio se fazia também em sentido contrário, já que Santiago se tornara um centro formador de ‘ladinos’” (Celso Cunha, *Língua, Nação e Alienação*, p. 46). 5. Quando da ocupação da Península Ibérica pelo Império Romano, dizia-se daqueles que aprendiam melhor o latim. 6. *Gloss. V. rético* (2). 7. Relativo a ladino (10). • *S. m.* 8. Indivíduo ladino (2). 9. *Gloss. V. rético* (4). 10. *Gloss.* Qualquer dos dialetos sefarditas falados na Grécia, Turquia, Palestina, Israel e N. da África; judeo-espanhol. ~ *V. ladinos.*

Houaiss (2001): ladino *adj. s.m.* (sXIV) 1 diz-se de ou indivíduo que revela inteligência, vivacidade de espírito; esperto 2 (sXV) diz-se de ou indivíduo cheio de manhas e astúcias; espertalhão, finório 3 LING diz-se de ou língua do ramo itálico da família indo-europeia, do sub-ramo latino-falisco, grupo latino, falada por cerca de um milhão de pessoas no Leste da Suíça e Norte da Itália; reto-romance, reto-românico, reto-romano [É muito fracionado dialetalmente, distinguindo-se três grupos de dialetos: o ocidental (grisão), o central (dolomítico), e o oriental (friúlco).] ☞ cf. *rético* 4 LING diz-se de ou língua do ramo itálico da família indo-europeia, que é um prolongamento do espanhol do sXV, enriquecido com grupo latino; falada por comunidades judaicas na Europa central e meridional (esp. na Bulgária, antiga Iugoslávia, Itália, Grécia, Turquia) e no Norte da África (Marrocos), foi trazida para esses países pelos judeus expulsos da Espanha em 1492, e guarda ainda muitos traços arcaicos do espanhol, esp. na fonética; judeo-espanhol ■ *adj.* 5 *ant.* castiço, puro, vernacular < *uma linguagem l.* > 6 *B* dizia-se do índio ou do escravo negro que já apresentava certo grau de aculturação 2 ☉ ETIM lat. *latīnus,a,um* 'latino'; divg. vulg. de *latino*; ver *latin(i)-*; f.hist. sXV *ladinho*, 1644 *ladino* ☉ SIN/VAR ver sinonímia de *espertalhão* e antonímia de *tolo* ☉ ANT mandu, tolo; ver tb. antonímia de *trapaceiro* e sinonímia de *tolo*

Houaiss (2009): ladino *adj. s.m.* (sXIV) 1 diz-se de ou indivíduo que revela inteligência, vivacidade de espírito; esperto 2 (sXV) diz-se de ou indivíduo cheio de manhas e astúcias; espertalhão, finório ver USO, a seguir 3 LING diz-se de ou língua do ramo itálico da família indo-europeia, do sub-ramo latino-falisco, grupo latino, falada por cerca de um milhão de pessoas no Leste da Suíça e Norte da Itália; reto-romance, reto-românico, reto-romano [É muito fracionado dialetalmente, distinguindo-se três grupos de dialetos: o ocidental (grisão), o central (dolomítico), e o oriental (friúlco).] ☞ cf. *rético* 4 LING diz-se de ou língua do ramo itálico da família indo-europeia, que é um prolongamento do espanhol do sXV, enriquecido com grupo latino; falada por comunidades judaicas na Europa central e meridional (esp. na Bulgária, antiga Iugoslávia, Itália, Grécia, Turquia) e no Norte da África (Marrocos), foi trazida para esses países pelos judeus expulsos da Espanha em 1492, e guarda ainda muitos traços arcaicos do espanhol, esp. na fonética; judeo-espanhol ■ *adj.* 5 *ant.* castiço, puro, vernacular < *uma linguagem l.* > 6 *B* dizia-se do índio ou do escravo negro que já apresentava certo grau de

aculturação Uso eventualmente pejorativo, na acp. 2 ◉ ETIM lat. *latīnus,a,um* 'latino'; divg. vulg. de *latino*; ver *latin(i)-*; f.hist. sXV *ladinho*, 1644 *ladino* ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *espertalhão* e antonímia de *tolo* ◉ ANT *mandu*, *tolo*; ver tb. antonímia de *trapaceiro* e sinonímia de *tolo*

Michaelis: ladino la.di.no adj (lat *latinu*) 1 Ardiloso, astuto, finório, manhoso. 2 Genuíno, puro. sm 1 Mestiço ou negro que aprendia e sabia qualquer ofício ou arte. 2 Ling V judeu-espanhol.

LILIPUTIANO — *etnónimo injurioso*

Aulete Digital: liliputiano (li.li.pu.ti.a.no) a. 1. Ref. a Lilipute, ilha imaginária do romance *Viagens de Gulliver*, do escritor inglês Jonathan Swift (1667-1745), onde os habitantes medem cerca de seis polegadas. 2. P.ext. Extremamente pequeno. 3. Fig. Mesquinho, medíocre (mentalidade liliputiana). sm. 4. O habitante da ilha imaginária de Lilipute. [F.: Do ing. *lilliputian*.]

Aurélio: liliputiano [Do ingl. *lilliputian*.] Adj. 1. De Lilipute, país imaginário do romance *Viagens de Gulliver*, do escritor inglês Jonathan Swift (1667-1745), no qual os habitantes tinham apenas seis polegadas de altura. 2. P. ext. Muito pequeno. ~ V. edição —a. • S. m. 3. Habitante de Lilipute.

Houaiss: liliputiano adj. s.m. (1899) 1 relativo a Lilipute ou o habitante desta ilha imaginária do romance *Viagens de Gulliver*, do escritor inglês Jonathan Swift (1667-1745), onde os habitantes medem apenas seis polegadas ■ adj. 2 p.ext. extremamente pequeno 3 fig. falto de grandeza; mesquinho, medíocre < espírito l. > < um cérebro l. > ◉ ETIM ing. *liliputian* (1726) 'id.'; a datação é para a acp. fig. 'mesquinho' ◉ SIN/VAR ver antonímia de *descomunal* ◉ ANT ver sinonímia de *descomunal*

Michaelis: liliputiano li.li.pu.ti.a.no adj (ingl *liliputian*, de Lilliput, np+ano2) 1 Que se refere a Liliput, país imaginário do romance de Swift, *Viagens de Gulliver*, cujos habitantes tinham apenas seis polegadas de altura. 2 Muito pequeno. 3 Insignificante. sm pej Homem pequeno, anão.

LOIRA — *etnónimo injurioso*

Aulete Digital: loura, loira (lou.ra, loi.ra) sf. 1. Mulher de cabelos louros . 2. Bras. Gír. Cerveja clara. [F.: Fem. substv. de3lour (o).]

Aurélio: loura¹ [F. subst. de *louro*³.] S. f. 1. Mulher de cabelo louro. 2. Fam. Libra esterlina. 3. Bras. Gír. Cerveja: ☞ “A gaita anda curta para o scotch mas dá para molhar a garganta com uma ‘loura’.” (Vinícius de Moraes, *Para Viver um Grande Amor*, p. 179.) [Var.: *loira*.]

Houaiss (2001): ²loura s.f. 1 mulher de cabelos louros ☞ p.opos. a ¹morena (‘mulher de cabelo castanho’) 2 B *infrm.* cerveja ou chope de cor clara 3 NUMS *infrm.* libra esterlina ❖ s.f. P *infrm.* indivíduo simplório, ingênuo ◉ ETIM fem. subst. de ¹lour(o) (adj.) ver *laur(i)-* ◉ SIN/VAR loira

Houaiss (2009): ²loura s.f. 1 mulher de cabelos louros 2 B *infrm.* cerveja ou chope de cor clara 3 NUMS *infrm.* libra esterlina ❖ s.f. P *infrm.* indivíduo simplório, ingênuo ◉ ETIM fem. subst. de ¹lour(o) (adj.) ver *laur(i)-* ◉ SIN/VAR loira Homonímia ver lloura

Michaelis: loura¹ lou.ra¹ sf (de *louro*¹) 1 Mulher de cabelo louro. 2 fam Libra esterlina. sm pop Indivíduo bonacheirão, simplório. Var: loira.

MACUMBEIRO — *etnónimo injurioso*

Aulete Digital: (ma.cum.bei. ro) Bras. Rel. Umb. a. 1. Diz-se do que ou quem é praticante ou frequentador da macumba. 2. Chefe de terreiro de macumba. sm. 3. Aquele que é adepto ou praticante da macumba. 4. Tocador de macumba (ant. instrumento de percussão). [F.: macumba - + -eiro.]

Aurélio: macumbeiro [De *macumba* + *-eiro*.] **S. m.** Bras. 1. Partidário e/ou praticante da macumba. • **Adj.** 2. Que é praticante da macumba.

Houaiss: macumbeiro *s.m.* (sXX) **B** 1 MÚS tocador de macumba ('antigo instrumento de percussão') 2 chefe de terreiro de macumba *adj.s.m.* 3 praticante ou frequentador assíduo de macumba (REL) 4 *p.ext.* que ou aquele que realiza feitiços; feiteiro ◉ ETIM macumba + -eiro ◉ SIN/VAR como *adj. s.m.*: ver sinonímia de *feiteiro*

Michaelis: ma.cum.bei.ro *adj+sm (macumba+eiro)* Que, ou o que pratica a macumba.

MANDINGA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: mandinga (man.din.ga) *sf.* 1. Feitiço, bruxaria: "Até parece que ela faz mandinga com Pai Jubiabá." (Jorge Amado, Jubiabá) 2. Fig. Embaraço, dificuldade que, por ser inexplicável, parece obra de feitiçaria *s2g*. 3. Etnol. Indivíduo dos mandingas, povo de religião predominantemente maometana, que vive na parte Norte da África ocidental; MANDÊ; MANDEU *sm*. 4. Gloss. Língua falada pelos mandingas *a2g*. 5. Ref. a mandinga (3 e 4) ou aos mandingas [F.: Do top. Mandinga, na Guiné (África).]

Aurélio: mandinga [Do top. *Mandinga* (África).] **S. 2 g.** 1. *Etmôn.* Indivíduo dos mandingas, povo de religião predominantemente maometana, que vive na parte N. da África ocidental; mandê: 📖 "O Islão já tinha, havia mais de cem anos, boas raízes entre os mandingas." (Alberto da Costa e Silva, *A Enxada e a Lança*, p. 304.) • **S. m.** 2. *Gloss.* Língua falada pelos mandingas. **V. mandê** (3). • **S. f.** 3. **V.** bruxaria (1 e 2). • **Adj. 2 g** 4. Pertencente ou relativo a mandinga (1 a 3); mandê: 📖 "Esta batalha é apresentada, nas sagas mandingas, como uma peleja entre dois grandes magos." (Id., *ib.*, p. 303.).

Houaiss (2001): mandinga *s.f.* (1716) 1 ato ou efeito de mandingar; feitiço, feitiçaria 2 *infrm.* embaraço, dificuldade que, por inexplicável, parece obra de feitiçaria 3 (1813) ANGIOS erva anual (*Rhynchospora hirsuta*) da fam. das ciperáceas, nativa do Brasil (PA), de colmo delgado, folhas ger. enroladas, espiguetas pardas e aquênios suborbiculares; capim-rasteiro, maniva ❖ *s.2g* ETNOL 4 indivíduo do grupo étnico dos mandingas; mandê, mandeu ❖ *s.m.* LING 5 ramo de línguas do grupo nigero-congolês, muito disseminado na África ocidental, desde a Mauritânia até a Nigéria; mandê, mandeu ■ *adj.2g* 6 relativo a mandinga (acp. 4 e 5) ou aos mandingas; mandê, mandeu ☐ *mandingas: s.m.pl.* ETNOL 7 grupo etnolinguístico formado pelo cruzamento de negros sudaneses com elementos berberes e etiópicos, que habita esp. o alto Senegal, o alto Níger e a costa ocidental da África; mandês, mandeus [Remanescente da desagregação do antigo império máli ou madem, criou fama como povo muito afeito à prática da feitiçaria.] ◉ ETIM top. *Manding*; por designar 'terra de feiteiros', estende o seu sentido para 'feitiço'; ver *malinês*; o signif. 'feitiço' pode ter-se intensificado por infl. fônica de voc. bantos us. nessa acp.; f.hist. c1508 *mandingua*, 1716 *Mandinga* top., 1789 *mandinga* 'feitiçaria' ◉ SIN/VAR como *s.f.*: ver sinonímia de *feitiço*

Houaiss (2009): mandinga substantivo de dois gêneros (c1508) ETNOL indivíduo do grupo étnico dos mandingas; mandê, mandeu substantivo masculino ling ramo de línguas do grupo nigero-congolês, muito disseminado na África ocidental, desde a Mauritânia até a Nigéria; mandê, mandeu *s.f.* 1 ato ou efeito de mandingar; feitiço, feitiçaria 2 *infrm.* embaraço, dificuldade que, por inexplicável, parece obra de feitiçaria 3 (1813) ANGIOS erva anual

(*Rhynchospora hirsuta*) da fam. das ciperáceas, nativa do Brasil (PA), de colmo delgado, folhas ger. enroladas, espiguetas pardas e aquênios suborbiculares; capim-rasteiro, maniva ■ *adj. 2g* relativo a mandinga (acp. 1 e 2) ou aos mandingas ('grupo'); mandê, mandeu ☐ *mandingas: s.m.pl.* ETNOL 1 (c1508) grupo etnolinguístico formado pelo cruzamento de negros sudaneses com elementos berberes e etiópicos, que habita esp. o alto Senegal, o alto Níger e a costa ocidental da África; mandês, mandeus [Remanescente da desagregação do antigo império Mali, criou fama como povo muito afeito à prática da feitiçaria.] ◎ ETIM top. *Manding*; por designar 'terra de feiticeiros', estende o seu sentido para 'feitiço'; ver *malinês*; o signif. 'feitiço' pode ter-se intensificado por infl. fônica de voc. bantos us. nessa acp.; f.hist. c1508 *mandingua*, 1716 *Mandinga* top., 1789 *mandinga* 'feitiçaria' ◎ SIN/VAR como s.f.: ver sinonímia de *feitiço* Homonímia mandinga(fl.mandingar)

Michaelis: mandinga man.din.ga adj+sm 1 Diz-se de uma raça de negros cruzada com elementos berbere-etiópicos e que sofreram a influência maometana (eram tidos por grandes mágicos e feiticeiros). 2 Língua do grupo nígero-senegalês, muito espalhada na África ocidental. Sin: mandê e mandeu. sf 1 Feitiçaria, sortilégio. 2 Dificuldade que parece provocada por arte mágica. M.-furta-cor: planta da flora brasileira (*Cordiceps olivacea*).

MANDINGUEIRO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: mandingueiro (man.di.guei.ro) sm. 1. Feiticeiro africano, primitivamente só de origem mandinga 2. Bras. Amaz. Zool. O mesmo que uirapuru-verdadeiro a. 3. Que faz mandinga, bruxaria [F.: mandinga + -eiro.]

Aurélio: mandingueiro [De *mandinga* + *-eiro*.] *Adj.* 1. Que faz mandinga (5); mandinguento, mandraqueiro. • *S. m.* 2. Indivíduo mandingueiro (1); mandinguento, mandraqueiro. 3. *Bras. Amaz. Zool. V. uirapuru-verdadeiro.*

Houaiss: mandingueiro *s.m.* (1789) 1 feiticeiro africano, primitivamente só de origem mandinga 2 ORN AMAZ m.q. *uirapuru-verdadeiro* (*Cyphorhinus aradus*) ■ *adj. s.m* 3 que ou o que faz mandinga, bruxaria; mago, feiticeiro, mandinguento, mandraqueiro ■ *adj.* 4 *B* difícil de ser capturado (diz-se de gado vacum) ◎ ETIM *mandinga* + *-eiro* ◎ SIN/VAR como adj.s.m.: ver sinonímia de *feiticeiro*

Michaelis: mandingueiro man.din.guei.ro sm (mandinga+eiro) 1 Indivíduo que faz mandingas; bruxo, feiticeiro. 2 pop Nome que também dão ao uirapuru, atribuindo virtudes sobrenaturais a seu cadáver, seco e preparado.

MARQUETEIRO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: marqueteiro (mar.que.tei.ro) sm. 1. Pop. Pessoa que faz marketing. 2. Pej. Pop. Pessoa que usa técnicas de marketing para autopromover-se. [F.: marquet-, rad. adaptado do ing. marketing, + -eiro.]

Aurélio: marqueteiro [Do ingl. *market(ing)* + *-eiro*.] *S. m.* 1. *Market.* Profissional de marketing. 2. *Pop.* Pessoa que, indistintamente, exerce atividade de marketing, publicidade, promoção², etc. 3. *Pop. Deprec.* Aquele que, oportunisticamente, se utiliza do marketing para projetos e interesses pessoais.

Houaiss: marqueteiro *s.m. B infirm. joc.* 1 indivíduo que trabalha em *marketing* 2 *p.ext. B pej.* ◎ ETIM rad. *marquet-* deduzido do ing. *marketing* (c1920) 'ato de negociar, de vender' + *-eiro*

Michaelis: ∅

Aulete Digital: marrano (mar.ra.no) a. 1. Pej. Diz-se de judeu ou mouro que, na Espanha e em Portugal de outrora, era convertido ao cristianismo, mas suspeito de manter suas crenças. 2. RS Diz-se de gado ruim. sm. 3. Judeu ou mouro marrano (1). 4. Lus. Porco já crescido. [F.: Do espn. marrano.]

Aurélio: marrano [Do esp. marrano.] Adjetivo.Substantivo masculino. 1. Diz-se de, ou designação injuriosa dada outrora aos mouros e judeus. 2. Diz-se de, ou indivíduo excomungado, sujo, imundo, porco. 3. Bras. RS Diz-se de, ou gado ruim.

Houaiss: marrano *adj. s.m.* (1487) 1 na Espanha e em Portugal, designação injuriosa que se dava outrora aos mouros e esp. aos judeus batizados, suspeitos de se conservarem leais ao judaísmo 2 pej. excomungado, imundo 3 RS diz-se de ou gado de má qualidade ■ *s.m.* 4 BEI porco de engorda, já crescido © ETIM esp. *marrano* (965) 'porco', (sXIII) 'cristão novo', designação pejorativa dada, na Espanha, aos judeus e mouros convertidos, suspeitos de se conservarem fiéis às suas antigas religiões por causa da repugnância em relação à carne do porco, alimento não permitido pelo judaísmo e pelo islamismo, do ár. *muḥarram* 'coisa proibida', cp. ¹*marrão* © SIN/VAR ver sinonímia de *sujo* © ANT ver antonímia de *sujo*

Michaelis: marrano mar.ra.no sm (cast marrano) Reg (Rio Grande do Sul) Gado ruim.

Aulete Digital: matuto (ma.tu.to) a. 1. Diz-se de indivíduo que vive no campo, na roça; JECA 2. Ref. a ou próprio do mato, da roça, do interior (vida matuta) 3. Diz-se de quem é rústico, ignorante, ingênuo 4. N.E. Diz-se de quem é acanhado, tímido, desconfiado 5. Bras. Pop. Diz-se de quem é astucioso, matreiro sm. 6. Bras. O mesmo que caipira 7. Bras. Indivíduo rude, ignorante ou desconfiado [F.: mato + -uto. Hom./Par.: matuto (fl. de matutar)]

Aurélio: matuto [De *mato*.] *Adj.* 1. Que vive no mato, na roça [v. *caipira* (3)]: ■ *indivíduo matuto*. 2. Pertencente ou relativo ao, ou próprio do mato, da roça; caipira: ■ *histórias matutas*. 3. Bras. N. N.E. Acanhado, tímido, desconfiado. 4. Dado a matutar; cismático, cogitabundo. 5. *Fam.* Finório, sabido, matreiro. • *S. m.* 6. Bras. V. *caipira* (1). 7. Bras. Sujeito ignorante e ingênuo. [Cf., nas acepç. 1, 2 e 6, *provinciano*.]

Houaiss (2001): matuto *adj. s.m.* (1836) 1 diz-se de ou indivíduo que vive no campo e cuja personalidade revela rusticidade de espírito, falta de traquejo social; caipira, roceiro, jeca 2 *B N.E.* que ou aquele que demonstra timidez, retraimento, desconfiança 3 *B* que ou aquele que não tem conhecimentos, instrução; ignorante, ingênuo 4 *B infrm.* que ou aquele que é dotado de esperteza, de astúcia; finório, sabido, matreiro ■ *adj.* 5 relativo a hábitos e maneiras próprios do matuto, da vida no campo <o mundo m.> 6 diz-se de indivíduo meditativo, dado a matutar © ETIM *mato* + *-uto*; ver *mat(a)-* © SIN/VAR como *adj.*: ver sinonímia de *pensativo*; como *adj.s.m.*: ver sinonímia de *cafona* e *caipira* © ANT como *adj.s.m.*: ver antonímia de *cafona* e *caipira* © HOM *matuto* (fl.matutar)

Houaiss (2009): matuto *adj. s.m.* (1836) 1 diz-se de ou indivíduo que vive no campo e cuja personalidade revela rusticidade de espírito, falta de traquejo social; caipira, roceiro, jeca 2 *B N.E.* que ou aquele que demonstra timidez, retraimento, desconfiança 3 *B* que ou aquele que não tem conhecimentos, instrução; ignorante, ingênuo 4 *B infrm.* que ou aquele que é dotado de esperteza, de astúcia; finório, sabido, matreiro ■ *adj.* 5 relativo a hábitos e maneiras próprios do matuto, da vida no campo <o mundo m.> 6 diz-se de indivíduo meditativo, dado a matutar © ETIM *mato* + *-uto*; ver *mat(a)-* © SIN/VAR como *adj.*: ver sinonímia de *pensativo*; como *adj.s.m.*:

ver sinonímia de *cafona* e *caipira* ◉ ANT como adj.s.m.: ver antonímia de *cafona* e *caipira* ◉ HOM *matuto* (fl.matutar); *matuta*(f.), *matutas*(f.pl.)/ *matuta*, *matutas*(fl.matutar)

Michaelis: *matuto* ma.tu.to adj+sm (de mato) Que, ou o que vive no mato. adj 1 Acanhado, desconfiado, tímido. 2 Desequilibrado, idiota, maníaco. 3 Fam Finório, manhoso, matreiro. sm 1 Provinciano. 2 Roceiro. 3 Indivíduo ignorante.

MAZOMBO — *injúria étnica*

Aulete Digital: *mazombo* (ma.zom.bo) sm. 1. Pej. Filho de pais estrangeiros, esp. portugueses, nascido no Brasil 2. Fig. Indivíduo taciturno, mal-humorado [antôn.: Antôn.: brincalhão, gaiato.] a. 3. Fig. Diz-se desse indivíduo [antôn.: Antôn.: alegre, bem-humorado, jovial.][F: de or. duv., posv. africana]

Aurélio: *mazombo* **S. m.** *Deprec.* 1. Indivíduo nascido no Brasil, de pais estrangeiros, especialmente portugueses. • **Adj.** 2. Sorumbático, macambúzio, mal-humorado.

Houaiss: *mazombo* *s.m.* (a1716 cf. RB) *pej.* 1. filho de pais estrangeiros, sobretudo de portugueses, que nasce no Brasil ■ *adj.s.m.* diz-se de ou indivíduo sorumbático, taciturno, mal-humorado ◉ ETIM orig.duv., segundo Nasc; prov. afr., para JM; Nei Lopes dá como étimo o quimb. *mazombo* 'iletrado, grosseiro, bruto, atrasado' ◉ SIN/VAR como adj.: ver antonímia de *alegre*; como subst.: ver sinonímia de *ádvena* ◉ ANT como adj.: ver sinonímia de *alegre*; como subst.: ver sinonímia de *ádvena*

Michaelis: *ma.zom.bo* *adj* Concentrado, macambúzio, mal-humorado, sorumbático, tristonho. *sm ant* Filho de europeus, nascido no Brasil colonial.

NEGRADA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: *negrada* (ne.gra.da) sf. 1. Pej. Grupo de negros, m. que negraria ou negralhada 2. Bras. P.ext. Pop. Grupo de pessoas quaisquer: Vamos lá, negrada, temos de vencer! 3. Bras. Pej. Grupo de desordeiros; malta [F: negro + -ada]

Aurélio: *negrada* [De *negro* + *-ada*¹.] **S. m.** *Bras.* 1. V. *negraria*. 2. Fig. Grupo de indivíduos dados a pândegas ou a desordens. 3. Pessoal, gente: ☞ *Vamos embora, negrada.*

Houaiss: *negrada* s.f. (1899 cf. CF¹) 1 m.q. *NEGRARIA* ☞ pode ter cunho pej. 2 *p.ext.* *B infm.* qualquer grupo de pessoas <*aguenta aí a mão, n.*> 3 *B pej.* reunião de desordeiros; malta, súcia <*veio uma n. fazendo arruaça no ônibus*> ◉ USO palavra consid. agressiva ◉ ETIM *negro* + *-ada*; ver *nigr-* ◉ SIN/VAR *negada*, *negralhada*

Michaelis: *ne.gra.da* *sf* (*negro+ada*¹) 1 Grande número de negros; negraria. 2 *pop* Bando, malta, súcia.

PAPISTA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: *papista* (pa.pis.ta) a2g. 1. Que é defensor da supremacia do Papa (católico papista). 2. Diz-se de católico, conforme os protestantes. s2g. 3. O adepto da supremacia papal: Avistou um grupo de papistas. 4. O católico, segundo os protestantes. [F: Papa1 + -ista.]

Aurélio: *papista*² [De *papa* + *-ista*.] **Adj.** 2 g. **S.** 2 g. 1. Partidário da supremacia do Papa. 2. Católico, na expressão dos protestantes.

Houaiss: ¹*papista* adj.2g.s.2g. (1663 cf. VascBras) 1 diz-se de, ou o católico, na expressão dos protestantes 2 partidário da supremacia do papa; romanista ◉ ETIM ¹*papa* + *-ista*; ver *pater-*

Michaelis: papista¹ pa.pis.ta¹ *adj e s m+f (papa¹+ista)* 1 Pessoa partidária da supremacia do papa. 2 Nome dado outrora aos católicos pelos protestantes.

PARAÍBA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: paraíba (pa.ra.í.ba) Bras. Angios. sm. 1. Árvore da fam das simarubáceas (*Quassia amara*), de madeira branca e frutos drupáceos, m. que *simaruba* 2. Árvore da fam. das simarubáceas (*Quassia versicolor*), de casca amarga e medicinal e drupas comestíveis, m. que *pitombeira-de-marajó* 3. Trecho do rio que não pode ser navegado: "Por esses espaços ninguém metia lanço, devido a que o rio em seio de sua largura se atalhava de corredeiras - paraíba - repuxando sobre pedregulho..." (Guimarães Rosa, "*Ripuéria*", in *Tutameia*.) 4. Pop. Mulher de comportamento masculinizado 5. Pop. Depr. Lésbica; MACHONA 6. Pop. Operário da construção civil; PARU; PARAÍBA-DE-OBRA 7. P.ext. Qualquer nordestino, sobretudo o que procura a região sudeste em busca de trabalho; PAU DE ARARA [F.: do tupi *pa'rab* + *'üwa*]

Aurélio: paraíba² [Do tupi = 'rio imprestável'.] *S. f.* 1. *Bras. S.* Trecho de rio que não pode ser navegado. 2. *Bras. Pop. Lésbica.* • *S. m.* 3. *Bras. Pop.* Operário de construção civil, não qualificado.

Houaiss (2001): ²paraíba *s.f.* (1922 cf. CF³) 1 *B S.* trecho de rio impróprio para a navegação 2 (1950) *B infrm. pej.* mulher de aspecto e comportamento masculinos 2.1 *B infrm. pej.* m.q. *LÉSBICA* 3 *p.ext. B infrm.* mulher forte, lutadora ♦ *s.2g B infrm.* 4 operário não qualificado da construção civil 5 *p.ext.* designação dada a qualquer nordestino fora de sua região ⊙ USO o emprego desta pal. nas acp. 4 e 5 é freq., mas não necessariamente, pej. ⊙ ETIM top. *Paraíba* (segundo Nasc, prov. do tupi *pa'ra* 'rio' + *a'iba* 'ruim, impraticável à navegação') tornado subst. com.; p.met., designa seus habitantes ou aplica-se à região nordeste, onde se situa; p.metf. valorativa, é atribuído à mulher forte e lutadora da região; no sentido de 'mulher macho', ocorre no baião *Paraíba* (Luís Gonzaga e Humberto Teixeira, 1950), cuja letra, referindo-se ao Estado da Paraíba, diz Paraíba masculina, mulher-macho, sim senhor; a partir desses signif. fig. desenvolveram-se novas acp., esp. as pej. ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de *machona*

Houaiss (2009): ²paraíba *s.f.* (1922) 1 *B S.* trecho de rio impróprio para a navegação 2 (1950) *B infrm. pej.* mulher de aspecto e comportamento masculinos 2.1 *B infrm. pej.* m.q. *LÉSBICA* 3 *p.ext. B infrm.* mulher forte, lutadora ♦ *s.2g B infrm.* 4 operário não qualificado da construção civil 5 *p.ext.* designação dada a qualquer nordestino fora de sua região ⊙ USO o emprego desta pal. nas acp. 4 e 5 é freq., mas não necessariamente, pej. ⊙ ETIM top. *Paraíba* (segundo Nasc, prov. do tupi *pa'ra* 'rio' + *a'iba* 'ruim, impraticável à navegação') tornado subst. com. ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de *machona*

Houaiss (on-line): ²paraíba

substantivo feminino (1922)

1 *B S.* trecho de rio impróprio para a navegação

2 (1950) *B infrm. pej.* mulher de aspecto e comportamento masculinos ver uso, a seguir

2.1 *B infrm. pej.* m.q. lésbica ver uso, a seguir

3 *p.ext. B infrm.* mulher forte, lutadora

substantivo de dois gêneros *B infrm.*

4 operário não qualificado da construção civil

5 *p.ext.* designação dada a qualquer nordestino fora de sua região ver USO a seguir

Uso

as acp. do item 2 são de emprego preconceituoso; o uso desta pal. nas acp. 4 e 5 é freq., mas não necessariamente, pej.

Etimologia

top. Paraíba (segundo Nasc, prov. do tupi pa'ra 'rio' + a'íba 'ruim, impraticável à navegação') tornado subst. com.; p.met., designa seus habitantes ou aplica-se à região nordeste, onde se situa; p.metf. valorativa, é atribuído à mulher forte e lutadora da região; no sentido de 'mulher macho', ocorre no baião Paraíba (Luís Gonzaga e Humberto Teixeira, 1950), cuja letra, referindo-se ao Estado da Paraíba, diz "Paraíba masculina, mulher-macho, sim senhor"; a partir desses signif. fig. desenvolveram-se novas acp., esp. as pej.

Sinônimia e Variantes

ver sinônimia de ádvena e machona

Antonímia

ver antonímia de ádvena

Michaelis: pa.ra.í.ba *sf* (tupi *parauyua*) Bot 1 Árvore medicinal simarubácea (*Simaruba parahyba*). 2 *Reg* (Sul) Trecho não navegável dos grandes rios. 3 *Ictiol* Peixe da bacia do Amazonas. 4 *pop* Mulher de grande decisão e valentia. *P-mirim:* o mesmo que *calunga*, acepção 1.

PAULISTA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: paulista (pau.lis.ta) s2g. 1. Pessoa nascida ou que vive no Estado de São Paulo 2. Fig. Pessoa teimosa, birrenta. 3. RS Pessoa muito desconfiada. 4. BA Amansador de burros. 5. Integrante da Ordem de São Paulo. a2g. 6. De São Paulo; típico desse estado ou de seu povo. 7. Que é teimoso, birrento. 8. RS Que é muito desconfiado. 9. BA Que amansa burros. 10. Que integra a Ordem de São Paulo. sm. 11. Bras. Carne dura retirada da parte posterior da coxa do boi, us. para assar; LAGARTO 12. Mús. Afinação da viola caipira. 13. Ornít. Ver coleirinho. [E.: Do top. (São) Paulo + -ista.]

Aurélio: paulista¹ *Adj.* 2 *g.* 1. Do, ou pertencente ou relativo ao Estado de São Paulo; bandeirante. 2. *Fig.* Teimoso, birrento, turrão. 3. *Bras. RS* Muito desconfiado. ~ *V. quartel* —. • *S.* 2 *g* 4. O natural ou habitante daquele estado; bandeirante. 5. *Fig.* Pessoa teimosa, birrenta. • *S. m.* 6. Religioso da Ordem de S. Paulo. 7. *Bras. S. da BA* Amansador de burros.

Houaiss (2001): paulista *adj.* 2g.s.2g (1554) 1 relativo a São Paulo, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante ☞ cf. ¹paulistano 2 que ou o que é teimoso, birrento, turrão 3 (1720) diz-se de ou religioso da Ordem de São Paulo 4 *RS* muito desconfiado 5 *BA* amansador de burros ■ *s.m. B* 6 (1975) ALIM m.q. LAGARTO ('carne') 7 MÚS uma das afinações da viola caipira 8 ORN m.q. COLEIRINHO (*Sporophila caerulescens*) ☉ ETIM top. São Paulo + -ista, em que -ista funciona como suf. gentílico de forma pouco frequente, mas com fundamento no lat. e mesmo no gr.; a f. *paulistano* foi desenvolvida para contraste inequívoco

Houaiss: paulista *adj.* 2g.s.2g (1554) 1 relativo a São Paulo, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante ☞ cf. ¹paulistano 2 (1720) diz-se de ou religioso da Ordem de São Paulo 3 (1795) m.q. 1 bandeirante 4 que ou o que é teimoso, birrento, turrão 5 *RS* que ou quem é muito desconfiado 6 *BA* amansador de burros ■ *s.m. B* 7 (1975) ALIM m.q. LAGARTO ('carne') 8 MÚS uma das afinações da viola caipira 9 ORN m.q. COLEIRINHO (*Sporophila caerulescens*) ☉ ETIM top. São Paulo + -ista, em que -ista funciona como suf. gentílico de forma pouco frequente, mas com fundamento no lat. e mesmo no gr.; a f. *paulistano* foi desenvolvida para contraste inequívoco

Michaelis: paulista¹ pau.lis.ta¹ adj m+f (top (São) Paulo+ista) 1 Pertencente ou relativo ao Estado de São Paulo. 2 Reg (Rio Grande do Sul) Excessivamente desconfiado. s m+f 1 Pessoa natural ou habitante do Estado de São Paulo; bandeirante. 2 Religioso ou religiosa da Ordem de São Paulo. 3 Pessoa birrenta, teimosa. sm Reg (Sul da Bahia) Amansador de burros; peão.

POLACA — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: polaca (po.la.ca) sf. 1. Etnog. Mulher nascida ou que vive na Polônia; POLONESA 2. Dnç. Dança polonesa, de andamento moderado e caráter pomposo 3. Mús. Música para essa dança 4. Vest. Casaco de senhoras, largo e comprido 5. Bras. Pej. Pol. Designação dada à Constituição do Brasil promulgada em 10 de novembro de 1937, durante o Estado Novo 6. Bras. Antq. Vulg. Meretriz: as polacas da rua do Ouvidor. [F.: Fem . de polaco]

Aurélio: polaca¹ [F. subst. do adj. *polaco*.] **S. f.** 1. Dança de andamento moderado e caráter pomposo, originária da Polônia. 2. Música para essa dança. 3. *Pej.* A Constituição do Brasil promulgada a 10.11.1937. 4. *Bras. Chulo Desus.* Meretriz.

Houaiss: ²polaca *sf.* (1716 cf. AGC) 1 mulher nascida na ou habitante da Polônia; polonesa 2 DNÇ MÚS menos usado que *POLONESA* ('dança', 'composição') 3 *POL B infirm. pej.* a Constituição do Brasil que foi promulgada em 10 de novembro de 1937 4 *pej. obsl.* mulher da vida; meretriz
◎ ETIM *polaco* + *-a*; sobre a última acp., ver USO no verbete *polaco*

Michaelis: po.la.ca¹ *sf* (*fem de polaco*) 1 Dança polonesa, de andamento moderado e caráter pomposo. 2 Música para essa dança. 3 Casaco de senhoras, largo e comprido.

PORTUGA — *injúria étnica*

Aulete Digital: portuga (por.tu.ga) a2g. s2g. 1. Bras. Pop. Pej. Alcinha depreciativa que os brasileiros dão aos portugueses: "O velho ficou danado por causa do tal portuga, que gostava de mim um pedaço." (Jorge Amado, *Jubiabá*.) [F.: F. red. de português.]

Aurélio: portuga [F. red. de *português*.] *S* 2 *g.* 1. *Bras. Deprec.* Português (2): 📖 “muito haverá que dizer noutra parte sobre a missa das nove e esses portugas que nos roubavam namoradas.” (Ciro dos Anjos, *A Menina do Sobrado*, p. 47). [V. galego (4).]

Houaiss: portuga adjetivo e substantivo de dois gêneros (1899) B infirm. pej. relativo a ou indivíduo natural ou habitante de Portugal; português Etimologia regr. de português; ver port(o)- Sinônímia e Variantes ver sinônímia de galego

Michaelis: portuga por.tu.ga sm (der regressiva de português) pej Português.

PROLETÁRIO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: proletário (pro.le.tá.ri:o) sm. 1. Trabalhador que vive apenas de seu salário 2. Hist. Na Roma antiga, cidadão da última classe do povo, cujos membros eram pobres e isentos de impostos a. 3. Ref. a proletário (1) ou ao proletariado (bairro proletário; partido proletário) [F.: Do lat. *proletarius*, ii. Cf.: operário.]

Aurélio: proletário [Do lat. *proletariu*, ‘cidadão pobre, útil apenas pela prole, *i. e.*, pelos filhos que gerava’.] *S. m.* 1. Na Roma antiga, cidadão pobre, pertencente à última classe do povo. 2. Homem de nível de vida relativamente baixo, e cujo sustento depende da remuneração recebida pelo trabalho que exerce em ofício ou profissão manual ou mecânica. [F. red.: *proleta*. Cf. *camponês*, *operário* e *trabalhador*.] • *Adj.* 3. De, ou pertencente ou relativo a, ou próprio de proletário.

Houaiss: proletário *s.m.* (1789) 1 HIST na antiga Roma, cidadão da última classe social, que não pagava impostos e era considerado útil apenas pelos filhos que gerava 2 (1881) *p.ext.* cidadão pobre que só tem para viver a remuneração insuficiente da sua força de trabalho 3 membro do proletariado, da classe proletária ■ *adj.* 4 relativo a proletário <bairro *p.*> <classe *p.*> 5 relativo ao proletariado <jornal *p.*> <partido *p.*> ◉ ETIM lat. *proletarius,ũ* 'o que vale apenas por sua prole; cidadão de baixo poder aquisitivo'; ver *pro(i)-* ◉ COL proletariado

Michaelis: proletário *pro.le.tá.rio* *adj* (lat *proletariu*) 1 Que diz respeito ou pertence aos proletários. 2 Representativo do proletariado: Partido proletário. 3 Habitado por proletários: Bairro proletário. 4 Constituído por proletários: Classe proletária. *sm* 1 Cidadão pobre, da última classe do povo, isento de imposto, que, entre os romanos, só era considerado como útil pelos filhos que tinha. 2 Membro do proletariado ou classe proletária. 3 Termo de ecologia aplicado aos vegetais com reservas escassas ou nulas.

PROVINCIANO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: provinciano (*pro.vin.ci:a.no*) *a.* 1. Relativo a província. 2. Que nasceu ou habita a província. 3. Cujas mentalidade ou costumes são típicos das províncias 4. Pej. Diz-se de pessoa de mentalidade atrasada, tacanha, de gosto medíocre. *sm.* 5. Pessoa que nasceu ou mora em província. 6. Pessoa de mentalidade atrasada. [F.: província + -ano. Cf.: caipira, matuto.]

Aurélio: provinciano [De *província* + -ano¹.] *Adj.* 1. Da, relativo à ou natural ou próprio da província (em geral por oposição à capital): ☞ *hábitos provincianos; espírito provinciano*. [Us. muitas vezes pejorativamente, com a conotação de 'atrasado', 'superado'. Cf. provincial (1).] • *S. m.* 2. Indivíduo natural ou habitante da província e/ou imbuído do espírito provinciano. [Cf. *caipira* (1, 3 a 5) e *matuto* (1, 2 e 6).]

Houaiss: provinciano *adj.* (1836) 1 relativo ou pertencente a província < *vocabulário p.* > 2 *p.ext. pej.* atrasado, de mau gosto, superado, sem elegância e sofisticação 3 *pej.* imbuído de provincianismo quanto ao modo de pensar ou agir < *que valores mais p.!* > ■ *adj. s.m.* que ou aquele que é oriundo ou habitante de província ◉ ETIM *província* + -ano; ver *1venc-*; a datação é para a acp. 4 ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *bronco* e *cafona* ◉ ANT ver antonímia de *tolo* e *cafona*

Michaelis: provinciano *pro.vin.ci.a.no* *adj* (*província+ano*2) 1 Da província; que não é da capital. 2 Que, no seu trato, não tem os modos apurados da corte. 3 Inerente, pertencente ou relativo a pessoa da província. *sm* Habitante ou natural da província.

PÚNICO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: púnico (*pú.ni.co*) *sm.* 1. O mesmo que cartaginês (1). *a.* 2. O mesmo que cartaginês (3). 3. Fig. Desleal, falso, desonesto [F.: Do lat. *punicus*, *a*, *um*.]

Aurélio: púnico [Do lat. *punicu* ou *poenicu*, 'fenício'.] *Adj.* 1. De, relativo ou pertencente aos cartagineses ou a Cartago, cidade-estado fundada pelos fenícios em 814 a. C., na região próxima à atual Túnis (Tunísia, N. da África), e que foi destruída pelos romanos em 146 a. C. e pelos árabes em 698 d. C. V. *cartaginês*. 2. Fig. Desleal, traidor, pérfido: ☞ *ardil púnico*. ~ V. *fê* — *a.* • *S. m.* 3. O natural ou habitante de Cartago. V. *cartaginês*. 4. *Gloss.* Dialeto fenício falado em Cartago, extinto por volta do séc. VI.

Houaiss: púnico *adj.s.m.* (1561 cf. GBarCor) 1 *m.q.* CARTAGINÊS <guerras *p.*> 2 *fig.* que ou aquele que não tem palavra, que é desleal, age de má-fé <mercantilismo *p.*> 3 *frm.* *m.q.* PUNICEO ('vermelho') ◉ ETIM lat. *punicus,a,um* 'relativo a Cartago'; (poético) 'vermelho'; ver *punic-*

Michaelis: *pú.ni.co adj (lat punicu)* 1 Relativo a Cartago ou aos cartagineses. 2 Pírfido, traidor. *sm* 1 Habitante ou natural de Cartago. 2 O idioma dos cartagineses.

RETIRANTE — *etnónimo injurioso*

Aulete Digital: retirante (re.ti.ran.te) *s2g*. 1. Bras. Pessoa que, sozinha ou em grupos, se retira da região onde mora (ger. no Nordeste brasileiro) para uma região aparentemente mais promissora *sf*. 2. Bras. Bot. Planta leguminosa (*Acanthospermum hispidum*) da fam. das compostas, nativa da região central do Brasil, de caule ereto, folhas oblongas, flores amarelas e aquênios cumeados que se prendem em pelos e roupas, e cuja raiz é us. em medicamentos contra tosse e bronquite; CARRAPICHO-RASTEIRO *a2g*. 3. Que retira ou se retira [F.: retirar + -nte]


Aurélio: retirante [De retirar + -nte.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Que se retira, sai de algum lugar. Substantivo de dois gêneros. 2. Bras. Sertanejo que, sozinho ou em grupo, emigra para outras regiões nacionais, fugindo à seca, nas regiões áridas do N.E.; curumba. Substantivo feminino. 3. Bras. L.S. Bot. Erva da família das compostas (*Acanthospermum hispidum*), ruderal, bastante espalhada, muito ramificada, de folhas pequenas e herbáceas, flores pouco visíveis e frutos que, maduros, ferem facilmente pés e mãos; carrapicho.

Houaiss: retirante adjetivo e substantivo de dois gêneros (sXX) B 1 que ou aquele que se retira, que deixa um lugar 1.1 que ou aquele que, sozinho ou em grupo, abandona o sertão, banido pela seca 1.2 que ou aquele que se retira de um local, de uma região mais pobre em direção a outra, considerada mais promissora substantivo feminino CE angios m.q. carrapicho-rasteiro (*Acanthospermum hispidum*) Etimologia retirar + -nte; ver *tir-*

Michaelis: retirante re.ti.ran.te *adj m+f (de retirar)* Que retira ou se retira. *s m+f* Pessoa que, durante as grandes secas, acossada pela penúria, emigra, isolada ou em grupo. *sf* Planta composta (*Acanthospermum hispidum*).

RIPONGA — *injúria étnica*

Aulete Digital: riponga (ri.pon.ga) *s2g*. 1. Bras. Joc. Pej. Forma jocosa ou depreciativa de denominar o hippie [F.: Adaptç. do *ing. hippie* + suf. express. -onga.]

Aurélio: riponga [Do *ingl. hippie* + o suf. express. -onga, de valor pej. e joc.] *Bras. Adj. 2g* 1. Diz-se de quem ou daquilo que segue ou lembra o estilo hippie:  “aquele teu amigo bem riponga, que usava um colar de contas azuis roliças” (Cecília Costa, *Damas de Copas*, p. 141); *uma roupa riponga. S. 2g* 2. Pessoa adepta do estilo hippie, ou que o lembra.

Houaiss (2001): riponga *s.2g R7j.joc.* ou *pej.* m.q. HIPPIE © ETIM adp. do *ing. hippie* sob a f. ripe + suf. expressivo -onga; ver -anas

Houaiss (2009): ∅

Michaelis: ∅

ROCEIRO — *etnónimo injurioso*

Aulete Digital: roceiro (ro.cei.ro) *a*. 1. Ref. a roça ou roçado. 2. Que mora na roça (4). 3. Diz-se do animal que penetra nas roças e as devasta. *sm*. 4. Homem que roça ou planta roçados. 5. Bras. Caipira, matuto. [F.: roça + -eiro.]

Aurélio: roceiro [De roça + -eiro.] *S. m*. 1. Homem que roça. 2. *Bras.* Homem que planta roçados. 3. *Bras.* Pequeno lavrador. 4. *Bras. V. caipira* (1). 5. *Angol. Santom.* Dono de roça (4). •

Adj. 6. *Bras.* Diz-se do animal que tem o hábito de penetrar nas roças para nelas pastar. 7. V. *caipira* (4).

Houaiss (2001): roceiro *s.m* (1529) 1 que penetra nas roças e as devasta (diz-se de animal) ■ *adj. s.m.* 2 *B* que ou aquele que mora na roça ou que possui hábitos comuns a essa região; interiorano, caipira, matuto 4 *B* aquele que planta roçados; pequeno lavrador ⊙ ETIM *roça* + *-eiro*; ver *romp-*; f.hist. 1529 *roceyro*, 1874 *roceyro* ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de *caipira* ⊙ ANT ver antonímia de *caipira*

Houaiss: roceiro *s.m* (1529) 1 ARM pequeno canhão, que tb. atirava pedras, us. pelos holandeses no nordeste do Brasil para armar suas embarcações; roqueira 2 (a1789) *B* aquele que planta roçados; pequeno lavrador 2.1 indivíduo que roça ■ *adj. s.m.* *B* que ou aquele que mora na roça ou que possui hábitos comuns a essa região; interiorano, caipira, matuto adjetivo que penetra nas roças e as devasta (diz-se de animal) ⊙ ETIM *roça* + *-eiro*; ver *romp-*; f.hist. 1529 *roceyro*, 1874 *roceyro* ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de *caipira* ⊙ ANT ver antonímia de *caipira* ⊙ HOM roceira(f.) / roceira(s.f.)

Michaelis: roceiro *ro.cei.ro* *adj* (roça+eiro) 1 Pertencente ou relativo à roça. 2 Diz-se do animal que penetra nas roças para nelas pastar. *sm* 1 Homem que roça. 2 Aquele que cultiva roças. 3 Homem que vive na roça; caipira. 4 Indivíduo rústico.

RUSSALHADA — *etnônimo injurioso*

Aulete*: russalhada *s. f.* || (deprec.) quantidade de russos; os russos. F. Russo.

Aurélio: russalhada. [De *russo* + *-alhada*] *S. f. Deprec.* 1. Grande porção de russos. 2. Os russos.

Houaiss: russalhada *s.f. pej.* grande quantidade ou aglomeração de russos; os russos • ETIM *russo* + *-alha* + *-ada*

Michaelis: *rus.sa.lha.da sf* (*russo+alho²+ada¹*) *pej* Grande quantidade ou reunião de russos.

SALOIO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: saloio (*sa.loi.o*) *sm.* 1. Aldeão dos arredores de Lisboa (Portugal). 2. *Pej.* Indivíduo rústico, grosseiro. 3. *Pej.* Indivíduo matreiro, velhaco. a. 4. Dos arredores de Lisboa; típico dessa área ou dos seus habitantes (queijo saloio). 5. Que é aldeão. 6. *Pej.* Que é rústico, grosseiro. 7. *Pej.* Que é matreiro, velhaco. 8. *Cul.* Diz-se de certo pão feito de uma variedade de trigo durázio que se cultiva nos arredores de Lisboa. [F.: Do ár. *sahrauii*, através do ár. vulg. *sahroi* 'homem habitante do deserto'.]

Aurélio: saloio [Do ár. *salawai*, 'habitante de Sale (Marrocos)'.] *S. m.* 1. Camponês das cercanias de Lisboa (Portugal). 2. *Fig.* Indivíduo rústico, grosseiro; aldeão. 3. Indivíduo finório, ardiloso, velhaco. *Adj.* 4. Que é aldeão; grosseiro, rústico. 5. Finório, velhaco.

Houaiss (2001): saloio *adj.* (1569 cf. JCl1) 1 que é dos arredores de Lisboa, a norte do Tejo, dos seus habitantes, ou que lhes diz respeito <a região s. abastecia a capital de produtos frescos> 2 diz-se de certo pão feito de uma variedade de trigo durázio cultivada nos arrabaldes de Lisboa ■ *adj.s.m.* 3 diz-se de ou homem do campo das cercanias de Lisboa <gente s.> <um s. da gema> 4 diz-se de ou camponês, aldeão, indivíduo rústico <aparência s.> <um típico s. de Odrinhas> 5 *pej.* diz-se de ou indivíduo que revela falta de civilidade, de traquejo social ou de bom gosto <modos s.> <não passar de um s.> 6 *pej.* diz-se de ou indivíduo que procede com manha ou velhacaria <fazer-se de s.> <ser um s. em matéria de ladinice> ⊙ ETIM ár. *Ṣahrawī* através do ár. vulg. *Ṣahrōī* 'habitante do deserto'; esta passagem é bastante elucidativa sobre o

voc. saloio e seu uso: [...] deixando el-Rei D. Afonso Henriques ficar no termo de Lisboa os mouros, em suas fazendas e lugares com obrigação de pagar o mesmo que aos seus reis mouros, a estes chamavam saloios [...]. (LeitMisc *apud* RB); f.hist. 1569 *saloya*, 1629 *saloyo*, 1720 *saloi*, 1720 *çaloyo* ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *bronco* ◉ ANT ver antonímia de *tolo* ◉ COL saloiada

Houaiss (2009): saloio *adj.* (1629) 1 diz-se de ou indivíduo do campo das cercanias de Lisboa (Portugal) 2 diz-se de ou camponês, aldeão, indivíduo rústico 3 *pej.* diz-se de ou indivíduo que revela falta de civilidade, de traquejo social ou de bom gosto 4 *pej.* diz-se de ou indivíduo que procede com manha ou velhacaria ◉ ETIM ár. *Şahrawī* através do ár. vulg. *Şahrōi* 'habitante do deserto' ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *bronco* ◉ ANT ver antonímia de *tolo* ◉ COL saloiada

Michaelis: sa.loi.o *adj* (*ár Sahrauī*) 1 Diz-se do camponês dos arredores de Lisboa. 2 Que é aldeão. 3 Grosseiro, rústico. 4 Que se faz de sonso e simplório para conseguir os seus fins; finório, velhaco. *sm* 1 Campônio dos arredores de Lisboa. 2 Aldeão. 3 Indivíduo grosseiro ou rústico. 4 Velhaco.

SERTANEJO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: sertanejo (ser.ta.ne.jo) [ê] a. 1. Ref. ao sertão ou próprio dele. 2. Que nasceu ou vive no sertão: Recrutaram soldados sertanejos. 3. Pej. Que tem maneiras muito rudes. 4. Ver caipira. *sm.* 5. Aquele que nasceu ou vive no sertão. 6. Aquele que tem maneiras muito rudes. 7. Ver caipira. [E.: sertão na f. sertan- + -ejo.]

Aurélio: sertanejo (ê) [De *sertão* + *-ejo.*] **Adj.** 1. Do sertão. 2. Que habita o sertão. 3. Rústico, agreste, rude. 4. V. *caipira* (3 e 4). **S. m.** 5. Indivíduo sertanejo. 6. V. *caipira* (1).

Houaiss: sertanejo /ê/ *adj.* (1663 cf. VascBras) 1 relativo ao, originário ou próprio do sertão ou da gente do sertão, da zona rural 2 que se situa no interior, que está longe da costa 3 sem maiores acabamentos ou processos de industrialização; grosseiro, rústico ■ *adj.s.m.* 4 que ou aquele que habita o sertão 5 que ou aquele que vive nas povoações, no campo, nas regiões rurais, em especial, os de pouca instrução e de convívio e hábitos rústicos; caipira ◉ ETIM *sertão* sob a f. *sertan-* + *-ejo*; ver *sertan-* ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *caipira* ◉ ANT ver antonímia de *caipira* ◉ HOM sertanejo /ê/ (fl.sertanejar)

Houaiss (on-line): sertanejo /ê/ *adj.* (1663 cf. VascBras)

1 relativo ao, originário ou próprio do sertão ou da gente do sertão, da zona rural

< hábitos s. > < música s. > < desconfiança s. >

2 que se situa no interior, que está longe da costa

< povoações s. >

3 sem maiores acabamentos ou processos de industrialização; grosseiro, rústico

< queijo s. >

adjetivo e substantivo masculino

4 que ou aquele que habita o sertão

< populações s. > < os s. da Amazônia >

4.1 que ou aquele que vive nas povoações, no campo, nas regiões rurais, em especial, os de pouca instrução e de convívio e hábitos rústicos; caipira, matuto

Etimologia

sertão sob a f. *sertan-* + *-ejo*; ver *sertan-*

Sinônímia e Variantes

ver sinonímia de *caipira*

Antonímia
ver antonímia de caipira

Homonímia
sertanejo /ê/ (fl.sertanejar); sertaneja /ê/ (f.) / sertaneja /ê/ (s.f. e fl.sertanejar)

Michaelis: ser.ta.ne.jo adj (*de sertão*) 1 Pertencente ou relativo ao sertão. 2 Próprio de sertão. 3 Que vive no sertão. 4 Silvestre. 5 Rude. *sm* Homem do sertão.

VIGÁRIO — *etnônimo injurioso*

Aulete Digital: vigário a(vi.gá.ri:o) *sm*. 1. Padre que dirige uma paróquia. 2. Religioso que substitui o pároco. 3. Pop. O mesmo que pároco 4. Indivíduo que substitui outro em determinada função. 5. PE Agr. O penacho da haste da cana-de açúcar, que é podado para acelerar a germinação dos brotos; CABOJE [F.: Do lat. vicarium,ii.] *Vigário apostólico* 1 Ecles. Na Igreja católica, bispo responsável por área que não constitui uma diocese. *Vigário capitular* 1 Ecles. Padre escolhido pelo capítulo de uma diocese, para preencher vacância criada pela transferência ou morte do bispo. *Vigário da vara* 1 Ecles. Aquele enviado por bispo como delegado num grupo de paróquias; vigário forâneo *Vigário de Cristo* 1 Rel. O papa, sumo pontífice da Igreja católica. *Vigário forâneo* 1 Ver Vigário da vara.

Aurélio: vigário [Do lat. *vicariu, i. e.*, 'vicário' (subentende-se pároco), 'padre que faz as vezes do bispo'.] **S. m.** 1. Aquele que faz as vezes de outro. 2. Padre que faz as vezes do prelado. 3. Padre que substitui o pároco em uma paróquia. 4. Título do pároco, no uso popular. [Var., ant. e pop., nestas acepç.: *vigairo*.] 5. *Bras. PE* Caboje. 6. *Bras. MG Pop.* Vigarista (2). 7. *Žool. Bras. V. soldado* (8). ♦ **Vigário capitular.** 1. Padre eleito pelo cabido ou capítulo de uma diocese, para responder por ela durante a vacância ocasionada pela morte ou transferência do bispo. **Vigário da vara.** 1. Vigário forâneo. **Vigário de Cristo.** 1. O Papa. **Vigário forâneo.** 1. Delegado do bispo para um grupo de paróquias; vigário da vara.

Houaiss (2001): vigário *s.m.* (sXIII cf. AGC) 1 aquele que substitui outro 2 ADM.ECLES religioso que, investido dos poderes de outro, exerce em seu nome suas funções 2.1 ADM.ECLES padre que faz as vezes de prelado 2.2 ADM.ECLES padre que substitui o pároco de uma paróquia 3 irmão que, nas confrarias, faz as vezes de chefe ou juiz 4 *infrm.* m.q. pároco 5 *MG infm.* aquele que engana outrem com trapças; vigarista, velhaco 6 *AGR CE PE* m.q. *CABOJE* 7 *ICT BA* m.q. ²*SOLDADO (Holacanthus tricolor)* ♦ v. apostólico ADM.ECLES na Igreja católica, bispo titular responsável por uma área que não está organizada como diocese • v. capitular ADM.ECLES padre que o capítulo de uma diocese elege para responder por ela durante a vacância devida à morte ou transferência do bispo • v. da vara ADM.ECLES delegado do bispo para um grupo de paróquias; vigário forâneo • v. de Cristo CATOL REL o papa • v. forâneo ADM.ECLES m.q. *VIGÁRIO DA VARA* ⊙ ETIM lat. *vicarium,ũ* 'o que faz as vezes de outro, substituto'; ver *vicari-*; f.hist. sXIII *vigairo*, sXV *vigario*, sXV *uigayro*

Houaiss (2009): vigário *s.m.* (sXIII) 1 aquele que substitui outro 2 religioso que, investido dos poderes de outro, exerce em seu nome suas funções 2.1 padre que faz as vezes de prelado 2.2 padre que substitui o pároco de uma paróquia 3 irmão que, nas confrarias, faz as vezes de chefe ou juiz 4 *infrm.* m.q. PÁROCO 5 *MG infm.* aquele que engana outrem com trapças; vigarista, velhaco 6 *CE* m.q. *CABOJE* 7 *ICT BA* m.q. ²*SOLDADO (Holacanthus tricolor)* 8 agr PE m.q. *CABOJE* ♦ v. apostólico CATOL REL bispo titular responsável por uma área que não está organizada como diocese • v. capitular CATOL REL padre que o capítulo de uma diocese elege para responder por ela durante a vacância devida à morte ou transferência do bispo • v. da vara CATOL REL delegado do bispo para um grupo de paróquias; vigário forâneo • v. de Cristo CATOL REL o papa • v. forâneo CATOL REL m.q. *VIGÁRIO DA VARA* ⊙ ETIM lat. *vicarium,ũ* 'o que faz as vezes de outro, substituto'

Michaelis: vi.gá.rio *sm* (*lat vicariu*) 1 Aquele que faz as vezes de outro. 2 Padre que substitui o prelado. 3 Padre adjunto a um prior. 4 Título do pároco, em todas as freguesias do Brasil. 5 Irmão que, nas confrarias, faz as vezes do chefe ou do juiz. 6 Durante o império romano, governador de uma diocese. 7 *Ictiol* O mesmo que soldado, acepção 6. 8 *Reg (Minas Gerais)* Indivíduo velhaco, espertalhão, finório, sabido. *V da vara:* delegado do prelado em certos distritos eclesiásticos. *V de Cristo:* o papa. *V de freiras:* capelão ou diretor espiritual das religiosas de um convento. *V encomendado:* vigário amovível ou que recebeu a igreja por encomendação. *V forâneo:* sacerdote encarregado de um vicariato forâneo. *V-geral:* o que representa o bispo na administração eclesiástica da diocese.

XIITA — *etnónimo injurioso*

Aulete Digital: xiita (xi.i.ta) [ch] s2g. 1. *Rel.* Partidário de certa seita religiosa muçulmana, que só aceita os ensinamentos de Maomé transmitidos por sua filha Fátima e seu genro Ali. 2. *P.ext. Pol. Rel.* Pessoa que pertence a uma minoria extremista radical. 3. *Fig.* Quem é radical em relação a seus princípios, política, religião etc. a2g. 4. *Ref.* ou inerente aos, ou pertencente aos xiitas, seita religiosa que introduziu no islamismo antigas crenças da Pérsia.[F.: Do ár. ši'ii. Sin. ger.: chiita.]

Aurélio: xiita [Do ár. *š'ra(t)*, 'grupo', 'partido', 'seita', + *-ita*².] *S. 2 g.* 1. *Rel.* Indivíduo da seita dos xiitas, formada no séc. VII por muçulmanos partidários de Ali, primo e genro de Maomé, e que sustenta, em oposição à corrente majoritária sunita, só serem autênticas as tradições transmitidas através dos descendentes de Ali e Fátima, filha do Profeta. 2. *Deprec.* Pessoa que pertence a uma minoria extremista radical. • *Adj. 2 g.* 3. *Rel.* Relativo ou pertencente à seita dos xiitas. 4. *Deprec.* Que tem ideias ou atitudes radicais, dogmáticas, extremistas.

Houaiss (2001): xiita *adj. 2g s. 2g* (1899) REL partidário das convicções religiosas e políticas do xiismo; chiita © ETIM ár. *xīha* 'grupo, partido, seita' + *-ita*

Houaiss: xiita *adj. 2g s. 2g* (1899) REL partidário das convicções religiosas e políticas do xiismo; chiita cf. sunita © ETIM ár. *xīha* 'grupo, partido, seita' + *-ita*

Michaelis: xiita xiita¹ xi.i.ta¹ s m+f (ár shiyai, da seita+ita²) Designação dada aos membros dos xiitas, muçulmanos que sustentam só serem verdadeiras as tradições de Maomé transmitidas através de membros de sua família. *adj m+f* Que se refere aos xiitas. xiita² xi.i.ta² *adj m+f e s m+f* (ár shiyai, da seita+ita²) *Polít fig* Radical.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 27/07/2015

Deni Yuzo Kasama